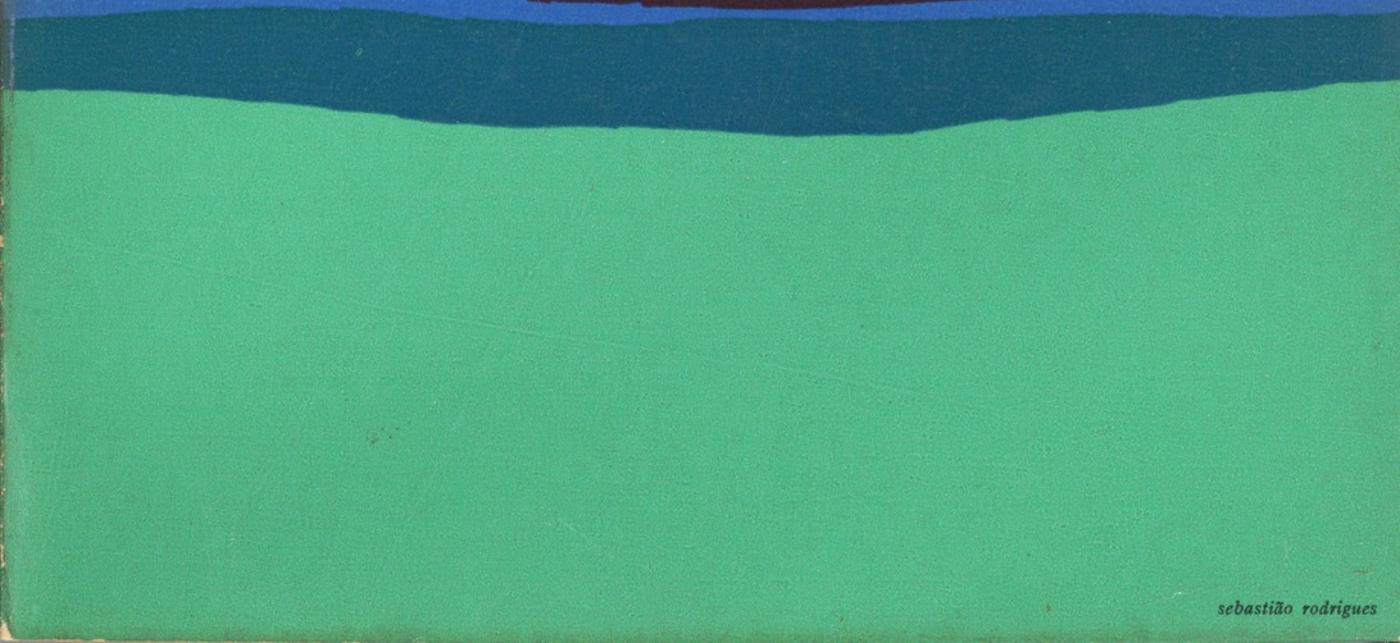
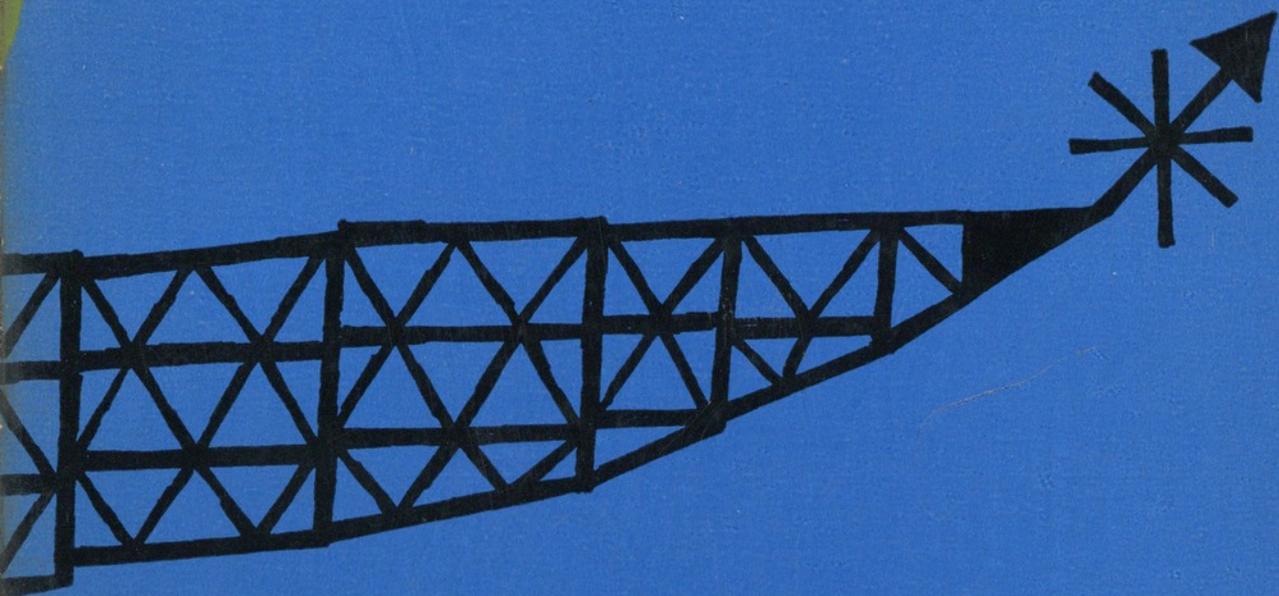
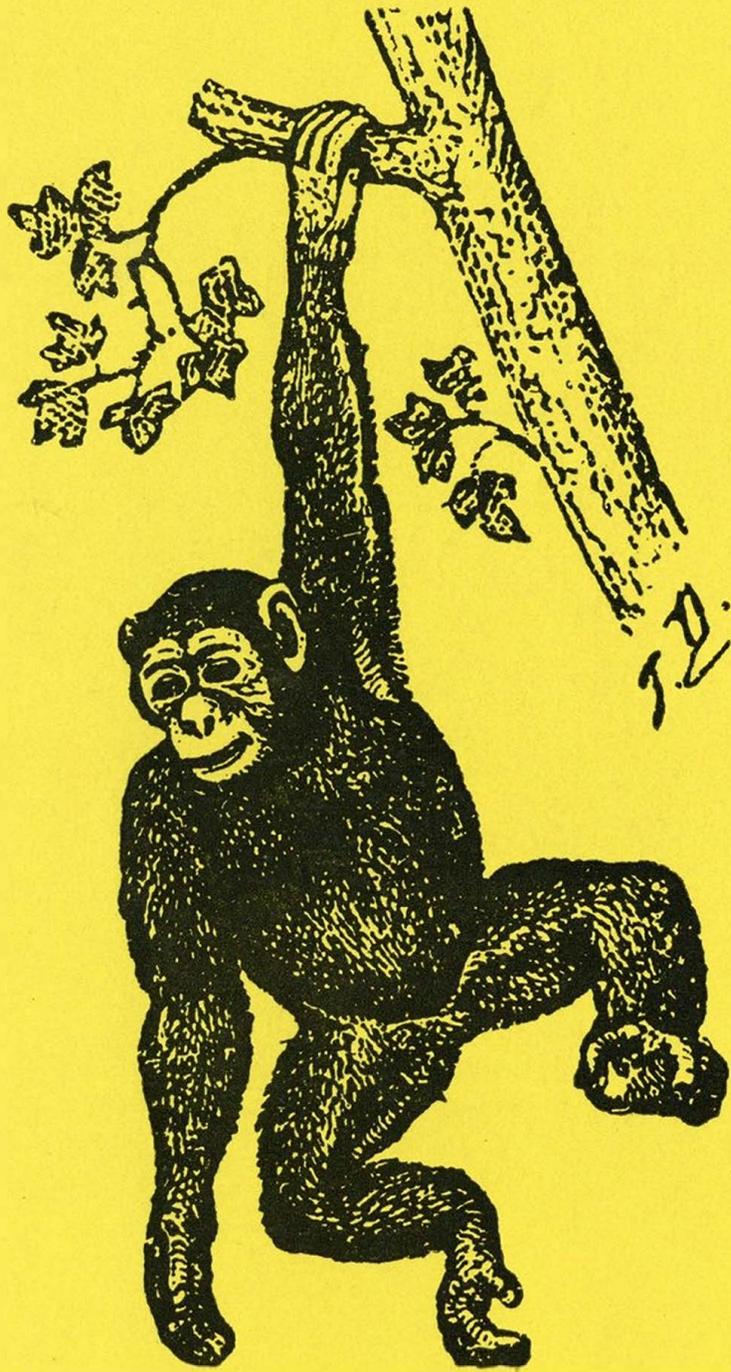


ALMANAQUE

novembro 1960





Em tempos de maior lisura que aqueles que infelizmente atravessamos é impossível que se tenha pregado tanto o respeito: o respeito pelos pais, o respeito pelos negros, o respeito pela soberania, o respeito pelas ideias alheias, o respeito enfim por nós próprios e pelos outros. Andamos todos como a heroína bem conhecida da peça de Sartre — respeitosos.

O respeito — entre duas pessoas, dois partidos, dois países, duas firmas, dois clubes — é da parte de quem está na mó de cima uma fácil comodidade e, da parte de quem está na mó de baixo, uma disfarçada cobardia. E como em qualquer situação da vida dos homens em que intervenham duas posições diferentes, para cada momento, há sempre uma que domina a outra, dificilmente conseguimos considerar o respeito um sentimento, ou uma atitude, limpa, nobre e digna.

Não, respeito! Mais, não. Como diria no seu verso fácil o esclarecido Júlio Dantas:

«Demais viveu em ti aprisionada
A asa vibrátil do meu pensamento»

Todos fomos educados por excelentes livros onde aprendemos que, para bem das letras pátrias, António Feliciano insistiu mesmo cèguinho em aprender a cartilha e tanta força de vontade houve que chegou a Visconde; que os sapos são amigos dos homens e o musgo cresce no lado Norte do tronco das árvores; que

Lisboa tinham-na os mouros,
Quem a havia de tomar?
El-Rei D. Afonso Henriques
E os cruzados a ajudar.

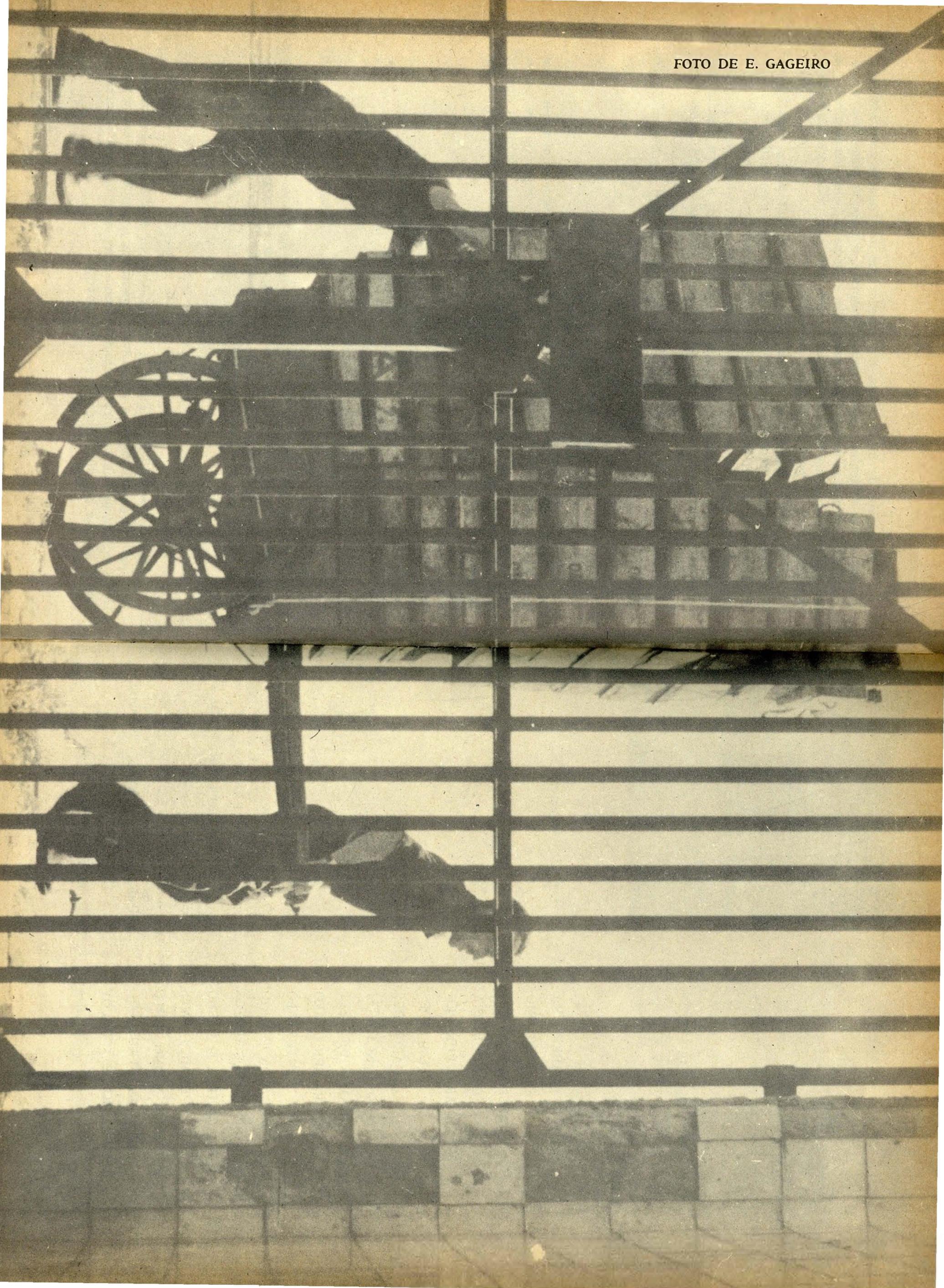
e outras coisas de jaez igual, ignoradas daqueles que a desgraça fez nascer sob céus menos azuis.

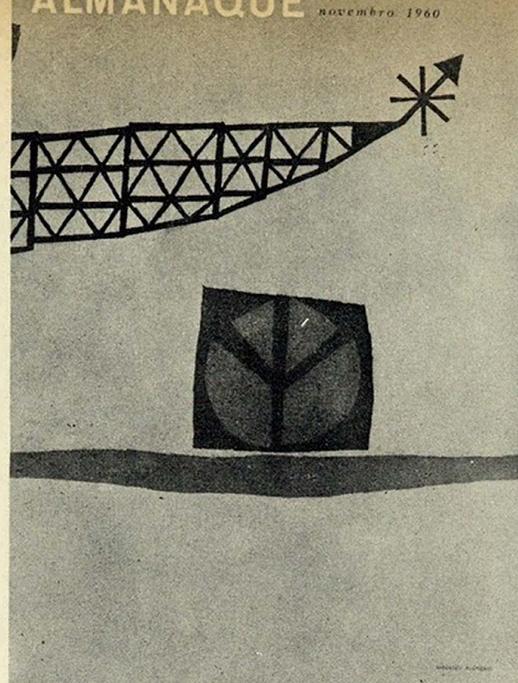
Tudo isto, já se vê, respeitosamente. Mas mais não. Anos passaram e foram vergando à canga das servidões mundanas os nossos pescoços adolescentes de ideal. Cataratas sombrias velaram-nos as poéticas visões. Para muitos de nós um dia houve em que foi mister ganhar a vida. Como já disse Antero ou Eça:

Fomos a concursos!

Por isso respeito não. Todas as formas de amor e as formas de ódio também que poucas são. Agora a indiferença organizada, comedida, de casaco asser-toado, adjectivos bem soantes e mercúrio-cromo para os primeiros socorros — não. Não, que nos vêm saudades dos «teddy-boys».

FOTO DE E. GAGEIRO





novembro / 60

ABERTURA	1	
CALENDÁRIO	6	
OS DESTINOS DO MÊS	10	
FLORICULTURA	20	
DIÁRIO EUROPEU	28	
EFEMÉRIDES	32	
ACTUALIDADES	36	
FLOS-SANCTORUM	42	S. Malaquias
O PRIMEIRO AMOR DE LISZT	46	
NÃO QUEIRA SER GÊMEO	52	
INTERVALO	56	conto por Pierre de Saint-Sidon
PEQUENO DICIONÁRIO	62	do Teatro de Revista
BOÊMIA DE OUTROS TEMPOS	68	os teatros do século passado
CONHECE-TE A TI MESMO	72	breve história das estampas anatómicas
O FILME DO MÊS	80	o doutor apaixonado
MORRA AO MESMO TEMPO	86	que o seu marido
CARTA ABERTA ÀS «FLAUSINAS»	88	de Portugal
NO CENTENÁRIO DE TCHECOV	96	
GEADA	98	conto por Anton Tchecov

AUTÓPSIA DAS PROFISSÕES	102	2 — o pescador
É PRECISO SONHAR	110	
CEGUEIRA DE MATAR	114	conto policial por Robert Langley
ARMAZÉM DAS LETRAS	118	& diversos o baptizado conto por Antunes da Silva no reino de Pacheco
SURPRISE-PARTY	128	aperitivo culinária como nasce uma estrela Teste os seus amigos gostam de o visitar? Patachou a cançonetista por acaso passatempos anedotas

ALMANAQUE

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães
 • Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •
 Editor e proprietário: Grupo de Publicações
 Periódicas • Redacção e Administração: Rua
 da Misericórdia, 125-1.º • Expediente e con-
 tabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º •
 Telefones: 3 18 92/3 • Composto e impresso
 na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109
 • Revista mensal • Cada volume: 15\$00 •
 Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00



novembro / 60

*

Durante este mês o Sol encontra-se no Signo Zodiacal do Escorpião até ao dia 22; neste dia às 7 h e 19 m o Sol entra no Signo do Sagitário.

O dia diminui durante o mês de Novembro 52 m.

O dia 1 dura 10 h e 32 m; o dia 15 10 h e 5 m; o dia 30 dura 9 e 41 m.

1

1 — Terça-feira. — Todos os Santos. — Feiras: Al cains, Al margem de S. Quintino; Alvito; Bemposta; Borba; Caminha; Carria (Belmonte); Cartaxo; Cardal (Valença); Livramento (Mafra); Monção; Oleiros; Pinhel; S. Varrão; Sil ves.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.12	HORA 13.29
ALT. 3.29	ALT. 3.45

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.09	HORA 19.29
ALT. 0.80	ALT. 0.65

2

2 — Quarta-feira. — Fiéis Defuntos.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.58	HORA 14.10
ALT. 3.43	ALT. 3.52

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.49	HORA 20.08
ALT. 0.68	ALT. 0.58

3

3 — Quinta-feira. — Santa Silvia. Lua cheia às 11 h 58 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.34	HORA 14.52
ALT. 3.49	ALT. 3.51

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.26	HORA 20.40
ALT. 0.57	ALT. 0.56

4

4 — Sexta-feira. — S. Carlos.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.10	HORA 15.30
ALT. 3.52	ALT. 3.45

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.00	HORA 21.13
ALT. 0.55	ALT. 0.60

5

5 — Sábado — Santa Isabel.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.50	HORA 16.06
ALT. 3.46	ALT. 3.30

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.30	HORA 21.44
ALT. 0.58	ALT. 0.66

6

6 — Domingo. — S. Leonardo.
— Feiras: Atouguia da Baleia;
Lagoa (Faro); P. de Regalados;
Sernache.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.24	HORA 16.50
ALT. 3.34	ALT. 3.12

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.02	HORA 22.15
ALT. 0.66	ALT. 0.77

7

7 — Segunda-feira. — Santo Ernesto.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.01	HORA 17.24
ALT. 3.19	ALT. 2.92

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.40	HORA 22.50
ALT. 0.80	ALT. 0.91

8

8 — Terça-feira. — S. Cláudio.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.42	HORA 18.09
ALT. 3.01	ALT. 2.70

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.21	HORA 23.55
ALT. 0.96	ALT. 1.03

9

9 — Quarta-feira. — S. Teodoro.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.30	HORA 19.02
ALT. 2.83	ALT. 2.51

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.50
ALT. —	ALT. 1.13

10

10 — Quinta-feira. — Santa Florência. — Feiras: Casteleiro; Golegá; Penafiel.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.20	HORA 20.05
ALT. 2.66	ALT. 2.39

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.13	HORA 12.51
ALT. 1.25	ALT. 1.29

11

11 — Sexta-feira. — S. Martinho. — Feiras: Ega; Portimão; Ranhados (Meda); Tábua; V. do Pinheiro. Quarto Minguante às 13 h 48 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.21	HORA 21.18
ALT. 2.54	ALT. 2.36

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.53	HORA 13.38
ALT. 1.41	ALT. 1.41

12

12 — Sábado. — S. Martinho I Papa.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.38	HORA 22.20
ALT. 1.50	ALT. 2.45

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.00	HORA 14.51
ALT. 1.50	ALT. 1.41

13

13 — Domingo. — S. Diogo de Al calá.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.41	HORA 23.20
ALT. 2.64	ALT. 2.63

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.13	HORA 16.08
ALT. 1.48	ALT. 1.32

14

14 — Segunda-feira. — S. Josat.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.37	HORA —
ALT. 2.81	ALT. —

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.38	HORA 17.15
ALT. 1.35	ALT. 1.13

15

15 — Terça-feira. — Santo Alberto Magno. — Feiras: Alcantarilha; Lagos; Cel. de Basto; Vila Facala.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.05	HORA 12.25
ALT. 2.86	ALT. 3.02

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.37	HORA 18.01
ALT. 1.13	ALT. 0.90

16

16 — Quarta-feira. — Santa Gertrudes.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.51	HORA 13.04
ALT. 3.10	ALT. 3.22

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.20	HORA 18.50
ALT. 0.88	ALT. 0.67

17

17 — Quinta-feira. — S. Gregório.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.26	HORA 13.48
ALT. 3.32	ALT. 3.40

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.00	HORA 19.23
ALT. 0.64	ALT. 0.46

18

18 — Sexta-feira. — Santa Claudina. Lua Nova às 23 h 47 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.10	HORA 14.28
ALT. 3.51	ALT. 3.53

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.49	HORA 20.10
ALT. 0.43	ALT. 0.32

19

19 — Sábado. — Santa Isabel Hungria.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.50	HORA 15.10
ALT. 3.64	ALT. 3.58

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.30	HORA 20.54
ALT. 0.30	ALT. 0.24

20

20 — Domingo. — S. Félix Valois.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.30	HORA 16.00
ALT. 3.68	ALT. 3.57

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.20	HORA 21.33
ALT. 0.23	ALT. 0.27

21

21 — Segunda-feira. — Apresentação da Virgem.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.18	HORA 16.41
ALT. 3.67	ALT. 3.46

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.08	HORA 22.21
ALT. 0.26	ALT. 0.37

22

22 — Terça-feira. — Santa Cecilia.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.01	HORA 17.24
ALT. 3.57	ALT. 3.30

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.52	HORA 23.09
ALT. 0.38	ALT. 0.56

23

23 — Quarta-feira. — S. Clemente.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.52	HORA 18.29
ALT. 3.40	ALT. 3.10

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.40	HORA —
ALT. 0.56	ALT. —

24

24 — Quinta-feira. — Santa Flora.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.58	HORA 19.30
ALT. 3.22	ALT. 2.92

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 00.00	HORA 12.40
ALT. 0.77	ALT. 0.76

25

25 — Sexta-feira. — Santa Catarina. Quarto Crescente às 15 h 42 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.00	HORA 20.48
ALT. 3.44	ALT. 3.18

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.20	HORA 14.05
ALT. 1.20	ALT. 1.12

26

26 — Sábado. — Santa Delfina.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.16	HORA 22.00
ALT. 3.33	ALT. 3.14

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.37	HORA 15.39
ALT. 1.33	ALT. 1.18

27

27 — Domingo. — Santa Odele.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.29	HORA 23.11
ALT. 3.32	ALT. 3.20

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.01	HORA 16.50
ALT. 1.35	ALT. 1.14

28

28 — Segunda-feira. — Santo Hilário.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.39	HORA —
ALT. 3.38	ALT. —

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.11	HORA 17.50
ALT. 1.25	ALT. 1.04

29

29 — Terça-feira. — Advento. Santa Justina. — Feiras: Albufeira; S. Tiago do Cacém; Estremoz; Ervedal (Oliveira do Hospital); Góis; Mafra; Mesão Frio; Penamacor.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.10	HORA 12.36
ALT. 3.33	ALT. 3.48

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.09	HORA 18.45
ALT. 1.09	ALT. 0.92

30

30 — Quarta-feira. — Santo André Apóstolo.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.08	HORA 13.30
ALT. 3.49	ALT. 3.59

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.03	HORA 19.27
ALT. 0.95	ALT. 0.82



SIGNO DE ESCORPIÃO

De 23/24 de Outubro a 22/23 de Novembro

Escorpião o oitavo signo zodiacal é daqueles que na Astrologia mais discussões tem suscitado. Dizem uns que o signo fazia parte integrante de Balança, isto é, uma divisão deste signo, porque, baseados na Mitologia, Nemésis, (a Deusa da Vingança) correspondia à última parte do signo de Balança e à primeira parte do depois chamado signo de Escorpião.

Pela mesma Mitologia sabemos que o Escorpião cuja «cauda venenosa treme perigosamente na Via Láctea», após ter morto Orion, o caçador, que Júpiter colocou em constelação, representando a morte, a doença e também simbolizando a vingança de Diana, a caçadora, dá também o sentido da regeneração, seguindo o plano prático com interesse pela metafísica e a realidade, o que proporcionaria tendências especulativas no plano material e psíquico. Seguindo esta teoria os indivíduos de Escorpião terão tendências para viver através da própria experiência do que, por vezes, resultam desesperos que poderão tornar-se crónicos.

Um indivíduo de Escorpião bem evoluído tem praticamente todos os sectores da vida à sua disposição.

Plutão um dos últimos planetas descobertos, é além de Marte o governante do signo. Como se sabe, e segundo a Mitologia, Plutão era o deus dos Infernos mas, ao mesmo tempo, aquele que incitava, em determinados aspectos, a purificação da alma. Por outras palavras, imprimia no ser humano o sentido do bem e do mal encaminhando para a regeneração.

Governado por Plutão como domicílio diurno e por Marte em domicílio nocturno tem o signo de Escorpião o planeta Urano exaltado, a Lua em queda e Vénus em exílio.

Escorpião é um signo da emanção, água, feminino, fixo, nocturno, violento, fecundo, mudo e tortuoso.

O primeiro decanato de 24 de Outubro a 1 de Novembro é pela tradição governado por Marte ou Plutão.

O segundo decanato de 2 a 12 de Novembro é pela tradição governado pelo Sol e na moderna astrologia por Júpiter ou Neptuno

os destinos do mês

(um se nasceu de dia o outro se nasceu de noite).

O terceiro decanato de 12 a 22 de Novembro é governado por Vénus segundo a concepção dos antigos, enquanto os modernos atribuem este decanato à Lua.

A legenda que rege este signo é:

Ver para crer.

A imagem representativa do signo é apresentada normalmente pelo Escorpião, o tal animalzinho que passando o dia debaixo das pedras, da madeira, etc., se move com agilidade durante a noite conservando o «post-abdómen» levantado e curvado para diante. Há escorpiões (aqueles que têm o abdómen arredondado) que além de inofensivos são úteis.

O escorpião numa maneira geral não ataca. Vive debaixo da sua pedra. Quando o ser humano o procura imediatamente levanta a cauda procurando defender-se de qualquer ataque.

O fogo é um dos seus inimigos. Assim, lançando-se um círculo de fogo no local onde o escorpião habita ele procura sair desse círculo e, caso o não consiga mata-se para não ser apanhado pelo inimigo em vida.

Diz-se que as pessoas de Escorpião especialmente as menos evoluídas actuam na sociedade tal como o escorpião-bicho.

No círculo zodiacal é o único signo que

tem três símbolos que podem definir, ou não as características pessoais do indivíduo nascido sobre a sua égide. São eles:

O **Escorpião**, já citado, o **Javali** e a **Serpente**.

Estes três **simpáticos** animais poderão definir na sua essência a personalidade daquele que nascer sob a protecção do signo de Escorpião.

Sobre o Escorpião já falamos:

Não lhe façam mal que não faz mal a ninguém, antes pelo contrário, poderá ser útil.

Se Javali (claro referimo-nos ao signo) tal como este animal ataca e dificilmente é vencido. Luta e normalmente além de criar embaraços, produz vítimas, quer nos cães que o acoçam, quer fazendo destruições.

Se o signo de Escorpião inclinou para um indivíduo que não esteja em qualquer das outras duas hipóteses está concertada na última que é a Serpente. É este o indivíduo de Escorpião o mais perigoso aquele que tem motivado sérias opiniões acerca do signo de Escorpião. Tal como a serpente é envolvente, a sua língua e os dentes são perigosos e possui além disso uma atracção, digamos sobrenatural, tal como a serpente obriga o pássaro, só pelo olhar, a penetrar na sua boca.

Felizmente este tipo de escorpião é dos menos comuns. Alguns hipnotizadores, indivíduos cujas palavras melífluas e convincentes insinuam agentes, pertenciam por signo ou por hora de nascimento ao signo de Escorpião.

Por outro lado o escorpião tem apresentado nos sectores artísticos, intelectuais e políticos personalidades de relevo, entre eles encontramos: Byrd, um célebre explorador; Johan Strauss, célebre compositor vienense; Picasso, pintor, Théodor, Roosevelt, Presidente dos Estados Unidos; Chang-Kai-Chek; Marechal Carmona; Marie Curie (que descobriu o rádio); Martinho Lutheró, (chefe da reforma da Igreja); Nehru, (político); o pianista Paderewski; Vivian Leigh, (actriz), etc.

CORRESPONDÊNCIAS

Cores: Vermelha e preta.

Pedras preciosas: Rubis e topázios.

Metal: Ferro.

Perfumes: Urze, jasmim, cravo.

Flores: Peónia e cravo.

Animais: Escorpião, javali, serpente, aves de rapina e vorazes.

Números favoráveis: 5, 8, 9, 10, 11.

Dia favorável: 3.^a-feira.

Dias desfavoráveis: 2.^a e 6.^a-feira.

Os indivíduos nascidos sob o signo de Escorpião costumam normalmente ser robustos apesar de, em certos casos, a sua constituição física não ser corpulenta. Os indivíduos de Escorpião possuem grande capacidade de trabalho e de vitalidade.

QUALIDADES E DEFEITOS

As boas qualidades que Escorpião costuma dotar aos nascidos sobre a sua égide não compensam na maioria dos casos os seus defeitos, são activos ou reservados, industriais, curiosos, dados a procuras ou buscas de ordem científica ou mecânica, grande sentido de observação, irritáveis, sensíveis e violentos. Por outro lado são astuciosos, egoístas ou invejosos e normalmente de espírito contraditório.

A sua emoção é lenta mas passional. Os indivíduos de Escorpião são capazes de actos de bondade mas, dificilmente compreendem quando a bondade vem dos outros. A sua natureza complexa ocasiona-lhe surpresas devido ao seu sentido psíquico ser um pouco bizarro. Edificam quimeras, estimulados por uma imaginação impossível de ser compreendida por aqueles que os rodeiam. Estes, duma maneira geral, obstinam-se em considerar impossíveis as ideias, por vezes revolucionárias, que em síntese não passam de ideias reformadoras de destruição.

HOMENS DO SIGNO DE ESCORPIÃO

Independentemente de qualquer outra observação que pela hora de nascimento o signo possa imprimir, o homem de signo de Escorpião possui grande poder no aspecto sexual, de amável e sedutora aparência, serão precisos acontecimentos extraordinários para que se cheguem a emocionar. Poderá ser folgazão, amante dos prazeres, egoísta, de certo modo, especialmente no sentido amoroso, chegando até a desconfiar de si pró-

prio. Duma maneira geral é dissimulado e sabe esconder o seu jogo. No amor é sentimental e dado à ternura, porém, bastante passional e, duma maneira geral, raramente encontra o tipo de mulher que preencha a sua ambição, todavia, como esposo, e pai, será dedicado.

DESTINO

O destino será feliz em relação à sua actividade se o indivíduo de Escorpião souber coordenar os seus projectos quiméricos no sentido de construção, o que — diga-se de passagem — parece ser bastante difícil...

APTIDÃO E PROFISSÃO

O signo de Escorpião dá bons médicos, especialmente de cirurgia, contabilistas, marinheiros, polícias de investigação e muito em particular, aqueles que se dedicam ao contacto directo com o delinquente, o qual só se não for criminoso não confessará! Também dentro deste signo, se encontram bons mecânicos, quer de motores de explosão, quer de outros.

MULHERES DE SIGNO DE ESCORPIÃO

A mulher que nascer sob a influência total deste signo tem possibilidades de ser feliz devido à sua tenacidade, (que pelos outros poderá ser considerada teimosia, o que não é verdade).

De excelente coração possui dedicação acentuada podendo sacrificar-se desinteressadamente para bem da sua família e daqueles que a rodeiam, desde que não exijam mais daquilo que pode, ou quer dar. Um dos seus defeitos, ou qualidades, é ocupar-se mais com a sua vida do que com a miséria dos outros.

Em certos casos é turbulenta e astuciosa podendo troçar dos outros na intenção de não tocarem nos seus defeitos o que lhe granjeará inimizades e dissabores.

Possui boas condições domésticas e também para negócios ou empreendimentos quando o meio em que viver lhe proporcione desenvolver estas boas qualidades.

Deseja carinho e ternura, por isso, sofre

quando do sexo oposto não encontra o entusiasmo e a compreensão que anseia.

CRIANÇAS DO SIGNO DE ESCORPIÃO

Duma maneira geral quando nascem crianças sob o signo de Escorpião não se apresentam muito saudáveis, antes adoentadas ou macilentas.

Também duma maneira geral é trabalhoso o seu cuidado na educação, quer física, quer moral, portanto, deverão sempre ser corrigidas na sua teimosia, obstinação e feitio colérico.

Todavia, estas crianças são naturalmente bondosas e para as dirigir é necessário levá-las pela docilidade e pelo exemplo, pois são naturalmente revoltadas contra qualquer coisa que lhes pareça injusta, sendo necessário, portanto, demonstrar-lhes pela compreensão, os seus erros.

DECANATOS

Primeiro decanato: (23/24 de Outubro a 1 de Novembro).

Natureza forte e enérgica na idade média, tímido na juventude o que lhe poderá dar grandes decepções por ser pouco comunicativo. Neste decanato encontram-se alguns médicos com prestígio.

Idades importantes: 15, 30, 45, 60 anos.

Segundo decanato: (2 a 11 de Novembro).

Natureza sensível, confiante, normalmente fiel ou generoso mas, sujeito a paixões vivas. A vontade e a iniciativa são o segredo do seu destino.

Idades importantes: 12, 24, 30, 36, 45, 48, e 60 anos.

Terceiro decanato: (de 12 a 21/22 de Novembro).

Natureza tenaz, determinada pelas ideias que dominam os seus sentimentos e a própria imaginação, podendo, por vezes, dar frivolidade. Sujeito a amores passionais. Muito emotivo. Talentos artísticos em muitos nascimentos neste decanato.

Idades importantes: 15, 25, 30, 45, 50, 60 e 75 anos.

astrologia

PREVISÕES
PARA DEZEMBRO

pelo Prof. Carlos Radini

As condições planetárias do mês de Dezembro encontram um ambiente astrológico que influirá mais acentuadamente nos signos de Carneiro — Caranguejo — Capricórnio — Balança — Sagitário — Virgem — Leão e Aquário. Os quatro restantes signos recebem influência secundária. O movimento planetário marca seus efeitos pelos aspectos e transições nas configurações que forma nos dias 5, 7, 8, 10, 22 e 30 de Dezembro.

Segundo os antigos, as características planetárias afectam mais directamente a França, Itália, Suíça, Irlanda, Suécia, Pérsia, Chipre, Rússia e Ásia Menor, no decorrer do mês.

SIGNO DE AQUARIO

Evite os excessos, especialmente de prazeres

Caso pretenda um mês equilibrado deve evitar todo e qualquer excesso. Saturno avisa cuidados de saúde; Mercúrio incita ao esgotamento físico ou intelectual e Júpiter não promete benefícios fora dos assuntos correntes do dia a dia. Cuidado com acordos ou contratos mal estudados.

SIGNO DE PEIXES

Não confie demasiado na opinião dos outros

A má influência de Mercúrio poderá reflectir-se nos seus actos, dando indecisões. Em

meados do mês as suas atitudes tendem a não corresponder à sua maneira de ser. É possível que recorra a outrém para ajudar a resolução de algum problema íntimo. Deve usar de circunspecção e não confiar demasiadamente na opinião alheia.

Trabalho exaustivo ou pouco produtivo

Por volta do dia 10 e próximo do fim do mês de Dezembro as condições planetárias não ajudam, ou pelo menos não dão as oportunidades que espera quanto ao seu trabalho quotidiano.

Deve vigiar a saúde e não fazer viagens que não sejam bem preparadas.

SIGNO DE CARNEIRO

Situação social favorecida

A influência negativa de Marte poderá criar-lhe situações aborrecidas por atitudes impulsivas, porém as boas predisposições de Júpiter e de Sol permitem-lhe encontrar os momentos favoráveis no seu sector social.

Prudência nos contratos ou acordos

É conveniente não tomar atitudes que possam envolver a sua assinatura sem um prévio conhecimento dos assuntos.

Se não misturar os seus assuntos de trabalho com a vida sentimental, o seu mês de Dezembro será favorável.

SIGNO DE TOURO

Boas perspectivas no trabalho de rotina

Se tiver algum assunto que se refira ao seu trabalho quotidiano que obrigue a tomar decisões, procure actuar de forma a não resolver bruscamente devendo usar de clareza nas frases que proferir e bastante bom senso naquilo que escrever. Desta forma o mês dá boas inclinações no sector de trabalho.

SIGNO DE GÊMEOS

Alteração favorável no sector social

O momento é favorável à realização de pequenas viagens ou passeios. É possível que no decorrer do mês se apresente uma situação da qual resultará uma melhoria no seu trabalho ou situação social.

Evite disputas

Será muito desagradável para si ligar importância a questões ou discussões com seus amigos ou familiares, devendo evitar quaisquer desentendimentos a todo o custo.

SIGNO DE CARANGUEJO

Tendência a gastos desnecessários

Convém durante o período festivo não se deixar dominar pelo desejo de fazer compras supérfluas. É possível que este período se mostre produtivo ou que se lhe apresentem ganhos inesperados, mas, também, sentirá o desejo de gastar rapidamente.

Não deve forçar os acontecimentos

Júpiter bem disposto no seu horóscopo pode favorecer os seus assuntos íntimos, não deve, no entanto, forçar os acontecimentos, convindo aguardar e ser paciente.

SIGNO DE LEÃO

A influência planetária afectará...

Mercúrio influenciando directamente na parte psíquica devido à posição que se encontra no seu tema astrológico de acordo com Urano, poderá afectar a sua mente dando períodos alternados de extrema lucidez em que os seus pensamentos serão óptimos para a resolução de quaisquer problemas que porventura se apresentem. Todavia a irregularidade desses momentos poderá criar algumas dificuldades na realização. Deve pois aproveitar o período favorável e de seguimento imediato, especialmente se os assuntos disserem respeito aos seus desejos de melhorar o seu nível de vida.

SIGNO DE VIRGEM

Formalidades, correspondência de palavras

É natural que tenha de resolver qualquer formalidade oficial, provavelmente em assunto que envolva a sua assinatura, documentos de responsabilidade ou correspondência. Estes assuntos devem ser observados e tratados com cautela.

Entretanto deve precaver-se com aqueles que por boas palavras tentem obter qualquer finalidade com pouco ou nenhum interesse para si.

SIGNO DE BALANÇA

Evite situações que possam dar querelas

A influência negativa de Sol e Marte no seu horóscopo podem implicar no seu prestígio ou posição social, trazendo situações aborrecidas se não souber dominar-se suficientemente.

O seu prestígio pode ser afectado se não souber manter-se numa posição definida evitando a todo o custo discussões, querelas ou actos que possam ser interpretados como teimosia.

SIGNO DE ESCORPIÃO

Situação social e mundana favorável

A forma como os acontecimentos do mês

se apresentam é devido quase exclusivamente ao seu arbítrio.

Por outro lado, Lua e Vénus não estão bem dispostos no seu tema astrológico pelo que deve ponderar convenientemente todos os seus actos e palavras. Convém regular as suas despesas. Alguém que por qualquer forma a si se encontra ligado poderá ocasionar um ligeiro problema financeiro ou afectivo.

SIGNO DE SAGITARIO

A situação financeira com ligeira oscilação

Apesar da boa posição do seu planeta Júpiter, a sua situação financeira poderá oscilar um pouco devido a despesas excessivas ou negócios mal pensados.

Os ganhos encontram-se favorecidos pelo seu mérito, podendo assim ter ocorrências favoráveis e momentos de prazer, convindo, no entanto, não se deixar influenciar.

Ouçã a opinião dos seus amigos

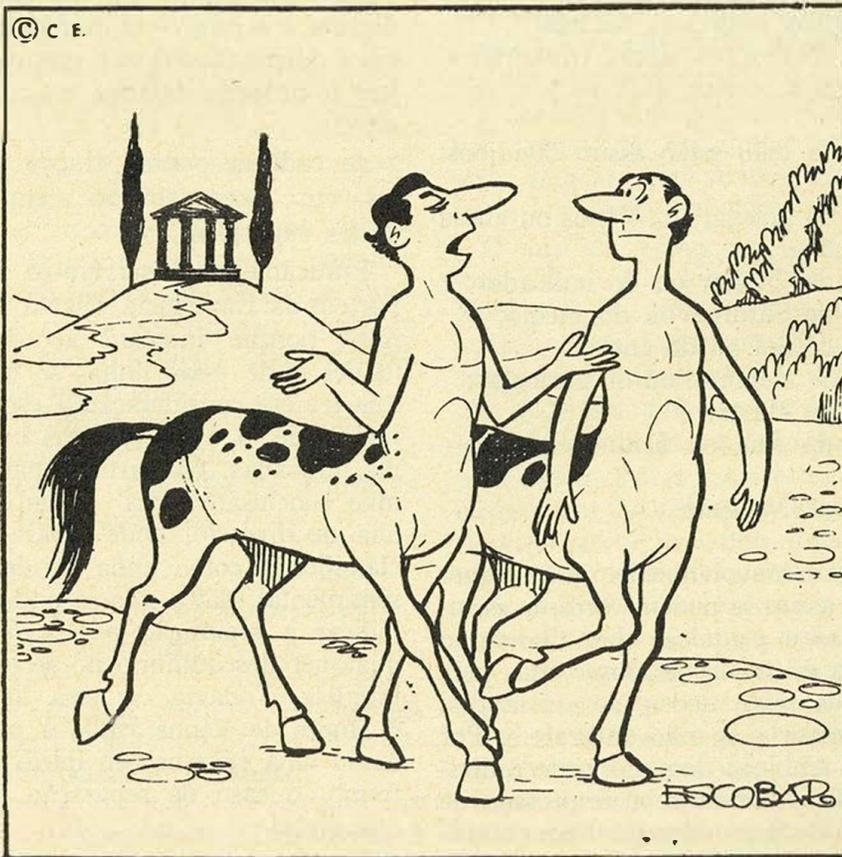
O seu prestígio e posição serão bastante favorecidos, procure, por isso não ir contra a opinião dos seus mais íntimos ou dos seus familiares, muito embora proceda de acordo com a sua maneira de ver, mas sem actuar de ânimo leve.

SIGNO DE CAPRICÓRNIO

Algumas oposições

Saturno que governa o seu signo encontra-se dominando a sua personalidade, contrariando, em parte, os seus desejos íntimos através daqueles com quem convive. Desta forma as suas ideias e opiniões nem sempre são acatadas como merecem, e duma forma geral poderão criar oposições por pessoas com opinião diferente da sua.

Deve utilizar o seu lado prático da vida e não se prender por sentimentalismos para evitar prejuízos financeiros dentro da sua posição social ou de trabalho.



— Fiquei muito nervoso, sem saber se lhes devia dar um coice ou uma bofetada

MÃOS QUE FALAM

pelo **Prof. Carlos Radini**

quirológia

OS MONTES QUE SE APRESENTAM NAS MÃOS

Na palma de uma mão há três categorias distintas:

- 1.^a — As eminências denominadas **Montes**;
- 2.^a — As linhas impressas na mão;
- 3.^a — Os diferentes sinais (quadrados, pontos, triângulos, cortes, etc., etc).

Os montes da mão estão assim divididos:

- 1 — Monte do polegar, de Vénus ou ainda Eminência Thenar;
- 2 — Monte de Júpiter ou do indicador;
- 3 — Monte de Saturno ou do médio;
- 4 — Monte do Sol ou do anelar;
- 5 — Monte de Mercúrio ou do auricular;
- 6 — Monte de Marte;
- 7 — Monte da Lua ou Eminência Hypothenar;
- 8 — Monte de Neptuno.

Conforme o desenvolvimento de qualquer destes montes assim se podem verificar as influências físicas e psíquicas dum indivíduo de acordo com as indicações observadas pela configuração da mão, dedos, suas falanges, as linhas e sinais que as mãos indicarem. Por exemplo, se a ambição dominar certo indivíduo não significa que ele seja desprovido de inteligência ou de perseverança. Pelo contrário, muitas vezes constata-se na vida prática que esta qualidade ou defeito incita a ins-

truir-se e, em certos casos, origina o desejo da perfeição o que pode levar o indivíduo a situações elevadas. Normalmente diz-se que o indivíduo se elevou pela força de vontade, quando afinal foi movido pura e simplesmente pela ambição. Neste caso, o Monte de Vénus (aquele que circula entre o dedo indicador e o pulso, comportando o dedo polegar é desenvolvido), e o próprio dedo polegar tem a primeira falange maior do que a segunda.

As cadeias, pontos, traços, cruzes e estrelas, etc., acentuam ou atenuam quaisquer destas suposições.

Praticamente observam-se as linhas que partem da Eminência Thenar (Monte de Vénus) porque indicam acontecimentos nas idades onde essas linhas se cruzam. Temos que ter em consideração a espessura, a profundidade, a cor e se essas linhas são inteiras, cruzadas, ou partidas para se chegar a uma conclusão lógica. Exemplificando: a linha de divórcio, onde separação é também classificada como linha de desentendimento sentimental, daí a não se poder exactamente indicar a separação por divórcio, mas sim qualquer desequilíbrio no sector conjugal ou familiar. Todavia, se essa linha atravessar o Monte de Vénus vindo à palma da mão, tendo uma cruz no seu início ou no seu extremo, o caso de separação física é, digamos, fatal.

Essa mesma linha se for confirmada por uma outra que parte do dedo auricular e se

bifurcar junto do respectivo monte, indica separação por enfiuevez.

O Monte de Vénus e a linha que o limita (denominada linha da vida) dá praticamente todas as indicações que predispõem os acontecimentos passados na maioria das vezes o futuro.

MONTE DE JÚPITER (DO INDICADOR)

Desde que este monte não tenha, cruces, pontos, estrelas, grelhas e seja normal indica bons resultados no futuro, com elevação ou honras e na maioria dos casos dinheiro que vem a adquirir ou já adquirido.

Uma cruz perfeita, confirmada por traços horizontais no Monte de Mercúrio indica casamento ou realização de ambições, ou ainda situação honorável ou honorífica.

Um triângulo neste monte, revela resultados pelo trabalho e pela perseverança, dando também aptidões aos estudos, sobretudo, os de ordem social ou diplomática.

Os riscos horizontais revelam desgostos e desentendimentos e na maioria dos casos indicam decepções sentimentais ou celibato. Se as linhas são verticais predizem bons resultados ou mesmo, fortuna.

Cruzes e estrelas são sempre de bom augúrio, dando realização às ambições. Em alguns casos, essas ambições são por meio do casamento, sobretudo, se esses sinais se observarem numa mão feminina.

Os pontos e traços pequenos não são de bom augúrio. Duma maneira geral, quando estes sinais se encontram no Monte de Júpiter, anunciam perda de posição, podendo mesmo revelar uma queda social catastrófica ou uma doença incurável.

As grelhas também não são bons sinais, pois revelam orgulho e egoísmo e simultaneamente dificuldade e obstáculos na realização dos projectos e das ambições.

MONTE DE SATURNO (DO DEDO MÉDIO)

Este monte tem que estar de acordo com o comprimento do dedo respectivo, que representa praticamente «o Destino».

O comprimento do dedo de Saturno, as suas falanges, (comprimento, espessura e configuração) o formato da unha, a sua con-

sistência, e outras características influem na interpretação do que este monte enuncia, sem esquecer que a linha denominada do destino, que parte, normalmente do pulso, ou da linha da vida, (Monte de Vénus), confirma, anula ou acentua as predisposições que esse Monte indica.

O estudo duma mão não depende apenas dum factor (configuração da mão, dedos, montes, linhas e outros sinais), mas sim, dum somatório lógico de cada uma dessas predisposições, cujo total dá um resultado geral que permite tirar as respectivas conclusões. Assim, o Monte de Saturno, também chamado do destino, dá praticamente a interpretação apresentada quando foi feito o estudo deste dedo.

Contestamos desta maneira que uma linha vertical (ascendente) sobre este monte é de bom augúrio. Estas linhas revelam felicidade, resultados de ordem financeira e um fim de vida calmo e seguro. É necessário contudo que estas linhas sejam profundas e compridas e não sejam atravessadas por linhas horizontais, embora curtas.

Se o Monte de Saturno for atravessado por linhas horizontais, ou pequenos traços também horizontais, indicam contrariedades, maus empreendimentos, denotando igualmente, um fim de vida dificultoso.

Quando é uma grelha (sinal semelhante a uma rede) dá um índice pouco favorável, visto indicar infelicidades, perigos, inimizades e um destino movimentado e pouco feliz.

O **anel de Vénus** que é representado por uma linha em semicírculo, que limita o Monte de Saturno ou que se prolonga do anelar ao indicador, inteira ou partida, tem ocasionado muitos erros de interpretação quer por parte dos amadores, quer pelos técnicos.

Com um pouco de atenção e experiência poder-se-ão evitar esses erros. Um dos principais erros é considerar esse anel sob o ponto de vista sexual, quando afinal só poderá ser assim interpretado, quando o Monte de Vénus, o Monte de Júpiter, o Monte de Mercúrio e a parte final da linha de vida, junto ao pulso, o confirmarem. Desde que não haja confirmação que permita concluir que se trata dum caso de anormalidade sexual, a interpretação terá que ser subordinada a outros sectores, sobretudo, àqueles que possam enquadrar-se no domínio sentimental, ou artístico de qualquer natureza, de resto,

o que será ou não confirmado pelo dedo de Apolo ou anelar.

Pontos e pequenos traços — Os pontos ou pequenos traços são índices desfavoráveis que indicam males irreparáveis, doenças incuráveis, ou dificuldades sérias no decorrer da vida.

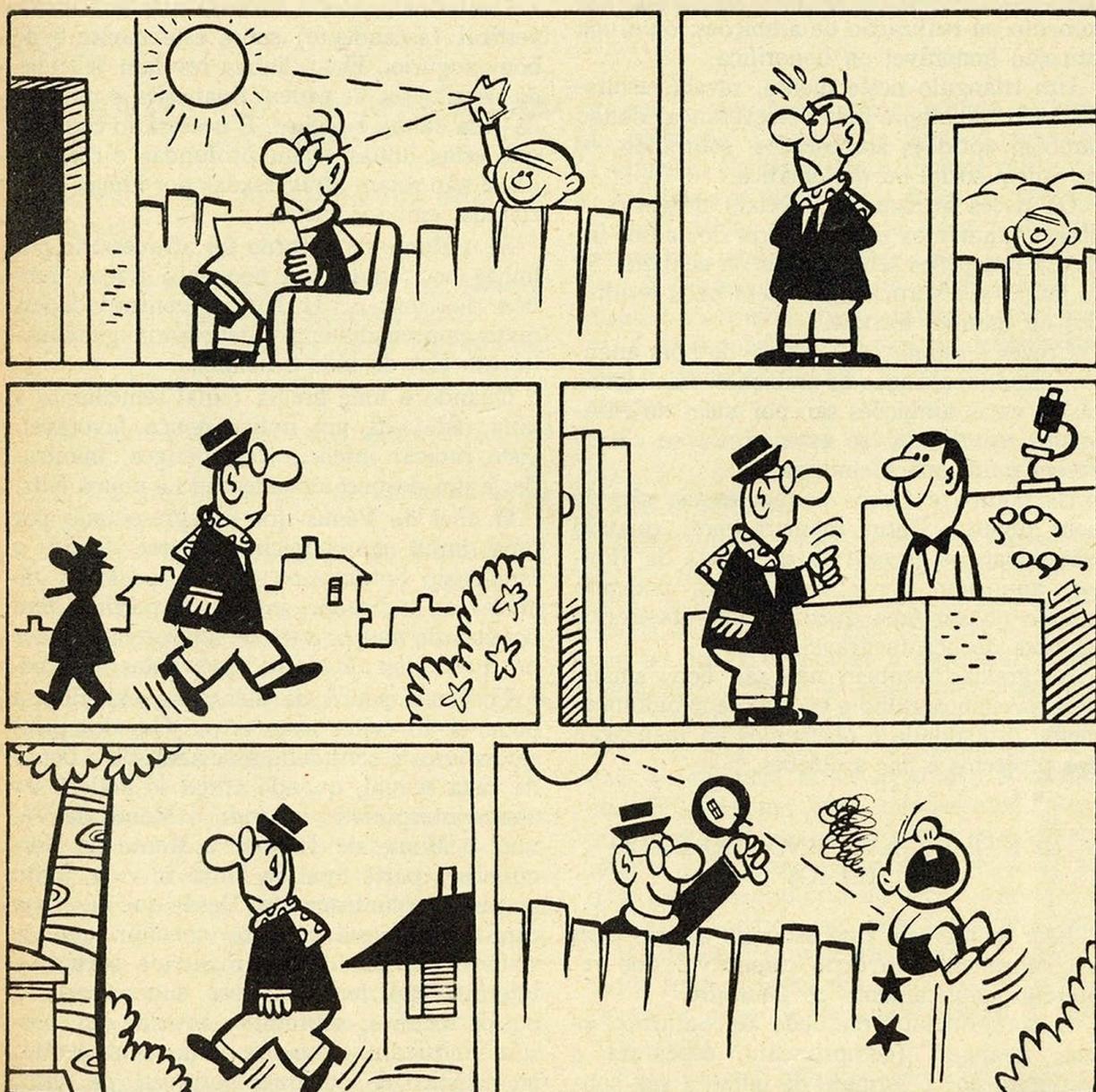
Cruzes — Uma cruz no Monte de Saturno indica superstição ou misticismo. Se outros factores confirmarem, anunciará doença grave.

Estrelas — A estrela é mais nefasta do que a cruz, visto que anuncia acidentes graves e

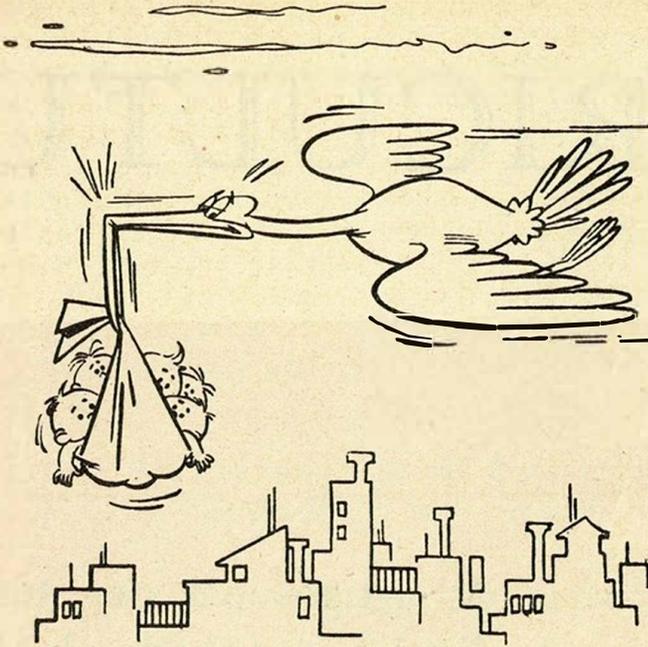
por extensão ou consequência, morte violenta.

Triângulos — O triângulo é um bom sinal por indicar capacidade e aptidão para ciências de qualquer natureza.

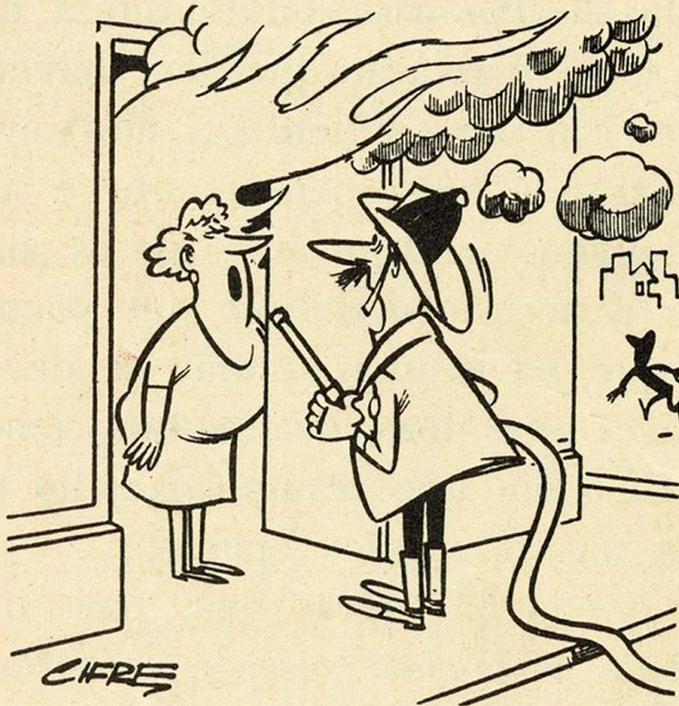
Quadrados: — É este um bom sinal de protecção. Ele corrigirá todas as revelações maléficas de quaisquer linhas irregulares que as mãos apresentem. Por outro lado, mesmo que o Monte de Saturno apresente linhas maléficas (horizontais ou grelhas) se simultaneamente tiver inscrito um quadrado, os índices desfavoráveis serão neutralizados.



CIFRE



Sem palavras



— Que deseja?

FLORICULTURA

Acabo hoje a série de artigos em que tentei dar às minhas leitoras um ligeiro apanhado da história dos arranjos de flores através dos séculos.

É impossível «ensinar» a arranjar flores por escrito, e mesmo que para tanto tivesse autoridade, não o conseguiria fazer. Por isso limitei-me a dar algumas ideias gerais sobre a relação que deve haver entre uma jarra de flores e o seu ambiente, a mostrar umas fotografias a ilustrar o meu pensamento e aconselhá-las a «imaginar» os seus arranjos antes de os compor.

Para facilitar a decisão e definir um pouco o género de arranjos que na minha opinião se devem adoptar para os lugares que lhes destinamos, lembrei-me de fazer um gráfico em que resumo o estilo e a matéria prima usadas nas diferentes épocas.

Como já disse não há regras fixas para o arranjo de flores, que bem vistas as coisas é sempre um desafio à imaginação de cada pessoa.

SÉCULO XVII

VASILHAS:

Matéria-prima

Mármore escuro. Bronze. Prata. Cobre. Estanho. Vidro: liso ou irregular, grosso, verde ou transparente. Porcelanas orientais.

Formas mais usadas

Taça e Urna esférica (ambas com pé). Pote ou Boião. Terrina.

Flores mais usadas

Túlipas variegadas ou monocromicas, recortadas (chamada papagaio) ou simples. Amaryllis. Beladonas. Papoilas dobradas. Martírios. Dálias grandes. Jacintos dobrados. Flor de laranja. Epomeias. Chagas. Cravinas. Rosas achatadas.

Género

Ramos Grandes. Pesados. Misturados.

Tom geral

Escuro. Vermelhos intensos e rubis, aliviados com marfins e Azuis fortes.

Espírito

De Imponência. Riqueza. Sobriedade.

SÉCULO XVIII

VASILHAS:

Matéria-prima

Mármore claro. Prata. Vidro liso, cristal talhado. Cerâmicas. Porcelanas da China (*Famille Rose* e Companhia das Índias e Celadon).

Formas mais usadas

Urnas esguias, com asas. Taças de pé alto. Copo. Tigela.

Flores mais usadas

Rosas achatadas. Malvaíscos. Esporas. Narcisos. Dálias de vários tamanhos. Rosas de trepadeira em cacho. Goivos dobrados. Lírios do vale. Açucenas e Beladonas. Prímulas. Lilases. Miosótis. Epomeias. Jacintos. Alfazema em flor.

Género

Ramos: Leves. Luminosos. Misturados — decorados às vezes com borboletas embalsamadas.

Tom geral

Cores de rosa. Azuis pálidos. «Mauves» tons em «degradé» (cores claras e frescas).

Espírito

Elegância. Distinção. Requite.

SÉCULO XIX

Primeiro quartel. **Império**

VASILHAS:

Matéria-prima

Porcelana pintada e dourada. Bronze cinzelado. Cristal com aros de bronze. Pórfiro. Prata dourada. Tôle (Folha de Flandres pintada de cores com dourados).

Forma

Urna sem pé, redonda ou quadrada. Urna grega em forma de barco, com asas largas. Copo aberto.

Flores mais usadas

Camélias. Anémonas. Rosas pequenas. Dálias pompons. Zínias. Despedidas de Verão. Cravos. Dálias grandes e Hortenses (para arranjos grandes).

Género

Ramos: Compacto. Esférico.

Tom geral

Amarelos. Roxos. Escarlates. Tons sobrepostos (cores vivas).

Espírito

Vistoso.

Época Romântica — 1830-1890

VASILHAS:

Matéria-prima

Porcelanas e faianças pintadas com desenhos de pássaros, figuras e flores. Vidro coalhado, de cores e opalino. Cristal talhado. Vidro gravado.

Forma

Variadíssima: mão segurando jarra recortada, leque, urnas achatadas de asas irregulares. Cesto recortado, com ou sem asa. Figurinhas. Copo aberto. Cornucópia.

Flores

Camélias. Dálias pompons. Rosas pequenas. Miosótis. Verbenas. Prímulas. Heliotrope. Margaridas. Amores-perfeitos. Violetas. Botões de Rosa. Zínias. Alfazema. Lírios. Lilases. **Goivos** dobrados. Despedidas. Cravos. Bule-Bules. Cravinas. Bluets. Para arranjos importantes: Hortenses. Dálias. Crisântemos. Penachos. Folhas secas.

Género

Mimoso e romântico, nos pequenos arranjos, irregulares ou meticulosos em tons claros ou francamente roxos (violetas, amores-perfeitos, etc.). Importante e pesado nos arranjos grandes.

Espírito

Romântico e poético — arranjos pequenos.
Importante — arranjos grandes.

SÉCULO XX

Primeiro quartel (dito Eduardiano)

VASILHAS:

Matéria-prima

Imitações de mármore. Vidros irisados, baços, esculpidos. Cristal muito trabalhado, por vezes encrustado com prata. Prata rendilhada. Porcelanas finas com pinturas vagas.

Forma

Ânfora — Ânfora invertida. Taça com pé. Solitário. Épergne. Copo estreito aberto em leque.

Flores

Lírios roxos. Cravos «souffre». Papoilas simples. Malmequeres. Rosas pálidas. Narcisos. Epomeias roxas. Açucenas. Malvaíscos. Gardénias. Orquídeas. Nenúfares. Espigas. Penachos. Rosas Paul Neron e Hortenses. Muitas Kentias.

Género

Esguio. Alto. Efeminado.

Tom geral

Macerados. Arroxeados.

Espírito

Decadente. Doentio.

SÉCULO XX — Continuação

VASILHAS:

Segundo quartel: **próprio para casa de estilo clássico**

Matéria-prima

Faianças monocromáticas. Louças. Porcelanas, em geral monocromáticas. Vidro transparente, coalhado, colorido. Prata. Cobre. Estanho. Barro. Verga. Folha de Flandres pintada. Utilização de objectos caseiros.

Forma

Variada mas simples em geral: Urna. Taça. Caixa. Cesto. Formas de Barco com ou sem asas. Copo simples. Copo esférico. Copo aberto. Taça oval ou rectangular. Draperie moldada.

Flores

Todas.
Frutos: Romãs. Cerejas. Uvas.
Folhagens recortadas, frescas ou secas.

Género

Clássico (inspirado nos arranjos do séc. XVIII) com mais variedade e originalidade de forma e de cor.

Tom geral

Cores claras em mistura: em «degradés» ou em contraste. Azuis Tons neutros. **Muitos brancos.**

Espírito

Cerimonioso. Elegante.

SÉCULO XX — Continuação

VASILHAS:	Terceiro quartel: Estilo actual: próprio para casas de estilo francamente moderno
Matéria-prima	Madeira clara encerada ou escura polida. Faianças grosseiras, monocromáticas ou mescladas. Porcelanas lisas ou gravadas, monocromáticas, também muitos pretos ou brancos puros. Vidro grosso, transparente ou colorido. Barro vidrado. Grés. Verga. Cobre. Aço polido. Estanho. Plástico. Bambu.
Forma	Variada: Cubo. Cónica. Esférica. Taça. Irregular. Búzio. Taça rasa e bambus solitários ou em grupo para arranjos de inspiração oriental.
Flores	As mais variadas: Para arranjos de inspiração ocidental: Gladiolos. Poinsetias. Esterlitzia. Girassóis. Jarros. Chagas. Amarylis. Zínias. Cravos. Hortenses. Rosas estilizadas. Folhagens variadas, recortadas ou maciças, frescas ou secas. Para arranjos de inspiração oriental: Peonías. Camélias. Lírios de jardim de tons vários. Lírios do Vale. Jarros. Dálias várias. Anémonas. Crisântemos. Malvaiscos. Folhas lanceoladas ou de palmeira pequena. Frutos: Abóboras pequenas; frutos sólidos. Leves.
Género	Arranjos de inspiração ocidental: Irregulares. Inteiros. Variados. Arranjos de inspiração oriental: Simétricos. Angulosos. Estudados. Leves.
Tom geral	Intenso: Laranjas. Escarlates. Amarelos. «Degradés» de tons fortes da mesma cor ou contrastes violentos (nos primeiros).
Espírito	Originalidade e violência estudada.
Tom geral	Discreto: Brancos. Rosados. Amarelos. Lilases. Quase sempre monocromáticos ou com uma única nota de contraste (nos segundos).
Espírito	Exótico. Misterioso. Requitado.

PARTE TÉCNICA

Utensílios — Regras gerais de ordem prática

- 1 faca afiada. 1 tesoura de poda, pequena. 1 alicate. 1 turquês. 1 martelo pequeno.
- 1 regador de bico comprido. 2 baldes. 2 bocados grandes de plástico ou jornais.
- 1 rolo de guita. 1 bocado de arame de electricidade.

Rede de arame, de galinheiro, médio: 50 cm² por cada jarra de boca larga.

Espetos: (compram-se nas lojas de ferragens) para vasilhas rasas.

Facultativo mas útil: pulverizador. (Lojas de ferragens).

- a) As flores devem ser apanhadas pela fresca, ou compradas bem frescas.
- b) Devem conservar-se pelo menos duas horas, em lugar escuro (de preferência ficar uma noite) em vasilhas grandes, cheias de água fresca, quase até ao cálice.
- c) Devem ser arranjadas no sítio a que se destinam (coberto o móvel com um dos bocados de plástico ou jornal) para se poder estudar o equilíbrio e a linha do ramo que se está a compor.
- d) Devem colocar-se, de preferência contra um fundo liso. Nunca debaixo de um quadro representando uma floreira.
- e) Com o alicate ou com o martelo deve esmigalhar-se o pé das flores de haste dura para que possam beber água à vontade: Lilases, Amendoeira, Hortenses, etc.
- f) Os pés das flores de haste gomosa e larga devem cortar-se em aresta viva, com a faca afiada: Jarros, Amarylis, Beladonas, Sécias.
- g) Os das flores de haste gomosa, mas fina devem mergulhar-se, num instante em água muito quente ou num pouco de estearina: Dálías, etc.
- h) Todas as flores, especialmente as rosas, que bebem pelo pé, podem refrescar-se metendo-se-lhes a haste em água quente por uns minutos e devem ser pulverizadas, exceptuando as **Camélias** e **Gardénias** que melam ao ser humedecidas.
- i) Todas as jarras devem ser completamente cheias de água bem fresca uma vez prontas e, umas horas depois, ser reenchidas de novo.
- j) Quando possível, devem guardar-se as flores a meia luz, durante as horas de luz e de calor intenso.

Maneira de trabalhar — Regras de ordem técnica

- 1.º Escolhe-se a jarra que se vai colocar no móvel a decorar.
- 2.º Enche-se esta (se for de boca larga) com rede de arame, amolgada, que fica em monte uns 5 a 10 centímetros do bocal (pode esta segurar-se aos bordos da jarra com guita). — Vidé fig. 1.

- 3.º Separam-se as flores, por tamanho e cor, no chão, sobre um plástico ou jornais, com as folhagens à parte.
- 4.º Escolhe-se a flor grande (ou o grupo de flores pequenas) que será a base do arranjo — o coração — e espeta-se esta onde entendermos que deve ficar. (Túlipa aberta. Hortense. Molho de Cravos. Crisântemo grande, etc.).
- 5.º Com 3 pernadas de flores ou folhagens leves formamos o «esqueleto» do ramo a arranjar segundo a linha que pretendemos. — Vidé fig. 2.
- 6.º Vão-se colocando as flores, ora de um lado, ora do outro, vendo o arranjo frequentemente de longe, para estudarmos o seu volume e o seu equilíbrio. — Vidé fig. 3.
- 7.º Em arranjos clássicos, as flores devem ir diminuindo de tamanho, de importância e de intensidade de cor à medida que vão subindo em altura.
- 8.º E uma vez feito o arranjo, com flores, deve-se completá-lo com folhagem, tendo o cuidado de não «cortar» ou pesar a linha que se imaginou.
- 9.º Enche-se a jarra até à borda com água bem fria. Repete-se esta operação uma hora depois, borrifando as flores ao de leve com o pulverizador. Só então se deve levantar a jarra com cuidado e retirar o resguardo que se tiver colocado no móvel.
- 10.º As hastes das flores que ficam dentro das jarras devem ser despidas de quaisquer folhas — primeiro porque estas «roubam» água às flores; segundo porque as sujam; terceiro porque, no caso de ser transparente a vasilha, a linha dos pés das flores continua o arranjo e tem beleza.
- 11.º Em casas de estilo português, mobiladas com móveis grandes e escuros, decorados com louças orientais policromas, com imagens antigas e com pratos, deve manter-se uma grande sobriedade nos arranjos de flores. Rosas, Cravos, Dálías, Túlipas, Hortenses, por exemplo, arrançados com muita simplicidade, parecem-me indicadas e só levemente devemos fazer arranjos de flores de cores misturadas e muito estilizadas.

Arranjos pequenos

Repete-se o método usado para os ramos grandes, mas estes podem ser arrançados fora do lugar a que se destinam.

Arranjos baixos e simétricos

- 1.º Arranja-se a taça de boca larga, terrina ou copo baixo da mesma forma.

- 2.º Começa-se pela flor central; dispõem-se em seguida pela borda da jarra, as que formam o tamanho do arranjo (flores ou folhagem), e vai-se enchendo o espaço a usar, tendo o cuidado de se irem cortando os pés ao tamanho próprio. — Vidé fig. 4.

Arranjos irregulares

- 1.º Deve começar-se, como nos outros arranjos, por formar um esqueleto, deixando porém liberdade às flores de caírem um pouco conforme a sua linha natural.

Regras de ordem artística — Resumo

- a) O arranjo deve ser concebido a dizer com o estilo do quarto a que se destina.
- b) O seu volume deve estar em relação com o móvel em que é colocado.
- c) O tom das flores deve ser inspirado por um detalhe colorido que haja na sala ou pelo tom dominante que se lhe quer dar.
- d) Um arranjo grande deve estar tanto quanto possível isolado — muitos «bibelots» à sua volta diminuem-lhe o valor e o sentido.
- e) Um ramo muito claro, ou branco, valoriza-se se for posto contra um fundo mais escuro.
- f) Um ramo escuro ganha em ser colocado contra um fundo claro, a não ser quando se quer tirar um efeito especial de profundidade.
- g) Contra um fundo policromo (papel com desenho ou biombo lacado por exemplo), o arranjo deve ser monocromático e, quer seja compacto ou leve, não destoar do desenho do seu fundo.

Não há regras para as cores a utilizar em arranjos de flores e pode ser imensa a sua variedade, contanto que se não esqueça o ambiente a que se destina.

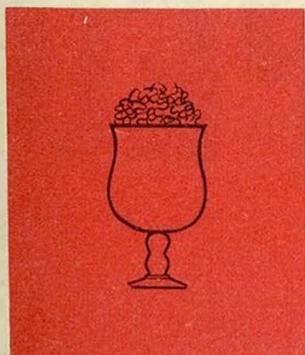


Fig. 1

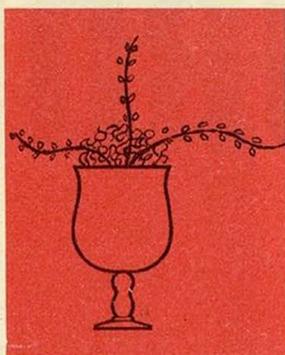


Fig. 2

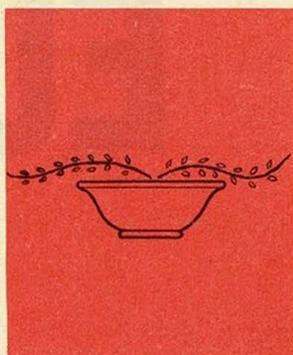


Fig. 3

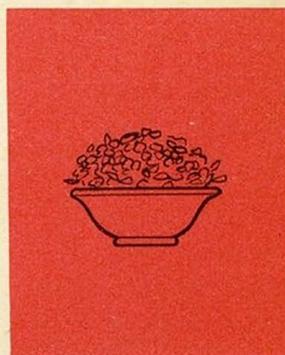


Fig. 4

chores street
song-and-dance man. In
gs, dances and d
And i-

MEXICAN ROAD

me for
you'll
ment
Fords
and
ily;
retai
ving b
de-op
can.
nt, gr
on't

age of
ected on the home lot, in-
d on location, as originally
over-all cost, an estimated
such dom items as two
four g norted for the
mment backdrop,
feet h he im-
e vie

YOU

on Today, more than ever before
of higher compressions, good sp
the key to top engine perfor
C or on the highway.

weeping victories in the I
e, Champion Spark Plu
their outstanding supe
40% driving conditions
cold and stiff clim
and desert heat.
r al ne through this gruel

Enquanto os chefes discutem os grandes problemas e deliberam acerca do destino dos povos, os homens de todos os países vão-se habituando a viver com os sobressaltos permanentes a que dá origem a guerra fria. Os pintores continuam a pintar, os escritores continuam a escrever e as crianças continuam a brincar como se o futuro estivesse garantido e não oferecesse problemas. Dir-se-ia que esta possibilidade de continuar a viver normalmente num mundo que nada tem de normal, é uma defesa natural do homem contra a instabilidade da vida. Com bomba atômica ou sem bomba atômica, o homem não prescinde dos seus hábitos, dos seus luxos e dos seus prazeres. Se é certo que esta possibilidade de adaptação torna a vida suportável é, também, certo, que leva o homem a esquecer os perigos que o ameaçam e a não tomar consciência da gravidade dos problemas que o rodeiam. Quanto a nós, por exemplo, teremos uma noção exacta do perigo que representa para todos nós a existência da bomba atômica? Quantos de nós, por exemplo, teremos uma noção exacta do que se está passando em África? A verdade é que apesar do progresso dos transportes e das mil maneiras que o homem inventou para comunicar com o seu semelhante, cada país continua a viver como uma ilha isolada ou

DIÁRIO EUROPEU

como um grande prédio em que os inquilinos dos diversos andares se conhecem apenas de vista e têm, a respeito uns dos outros, as ideias mais extraordinárias e inverosímeis. Que sabe a dona de casa lisboeta da forma como vive a dona de casa londrina? Nada. Absolutamente nada. Alterar este estado de coisas é um dever de todos nós. Tomar consciência do mundo é uma obrigação de que pode depender a sobrevivência do próprio mundo.

INGLATERRA — Bertrand Russel, um dos espíritos mais lúcidos do nosso tempo, voltou a espantar todos os que admiram a sua energia e a sua coragem, ao falar, em Trafalgar Square, a cerca de 15.000 pessoas, acerca da bomba A e do perigo que ela representa para a humanidade. **Russel**, uma das glórias da Europa do nosso tempo, com aquela isenção que caracteriza todos os seus gestos, afirmou «que nenhuma bomba, até hoje, protegeu ninguém» e que só os doidos poderiam acreditar na necessidade de construir e guardar bombas capazes de destruir cidades inteiras. Os leitores do «Almanaque» que leram um artigo expressamente escrito para esta revista pelo grande pensador inglês, já conhecem o que ele pensa acerca da bomba A — **A Ciência ao serviço do Ho-**

mem —. Os jornais noticiaram o desastre sofrido no decorrer dos treinos para as 24 horas de «Le Mans» pelo jovem corredor britânico Jonathan Sieff que se despistou perto do «Café de l'Hippodrome» quando o seu Lotus de 1.300 cc de cilindrada seguia a 200 kms/h. O acidente teve lugar no dia 23 de Junho e, nessa mesma madrugada, o pai do corredor acompanhado dum médico, chegou a Le Mans num avião especial. Logo à chegada o médico deparou com um problema quase insolúvel. Jonathan Sieff encontrava-se em estado de choque e sofrera um forte traumatismo cerebral cujas consequências não era ainda possível avaliar. Tinha ainda várias costelas partidas, uma fractura dupla do pélvis, fractura da coluna vertebral, a bexiga perfurada e as pernas paralisadas.

O que mais preocupou o médico, porém, foi verificar que ambos os rins do corredor se encontravam paralisados e que, se não conseguisse transportá-lo imediatamente a um hospital onde houvesse um rim artificial, morreria em três dias.

A fim de que a viagem não agravasse a fractura da coluna vertebral, foi construído um aparelho de gesso e o doente seguiu de Le Mans para Gatwick num avião ambulância britânico. Em Gatwick foi transferido para o helicóptero do hospital de Hammer-





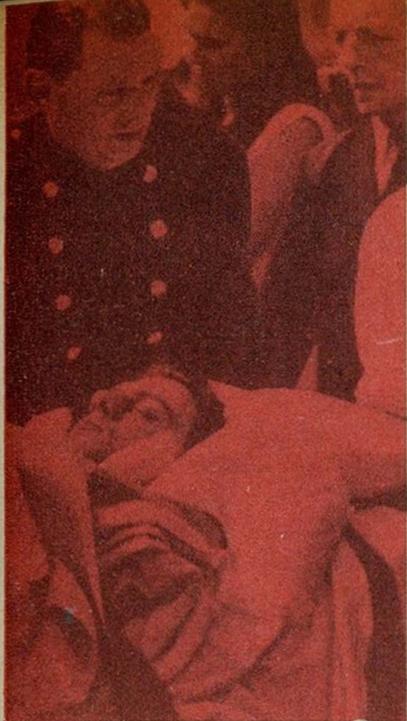
smith que o levou directamente ao hospital onde já o aguardavam. Não interessa narrar o tratamento. Basta dizer que Jonathan Sieff foi vítima de todas as complicações, desde o mais prolongado edema cerebral até hoje tratado em Inglaterra até uma infecção renal que resistiu a todos os antibióticos e que só cedeu perante uma droga que ainda estava no estágio experimental. Jonathan Sieff está vivo. Os médicos informam que pode retomar a sua vida normal e que não apresenta quaisquer sinais indicativos do que lhe sucedeu. Um grande triunfo para a Medicina britânica que bem mostra o que pode a Ciência...

FILMES — Foi estreado em Londres o novo filme em que **Marilyn Monroe** e **Yves Montand** actuam em conjunto. O título inglês, difícil de traduzir, é «Let's make love». Dum modo geral a crítica britânica não lhe foi desfavorável elogiando os actores e definindo o filme como sendo «uma agradável comédia». Das últimas estreias, porém, a que está obtendo maior sucesso é «Surprise package», uma comédia de Stanley Doman, com Yul Brynner, Mitzi Gaynor e Noel Coward.

ITALIA — Todos os anos se fala duma recepção ou dum baile que os jornais designam por a «festa do século». Apesar das eleições (7.000 reuniões preparatórias num só dia...) os «grandes» de Itália não prescin-

dem de concorrer ao título a que nos referimos e os «Duques da Serra di Casano» deram no seu palácio de Nápoles uma festa que reuniu um elevado número de cabeças coroadas e figuras conhecidas nos meios cinematográficos. Estiveram presentes, entre outras pessoas, a Princesa Sofia da Grécia, o Maharajá de Jaipur, o Maharajá de Baroda, o Príncipe Enrico d'Assia, Maria Callas, Elsa Maxwell, a Rainha e o Rei da Grécia, D. Gonzalo de Bourbon, D. Juan Carlos de Bourbon, Princesas Margarida e Desirée da Suécia, etc:

ALEMANHA — Está apaixonando a opinião pública o julgamento de Heinrich Pommerencke, um jovem de 23 anos que se tornou conhecido pela alcunha da «Besta com cara de rapariga». Pommerencke goza do duvidoso prestígio de ser o mais repulsivo dos criminosos alemães (do após guerra...) e é acusado de 27 crimes dentre os quais 4 são de homicídio, 10 de tentativa de homicídio e os restantes de violação e tentativa de violação. O juiz, Friedrich Kaufmann, ordenou que o julgamento fosse feito em segredo para «proteger a moral» e que apenas fossem autorizados a permanecer na sala os jornalistas e duas enfermeiras da Cruz Vermelha porque «a sua assistência podia ser necessária aos indivíduos obrigados a ouvir os detalhes da repugnante história que ia ser julgada». Pommerencke, também conhecido por «O Terror da Floresta Negra» (uma das suas



árias preferidas) confessou que o desejo de se apossar de mulheres e de as matar começava quando assistia a filmes e que assassinara Hilda Konther (uma rapariga de 18 anos) depois de assistir às cenas de dança do filme «Os Dez Mandamentos». Pommerencke matava com requintes difíceis de imaginar. Uns anos atrás talvez tivesse feito carreira como funcionário público...

FRANÇA — Brigitte Bardot continua a dar que falar. A sua tentativa de suicídio voltou a atrair todos os jornalistas e é, mesmo possível, que muitas senhoras de meia idade que até agora a olhavam com desconfiança comecem a vê-la com olhos novos e a simpatizar com a pobre pequena que o «desespero levou a cometer uma loucura».

Um dos últimos «Matches» dedica um artigo cheio de interesse ao assunto e dele extraímos dois períodos que recomendamos: «Fabricam com desenvoltura filmes inteiramente desprovidos de preconceitos acerca do tema galante da liberdade dos corações e do mercado comum dos corpos. Como as suas cenas são audaciosas, julgamo-los audaciosos; como nunca deixam de amesquinhar os valores ditos burgueses da moral herdada, julgamo-los dispensados de obedecer às regras normais da existência e eles próprios não estão longe, por vezes, de dar a entender para maravilha das costureirinhas, que poderá haver qualquer coisa de diabólico na lucidez do olhar superior que deitam sobre

o mundo interdito aos menores de 16 anos». E este outro que merece atenção: «Georges Clouzot acusa tranquilamente a Imprensa... mas vejam a malícia da fatalidade: de todas as maneiras de fugir à publicidade, a vedeta de «La Verité» escolhe o suicídio na borda dum poço, no dia do seu aniversário, num pequeno caminho da Côte d'Azur...».

Comentários? Desnecessários. Os fabricantes de Bardots que se interroguem e que resolvam o problema de saber se vale a pena conseguir fama de superioridade à custa disto...

Jacques Charrier vai reentrar no Exército. Como é sabido a sua primeira tentativa de entrar no mesmo terminou abruptamente por motivo de saúde. Ao que parece os seus colegas tinham decorado as paredes das casernas com fotografias da Bardot em várias posições e passavam a vida perseguindo o pobre Charrier com perguntas insidiosas a respeito da esposa... Desta vez a coisa não se poderá repetir porque o Exército francês estabeleceu que não seriam toleradas fotografias da Bardot no Regimento a partir de 1 de Novembro. Tudo isto é muito divertido... muitíssimo divertido.

SALON AUTOMÓVEL — O Salon Automóvel não apresentou surpresas. Foi dos mais monótonos dos últimos anos apesar da publicidade e da Imprensa. Três dias antes de fechar, porém, apareceu a sensação: um Taunus que vai de 0 a 100 kms/h em 17 segundos.

O TERRAMOTO — O MARQUÊS DE POMBAL

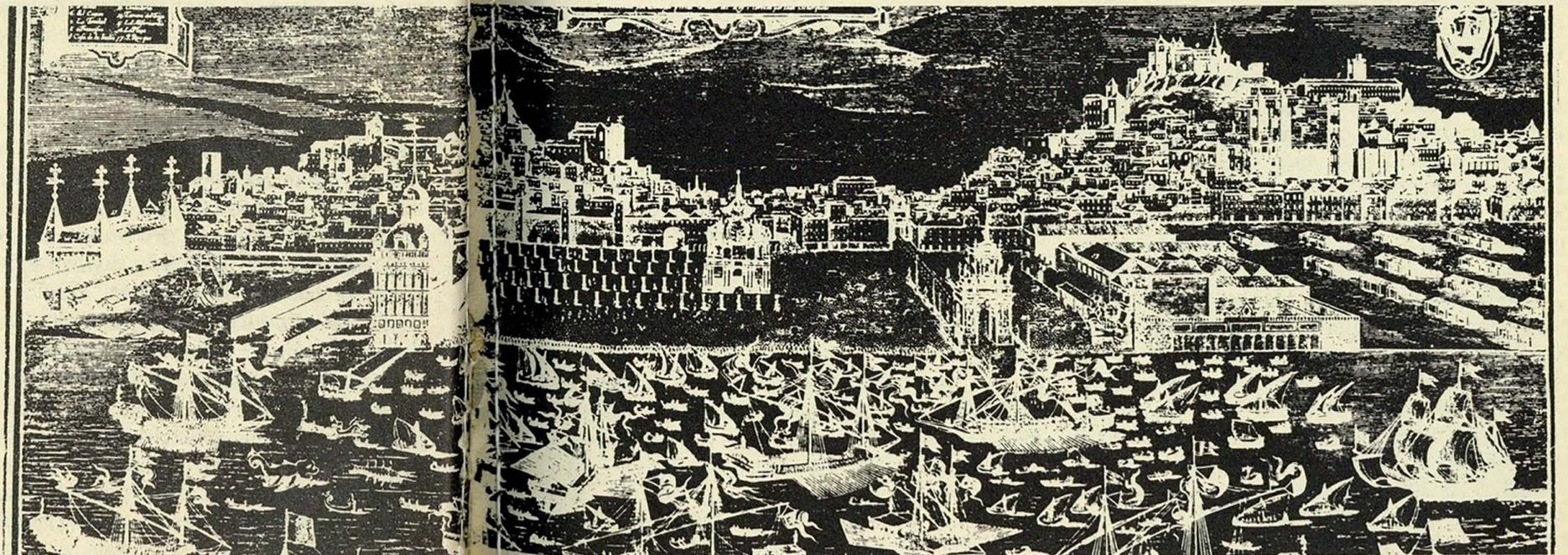
«E o Senhor arrasou a cidade com todos os seus moradores e os seus arrabaldes, com todo o viço das «Terras». Assim aconteceu a Sodoma, assim aconteceu a Lisboa. O terremoto durou cinco anos (1755-60); e subverteu as ruas e as casas, os templos, os monumentos, as instituições, os homens, e até suas ideias. E sobre as ruínas e destroços da cidade maldita, levantou-se a Jerusalém utilitarista burguesa; sobre as migalhas de Sybaris, a Ephemera Salento do Marquês de Pombal...

Na manhã do 1.º de Novembro a cidade estremeceu, abalada profundamente, e começou a desabar. Eram nove horas, Dia de Todos-os-Santos. Nas casas ardiavam os velos nos oratórios e as igrejas regorgitavam pela ouvir missas. Toda a gente numa onta correu às praias; mas rolando em massa, tancou perante a vaga que vinha do rio, g

gando a inundar as ruas, invadindo as casas. Por sobre este encontro ruidoso, uma nuvem de pó que toldava os ares e escurecia o sol, pairava, formada já pelos detritos das construções e das mobílias, que o abalo interno da terra vasculhava, e os desabamentos enviavam, em estilhas, para o ar. A onda do povo aflito, retrocedendo, a fugir do mar, tropeçava nas ruínas; as quedas, e a metralha dos muros que tombavam, abriam na floresta viva, agitada pelo vento da desgraça, clareiras de morte, montões de cadáveres e poças de sangue, dos membros decepados, com manchas brancas dos cérebros derramados contra as esquinas. E as casas erguiam-se com as paredes desabadas, os tectos abertos sobre os esqueletos dos tabiques, mostrando a nu todos os interiores funestos neste dia em que, para muitos, Deus julgara e condenara Lisboa, como outrora fizera a Sodoma. Por isso o rouco trovão dos desabamentos se ouvia cortado pelos ais dos moribundos, e pelos gritos dos homens e das

mulheres, abraçados às cruzes, aos santos, às relíquias, soluçando ladainhas, unguindo moribundos, parando esgazeados a cada novo abalo de terra que não cessava de tremer, arrastando-se pelo chão, de joelhos, com as mãos-postas, a face em lágrimas, a clamar: Misericórdia! Misericórdia!

Casas, Palácios, Conventos, Mosteiros, Hospitais, Igrejas, Campanários, Teatros, Fortalezas, Pórticos, tudo, tudo caía. «Se visses somente o Palácio Real, diz uma testemunha, que singular espectáculo meu irmão!». Os varões de ferro torcidos como vimes, as cantarias estaladas como vidro! A onda do rio sorvia num momento o cais do Terreiro do Paço, com os barcos atracados, coalhados de gente. Dos andares altos precipitavam-se sobre as lages da rua. O medo crescia, vinha a loucura: viam-se mortos arrastados pelos vivos, viam-se mutilados coxeando, gente correndo desgrehada, seminua, homens e mulheres, velhos e crianças, dilacerados, sangrentos, arrastando uma



perna fracturada, esvaindo-se em sangue por algum membro decepado. Gritos, choros, clamores, imprecações, ais, preces, um burburinho de vozes desvairadas acompanhava os gemidos comprimidos dos soterrados nos escombros. No turbilhão das ruas havia quedas e mortes, abraços e agonias. A mesma loucura dos homens era o desvairamento dos brutos: os machos, desbocados, arrastavam os cavaleiros e as caleças, precipitando-se nos despenhadeiros da cidade montuosa; e as massas de gente viva, moribunda e morta, de envolta com os entulhos, rolavam nas ruas ladeadas pelos esqueletos das casas dando uma imagem desolada do que seria o caos. Quando a terra se subvertia, quando o mar vinha subindo, a afogar a terra, quando no ar faiscavam as línguas flamíferas rutilantes, que lembrança podia haver das invenções humanas? Abraçados, confundidos, na comunidade do pranto, fidalgas e freiras, meretrizes e mães, mendigos e senhores, vilões e cavaleiros, abraçavam-se na comunidade da fome, do frio, da nudez, do terror. De rastos a cidade inteira sacudida pelo abalo formidável, reunia toda a sua eloquência numa palavra única. Misericórdia!

Mas vinha o clarão das chamas com a sua luz sinistra; vinha a labareda fustigar com lume a pobre gente seminua, tiritando sob o açoite de um nordeste frígido. Gelava-se e ardia-se a um tempo; sofucava-se em fumo e pó. E as labaredas cresciam, e o incêndio lavrava, e aos gritos desvairados dos infelizes juntava-se o crepitar das madeiras, o estalar das cantarias, a cascalha dos espelhos, dos cristais e dos charões, que o fogo devorava. A densa nuvem de pó que escurecia tudo, iluminava-se com os clarões vermelhos que rebentavam por toda a parte, porque Lisboa inteira derrocada era um braseiro. As línguas orgulhosas das chamas subiam empoadas para o céu, juntando às preces lacrimosas de habitantes como um protesto satânico dos elementos. Os outros protestos, mais positivos e igualmente horríveis atroavam agora os ares: os escravos vingavam-se da sua escravidão os mendigos da sua pobreza, os maus da sua maldade. O assassinato, o estupro, o roubo, como numa terra posta a saque, rolavam de envolta com as ruínas e o fogo, e por entre os destroços ainda apagados, viam-se os perfis negros dos escravos, rindo infernalmente, com os olhos

injectados, os dentes brancos, a atirar tições ardentes para cima das ruínas, aumentando o incêndio, aclamando a chama vingadora... Misericórdia! Misericórdia!

(Oliveira Martins, *História de Portugal*)

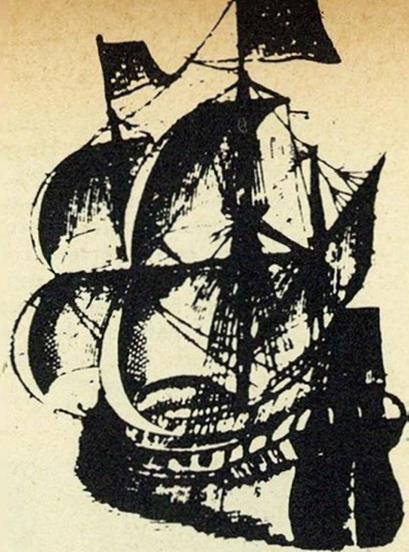
TOLSTOI

8 de Novembro de 1910. Morre Tolstoi de quem um seu admirador (Leão Chestov) pode dizer que «nos ofereceu o exemplo único dum homem de génio que se esforçou por todos os meios para se pôr ao nível da mediocridade e para se transformar num medíocre. Naturalmente que não o conseguiu...». A propósito de *Guerra e Paz*, que é talvez o mais prodigioso romance de todos os tempos Chestov afirma: «Tudo quanto Tolstoi observou é disposto no seu livro de tal modo que constitui um quadro agradável e feliz, embora nenhum dos horrores da existência que destroem a nossa confiança em Deus e nos homens sejam esquecidos. O príncipe André morre entre sofrimentos depois duma existência dolorosa; Petia Rostov é fuzilado pelos franceses, a condessa transforma-se sob os nossos olhos numa velha meio-idiota, o conde Ilia Andreievitch, depois de ter arruinado os filhos, desaparece sem ruído, Sonia vive como parasita em casa da prima, etc. Mas tudo isso está disposto de tal modo no vasto quadro que ele nos oferece que a impressão geral que do livro se desprende nos surge engrandecida. Por isso mesmo Dostoievski nunca conseguiu perceber em que consistia o segredo da arte de Tolstoi!».

Comentando dum modo diferente essa «mediocridade» Alain afirma: «As personagens de Tolstoi cogitam como toda a gente acerca dos grandes problemas. Mas essas cogitações têm um carácter natural, não se parecem com pensamentos «profundos» e muito menos ainda com «lugares-comuns».

MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

«No ano do Senhor de 1460 o senhor Infante D. Henrique adoeceu na sua vila que está no Cabo de S. Vicente, da qual doença morreu em 13 de Novembro do mesmo ano, numa quinta-feira. E na noite em que morreu, o levaram para a igreja de Santa Maria em Lagos, onde foi sepultado honra-



damente. E o Rei Afonso estava então na cidade de Évora: e ficou muito triste ele e o seu povo, pela morte de tão grande senhor; porque todos os rendimentos que tinha, e tudo o que provinha da Guiné tudo gastava na guerra e em constante armada no mar contra os sarracenos, pela fé cristã. No fim do ano o Rei Afonso me mandou chamar, porque pelo mandado do Rei eu ficara em Lagos junto do corpo do Infante, provendo do necessário os sacerdotes que se empregavam em contínuas vigílias e nos ofícios divinos, e mandou que visse se o corpo do Infante estava em podridão, porque queria trasladar os ossos para o formosíssimo mosteiro chamado Santa Maria da Batalha, que seu pai o Rei D. João I edificara com os frades da Ordem dos Pregadores.

Eu, chegando ao cadáver o descobri, e encontrei-o seco e intacto excepto na ponta do nariz. E achei-o cingido por cilício áspero de sedas de cavalo. Bem canta a igreja: não permitirás que o teu Santo se corrompa. O qual senhor Infante até à sua morte foi virgem, e fez muitos benefícios na sua vida, que seria sem fim o contar.

Então o Rei mandou o seu irmão D. Fernando, Duque de Beja, e Bispos e Condes, para que levassem o corpo até ao Mosteiro da Batalha, onde o Rei esperava o corpo do falecido.

E ficou sepultado o corpo do Infante numa grande e formosíssima capela, que seu pai o Rei D. João I fez construir, onde o próprio Rei jaz, e sua mulher D. Filipa, mãe do Infante e cinco irmãos dele, de todos os quais a memória louvada eternamente. E repousam em santa paz. Amén.» (Diogo Gomes, **Relações**).

A OFENSIVA CONTRA MOSCOVO

20 de Novembro. Uma ofensiva desesperada é lançada contra Moscovo. Essa ofensiva resulta de uma decisão do Führer que se recusou a ouvir as opiniões em contrário dos seus marechais. De facto as tropas alemãs, terrivelmente experimentadas pelo frio, estavam quase no último limite das suas forças. Nos últimos quatro meses elas tinham desenvolvido um esforço enorme e mesmo as mais fanáticas tinham apenas um desejo: repousar.

Não seria prudente suspender a ofensiva, reagrupar as tropas, abrigá-las durante o Inverno nas cidades da retaguarda menos destruídas do que as cidades da frente?

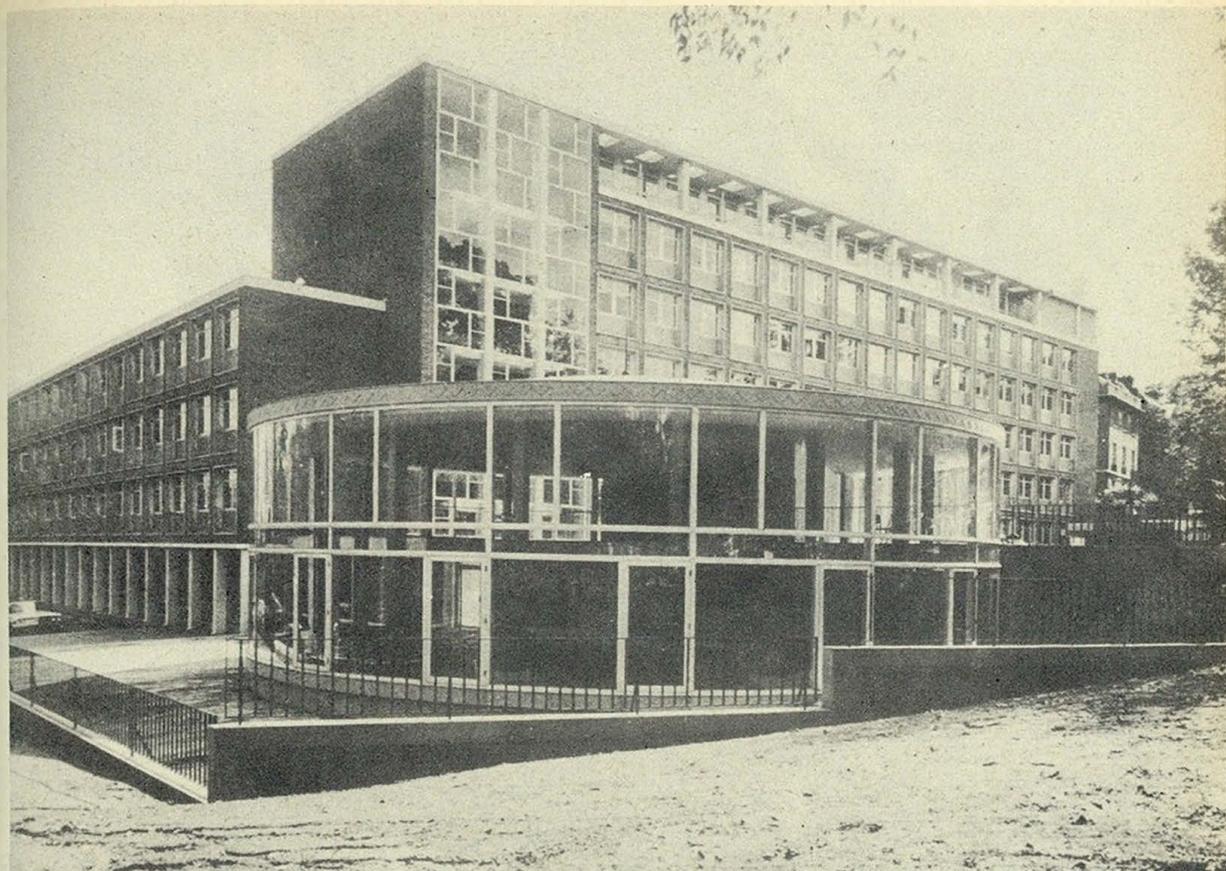
Esta era a opinião dos militares. Não obstante alguns êxitos espectaculares a ofensiva alemã não dera os resultados esperados. Mas Hitler, furioso por não ter entrado nem em Moscovo, nem em Leninegrado, recusou ouvir o seu Estado-Maior. Os marechais insistem: «o exército russo não está destruído; pelo contrário: o seu potencial é cada vez maior e constantemente substitui as tropas cansadas por tropas frescas». Mas Hitler prometeu ao seu povo num discurso a destruição da Rússia e, quaisquer que sejam os sofrimentos ele não está disposto a desistir. E como é preciso obedecer, a Wehrmacht ataca desesperadamente com enormes sacrifícios de homens e material. Mas, desta vez, o exército alemão já não tem a mesma capacidade ofensiva.

Por outro lado, o exército de Timochenko parece renascer das cinzas e, pela primeira vez, parece decidido a não recuar. Mais: desencadeia uma ofensiva.

Mauricio Rosal, embaixador da Guatemala em Bruxelas e notável contrabandista. Ei-lo aqui no momento em que era preso pela Polícia norte-americana que lhe havia encontrado nas malas 50 quilos de heroína. Mais um exemplo de que os métodos diplomáticos dos nossos dias se estão a renovar



actualidades



A diplomacia renova-se... O novo edifício da Embaixada britânica em Washington custou mais de um bilhão de libras

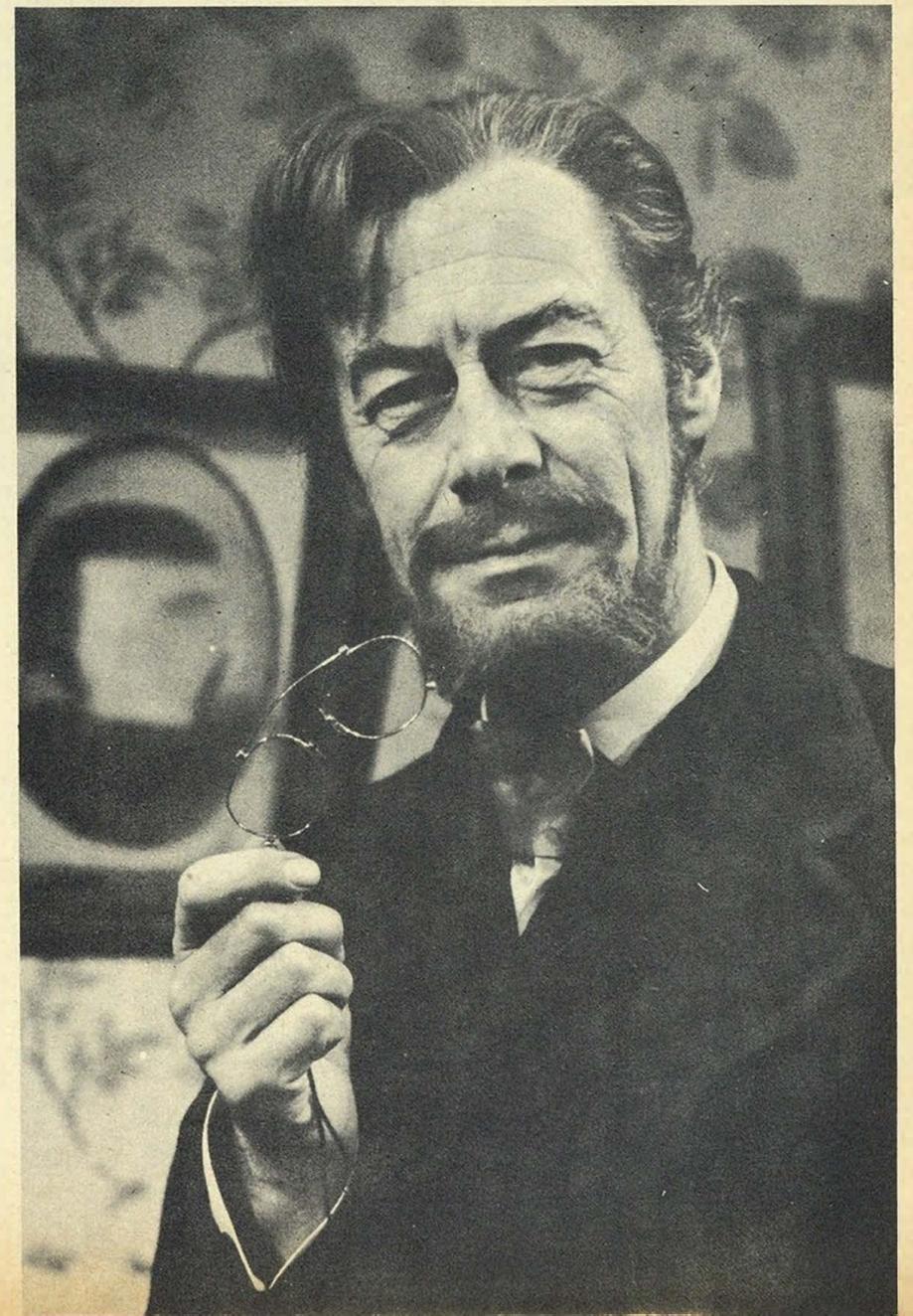


Desde que o grande navegador inglês D. H. Lawrence descobriu o México depois de, com as iniciais T. E., ter descoberto a Arábia, os franceses apaixonaram-se pela América Central. Consequência desse amor: a visita a Paris do «Ballet Azteca» de Xavier de Léon



Charlie Chaplin entende que os grandes artistas devem utilizar o seu prestígio ao serviço das grandes causas. Aqui o vemos, com a sua família, pedindo a todos que auxiliem a UNICEF na sua campanha: «leite para as crianças pobres»

Os teatros de todo o Mundo (também os portugueses?) comemoraram o centenário de Anton Tchecov. Rex Harrison interpretou no Royal Court Theatre a figura de Platonov — um professor pobre e apaixonado

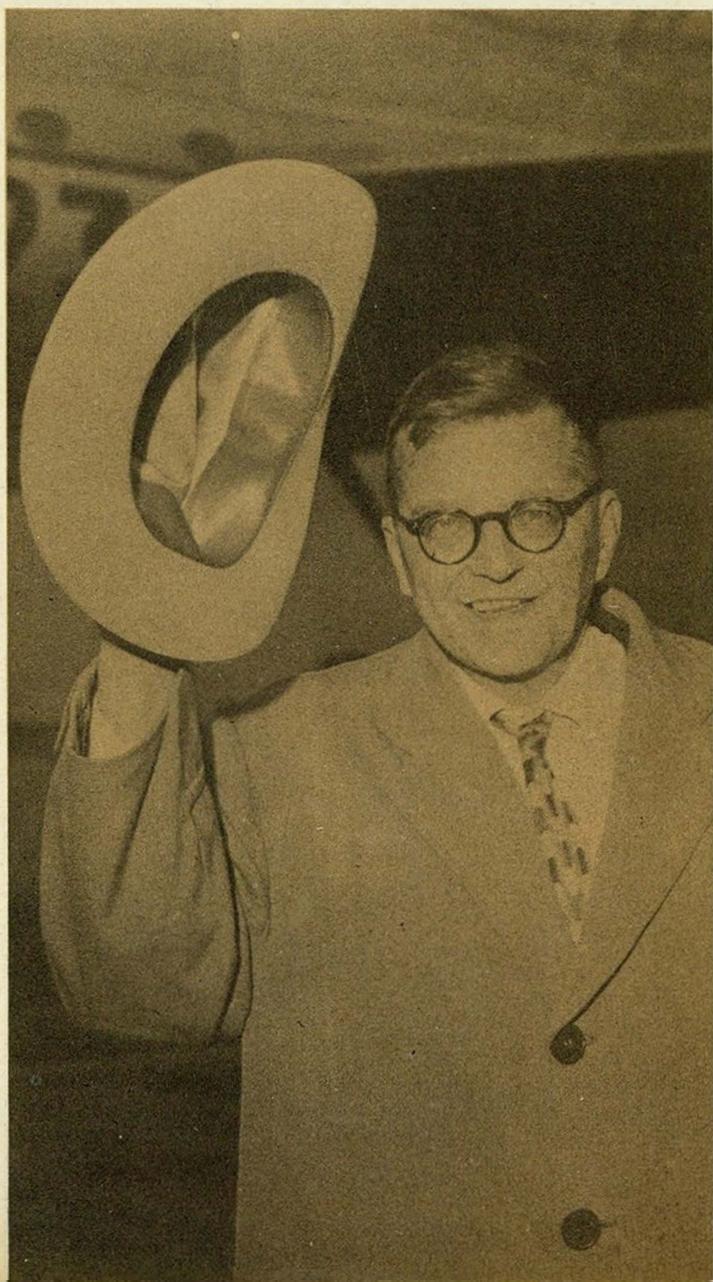


Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre descansam em Copacabana depois das muitas conferências que proferiram no Brasil. No mesmo momento uma carta de Sartre provocava uma tempestade em França. «O F. L. N. defende na Argélia — dizia nessa carta — as nossas próprias liberdades»

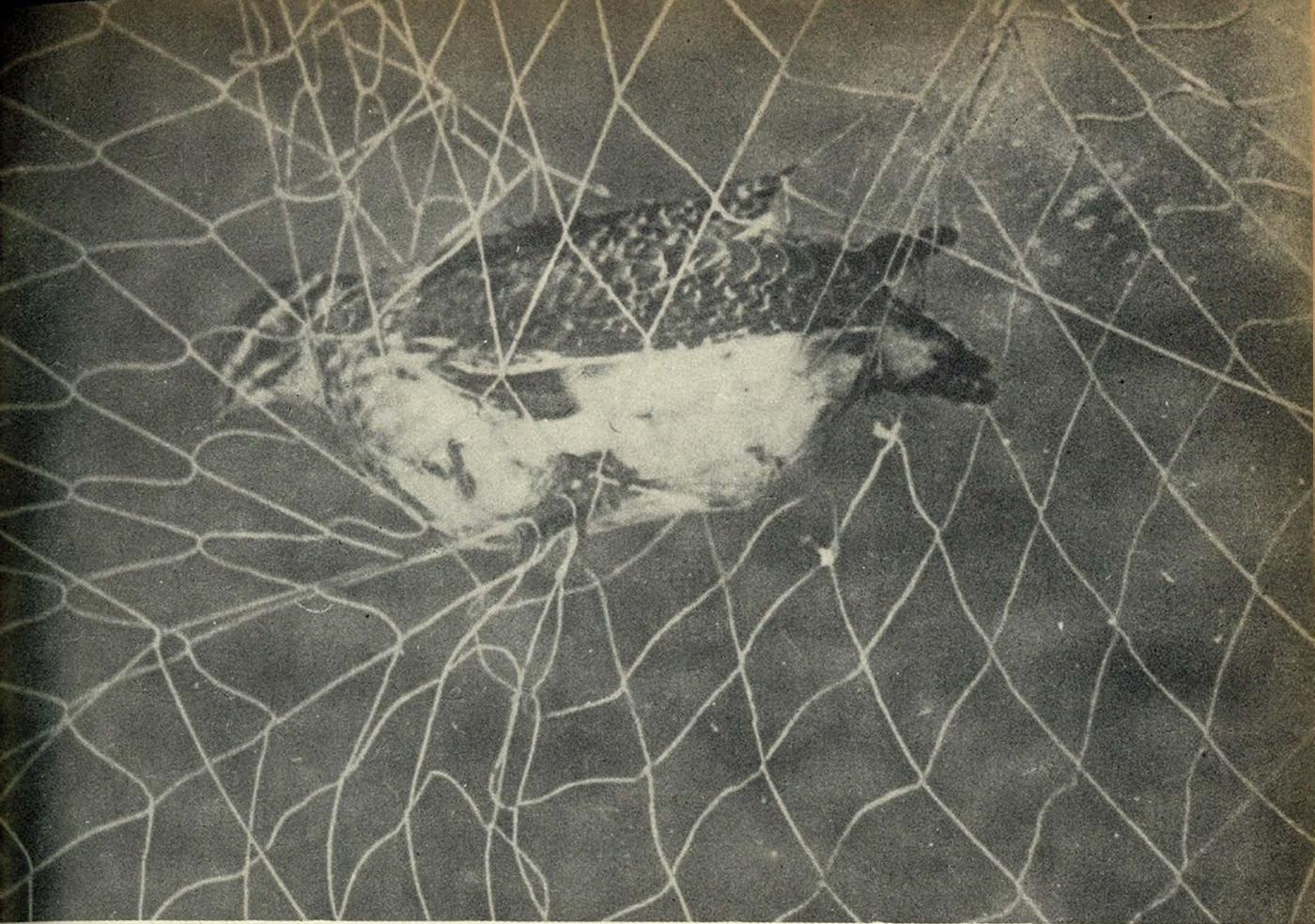


Dimitri Shostakovitch visitou pela primeira vez a Grã-Bretanha, ao mesmo tempo que Kruchtchev visitava (pela segunda vez) Nova Iorque. O músico pareceu menos revolucionário: o seu concerto para violoncelo não causou qualquer tempestade

Uma casa de alta costura parisiense acaba de revelar os últimos modelos de Inverno para cães. Aquele que mais sucesso fez: «Baby doll», incluído na colecção «Toutou»



Há milhares de anos que as codornizes passam as férias de Verão na Europa e regressam à África no Inverno, depois dum cruzeiro através do Mediterrâneo. Mas não há bem que sempre dure... No Egipto esperam-nas armadilhas terríveis: crê-se que estas redes onde acabam os seus dias são o resultado da maldição do Faraó Ramsés CVIII, cujo túmulo de platina foi por elas violado



flos - sanctorum



S. MALAQUIAS

Malaquias foi natural de Armagh na Irlanda. Seus pais foram pessoas de primeira jerarquia e muito virtuosos, especialmente sua mãe que foi a mais desvelada em o educar e criar no santo temor a Deus; e não contente por lhe pôr piedosos mestres que bem o encaminhassem, ela mesmo lhe inspirava os sentimentos mais perfeitos e máximas de piedade, as quais se imprimiam tão profundamente no seu coração que desde a infância fez grandes progressos na santidade.

Era de natural humilde e obediente, pacífico e muito aplicado aos estudos; era moderado no sustento, resistia ao sono e não era como outros inclinado aos brinquedos pueris; de modo que excedia aos seus companheiros no progresso dos estudos e aos seus mesmos mestres na virtude. Em os seus estudos devoções e penitências era muito cuidadoso, para não ser notado e fugir do perigo da vanglória que é a maior peçonha contra a virtude. Por esta razão não gastava na igreja todo o tempo que tinha vontade, e o que fazia era levantar a toda a hora ocultamente o seu coração ao Céu, de sorte que ninguém o percebesse. Quando o mestre saía a passear ao campo, acompanhado só deste amado discípulo, deixava-se às vezes o piedoso mancebo ficar um pouco para trás para despedir do seu coração com mais liberdade e como a furto, fervorosas jaculatorias em que desafogava o seu espírito devoto, diz S. Bernardo.

Para aprender a morrer mais perfeitamente para si mesmo, e a viver inteiramente para Deus e para o seu amor, se entregou Malaquias à direcção de um Santo eremita chamado Imário, que passava uma vida austera em contínua oração em uma gruta. Esta acção em um mancebo da sua idade e qualidade admirou a cidade toda, e muitos a censuraram severamente, e se riam dele só por isto; outros atribuíam a empresa a melancolia ou a precipitação do rapaz; e os seus amigos o repreendiam, não podendo sofrer que um moço de tão delicada compleição, e de disposições e prendas tão belas para o

mundo abraçasse estado de tanto rigor, e aos olhos deles tão baixo e desprezível.

O Santo não fez caso das suas censuras, e aprendeu a vencer-se a si mesmo, desprezando-as com humildade e mansidão. Para chegar a possuir o verdadeiro amor de Deus, condenou-se em vida à sepultura, e sujeitou-se à regra e disciplina de um homem, por não querer ser como aqueles que pensam ensinar aos outros o que eles não têm aprendido; guiando desta sorte um cego a outro cego.

A prontidão do discípulo em obedecer, o seu amor ao silêncio, e o fervor na mortificação e na oração foram os meios, e ao mesmo tempo sinais não equívocos dos seus progressos espirituais, os quais o fizeram amado do seu mestre, e edificaram aos mesmos que haviam condenado antes a sua eleição: e muitos, movidos do exemplo da sua virtude, desejaram imitá-lo e serem companheiros seus naquele modo de vida.

Malaquias com as suas eminentes virtudes era o modelo de todos os mais ainda que sempre se teve a si pelo menor de todos e pelo mais indigno da sua companhia. Um discípulo tão manso, tão humilde, tão obediente, tão mortificado e devoto, não podia deixar de avançar até ao pináculo da perfeição evangélica pela escada de exercícios tão contínuos de penitência e oração.

Imário, seu superior, e Celso, arcebispo de Armagh, o julgaram digno do sacerdócio e este prelado o obrigou, apesar da sua grande resistência, a receber das suas mãos a ordem do diaconado, e pouco depois a do sacerdócio; não tendo ainda mais que vinte cinco anos de idade, ainda que naquele tempo os cânones requeriam a de trinta, ao menos, para o presbitério, como testifica S. Bernardo: tendo sido o seu extraordinário merecimento a justa causa da dispensa daquela regra canónica.

Ao mesmo tempo o arcebispo o fez seu coadjutor para pregar o Evangelho e a palavra de Deus ao Povo e para extirpar os

maus costumes, que eram muitos, graves e inveterados, e que desfiguravam horrivelmente a face daquela Igreja. Admirável foi o zelo com que Malaquias desempenhou esta comissão; todos os vícios e abusos se desvaneceram com a sua presença; ficaram abolidos os maus costumes; desterradas inteiramente as superstições e as máquinas diabólicas; e últimamente nenhuma coisa que se não conformasse com a lei do Evangelho ficava em pé diante dele. Parecia uma labareda dentro da espessura de um bosque e se apresentava em todas as partes ao exercício do seu ministério com o coração de um gigante.

A grande Abadia de Benchor, que está presentemente no condado de Doun, estava naquele tempo em um estado deplorável, e as suas rendas se achavam possuídas por um tio de S. Malaquias, até que aquela casa fosse estabelecida. Este tio as pôs em poder do sobrinho, para que reedificando-a restituísse nela a disciplina regular; e ele mesmo se fez monge debaixo da direcção de seu sobrinho, o qual com o seu cuidado fez florescer naquela casa um seminário famoso de doutrina e de piedade ainda que não tão numeroso como tinha sido antes.

Malaquias governou esta casa algum tempo e para usar das palavras de S. Bernardo, no seu porte era uma regra viva, e um espelho claríssimo, ou bem um livro aberto em que podia qualquer aprender com a vista ou preceitos de uma conduta religiosa. Não só precedia a todos em qualquer das observâncias monásticas, mas ainda fazia penitências muito particulares, e outras acções de perfeição, em que não havia quem pudesse igualá-lo. Trabalhando ao mesmo tempo com todos os seus irmãos em todos os ministérios laboriosos da comunidade.

S. Malaquias aos trinta anos de idade foi eleito bispo de Cannor, agora no condado de Antrim, e havendo recusado condescender na sua eleição, foi mandado sujeitar-se a ela por Imário e pelo arcebispo Celso. Ao principiar os exercícios das suas funções

achou que os do seu rebanho eram cristãos só em nome, porém, nos seus costumes uma gente selvagem, viciosa, e piores que pagãos. Não obstante... não quis fugir como cobarde, mas resolveu-se a não se poupar a enfados para converter em cordeiros a estes lobos.

Pregava em público com um vigor apostólico misturando a ternura com uma severidade saudável; e quando não queriam ir à igreja a ouvi-lo os buscava pelas ruas e nas suas casas, exortando-os com ternura, e derramando muitas lágrimas por eles. Oferecia por eles a Deus o sacrifício de um coração contrito e humilhado, e às vezes passava noites inteiras chorando, e com as mãos levantadas ao Céu implorando o seu socorro. Visita os lugares mais recônditos e remotos da sua diocese, caminhando sempre a pé, e sofrendo com uma paciência invencível afrontas e injúrias sem termo, sem número. Enfim estes corações selvagens vieram a ficar reduzidos à humanidade, e sensíveis à religião: e estabelecido naquele feroz povo o uso frequente dos Sacramentos.

Entre os seus milagres faz menção S. Bernardo de que certa mulher de mau génio que tinha sido intolerável a quantos chegavam a falar-lhe ou tratavam com ela, ficara convertida na mais dócil e afável das mulheres só com lhe haver mandado o Santo em nome de Cristo, que não tornasse a irar-se mais, ouvindo a sua confissão e impondo-lhe a correspondente penitência: não tornando desde então a alterá-la ainda as injúrias e as tribulações.

Outro milagre deste Santo costumava S. Carlos Borromeu repetir muitas vezes aos seus sacerdotes, quando os exortava a ser vigilantes em administrar a tempo devido o sacramento da Extrema-Unção aos enfermos. Conta-o S. Bernardo do modo seguinte: Estando no artigo da morte a mulher de um cavalheiro que vivia na vizinhança de Benchor, mandaram chamar S. Malaquias; e depois de várias exortações se dispunha o Santo para lhe dar a Extrema-Unção. A todas as pessoas da casa pareceu mais conve-

niente dilatar aquele sacramento até à manhã seguinte, quando ela estivesse em outra disposição para o receber.

S. Malaquias cedeu às suas importunas súplicas, ainda que com muita repugnância. Tendo pois feito o sinal da cruz sobre a enferma se retirou à sua habitação: porém, ao anoitecer sentiu um ruído extraordinário em toda a casa, gritos e lamentos dizendo em altas vozes que sua ama era morta. Correu o bispo onde ela estava, e achou com efeito que assim era; e levantando as mãos ao Céu, disse com a maior dor: Eu sou o que tenho pecado nesta dilação, não esta pobre criatura.

Desejoso ansiosamente de restituir àquela morta aquilo de que por sua condescendência a havia privado, continuou em pé arriado ao cadáver, orando com as lágrimas e suspiros mais lastimosos; e voltando-se de quando em quando para os que o acompanhavam, lhes dizia: vigiai e orai. Todos passaram a noite em pranto, rezando o psalterio, e fazendo outras devotas orações; quando ao raiar da aurora abriu os olhos a defunta, sentou-se no leito, e conhecendo a S. Malaquias o saudou com uma profunda reverência: a cujo prodígio ficaram atônitos os que presentes estavam, e a sua tristeza convertida em alvoroço.

S. Malaquias lhe deu a Unção imediatamente, porque sabia muito bem que este sacramento redime os pecados e que o corpo recebe o alívio que lhe convém. A dama para maior glória de Deus recobrou a sua saúde, e viveu algum tempo para cumprir a penitência que Malaquias lhe tinha imposto: depois recaiu na sua enfermidade e partiu deste mundo com todos os socorros da igreja.

O zelo de Malaquias para restituir o seu antigo resplendor à Igreja irlandesa o moveu a meditar uma viagem a França, com intento de falar com o Papa Eugénio III, que tinha passado então aquele reino. Antes que chegasse a França voltou o pontífice a Roma; porém Malaquias determinou não cruzar os Alpes sem visitar primeiro os seus amigos de Claraval. Aqui chegou em o mês

de Outubro do ano de 1148, e foi recebido com alegria grande por S. Bernardo e seus monges, em cuja feliz companhia havia de acabar em pouco tempo a sua mortal peregrinação. Havendo pois celebrado missa com a sua costumada devoção em a festividade de S. Lucas, foi assaltado de uma febre que o obrigou a cair na cama.

Os monges foram sumamente vigilantes na sua assistência; porém ele lhes dizia que toda a diligência que punham era baldada porque não havia de melhorar: pelo que S. Bernardo não duvida que o Santo teve revelação do dia da sua morte.

Sem embargo do quanto estava enfermo e débil quis que o levantassem e o levassem à igreja para receber nela a Extrema Unção, e o Viático o que com efeito executou estendido sobre cinzas. Pediu encarecidamente a todos que continuassem as suas orações por ele depois da sua morte prometendo-lhes que ele se lembraria deles na presença de Deus; e repousou suavemente no Senhor no Dia de Defuntos, segundo de Novembro do ano de 1148 em 54 da sua idade e foi enterrado na capela de Nossa Senhora do Claraval e levado em ombrós de abades ao lugar do seu sepulcro.

Ao seu enterro se achou presente um manco de cujos braços se havia apoderado uma paralisia mortal, deixando-lhe aqueles membros inteiramente mortos. Chamou-o S. Bernardo e pegando-lhe no braço morto o chegou à mão do Santo com cujo contacto ficou inteiramente bom, com admiração de todos, como nos conta o mesmo Santo Padre.

Havendo cantado em seu funeral uma missa de Requiem pela sua alma, acrescentou S. Bernardo uma colecta implorando pela intercessão de Malaquias a graça divina: porque lhe foi revelada a sua glória em uma visão que teve no mesmo altar como refere o seu discípulo Geofredo, no livro quarto da sua vida. S. Malaquias foi canonizado por uma bula do Papa Clemente (III ou IV) dirigida ao capítulo geral cisterciense, em o ano terceiro do seu pontificado.

o primeiro amor de

Mademoiselle Caroline de Saint-Cricq levantou as mãos do piano, suspendendo a música, e ergueu os olhos, observando demoradamente o professor. Tudo nele era graça e distinção. Simultaneamente frágil e vigoroso, ele fascinava-a graças à sua juventude, à sua beleza, ao seu talento.

Chamava-se Franz Liszt e a música era a sua grande paixão. Supersticioso, estendera um dia a mão a uma cigana que lhe prometera numerosos amores, grandes viagens, uma existência de sonho, um regresso triunfal à Hungria. Fora isso na sua infância, não tinha ainda nove anos. E aos onze todo o mundo o conhecia e, em Paris e em Londres, era constantemente chamado para novos concertos. Mas, poucos dias antes de morrer, o pai disse-lhe: «Toma cuidado com as mulheres, elas dominar-te-ão, destruirão a tua vida». Liszt ficara perturbado por uns instantes. Depois esquecera: haverá alguma coisa melhor neste mundo do que ser dominado por uma mulher?

Caroline continuava a observá-lo com os seus olhos escuros, a sua face morena. Era filha do ministro francês do Comércio, pagava a peso de ouro aquelas lições.

Então Liszt estendeu as suas longas mãos para o teclado branco e negro. Começou a executar uma modesta barcarola de Auber e Caroline, recolhida, os olhos abertos umas vezes, fechados outras, as lágrimas no rosto, ouviu-o. Tinha apenas 15 anos e o seu pen-

samento fugia com a música para as planícies da Hungria onde o vento agitava os campos de trigo e as espigas de ouro, esse país maravilhoso onde desejaria ter nascido apenas porque era a terra de Franz.

Os ponteiros do relógio tinham ultrapassado há muito o momento em que a lição deveria ter terminado. A lição não terminara e lá fora, na outra sala, os outros alunos impacientavam-se. E cada novo dia a lição mais se prolongava.

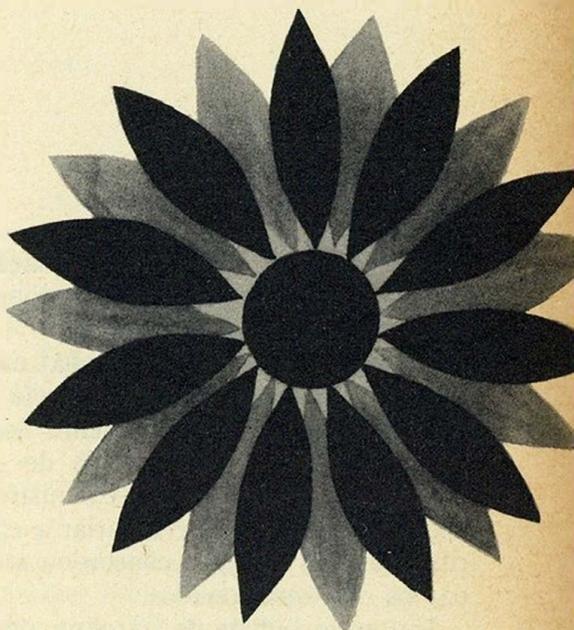
É que Franz e Caroline não se ocupavam apenas de música. **Mademoiselle** de Saint Cricq adorava a poesia, como Liszt, de resto. Era furiosamente romântico (e isso era próprio do seu tempo). Assim, com a sua voz harmoniosa e doce, lia ao compositor os seus poemas preferidos (Lamartine, Hugo), certa de que eram também os poemas que ele preferia.

No fundo do seu coração, Liszt ouvia-a cantar uma música mais tocante do que os harmoniosos arpejos que dos seus dedos saíam.

QUANDO OS ANJOS DA GUARDA MORREM...

A condessa de Saint Cricq, silenciosa testemunha dessas horas de poesia e de música, adivinhava o sentimento recíproco dos dois jovens. Tão romântica como a filha, desprovida de preconceitos, ela alegrava-se com

LISZT



essa descoberta, e na sua imaginação, via já Franz e Caroline unidos e eternamente felizes.

A romântica condessa tinha uma saúde frágil e delicada. Ciente de que já não teria a sorte de assistir ao casamento dos dois jovens, ela teve a ingenuidade de contar ao conde a sua descoberta. O ministro de Carlos X, não querendo contrariar a esposa moribunda, não se opôs, concordou até em ajudar os dois apaixonados.

Um curto bilhete de Caroline avisou, certo dia, Liszt de que o anjo da guarda da sua felicidade acabara de morrer. Na penumbra do grande salão em que tantas vezes, os risos de ambos haviam alegrado os lustres de Veneza e em que tantas harmonias haviam embalado os seus sonhos, Liszt foi encontrar uma rapariguinha abatida pelo desgosto, mas cujos olhos toldados de lágrimas exprimiam uma ardente esperança.

Pela primeira vez eles abraçaram-se.

Para evitar que os seus alunos esperassem inútilmente por ele passou a visitar Caroline todas as noites. O piano ficava sempre fechado. Com um acento inimitável, numa linguagem nítida, precisa e pitoresca, Liszt contava a sua maravilhosa vida, os seus primeiros concertos, as suas esperanças. Caroline ouvia-o encantada.

Ambos possuíam o segredo das longas esperanças. Os dois não somavam trinta anos. E embora os seus desejos não fossem imediatamente realizáveis, a alegria de se encontrarem todos os dias compensava-os suficientemente.

Por muito absorventes que fossem as ocupações do Senhor ministro nem por isso ele deixava de ser informado das longas lições de Liszt. Avisado pela própria esposa do que se passava com a filha, ele não podia duvidar dos motivos que levavam Liszt a visitar a filha. Menos romanescos do que a condessa o ilustre ministro não estava disposto a permitir aquele casamento.

Certa noite, o senhor Liszt foi oficialmente informado de que as lições de piano a *Mademoiselle* de Saint-Cricq tinham terminado.

Franz recebeu esse golpe sem pestanejar: sem um último adeus ele deixou para sempre aquele salão onde conhecera alguns dos mais belos momentos da sua vida. E, não podendo obter do mundo a felicidade que havia esperado, voltou-se para Deus e decidiu professar.

UM CASAMENTO INESPERADO

Porém, o abade Bardin aconselhou-o a reflectir maduramente antes de dar um tal passo. E disse-lhe: «há muitas maneiras de servir a Deus. A Arte é uma delas...».

Entretanto Caroline — bons tempos esses do romantismo! — caía gravemente doente, desesperada por não ver o homem dos seus sonhos. Mas curou-se — porque mesmo no século XIX os apaixonados se curavam... Depois da cura, uma crise de misticismo, à semelhança do que sucedera com Liszt. Mas aqui, de novo, o pai se opôs à filha, não a deixando ingressar num convento. E o tempo



A condessa d'Agoult

passou. Depois da crise de misticismo que sucedeu?

Sucedeu que o ministro de Carlos X se lembrou que tinha um amigo muito bem situado e rico. E que esse amigo tinha um filho de vinte e sete anos que é a idade casadoira por excelência dos homens.

Encontraram-se os dois amigos e combinaram o casamento dos filhos, sem mesmo se clarem à curiosidade de perguntarem aos interessados se concordavam com isso.

E desta maneira a gentil Caroline de Saint-Cricq tornou-se **Madame** Bertrand Dartigaux.

Franz Liszt (que ignorava ainda que viria a apaixonar-se muitas vezes) sentiu que a vida perdera para ele todo o sentido. Abandonou as suas lições, fechou-se no seu quarto e caiu seriamente doente. Ficou numerosos dias estendido na cama, sem abrir as janelas, sem receber ninguém. E a pouco e pouco espalhou-se a notícia de que morreria. A sua mãe, o seu amigo Christian Urhan, primeiro violino da **Ópera**, procuravam «ressuscitá-lo». E um dia em que se achou um pouco melhor arrastou-se até ao piano e tocou o **Convite à Valsa** de Weber. Sentiu-se renascer para a vida. Depois leu apaixonadamente **Le génie du Christianisme**, René, etc., Hugo, Lamartine e Lamennais tornaram-se seus amigos.

Depois... Certa noite, na casa de Chopin, em ameno convívio com Georges Sand, Delacroix, Meyerbeer e outros, e enquanto o dono da casa interpretava uma das suas sonatas, Franz Liszt surpreendeu no espelho da cha-

miné um delicioso rosto de mulher: a condessa Marie d'Agoult.

Dentada de cão mata-se com o pêlo do mesmo cão... Era um novo destino que se abria diante dele.

A VIDA QUOTIDIANA, O HÁBITO...

Dezasseis anos se passaram. Na província, uma jovem mulher que chorava mais do que sorria, acompanhava febrilmente nos jornais a carreira triunfal de Franz Liszt. Ela comprava todas as obras do mestre e decifrava-as depois no seu Pleyel.

Quando a noite caía, os olhos postos na imponente cadeia dos Pirenéus, ela sonhava com esse moço loiro cujos traços fisionómicos a sua memória guardava com uma nitidez absoluta.

Seria ele feliz? — perguntava Caroline. Para ela não havia dúvidas possíveis. Dartigaux não lhe dera a felicidade, nem era possível que lha desse, de resto.

Feliz? Não, Liszt não fugia à regra de todos os mortais: era infeliz... Marie d'Agoult também não lhe podia dar a felicidade, apesar de tudo quanto nela havia de romanesco.

Passada a paixão dos primeiros tempos, a vida quotidiana, o hábito que tudo uniformiza, haviam esmagado a frescura das relações entre ambos. Barbey d'Aurevilly dizia de Marie d'Agoult (mas a verdade é que a detestava): «Ela não compreende as almas ardentes». E Franz Liszt tinha uma alma ardente. Em 1844 romperam um com o outro.

Talvez porque Caroline não tivera tempo para o desiludir e lhe fugira no momento em que tudo parecia um mundo de promessas. Liszt pensava muitas vezes na sua antiga aluna. Revê-la, poder dizer-lhe tudo quanto não pudera exprimir-lhe após o brutal gesto que os havia separado, era para Liszt um desejo irreprimível. A solução mais simples era esta: dar um concerto em Pau, a terra em que Caroline vivia.

E quando a 3 de Outubro o *Mémorial des Pyrénées* anunciou o concerto de Liszt, o coração de Caroline Dartigaux começou a bater com uma vivacidade singular.

Caroline sabia que Franz vinha tocar para ela. Parecia-lhe que a sua vida se imobilizara em 1828 e que ia recomeçar exactamente no ponto em que se suspendera. Sonhava ela com Liszt ou com uma nova vida possível quando o choro duma criança a acordou. Ah, a vida era muito diferente do sonho...

FOLHAS DE OUTONO

Quando Liszt entrou na sala de concertos descobriu-a imediatamente na segunda fila da plateia. Estava vestida de cinzento (cinzento era o seu destino) e conservava o mesmo rosto (apenas um pouco mais triste), o mesmo corpo de adolescente.

A abertura de *Guilherme Tell*, o *Convite à Valsa*, o estudo de Chopin, a fantasia sobre *Robert le Diable* toda essa música era dirigida a Caroline. E na sala havia apenas dois seres: ao piano um artista genial, na plateia uma mulher que chorava o desastre da sua vida.

A 10 de Outubro, Franz Liszt foi visitar Caroline Dartigaux. Vista mais de perto ela não tinha esse corpo de adolescente que na noite do concerto parecera a Liszt, nem conservava o mesmo rosto. Pelo contrário: adquirira a maturidade própria das mulheres de trinta anos. Mas conservava e fora isso de certo que de princípio o enganara — a antiga melancolia, agravada talvez pelos desgostos.

Quanto a Liszt perdera também o aspecto jovem. O seu rosto alongado tornara-se anguloso, a vasta cabeleira era agora grisalha, e dava-lhe uma certa semelhança com Bonaparte (tal qual David o pintara aquando da campanha de Itália).

Observaram-se um longo momento, com a voz embargada pela emoção. Depois Caroline contou-lhe tudo o que ele adivinhara já: a longa desesperança que era a sua vida.

— Não se esqueça de mim — pediu-lhe. E meigamente, numa ingenuidade que confundia misticismo com amor terreno, numa ingenuidade quase sacrílega: «Conservo piedosamente no meu coração os seus mais pequenos gestos, tal como o fazia a Virgem com as palavras do Seu Divino Filho».

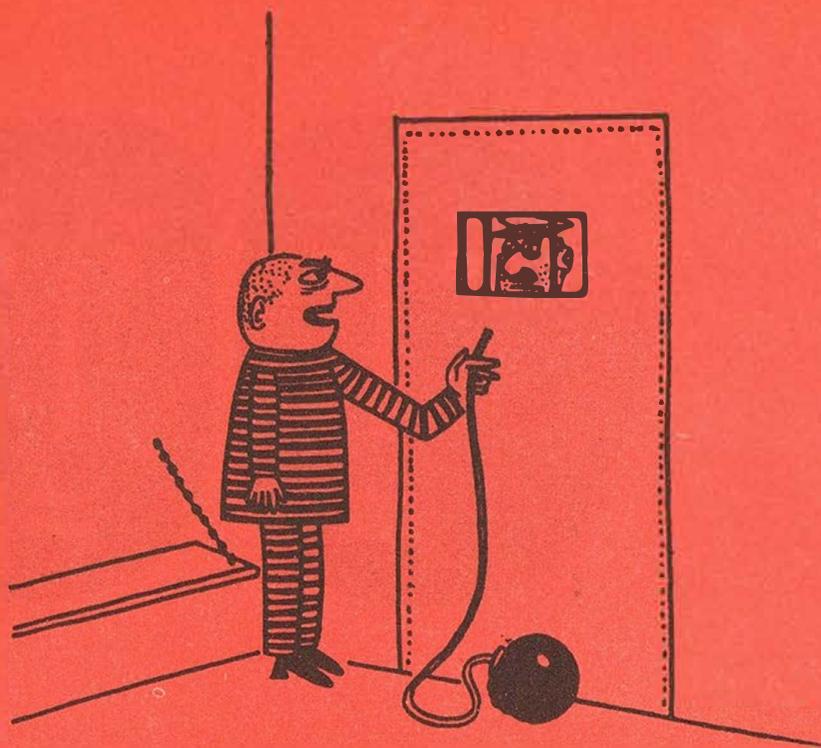
A tarde caía, Franz e Caroline caminhavam docemente nas alamedas do parque. As folhas de Outono turbilhavam no ar até que caíam sob a terra e, ainda vivas, eram espezinhadas, mortas pelos do's apaixonados sem esperanças. Entre eles eram maiores os tempos de silêncio do que as palavras.

A 11 de Outubro Liszt deu um segundo concerto e entregou-se a uma dessas fantasias que lhe eram familiares: servindo-se de melodias populares, improvisara a seu bel-prazer. Dessa vez o tema escolhido foi: *Au clair de la lune, mon ami Pierrot*.

Porquê essa escolha? Porque vira no Pleyel de Caroline uma colecção de melodias populares aberta precisamente naquela canção. E assim, e de novo, era para Caroline que Franz se exprimia. Aquela música, aquelas variações eram a única linguagem que em público ele lhe podia dirigir.

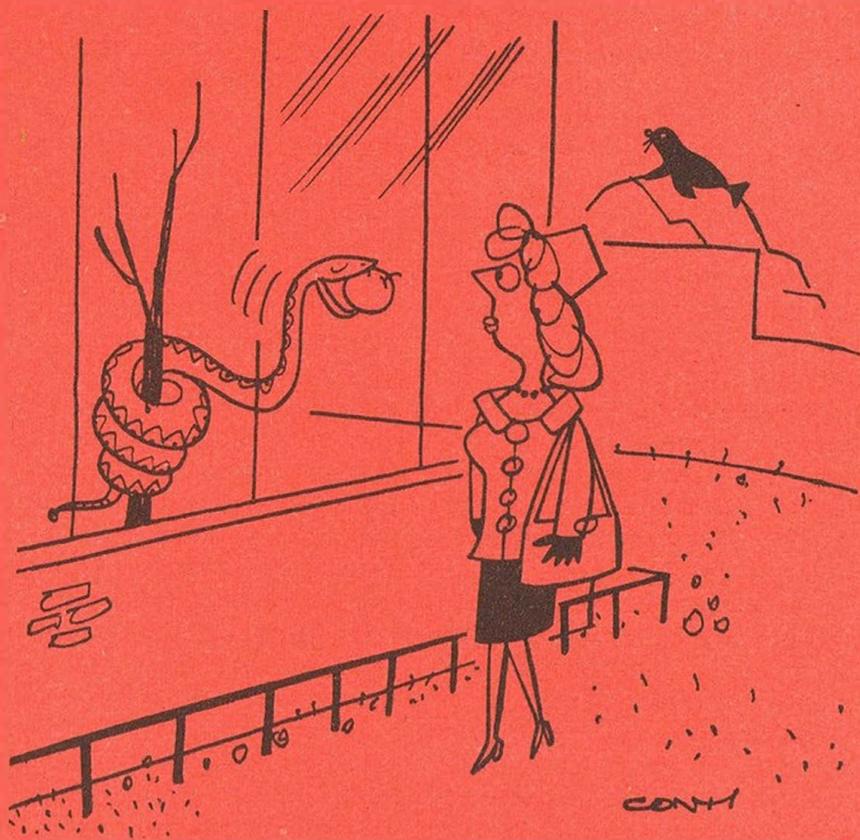
A 17 de Outubro, Lady Fitz-Gerald, uma irlandesa riquíssima, pediu-lhe que desse nos seus salões um concerto de caridade. Foi esse o último concerto em Pau, a última vez que Caroline ouviu o piano de Liszt. Depois, despedida; nova visita a casa de Caroline, um beijo na mão que ela lhe estendia...

Três anos mais tarde, durante um concerto em Kiev, Liszt encontrou uma princesa polaca que se chamava Caroline. E a partir desse dia Franz Liszt e a princesa Sayn-Wittgenstein uniram-se para sempre. Mas essa ligação não excluía o culto do passado: Franz contou à sua princesa a triste história do seu primeiro amor. E, evocando saudosamente Caroline de Saint-Cricq, dizia-lhe: «O pai fez-nos mal com as melhores das intenções. Tenho esperança de que um dia a possas conhecer, é mesmo a única pessoa que eu gostaria que conhecesses...».

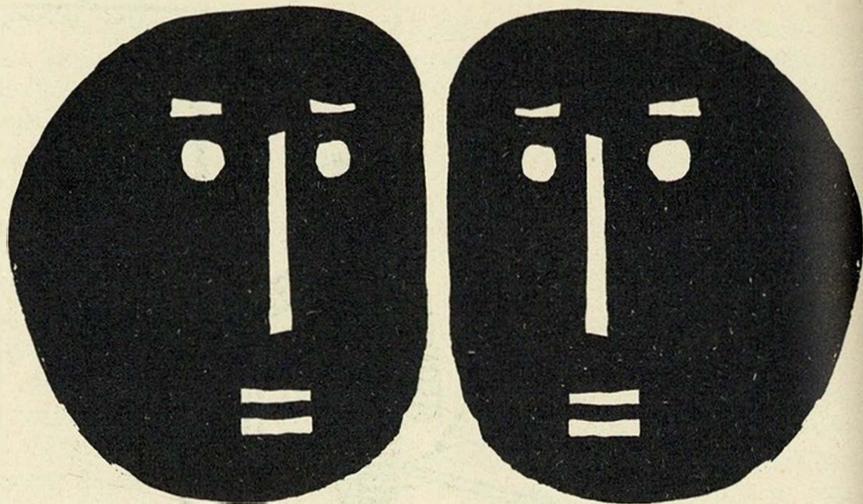


Mena.

— Dá-me lume?



Sem palavras



A leitora é casada, oscila entre os 35 e os 39 anos, e tem oito filhos? Nesse caso conta-se entre as mães que têm mais possibilidades de ter gémeos! Seguem-se as da mesma idade que já tiveram sete filhos, depois as que já tiveram seis, e assim sucessivamente. Enfim, chega a vez das mães de 30 a 35 anos com oito filhos, seguidas das da mesma idade que têm sete, seis, cinco, etc. Se já ultrapassou os trinta anos ou se já teve mais de oito partos únicos, as suas probabilidades de ter gémeos diminuem sensivelmente.

Estas afirmações resultam de um estudo recente, muito aprofundado, de cerca de 3.000 casos de gémeos, assim como das estatísticas da natalidade referentes aos últimos dez anos.

Mas, atenção: tais conclusões aplicam-se apenas aos gémeos biovulares (ou dissemelhantes). Quanto ao nascimento de gémeos idênticos, acontece mais ou menos, uma vez em três nascimentos desta espécie e a maior parte das mães têm as mesmas possibilidades de os ter em qualquer idade.

O nascimento de gémeos de um ou outro tipo, biovulares ou idênticos, produz-se mais ou menos uma vez em 87 nascimentos normais. O nascimento dos triplos acontece uma vez em 87×87 nascimentos, a de quádruplos uma vez em $87 \times 87 \times 87$, etc. Os cálculos de Hellin (o homem que descobriu esta lei) foram considerados aproximadamente exactos para um conjunto bastante vasto de estatís-

ticas, se bem que se constatem certas diferenças quanto à frequência de gémeos entre as diversas raças e países.

VITÓRIA PARA OS NEGROS

Os negros americanos parecem ter entre todos os grupos étnicos civilizados, a taxa mais elevada de nascimentos de gémeos e os japoneses a mais fraca, com 35 casais de gémeos em 10.000 nascimentos.

Nos Estados Unidos mais ou menos uma vez em 86 a 88 partos, nascem gémeos e um americano em cada 44 gémeos. Nos países particularmente quentes a proporção dos gémeos tende a diminuir ao passo que nos países do Norte, mais frios, o número de gémeos aumenta, atingindo uma percentagem mais elevada nas populações do extremo norte, tais como os esquimós e os lapões. Dir-se-ia que a Natureza encontrou aí uma maneira de salvaguardar as populações das regiões árticas, onde as condições de sobrevivência são menos favoráveis que noutro sítio.

Os gémeos nascem normalmente de duas maneiras diferentes, que correspondem aos dois tipos distintos de gémeos universalmente reconhecidos.

Se dois ovos produzidos separadamente são fecundados ao mesmo tempo, podem desenvolver-se lado a lado nas entranhas da mãe e produzir duas crianças vulgares. Trata-se

não queira ser gémeo!

do tipo mais comum de gémeos, os gémeos biovulares.

Os gémeos idênticos (univulares) resultam por outro lado da subdivisão de um ovo único, que se divide em dois embriões depois da fecundação.

Não se sabe ao certo de que maneira se produz esta estranha divisão, uma vez que só é possível constatar a sua existência quando os embriões sobreviventes nascem juntos como gémeos.

É possível que uma tal divisão seja mais frequente do que se supõe e que o mais vigoroso dos gémeos suprima a vida do seu co-embrião, que, finalmente, desaparece absorvido por via sanguínea. Sabemos que este fenómeno se produz efectivamente, porque, às vezes, o gémeo eliminado não é absorvido, mas aparece, na altura do nascimento da criança viva, sob a forma de uma estranha múmia toda encolhida.

Quando esta divisão é incompleta, o que acontece raramente (uma vez em 10.000.000 de nascimentos) os dois bebés que nascem são chamados siameses, ligados pelo tronco.

GÊMEOS NASCIDOS COM O INTERVALO DE UM MÊS

Sobrevivem em menos de um caso por cinco e, mesmo actualmente, menos numerosos ainda são aqueles que sobrevivem de-

pois da separação por meio de uma intervenção cirúrgica.

Às vezes também, a seguir a uma divisão incompleta do ovo, partes consideráveis dos gémeos permanecem unidas, do que pode resultar duas cabeças sobre um único tronco, ou um tronco com quatro braços e quatro pernas. Estes deploráveis caprichos da natureza acontecem rarissimamente.

Os gémeos — é um facto bastante conhecido — não nascem sempre um imediatamente a seguir ao outro. Registaram-se numerosos casos em que um ou dois dias separaram o nascimento de gémeos, e, noutras circunstâncias (muito excepcionais), o intervalo pode ser de um mês inteiro.

O intervalo maior entre o nascimento de gémeos foi observado, há uns anos, numa mulher da Índia, cujos filhos nasceram com quarenta e cinco dias de intervalo.

Os gémeos biovulares podem habitualmente distinguir-se à primeira vista dos gémeos idênticos, que são muitíssimo semelhantes.

Os gémeos biovulares são invariavelmente dois indivíduos completamente independentes cujo único traço comum é o de serem filhos da mesma mãe e de se terem desenvolvido simultaneamente no seio materno. Podem ser — e são-o geralmente — de sexo diferente e, como vimos atrás, o seu dia de nascimento pode não ser o mesmo. Teoricamente, também, podiam ter pais diferentes.

Prosseguem as pesquisas sobre a questão

dos gémeos idênticos, mas parece actualmente tratar-se de uma predisposição directamente herdada das mulheres e nunca dos homens. Por isso, este fenómeno é inteiramente feminino. Uma mulher que faz parte dum casal de gémeos biovulares terá mais facilmente gémeos que outra qualquer mãe que não seja gémea. Mas um homem que faça parte de um casal de gémeos idênticos não tem mais probabilidades que outro qualquer de ser pai de gémeos.

Não está estabelecido que a predisposição em ter gémeos idênticos, seja de forma alguma hereditária.

Mulheres de certos países tiveram três casais de gémeos idênticos e, bastante recentemente, uma mãe italiana teve, pela sexta vez, gémeos.

Por outro lado, há muito tempo, uma mulher siciliana ficou célebre na história da obstetrícia por ter dado à luz onze casais de gémeos idênticos durante onze anos. Em 1929, uma mãe americana estabeleceu um **record** de um outro género dando à luz dois casais de gémeos nesse único e mesmo ano. Uma mulher, sem outros filhos, teve dois casais de gémeos idênticos em quinze meses, enquanto uma mulher inglesa deu à luz três casais destes gémeos em pouco mais de três anos. Todos estes casos mostram que existe, em certas mulheres uma predisposição marcada para darem à luz gémeos biovulares.

O ERRO DE SHAKESPEARE

Um ovo fecundado, ou um embrião com alguns dias apenas, divide-se em duas metades, metades essas que se tornam a formar cada qual numa individualidade completa, se bem que estreitamente ligada à outra. Os gémeos idênticos devem pois ser do mesmo sexo; e mesmo que não se pareçam à nascença, o seu desenvolvimento segue sempre caminhos paralelos e geralmente assemelham-se a tal ponto, que os estranhos e por vezes os próprios amigos encontram dificuldades em os distinguir.

Chegamos assim a um dos testes mais seguros para estabelecer, exteriormente uma distinção entre os dois tipos de gémeos. Os gémeos idênticos podem substituir-se e inverter os seus papéis sem que ninguém se aperceba disso, ao contrário do que sucede com

os outros. Desta forma, quando Shakespeare, na **Noite de Reis**, faz passar Viola pelo seu irmão gémeo Sebastião, comete um erro, pois os gémeos idênticos são sempre do mesmo sexo.

A estranha ligação que existe entre estes últimos não enfraquece geralmente com a idade. **Sir Francis Galton**, o célebre especialista das questões de hereditariedade que fundou a ciência moderna do eugenismo, estudou durante toda a sua vida os gémeos, confirmou que se encontram frequentemente casais de gémeos idênticos que praticamente não podem ser distinguidos um do outro.

Galton cita o mesmo caso de uma rapariga que se dirigiu à sua imagem no espelho, acreditando falar com a sua irmã gémea.

Sejam quais forem os estreitos laços que possam existir, física e mentalmente entre gémeos idênticos, a sua existência em condições e meios totalmente diferentes não evitaria que evoluíssem de maneira análoga, tanto física como psicologicamente, à medida que os anos passassem.

Alguns até teriam tendência para se parecer cada vez mais na velhice, o que mostra que certas similitudes genéticas entre gémeos só aparecem na idade avançada.

Se podem existir entre gémeos idênticos diferenças psicológicas de importância secundária e divergências de interesses, as características essenciais da sua personalidade concordam invariavelmente. Assim, um gémeo idêntico que sofra de neurose, um artista, ou um doente mental, tem na vida um companheiro apresentando os mesmos traços de carácter e a mesma atitude. As observações feitas sobre os gémeos parecem confirmar a ideia de que o nosso comportamento psicológico tem, em bastantes domínios importantes, uma origem genética.

IRMAOS SIAMESES

O tipo de gémeos mais estreitamente ligados, no sentido literal da palavra, é o dos infelizes gémeos siameses — felizmente raros hoje em dia — cujo horrível destino perturba especialmente a imaginação popular. E: o nome foi dado, primitivamente, aos gémeos de sexo masculino, Chang e Eng, nascidos no Sião em 1811 de mãe chinesa. Eram unidos levemente em viés, por uma espessa tira de carne.

A mãe vendeu-os como fenómenos a uma mulher que os exibiu na Europa. Por fim passaram para as mãos de Phineas T. Barnum e viajaram com o seu circo durante vários anos. Estabeleceram-se na Carolina do Norte, casaram respectivamente com duas irmãs e tiveram, cada um, vinte e dois filhos, todos normais com excepção de dois surdos-mudos. Perderam a sua fortuna durante a Guerra Civil e morreram em 1874. Um morreu devido a excessos de bebidas, o outro seguiu-se-lhe duas horas e meia mais tarde.

Quando estavam a ser exibidos em França, as autoridades recusaram-lhes a autorização, pois pensavam que todas as mulheres grávidas que os vissem arriscar-se-iam a dar à luz crianças semelhantes.

Em seguida, duas irmãs siamesas, as inglesas Hilton, não obtiveram permissão para se casarem quando pediram autorização.

Mas estes casos não foram os primeiros a aparecer. Numerosos documentos históricos indicam que na Idade Média, na pequena aldeia de Biddenden, Kent (Inglaterra), Elisa e Mary Chulhurst nasceram ligadas pelas ancas. Viveram até aos trinta anos e foram muito úteis à sua aldeia; deixaram terras cujos rendimentos eram consagrados a uma distribuição anual de bolos aos pobres, cerimónia que ainda hoje é observada.

Os gémeos nem sempre são considerados como uma bênção!

Muitas tribos primitivas foram incapazes de compreender o fenómeno dos nascimentos múltiplos.

Em certas colectividades, a mãe dos gémeos era estigmatizada como tendo sido infiel e os filhos condenados à morte, pois acreditava-se que o marido não podia ser pai de dois filhos ao mesmo tempo.

Outros povos recusavam à mãe a faculdade de tratar dos dois filhos. Os aborígenas australianos observam ainda este costume, sendo uma das crianças entregue a uma outra família.

A história está cheia de exemplos em que povos mais inteligentes consideraram os gémeos com admiração e respeito, honrando-os particularmente por causa da sua grande semelhança. A mitologia de numerosos países é rica em maravilhosas histórias sobre gémeos heróicos e admirados por todos.

Certos membros do corpo médico pensam que os enxertos de tecidos feitos no corpo humano, tais como o enxerto de glândulas e de outros órgãos de uma pessoa para outra e que até aqui não obtiveram êxito, seria muito mais simples de realizar em gémeos idênticos. No entanto, numerosas experiências são ainda necessárias antes que a exactidão desta teoria possa ser reconhecida.

Os homens manifestaram sempre um interesse particular em relação aos gémeos, sobretudo aos gémeos idênticos e a ideia de seres humanos em exemplar duplo excita a imaginação popular.

Durante séculos, este interesse manifestou-se em dois planos diferentes: o plano popular e o plano científico; hoje em dia, estes dois planos coincidem de maneira útil. É desta forma que as associações de gémeos auxiliam as investigações médicas oferecendo um abundante material de observação, representando todas as idades e todos os géneros de vida.

OS GÉMEOS TÊM DIFICULDADE EM TRIUNFAR?

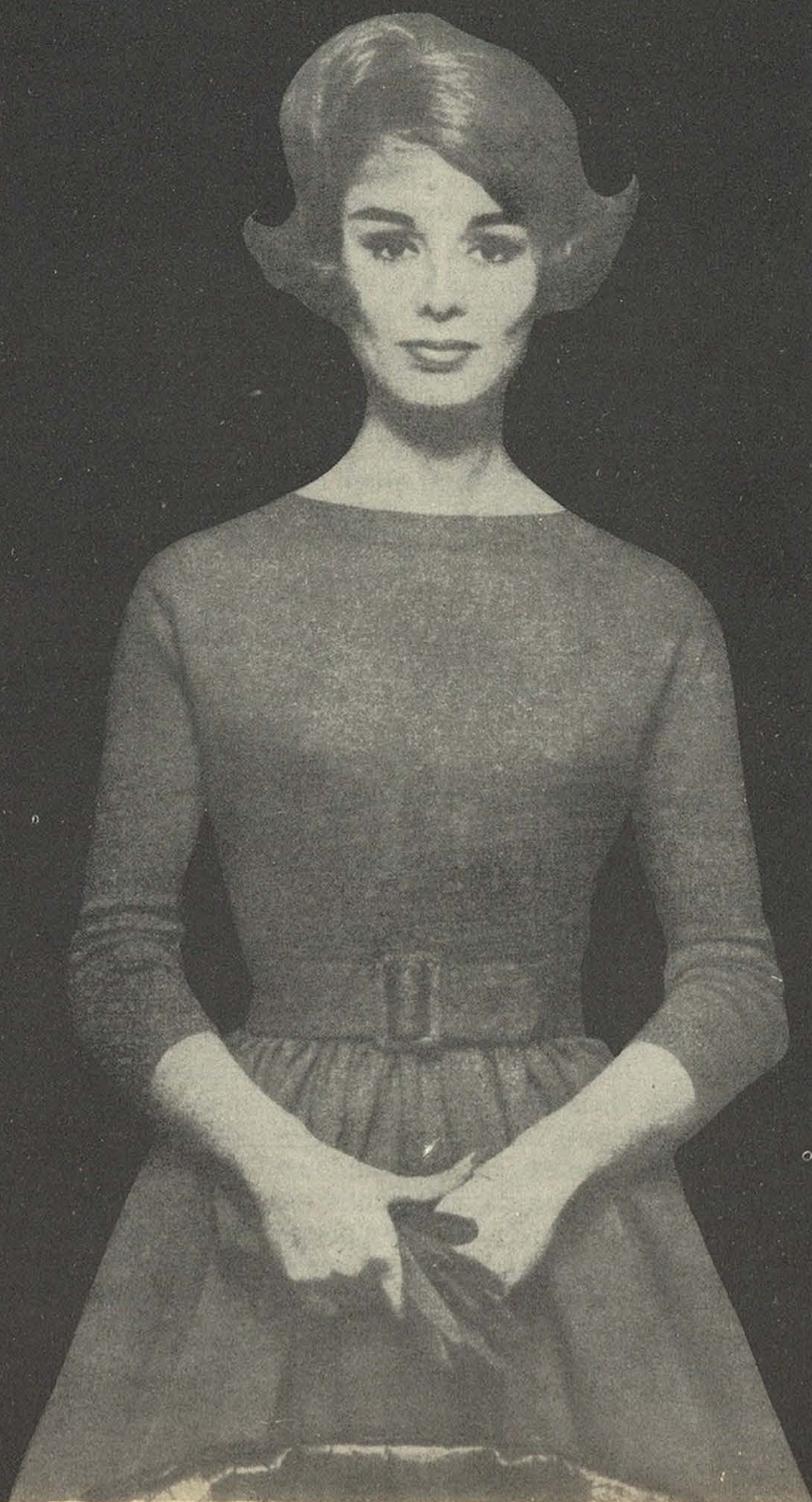
O Governo soviético tem em Moscovo um Instituto de Gémeos, destinado a facilitar as investigações sobre os problemas de genética e de eugenismo que os gémeos suscitam.

Existe, nos Estados Unidos, uma associação nacional de gémeos que organiza um rallye anual dos gémeos vindos de todas as partes do país e que dá um prémio ao casal de gémeos mais novo, ao mais velho, ao casal mais sedutor e ao mais parecido, etc.

O estudo dos gémeos mostra que a hereditariedade detém a chave dos nossos destinos.

Um outro facto interessante, confirmado por todos os observadores, é o de que na sua existência, os gémeos quase nunca conseguem alcançar posições importantes. Esta particularidade é em parte devida à presença de um irmão gémeo ou de uma irmã gémea, o que cria entre os dois seres dependência recíproca demasiado grande. Ser gémeo parece pois, constituir um impedimento para um brilhante êxito na vida, seja em que domínio for. A iniciativa individual tende a falhar nos gémeos; precisamente devido à sua co-existência, contam demasiado um com o outro, para que a personalidade de cada um deles ultrapasse a média.

INTERVALLO



por Pierre de Saint-Sidon

Ouvindo o seu nome pronunciado num tom de simpatia, Aimée voltou-se para o jardim, suspendendo a marcha em direcção à porta.

— Bons dias...

— Bons dias — respondeu.

Ele aproximou-se com um sorriso. Vira-lhe sem querer o joelho, quando ela tirava um sapato para ajeitar melhor o calcanhar da meia.

— O seu suplício aproxima-se do fim. As crianças partem amanhã...

Disse-lhe que não havia nisso qualquer sacrificio? Não valia a pena... Ele insistiu:

— Mas ao menos poderemos contar consigo em Outubro?

— Não sei ainda...

Ele tinha o chapéu escondido atrás das costas e observava-a um tudo-nada perturbado. Aimée observou-o também e não podia impedir-se de o achar belo com os seus cabelos grisalhos, os seus lábios amargos, os seus olhos límpidos. «Precisamente o contrário do que eu sou — pensava Aimée —: morena, de olhos sombrios e brilhantes, miúda, de gestos alegres e vivos». «Para mais — escrevera a uma amiga, dias depois de ter começado a dar lições às crianças da Embaixada —, para mais, esse homem não deu ainda por mim. Quando um homem não dá por nós, mas é belo, ele ganhou já o nosso coração...». Muito perto dele, ela pensava agora nessa frase e sorria.

— Porque se ri? — perguntou ele.

— É por causa de Gosta que está ali a olhar-me cheio de medo. Com toda a certeza ele não estudou a lição...

No meio do jardim um rapazinho loiro avançava com o dedo no nariz. Quanto a Sigrid estava escondida atrás duma árvore, mas via-se-lhe esvoaçar o vestido azul.

O automóvel do embaixador acabara de parar em frente do portão. O *chauffeur* desceu para abrir a porta.

— Até à vista — disse ela, dirigindo-se para Gosta.

— Até à vista.

Voltando-lhe as costas, ferido pela maneira como ela o trocara por uma criança, ele chamou-a:

— **Mademoiselle!**

Ela viroⁿ se. O *chauffeur* continuava a esperar, com o boné na mão. O embaixador que pusera o chapéu na cabeça voltara a tirá-lo, aproximava-se de novo de Aimée.

— Não quer jantar comigo, para despedida?

— Se o deseja — disse ela, quase sem pensar.

Ele voltou a pôr o chapéu e entrou para o automóvel. Entretanto Gosta puxava-lhe pela mão.

— Bons dias! — disse ela — Vai procurar Sigrid, Arn e Christa... Já estamos atrasados...

Entraram em casa, foram para uma sala situada no rés-do-chão.

— Quem me vai recitar a fábula que eu mandei decorar?

— Eu! — disse Arn, a quem os outros lançaram um olhar furioso.

— Estou a ouvir-te...

— **Le Loup et l'Agneau**, fábula de La Fontaine — começou ele. — **Un agneau se désalterait...**

Aimée ouvia-o sem o ouvir e pensava no inesperado convite para essa noite. Deveria ter recusado...

— ...**Je tête encore ma mère... je tête encore ma mère...** — repetia Arn, como um disco velho.

Aimée sorriu e os outros três riram-se também. Mas Arn retomara o fio à meada.

— Muito bem — disse ela. — E tu, Gosta? Vamos conjugar um verbo. Qual há-de ser?

— O verbo amar. Eu amo-te, tu amas-me, ele ama-me...

— Não — interrompeu-o Aimée. — Esse verbo não que é muito difícil. O verbo **ler**...

Ao meio-dia vieram buscá-los. Aimée despediu-se deles. Quem sabe? Talvez nunca mais os visse... Tentou ser recebida pela mãe

deles, mas, como de costume, ela estava com dores de cabeça e não a podia atender.

Um sol de Julho, pesado, esmagador. Se ela pudesse partiria imediatamente para o Loire, sentar-se-ia a uma sombra com os pés mergulhados no rio. E deixaria Paris que ficaria como uma recordação e nada mais: um quarto de hotel medíocre no bairro Latino, os restaurantes baratos, as aulas na Faculdade...

Não, não devia ter aceitado o convite dele. Pelo menos não o devia ter aceitado imediatamente. Devia ter dito que já tinha combinado com uns amigos, que seria preciso avisá-los... E qual seria o restaurante que ele escolhera?

Às oito horas o carro de Peter Arbett parava à porta do hotel de Aimée. Às oito e cinco ela descia.

— Onde quer jantar? — perguntou ele.

— Não tenho a mais pequena ideia...

— Então escolho eu. — E depois: — Posso tratá-la por Aimée, ao menos nesta noite?

— Porque não?

— Então trate-me por Peter.

— Isso é mais difícil... Mas está bem...

— Eis-me em férias! E sinto-me terrivelmente feliz!

— Prometo chamar-lhe Peter, com a condição de ser o Peter a escolher o restaurante.

— Aceito a condição.

E sem mais comentários tomou a direcção do Cais Solférino onde esperaram por um **bateaumouche**.

— Acha boa a ideia?

— Magnífica! — E no entanto estivera ali no dia anterior com uns camaradas a festejar a passagem do ano.

O barco demorava-se, Peter e Aimée instalaram-se num pontão, debruçados sobre a água esverdeada e suja. Ficaram um longo momento em silêncio, quase tão intimidado ele como ela.

— Quer crer? Há muitos anos que não jantava assim com uma rapariga, fora de casa...

Ela sorri. Ele acabava de ter um gesto parecidíssimo com os gestos de Gosta. Um gesto pueril, um gesto de criança. Ei-lo admirado por se encontrar à noite com uma rapariga! Ontem, ela teria imaginado que todas as noites ele fugia de casa, incapaz de aturar a mulher e nas suas sempre eternas dores de cabeça. Mas aquela confissão desencansava-a, deu-lhe segurança. Tinha agora a

certeza de que ele lhe não preparara uma armadilha.

Instantes depois o barco acostava e Peter conduziu Aimée para uma das mesas da sala envidraçada da proa. Os motores começaram a trabalhar e o **Parisien** afastou-se lentamente do cais. Passaram sob as pontes, seguiram ao longo do rio, enquanto nos bancos das margens, numerosos pares de apaixonados se abraçavam. Naquela cabina envidraçada, isolados dos ruídos da cidade, Peter e Aimée fitavam-se com um sorriso. A **île de la Cité** avançava no meio do rio como a proa dum navio enorme. Uma lâmpada acendeu-se na mesa que eles haviam escolhido e um criado apresentou-lhes a carta. Aimée hesitava e foi ele que escolheu o jantar.

— Sinto-me feliz por ter sido eu que pela primeira vez a trouxe aqui — disse ele

Aimée limitou-se a sorrir.

Num gesto muito seu Peter passou os dedos pelos cabelos grisalhos. Ela pensou que ele parecia ter apenas trinta anos e que isso era um fruto do desporto: na realidade ele devia ter cinquenta.

— Olhe! — disse ela.

Notre-Dame surgiu imensa, recortada no Céu que escurecia.

— No princípio, quando cheguei a Paris, ia todas as tardes para as margens do Sena assistir ao anoitecer. Paris fascinava-me. É que, no fundo, sou uma provinciana...

— Eu também, eu sou um provinciano na vossa capital. Será por isso que me sinto tão bem em Paris?

Comeram enquanto o barco deslizava suavemente sob as águas mansas. Aimée bebeu **champagne** e as palavras tornaram-se-lhe mais fáceis:

— Nem sempre fui feliz aqui... Faltava-me...

— Alguém?

— Não... Eu ia dizer: «qualquer coisa», o que é um pouco mais do que «alguém». É muito aborrecido não ter dinheiro, é muito aborrecido não ter ninguém... Os dias parecem longos.

O barco passava agora em frente do Louvre cuja fachada brilhava sob a intensidade dos projectores.

— É estranho — disse ele. — Eu sou como a Aimée. Poderia ser feliz e não o sou... Também me falta qualquer coisa... Mas não esta noite.

Ele enchia-lhe gentilmente a taça de **champagne**. Um pouco de espuma transbordou e ele apanhou-a com um dedo. Depois molhou a orelha de Aimée com essa espuma.

— Permita-me... — disse. — Isto dá a felicidade..

Não chegava a ser uma carícia, era antes uma sensação de frescura. E Peter deixou aí a mão mais tempo do que devia.

— François faz o mesmo — comentou ela.

— François? Quem é?

— Um amigo de infância.

— Que faz ele?

— É matemático.

— Que sorte! Saberá medir a felicidade de ser seu amigo?

— Não. Por agora, ele mede a África.

— A África é grande! Eu nunca teria terminado...

— O pedacinho que ele mede é muito pequeno, ele chega dentro de três dias. Ele vive em frente da minha casa, mas do outro lado do rio.

— Está apaixonada por ele?

Aimée sobressaltou-se. Ele pediu desculpa:

— Perdão! Estou a ser indiscreto...

— Não, não está a ser indiscreto. Eu posso responder: creio que sim...

A mão do criado retirou o prato da sua frente e ela corou, não da confissão, mas por ter havido um estranho a ouvir aquelas palavras. Ultrapassaram a Concórdia e deslizavam agora para Auteuil, entre um comboio de casas novas e frias, à direita, e uma fila de fábricas, à esquerda.

— Porque me convidou esta noite? — perguntou ela..

— Porque gostei de a ver esta manhã.

— Esta manhã apenas? Há um ano que me vê quase todos os dias... Dir-se-ia que tem reflexos lentos... Não pode ser!

— Não...

— Então?

Aimée observava-o, mirando-o ousadamente. Ele não pestanejou.

— Quer saber a razão?

— Decerto...

— Porque, de manhã, quando se apoiou à parede para se descalçar, o seu joelho ficou por um momento à mostra... É o mais belo joelho que eu vi em toda a minha vida... Ele é...

— Obrigado, eu conheço-o...

Aimée gostaria de se mostrar zangada, mas não o conseguiu.

— Ficou aborrecida?

— Não.

Chegado a Saint-Clou o navio voltou para trás. A noite caíra sobre eles e a cabina envidraçada parecia deixar, atrás de si um reflexo de luz que agitava as águas negras do Sena.

— François... que prefere ele de si?

— Não prefere nada. Gosta de mim, e não apenas dos joelhos.

— Quando se casam?

— Qualquer dia... Mas estou a aborrecê-lo com esta conversa, não?

— De modo nenhum. Você é a primeira rapariga francesa que eu conheço. Talvez venha a ser a única. E eu julgarei todas as raparigas francesas por si...

— Responsabilidade tremenda!

— Não importa. Esta noite eu sou um homem feliz.

— Eu também: sou uma mulher feliz...

Ergueram os copos.

— À sua felicidade...

— À sua felicidade...

O barco regressou ao cais. Entraram para o automóvel que os esperava, seguiram pelas ruas quase desertas. Aimée não se reconhecia. Era tarde. Sem saber como confiara a Peter alguns segredos que de si mesma escondia. E de súbito disse-lhe:

— Gostava de dançar...

E, como se quisesse desculpar-se, poisou a mão no volante, ao lado da de Peter e deixou que ele a acariciasse.

Às seis da manhã atravessaram o Bois de Boulogne. Aimée, a cabeça apoiada nas costas do banco, via desfilar no fundo cinzento do Céu a ramagem das árvores. Ela dançara docemente nos braços desse homem que ainda mal conhecia na véspera, sentia-se feliz. Uma noite inteira passara, o mesmo encanto permanecia. E nem precisava de decifrar as palavras que ele lhe dizia, bastava-lhe ouvir o som um tudo-nada rouco da sua voz. Junto dele tudo lhe parecia maravilhosamente fácil. E essa felicidade perturbava-a: ela que dava lições para pagar os seus estudos, ela cuja mãe passava o tempo a falar de economias, ela que viria a casar-se com François, professor de Matemática em Ba-

mako! Mas agora — e súbitamente — assaltaram-na pensamentos amargos. A felicidade morre depressa.

Dirigiram-se às margens do Sena, entraram num pequeno café frequentado por marinheiros. A população dos arredores iniciava já o seu assalto à cidade: de bicicleta, de comboio, de automóvel. E quando de novo subiram para o automóvel ela apoiou a cabeça no ombro de Peter e fechou os olhos. Ele falava. De tempos a tempos, através da sonolência, Aimée ouvia palavras desligadas: «sentimento... feliz... tristeza... Verão... Outubro...». Ela teve consciência de que o automóvel estacara. Uns dedos acariciavam-lhe a testa:

— É a hora do deitar das crianças...

Tentou murmurar que não era uma criança mas ele beijou-a, cortando-lhe as palavras. Cheirava a tabaco e a um perfume que lhe ganhara já metade do coração ou mais do que metade do coração. Aimée abriu os olhos.

— Virás em Outubro? — perguntara-lhe ele.

— Não sei. Talvez.

— Promete.

— Não, prometer não prometo...

Ficou a ver o automóvel desaparecer na curva, entrou no hotel, tirou a chave do quarto, subiu as escadas, abriu a porta, despiu-se, deitou-se. Deitava-se não apenas para descansar, mas para recuperar em sonhos a felicidade que acabara de perder.

Chegou à Embaixada por volta das 3 horas. O calor abrasava-a, sentia-o subir do chão, atravessar-lhe as solas dos sapatos, queimar-lhe as plantas dos pés. Mas avançava com um passo decidido: «Voltarei, voltarei...». No seu saco havia uma carta de François, a última que ele lhe escrevia antes de regressar a França: falava-lhe dos futuros passeios de bicicleta, dos banhos no Loire (ele esperava que ela nadasse melhor do que dantes), das horas que passariam nos jardins... Casar-se-iam no fim do Verão. Sim,

essa carta torturava-a, teria preferido não a ler, teria preferido não a receber...

Agora, esperava na sala a dona da casa, a mulher de Peter. Ela surgiu quase inesperadamente. Disse-lhe:

— Aqui tem este sobrescrito. Quer verificar se as contas estão certas?

Aimée meteu-o no saco sem o abrir. Olhava para uma fotografia encaixilhada sobre uma mesa.

— Não descobre quem é? — ouviu perguntar.

— Parece Gosta e Sigrid... Mas ao mesmo tempo não parece...

A outra soltou uma pequena gargalhada.

— Não! Não! Não vê que sou eu e Peter, quando éramos crianças? Conhecemo-nos desde os três anos de idade... Não sabia?

— Não, não sabia.

— A Aimée é muito bonita. No meu país todos os homens se apaixonariam pelos seus cabelos escuros... De resto já fez uma conquista nesta casa...

Aimée encarou-a, perturbada.

— Sim — repetiu a outra. — Gosta, disse-me, antes de partir, que se casaria consigo quando tivesse vinte anos. Faltam dez! Ele é exactamente como o pai que aos dez anos dizia que se casaria comigo... E fui feliz. No nosso casamento não houve uma única nuvem... Não é extraordinário?

— Decerto...

— Podemos contar consigo em Outubro?

— Suponho que não...

— É pena. Sei de alguém que ficará terrivelmente desiludido...

— Quem? — perguntou Aimée com uma voz glacial.

— Gosta, quem havia de ser?

Aimée desceu as escadas, alcançou a rua, respirou fundo. O calor era sufocante. E de repente ouviu um trovão. Pouco depois começava a chover.

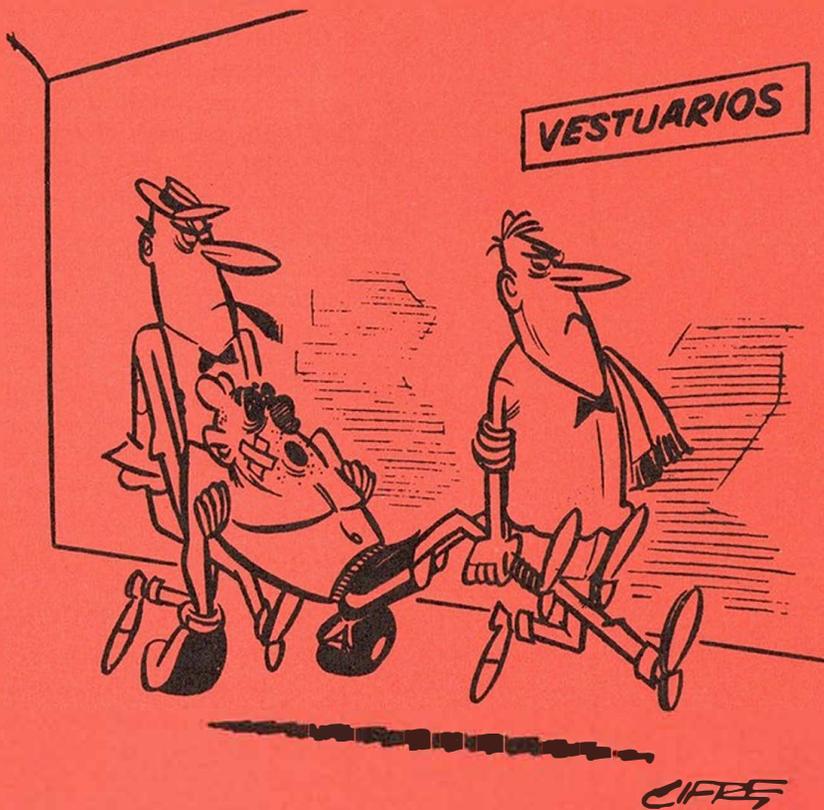
Tomou um táxi, abriu o saco, leu de novo a carta de François.

O comboio para o Loire partia dentro de uma hora.

fim



— Venha outro empregado!



— E a propósito! Quem foi que ganhou?

R

PEQUENO DICIONÁRIO DO TEATRO DE REVISTA

Revista — Espectáculo alegre em duas sessões; armações de cartão e contraplacado; «jóias» falsas que brilham como se fossem verdadeiras; ironia e sarcasmo ao alcance de toda a gente; pernas e raparigas bonitas; luzes e mais luzes; crítica maliciosa de costumes. **Para os tristes deste mundo** — Espectáculo colorido que faz esquecer a conta do gás, a chuva miudinha e o 5.º andar esquerdo. **Para os mal intencionados deste mundo** — Exposição de pernas e de corpos, venda a dinheiro e a prestações. **Para os ricos deste mundo** — Espectáculo «ordinário» onde se vai ouvir «boas piadas». **Para os intelectuais deste mundo** — Vergonha. Miséria intelectual. Demonstração da crise a que chegou o teatro.

Revista da «nova bossa». — Revista do nosso tempo. É da «nova bossa» por obrigação. Actualmente tudo tem de ser da «nova bossa» para triunfar. Há o samba da «nova bossa», o teatro da *nouvelle vague*, a revista da vaga nova. De novo não tem nada. Talvez se caracterize por ter raparigas mais bonitas, mais música e menos graça. A crítica dos costumes tende a desaparecer ou é tão subtil que só os actores compreendem. A graça ordinária está menos ordinária. A revista pretende transformar-se em «SHOW» de Broadway de Paris. Os «compères» já não servem para fazer rir — limitam-se a entreter o público enquanto se mudam os cenários.

Quadro. — Cenas subordinadas a uma ideia principal ou a uma graça que é preferida no fim. Conjunto de raparigas levantando as pernas ao mesmo tempo. Há medida que a revista se torna conhecida vão-se eliminando quadros.

«Girl». — Há! Há! Há! Rapariga que antigamente se exhibia bem e representava mal. A «pequena» do 3.º andar meia despida. Jovem que desejaria ter sido bailarina mas que ficou pelo caminho. Antigamente as «girls» não conseguiam dançar todas em unísono e, por esse motivo, entretinham-se





TR



a piscar o olho aos espectadores e a dar beliscões umas às outras. Actualmente já conseguem levantar as pernas ao mesmo tempo. Antigamente muitas das coristas eram entradotas. Era um dos encantos da revista. Os espectadores entretinham-se a reconhecê-las: Olha a Maria! Olha a Leonarda! Tudo isso acabou. As «girls» do nosso tempo são novas. Não piscam o olho. Não dão beliscões. Ninguém as conhece senão os espectadores das primeiras filas...

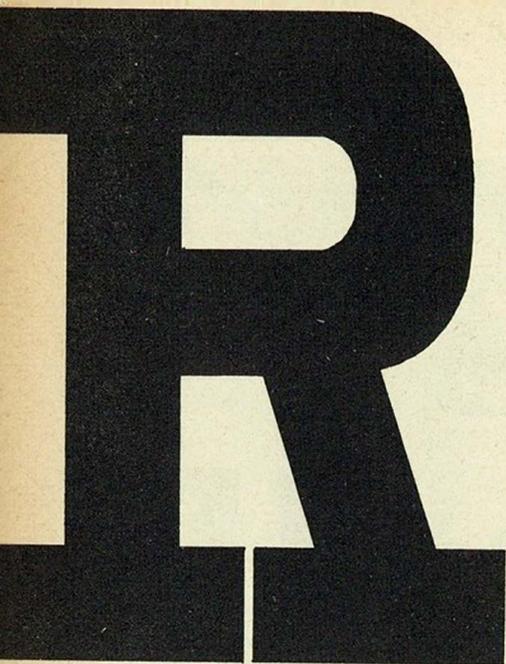
Raul Solnado, Humberto Madeira e Carlos Coelho. — Três novos que resolveram revolucionar o teatro de revista. Três actores cómicos de primeira qualidade. Três jovens que jogaram na lotaria e que ganharam.

Bastidores. — O mundo que o público não vê. O mundo dos actores, das «girls», dos bombeiros, dos cenários, dos camarins e do rapaz do café do lado que transporta permanentemente, tabuleiros com cafés. É um mundo dirigido por um ditador: o director de cena.

Camarins. — Pequeníssimos compartimentos onde os actores mudam de fato, conversam, descansam e fumam. Na parede do camarim do Solnado está um boneco feito a lápis, com objectos diversos, que representa o artista. É nos camarins que se caracterizam os actores e é, também, nos camarins, que discutem uns com os outros e que vão alterando a revista consoante as reacções do público.

Vedeta. — Estrela. Grande atracção feminina. Distingue-se das outras, logo à primeira vista, porque vem mais vestida. Por vezes canta e, por vezes, seria melhor que não cantasse. É a galinha da capoeira. O seu vestuário brilha mais e tem mais bocados de vidro do que o vestuário das outras. Varia de nacionalidade consoante a moda: umas vezes é espanhola e outras vezes é brasileira. Raras vezes é inglesa ou alemã. Quando é francesa canta sempre uma canção em português. Essa canção é sempre muito aplaudida porque o público interpreta o gesto da vedeta como sendo uma homenagem à nação e, como todas as homenagens prestadas à





nação são, por natureza, justas, o público comove-se e aplaude. (Coisas do público...) As vedetas de revista são, na sua própria opinião, grandes artistas, muito embora o público nem sempre o compreenda. Decoram os camarins com ramos de flores enviados pelos admiradores. Estes admiradores, evidentemente, ao enviar os ramos a que aludimos, prestam homenagem ao talento e às qualidades da vedeta. Seria injusto pensar que homenagear a ARTE (com maiúsculas) não é o único objectivo desses indivíduos. Por vezes surge uma vedeta com graça, frescura e alegria. É o caso da Milu que, na revista do Solnado, dá animação a muitos quadros e enche o palco com a sua presença cheia de vida e alegria.

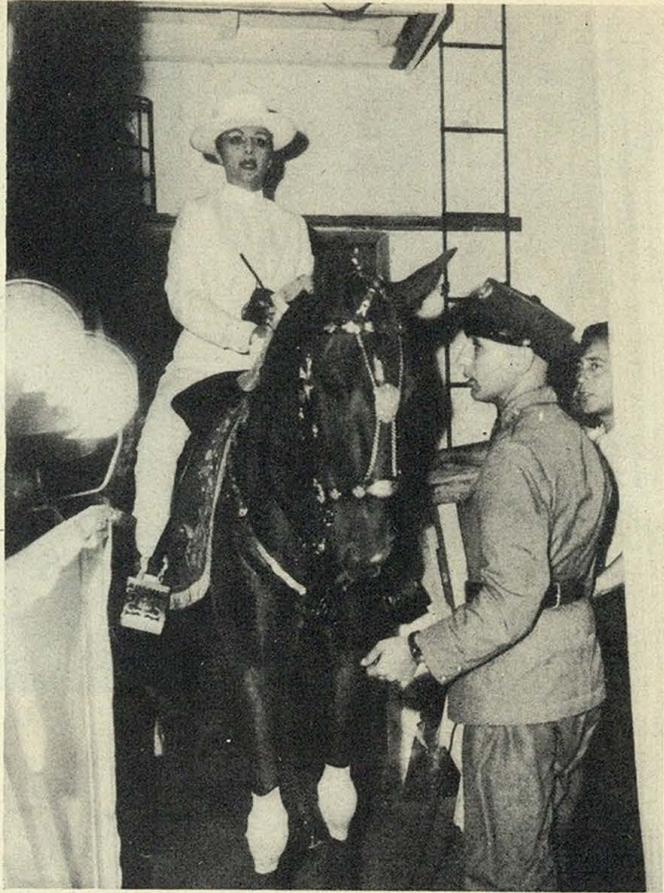
Primeiras filas. — As que ficam mais próximas do palco. São aquelas em que os lugares são mais caros. É nas primeiras filas que se arquivam os «interessados», os senhores com mais barriga do que cabelo, os casais burgueses que não dispensam o «teatro» uma vez por semana e certos jovens da «jeunesse dorée» que...

Intervalos entre as cenas. — Espaço de tempo que decorre entre as cenas. Mudam-se os cenários. Os actores e as actrizes aguardam o momento da sua entrada em cena. Fumam, discutem, conversam.

Apoteose final. — Fim da festa. A companhia junta-se toda no palco para se despedir do público. Os apressados levantam-se e incomodam os restantes. Ouve-se o bater das cadeiras.

Portas dos artistas. — Portas por onde saem (e entram) os figurantes. Muito frequentada por uns cidadãos em que o corte do fato compensa as deficiências da natureza...

Fim. — É o fim.



boémia de outros tempos

Portugal foi sempre um país muito atreito a divertimentos teatrais. Começou com Gil Vicente, fundador do nosso Teatro que em frente do venturoso Rei D. Manuel I, representou o célebre monólogo do **Vaqueiro**, esse espírito enciclopédico que era simultaneamente autor, actor e músico.

Mais tarde vêm os curiosos «Pátios das Comédias» na Mouraria, outro no sítio onde está actualmente o edifício do Tribunal da Boa-Hora, e ainda outro em um dos quarteirões da Rua Augusta chamado «Pátio da Praça da Palha». Em todos eles o povo se divertiu. Todos tiveram a sua época gloriosa.

Até que no século passado, há pouco mais de cem anos, o Barão de Roussado, um intelectual que chegou a ser cônsul de Portugal em diversas cidades estrangeiras, escreveu a primeira revista do ano de que há memória, chamada «Tossilismo e Progresso».

A curiosidade do público foi enorme porque se tratava de um género novo. Nela se comentavam episódios políticos e se caricaturavam várias figuras em destaque, especialmente o Marechal de Saldanha.

O alvoroço foi grande, alguns pretenderam que se conseguisse a proibição da peça, chegando a onda de protestos até junto do esta-

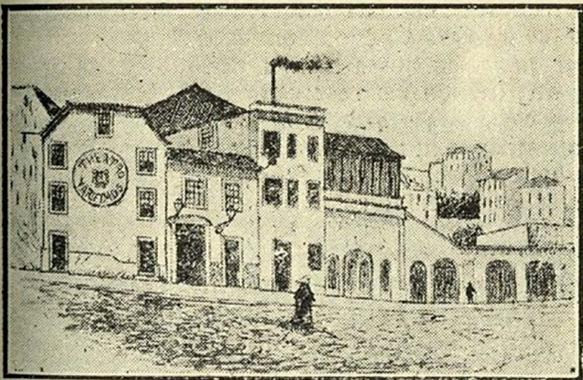
disto Rodrigo da Fonseca, então ministro do Reino. O ministro que era um espírito liberal, disse aos protestantes, sorrindo: — «Digam ao autor e aos empresários que tirem o Marechal e me ponham lá a mim. O público há-de gostar de me ver vestido de Raposa (era a sua alcunha). O que eu quero é que o povo se divirta e os artistas ganhem dinheiro».

Os protestos amainaram e a obra de Roussado fez larga carreira. Ainda vinha distante o tempo do cinema, da rádio e da televisão, concorrentes dos negócios teatrais e o público não tinha outro divertimento senão ir até ao teatro do Príncipe Real, simpático teatrinho que um afamado mestre-de-obras de apelido Ruas fez construir na Rua da Palma em 1865 e que era especialista nos chamados dramas de «faca e alguidar», puxando à lágrima das multidões ingénuas ou então ir de abalada até ao centenário Teatro do Ginásio que o dono de uma fotografia fez erguer no sítio onde está agora e onde as comédias do velho estilo, com elencos apropriados, faziam as delícias dos nossos avós.

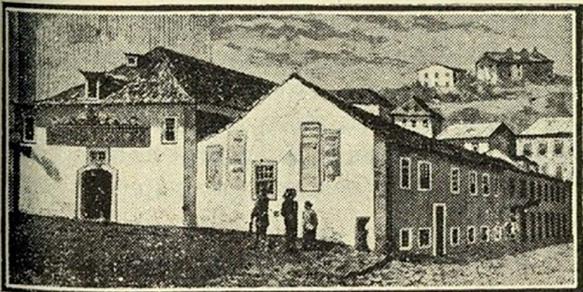
Além, na actual Avenida da Liberdade, havia o teatro da Rua dos Condes que tem uma história acidentada. Dava um capítulo.

OS TEATROS DO SÉCULO PASSADO

por **Lourenço Rodrigues**



Teatro do Salitre — demolido em 1879



O velho Teatro da Rua dos Condes, demolido em 1882

Em 1765, já existia um barracão mais ou menos no sítio de agora. Ali trabalhou a italiana Zamperini que estonteou meio Lisboa, rapariga aventureira que o Marquês de Pombal para evitar novos escândalos, mandou expulsar do Reino. Ali se exibiu uma companhia de estrangeiros que representava peças com bonecos.

A novidade despertou a curiosidade do público mas parece que os assuntos eram pouco morais porque o austero Intendente Pina Manique mandou proibir os espectáculos.

Lá se representou ópera debaixo da direcção de António Lodi, figura prestigiosa que interveio na construção do Teatro de D. Maria II e que foi também empresário do Teatro de São Carlos.

Nessa época perdeu grandes quantias o argentário Conde de Farrobo que fazia extravagâncias na montagem das peças, dando fabulosos ordenados aos artistas, pecha que ainda hoje existe, embora já não haja Condes de Farrobo perdulários... Até que finalmente, em 1888, no mesmo terreno, então propriedade do conhecido comerciante Grandela, apareceu o relativamente moderno teatro que nunca foi notável de bom gosto e que

há anos foi totalmente modificado numa sala de cinema.

O primeiro empresário desse teatro foi o Salvador Marques. Ali se representaram peças de todo o género, alternando os êxitos aos fiascos. Era das casas de espectáculo, uma de maiores tradições na cidade de Lisboa.

Em 1887, ao fim da Rua da Palma, num sítio agora esquadrejado de estabelecimentos comerciais e uma garagem de camionetas, abriu com grande agrado do público, o Real Coliseu de Lisboa.

Reinava el-rei D. Luís. O terreno vasto era do Conde da Folgosa. Várias companhias de circo ali trabalharam e também Salvador Marques, infatigável homem de teatro que foi empresário de quase todos os teatros, ali foi fazer negócios, associado ao ensaiador Pedro Cabral. Lá dirigiu uma companhia de que era primeira figura a actriz Mercedes Blasco.

Muita gente ainda se lembra desse edificio onde chegou a estar instalada uma secção de Encomendas Postais. Os edificios como as pessoas, têm a sua história e a sua cena. Muitas peripécias se passaram no Coliseu de Lisboa, até que o comendador António Santos tomou conta dele.

Um dia, há perto de cem anos, o laborioso empresário Francisco Palha, auxiliado com capitais da opulenta família Chamiço, Duque de Palmela, Ribeiro da Cunha e outros, conseguiu constituir uma sociedade com o capital de oitenta contos para construir o Teatro da Trindade.

Daí a dois anos, o teatro inaugurou-se com um drama de Ernesto Biestre que agradou bastante, sendo pateada uma comédia em um acto que completava o espectáculo. O teatro é dos mais afamados da capital. Ali trabalhou Rosa Damasceno, Tasso, Brasão, Queiroz, Isidoro e outros actores de nomeada, igualmente por lá passaram.

Não tem conta o número de artistas que ali se estreadam. Houve uma altura em que o Trindade era o teatro mais popular de Lisboa. Não havia provinciano que nos visitasse que não passasse por lá, muitas vezes indiferentes ao cartaz. Já no nosso tempo, o empresário José Loureiro alindou-o e continua a fornecer espectáculos teatrais ao público.

Sujeito a modificações constantes, há já 93 anos que naquele local funciona o velho teatro de saudosas recordações.

Falando de teatros centenários, temos de evocar a inauguração do Teatro D. Maria, inaugurado para festejar o aniversário da Soberana que lhe deu o nome.

Abriu com um drama histórico intitulado «Os Doze de Inglaterra». Na edificação deste teatro, cujos trabalhos estiveram várias vezes paralisados, foi notável o esforço de Almeida Garrett. Por intermédio deste distinto escritor se nomeou uma comissão composta do Conde de Farrobo, Rodrigo da Fonseca, Castilho e Caetano Marques para a construção do teatro. Foi aberta uma subscrição, por Suas Majestades que subscreveram com dez contos, tendo o Conde de Farrobo contribuído com doze. No fim de penosas questões felizmente sanadas, Lisboa conseguiu o magnífico teatro que ainda hoje possuímos e onde tem passado tudo quanto de melhor tem pisado os palcos portugueses.

Emília das Neves que seria grande em qualquer parte do mundo, ali acumulou diversas glórias. O período romântico hoje desaparecido, tinha ali a sua catedral nos saudosos tempos dos Rosas e Brasão. Muito ali se chorou de comoção pelos emocionantes dramas da época.

Já que falámos em teatros a quem as *élites* davam a sua preferência, temos de lembrar novamente o nome lendário do Conde de Farrobo que na sua linda quinta das Laranjeiras mandou construir um formoso teatro. Ali apareceu o gás pela primeira vez, quando ainda não era usado na iluminação da cidade.

Farrobo montou óperas, operetas e comédias com desusado rigor, chegando a mandar quebrar autêntica louça da Índia, sempre que a rubrica da peça o exigia.

Claro que a nossa melhor sociedade abrihantava com as suas interpretações ou com a sua frequência, os espectáculos. Em 1843, D. Maria II, o rei D. Fernando e toda a Corte assistiu à inauguração do Teatro das Laranjeiras que um terrível incêndio destruiu. O perdulário titular ainda pensou mandar reconstruí-lo, mas as suas loucuras tinham feito minguar os seus recursos que pareciam inexauríveis.

Tratemos agora de teatros populares. No Largo dos Jerónimos, em Belém, inaugurou-se em 1872 um teatro de que já falámos ligeiramente num dos nossos artigos. Tinha

o nome de D. Afonso, em homenagem ao segundo filho do rei D. Luís. Era um barracão deselegante explorado por um cabeleireiro do Calhariz.

Ali se deram espectáculos de todos os géneros numa época em que os pastéis de Belém custavam um vintém e uma geral no teatro custava apenas meio tostão. O barracão funcionou ainda dois anos.

Veio depois o «D. Luís» já mais elegante mas ainda com ar de barracão. Quase todos os artistas do extinto teatro «D. Afonso» foram para lá, incluindo a graciosa actriz Maria do Céu, mãe da característica Sofia Santos que Lisboa teatreira conheceu na companhia Armando de Vasconcelos.

Ai já as cadeiras tinham assentos de levantar. No elenco figuravam vários actores boémios, especialistas em anedotas e partidas que hoje não contamos porque este artigo refere-se a teatros do século passado.

E o Teatro de São Carlos? Desse não vale a pena fazer citações porque o escritor Fonseca Benevides esgotou o assunto num livro volumoso biografando o nosso teatro lírico. Tomou o nome de São Carlos em homenagem a Carlota Joaquina. A história daquele sumptuoso teatro está ligada à vida política e boémia de Lisboa. Raptos célebres, pateadas memoráveis e ovações estrondosas, tudo merecia um curioso depoimento.

Talvez não saibam é que o elegantíssimo teatro, cópia do **Scala de Milão** que foi cruelmente bombardeado na última conflagração europeia, custou naquele tempo 166 contos. Quanto custaria hoje!

Numa breve digressão por Lisboa do século passado, vamos encontrar um modesto teatro no bairro de Alcântara que se chamava «Teatro da Ilha dos Amores». Ali se estreou o popular actor Alfredo Carvalho, mas de nada lhe valeu o amoroso título porque afinal o teatrinho foi sol de pouca dura.

Há oitenta anos, inaugurou-se o Teatro do Rato com uma companhia razoável para a época. Também Alfredo de Carvalho lá trabalhou. O teatro abriu com má sorte. A peça de estreia caiu estrondosamente e o público que ainda não conhecia a nova casa de espectáculos, abandonou-a.

A Empresa, não podendo suportar mais prejuízos, faliu ao fim de seis récitas. Novas temporadas por lá se fizeram. Ainda existe

um arco por onde se passava para chegar ao humilde barracão onde chegou a representar-se com razoável sucesso, a **Revista do Século 19**.

De mais alguns centros de diversão, poderíamos falar se o espaço nos autorizasse.

No fim do século passado, houve um teatro na Rua da Alegria todo em madeira e ferro. Abriu com uma revista do Baptista Machado mas o seu maior êxito foi conseguido com uma peça escrita por Campos Júnior. Foi por ocasião do ultimatum inglês. Na obra do escritor revelava-se a afronta que Portugal sofreu. Daí, a afluência do público, que vivia uma hora de exaltação patriótica.

Lá trabalhou o grande artista Joaquim de Almeida que mais tarde deu o nome a um teatro de Lisboa, também já desaparecido. Igualmente Alfama teve o seu teatro popular. Esteve instalado no Campo de Santa Clara onde actualmente funcionam os Tribunais Militares. Mau sítio para explorações teatrais. Os camarotes custavam dez tostões e lá se estreou um irmão do grande actor António Pedro.

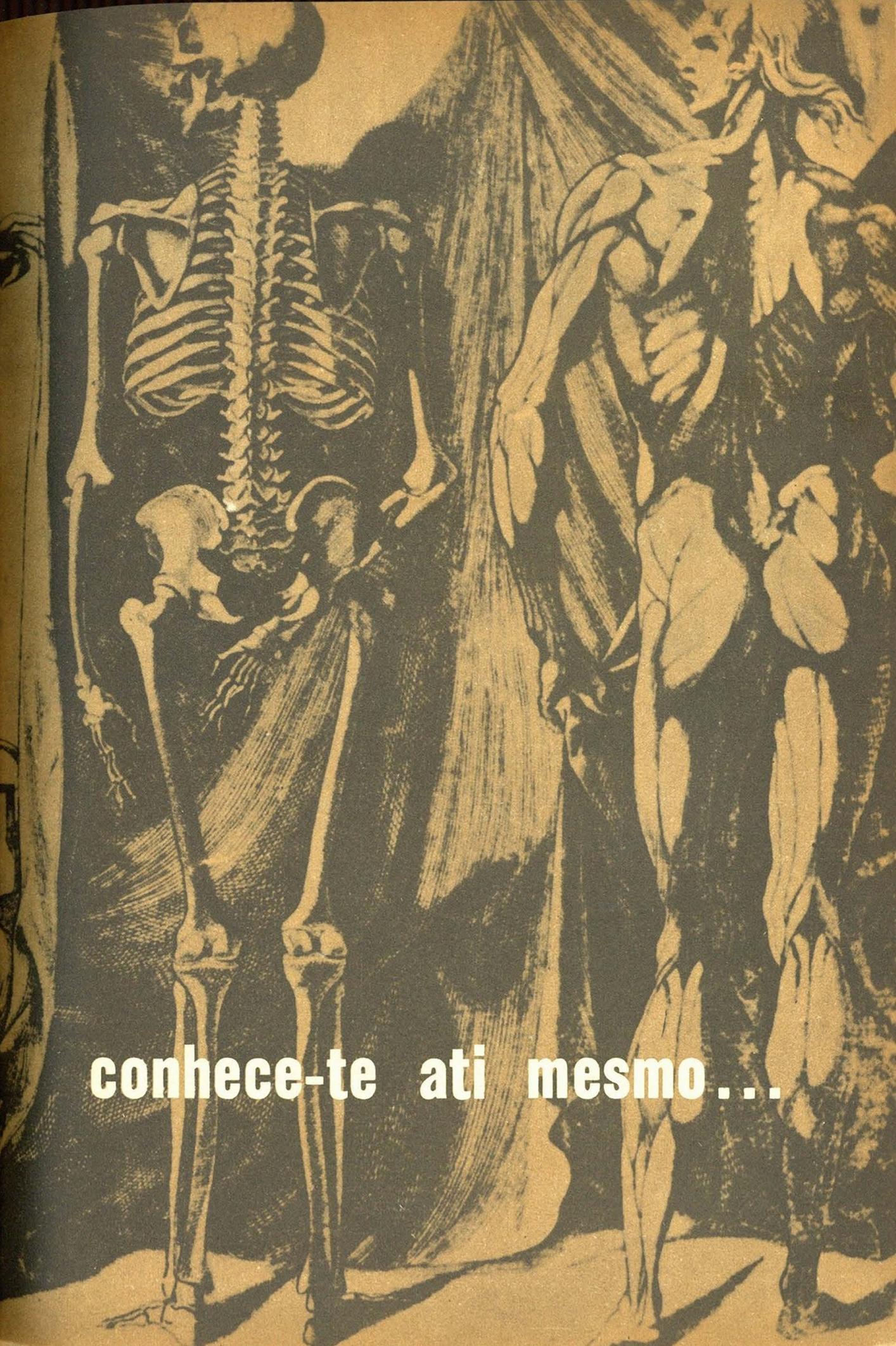
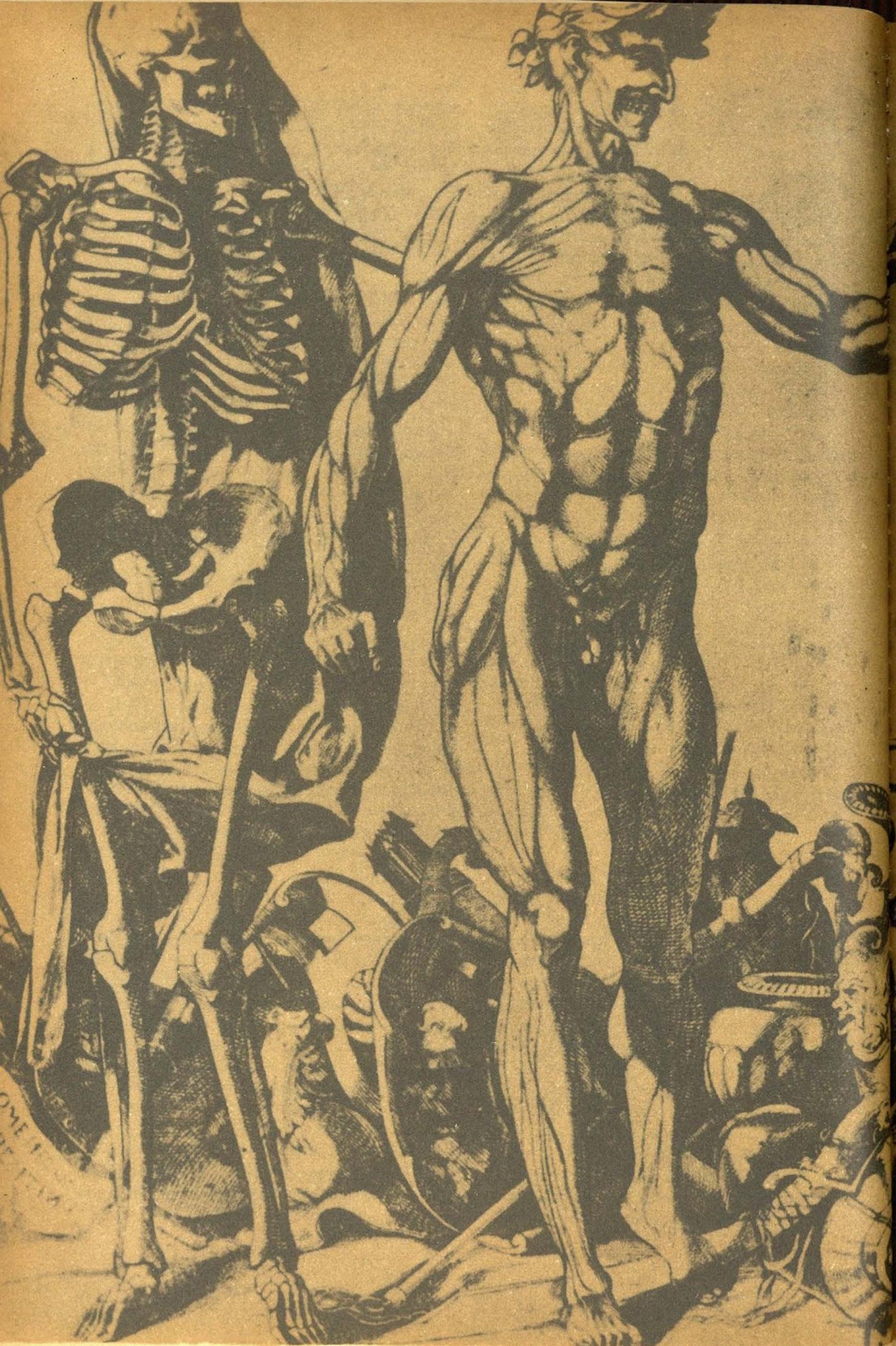
Foi como as rosas de Malherbe. Pouca frequência teve. Era vulgar à noite, aparecer um contra-anúncio no cartaz por falta de público.

Camões deu o nome a um teatrinho que existiu na Calçada da Ajuda em Belém, também como os outros foi pouco afortunado. Lisboa não tinha população para sustentar teatros bairristas. Também a Costa do Castelo teve uma casa de espectáculos com o nome do actor Taborda. Foi há noventa anos.

Como dissemos no início deste artigo, o cinema ainda vinha distante. Hoje, a cidade com os seus quarenta cinemas distribuídos em quase todos os bairros, vive uma vida diversa.

Depois, a rádio trazendo-nos ao lar as melodias brasileiras ou as canções francesas, onde com uma singela mudança de botão se tem o mundo em casa, furtou novas multidões ao teatro. Finalmente a televisão onde um casal em trajes caseiros pode assistir ao que dantes só podia apreciar no cinema, deu novo desfalque à nobre arte do teatro.

O teatro agora é como um avô velho que se debate em mil problemas, lutando com uma concorrência ilimitada.



conhece-te ati mesmo...

BREVE HISTÓRIA

Antes de se transformar em estampa anatómica para uso dos estudantes de Medicina, o Esfolado teve uma longa história que remonta à antiguidade e prossegue através da Idade Média. De início a palavra sugeria tortura. Assim, Apolo esfolou Marsias que se propusera tocar flauta melhor do que ele e, o mesmo sucedendo aos mártires São Vicente e São Bartolomeu. E os artistas que posteriormente (um vitral do século XII ou um livro de horas do século XV) nos sugeriram tais martírios, devem ter-se inspirado na realidade. Os médicos e os mágicos não costumavam comprar os cadáveres dos suplicios, mesmo na Idade Média?

Mas foi nos fins do século XV que surgiram as primeiras estampas de esfolados para estudo dos médicos. Inúmeras gravuras de madeira mostram-nos figuras humanas de rostos triangulares, de olhar fixo, que expõem o interior dos seus corpos. Porém na **Anatomia** de Mondinus (Lípsia, 1494) uma das figuras tem uma corda ao pescoço: vestígio trágico do suplício que tornou possível a dissecação.

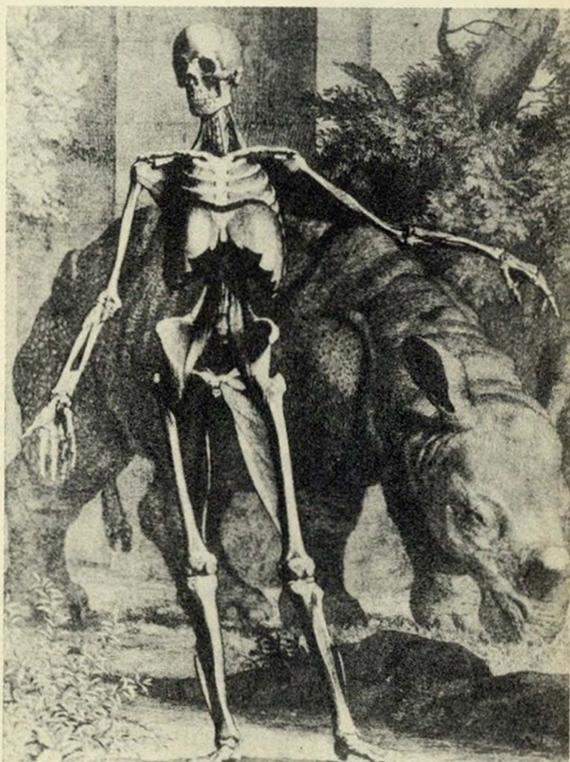
Mas a partir do século XV até ao século XVIII as gravuras de esfolados multiplicam-se. Escultores, gravadores, pintores, representam-nos em mil posições diferentes. Os temas de Marsias e de São Bartolomeu continuam vivos e afirmam-se em obras puramente artísticas. Mas a arte não se contenta em servir apenas a sensibilidade dos artistas, invade as obras científicas, isto é: os tratados de anatomia.

das estampas anatómicas

Miguel Ângelo, Rafael, Leonardo da Vinci estudaram a anatomia com paixão. O objetivo da arte não consistia para eles na perfeita reprodução dos corpos? Essa tradição subsistirá, de resto, durante séculos. David, Delacroix, Jéricault apaixonaram-se pelo desenho anatómico.

O mais estranho é que, no século XVI, se os artistas desenham os seus homens esfolados à vista de cadáveres, os tratados de medicina servem-se muitas vezes desses desenhos que haviam sido feitos com objetivos puramente artísticos. Tal era a confiança que os cientistas depositavam na probidade dos grandes pintores do Renascimento!

Paixão pela ciência nos homens do século XVI, paixão pela arte! Mas qualquer coisa mais: o gosto pelo velho espectáculo das execuções capitais... Porque a arte e a ciência anatómica apareciam talvez como um sucedâneo a esse desejo de ver o sofrimento alheio. E assim as demonstrações públicas de anatomia espalharam-se no renascimento por toda a Itália. De início reservadas aos cientistas, elas transformaram-se rapidamente num espectáculo mundano, competiram com os próprios suplícios de condenados e enquadraram-se dentro das festas do Carnaval (como, aliás, já sucedia às execuções capitais). Sabe-se que o imperador Maximiliano assistiu deliciado às lições de Benedetti, em Pádua (1490). No século XVII o duque de Wurtemberg quando recebeu os príncipes saxões ofereceu-lhes, em Tubingen, o espectáculo



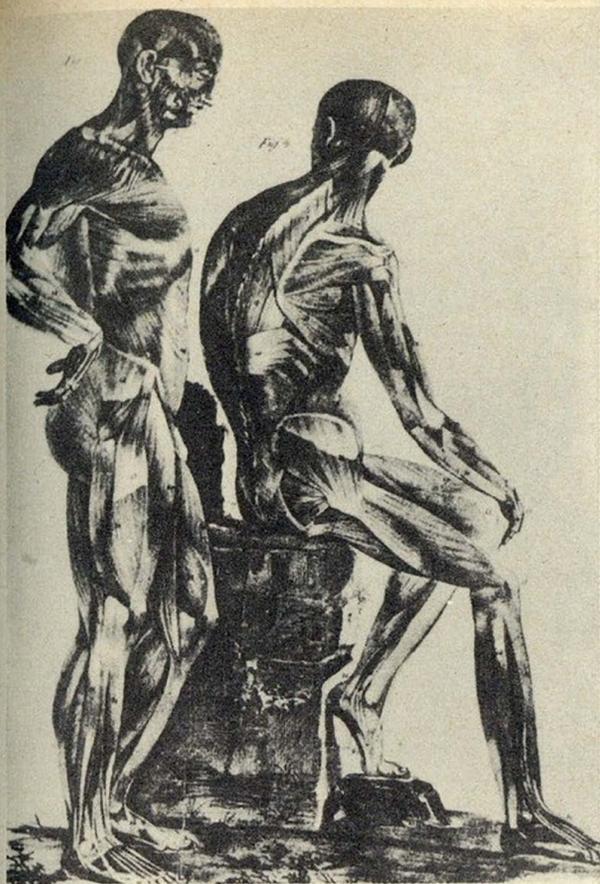


duma dissecação que durou oito dias. Durante o reinado de Luís XIV as dissecações de Duvernoy atraíram o Paris elegante como hoje sucede quando das grandes estreias teatrais.

Os tratados chamavam-se então **Theatrum Anatomicum**. Sirvamo-nos duma confusão etimológica e imaginemos nesse teatro as personagens duma comédia fúnebre em que o Esqueleto e o Efolado desempenham os principais papéis. Que magnífico não seria para esta comédia o Anfiteatro de Anatomia de Bolonha! Construído em 1637 ele era decorado com doze nichos que acolhiam estátuas de médicos e anatomistas famosos. Ao fundo sob o baldaquino da cátedra uma estátua da Anatomia coroada com louros à qual um rapzinho estende graciosamente um fémur. Duas maravilhosas estátuas de esfolados, arautos simbólicos da dissecação sustêm o baldaquino. Elas são das raras obras de Ercole Lelli chegadas até nós. Estranho homem esse Lelli que iniciou a sua carreira como

arcabuzeiro para depois se transformar em pintor e escultor! Farinuzzi garante-nos que ele era habilíssimo no domínio da anatomia e que dissecou cinquenta cadáveres para esculpir as suas estátuas! Serviam-lhe de modelos dois esqueletos que ele punha nas posições que lhe convinha. Depois enchia-os com cânhamo embebido em cera, miolo de pão e terebentina para imitar os músculos. Acabado esse trabalho, criado assim o modelo, Lelli procurava reproduzi-lo com todo o rigor que lhe consentia a sua prodigiosa capacidade de ver as coisas.

A história das estátuas de esfolados difere muito da história das gravuras anatómicas. Até ao século XVIII essas estátuas têm um objectivo puramente artístico. E havia algumas extraordinariamente curiosas como, por exemplo, a dum esfolado a dançar, estátua do escultor florentino quinhentista Bacio Bandinelli. Um crítico do século achava nessa imagem da dor dionisíaca a expressão de uma alegria transbordante. Na catedral de Milão pode ver-se uma estátua de mármore



de São Bartolomeu esfolado. É um São Bartolomeu clássico, ciceroniano e o autor deve ter percebido isso. Tanto assim que escreveu a um canto: «Não foi Praxíteles que me fez mas Marco d'Agrate».

Foram os escultores do século XVIII que se lembraram de criar esfolados para uso das Academias de Belas-Artes e de Medicina. A primeira dessas estátuas didáticas foram criadas por Bouchardon. Os sábios da época afirmam que apesar de alguns erros anatómicos elas são notáveis. Esculpir esfolados torna-se de um dia para o outro uma moda. Tanto assim que Diderot se inquieta: «O estudo dos esfolados — diz ele — tem inúmeras virtudes; mas não há o perigo dessa imagem persistir na memória do escultor e subrepticamente surgir no mais belo dos rostos de mulher?» Todavia, o próprio Diderot fazia uma exceção para o esfolado de Houdon.

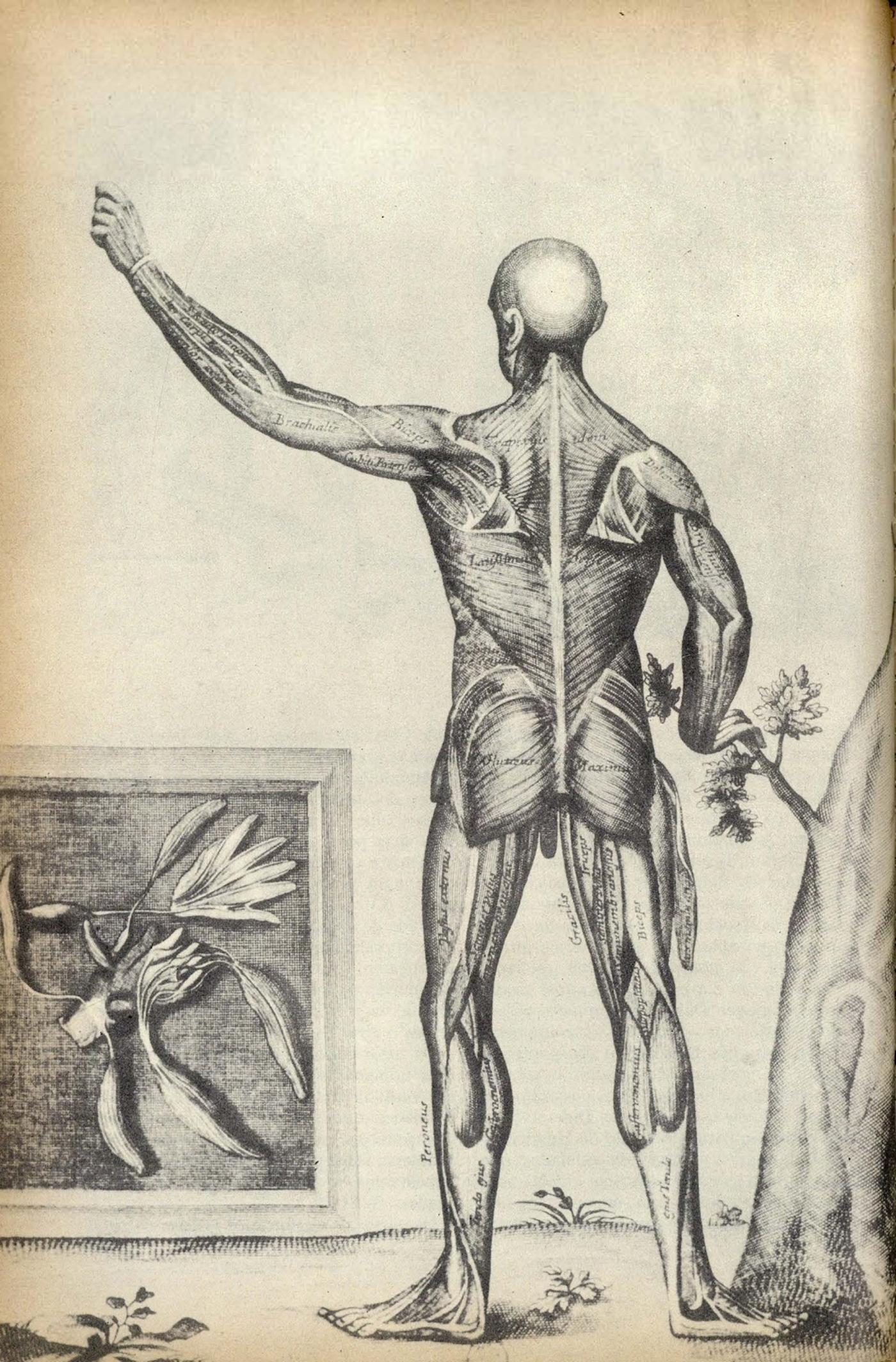
Entretanto as estátuas de esfolados que começaram a invadir as nossas escolas acabaram por perder a sua magia, tamanho era o naturalismo com que eram representa-

das. O encantamento do tema persistiu apenas nas gravuras.

Anônimos servidores da Ciência, os gravadores dos tratados de anatomia tomam aos nossos olhos o aspecto de grandes artistas. Nas suas poses dramáticas e teatrais os esqueletos e os esfolados que eles representam continuam as Danças Macabras que desde o século XV desapareceram das igrejas. Esta vontade de despojar o homem do que nele há de corporalmente exterior levou os artistas a debruçarem-se sobre os mistérios da vida e da morte. As suas obras reflectem assim o drama, o sofrimento, a tranquilidade e a graça, o absurdo e até a alegria.

Os mais curiosos esfolados, os mais célebres também, são os do tratado anatómico de Vesálio: *De Humani Corporis Fabrica*. Esfolados que nas suas estranhas posições nos parecem escafandristas ou marcianos. Inúmeras vezes pendem deles pedaços de pele semelhantes a pétalas de flores desabrochadas.

Desejosos de elegância os artistas do século



Brachialis

Biceps

Latissimus

Deltoides

Capitulum

Interscapularis

Trapezius

Parascapularis

Latissimus

Peroneus

Tendo gis

Peroneus

Gracilis

Triceps

Brachialis

Biceps

Latissimus

Triceps

Brachialis

Biceps

Latissimus

Triceps

Brachialis

Biceps

Latissimus

Triceps

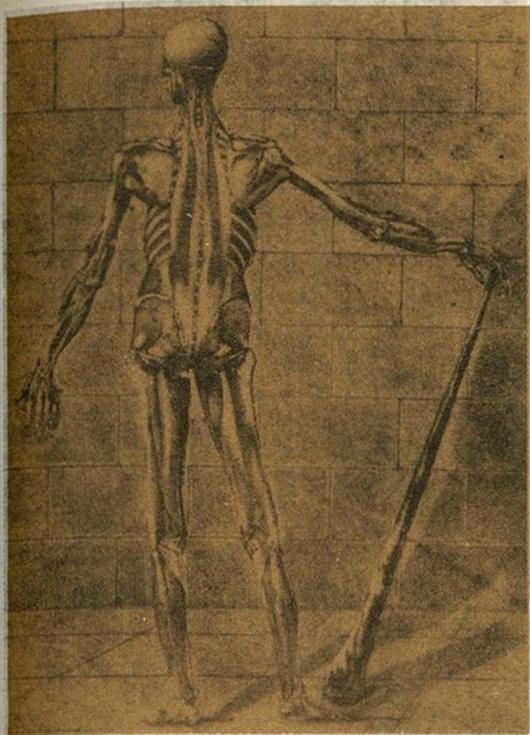
Brachialis

Biceps

Latissimus

Triceps

Brachialis



XVIII inseriam os seus esfolados em paisagens, entre ruínas, ou aos pares em posição de conversa. Os mais belos dessa época devem-se a Arnauld-Eloi Gautier d'Ajoty, cujo pai havia sido retratista de Maria Antonieta. Na sua série de esfolados para o **Curso Completo de Anatomia** de Jadelot, Arnauld Gautier d'Ajoty mostra-se tão grande como os maiores artistas do seu tempo. Desdenhando a mania do pitoresco que se impunha aos seus contemporâneos é diante duma parede nua que ele coloca as suas figuras. Nesse cenário desolado, acompanhados somente pelas suas próprias sombras, hieráticas, esses esfolados prefiguram inconscientemente uma situação de solidão, de angústia, de desespero cuja eclosão tumultuosa surgirá dois séculos mais tarde. Gravador anatómico, Gautier d'Ajoty aparece-nos como um visionário. Numa outra das suas obras **Anatomie des Parties de la Génération de l'Homme et de la Femme** (1773) depara-se-nos esta gravura: uma mulher grávida, aberta até ao pescoço e cujos músculos vermelhos se moldam sobre o corpo como um manto de sangue. Apenas a cabeça com o rosto sorridente não foi esfolada.

A magia das gravuras do holandês Godfridus Bidloo na sua **Anatomia Humani Corporis** (1785) é ainda mais brutal, mas tem

um equivalente no seu século: a obra do marquês de Sade.

Também há esfolados graciosos e frívolos. Os de Mangetus, despreocupadamente apoiados a árvores e sobretudo os de Albinus, por vezes ao lado de rinocerontes. Simbolismo, decerto, pois, não é verdade que o rinoceronte é o menos «esfolável» dos animais?

Nos princípios do século XIX até as gravuras dos esfolados têm qualquer coisa de romântico. Dois esfolados de Jules Cloquet, melancolicamente sentados sobre ruínas e ao lado duma urna revelam uma influência inesperada de **Hermann und Dorothea** de Goethe.

Por volta de 1850 as gravuras de esfolados perdem o seu ar poético. As estampas anatómicas tornam-se meramente utilitárias, indiferentes à sensibilidade artística. De resto, para que os artistas anónimos possam dar dos esqueletos e dos esfolados imagens significativas seria preciso que eles estivessem diretamente em contacto com a morte. A crueldade da nossa época toma a máscara banal da indiferença: não somos nós contemporâneos das câmaras de gás de Buchenwald, contemporâneos de Eichmann?

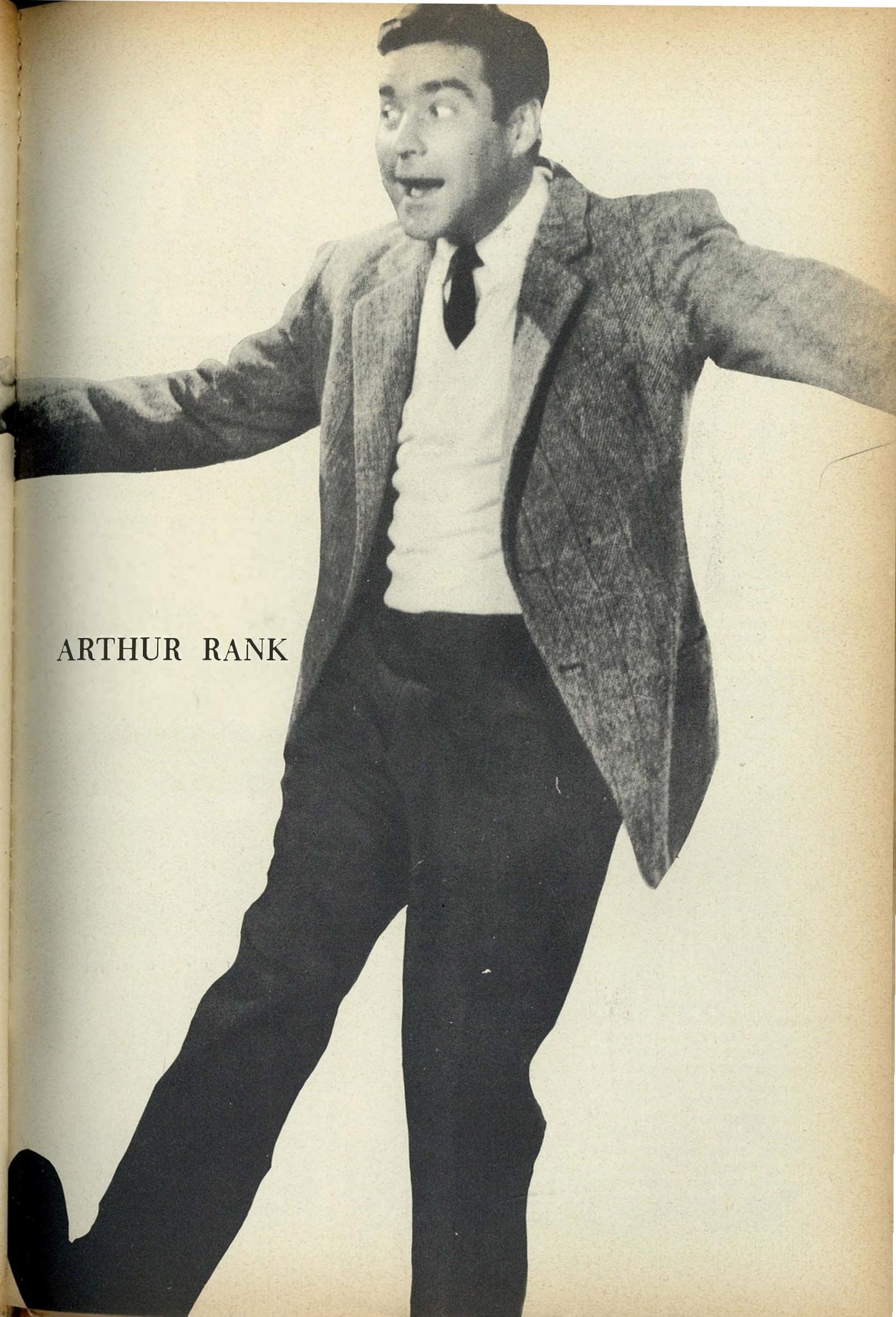
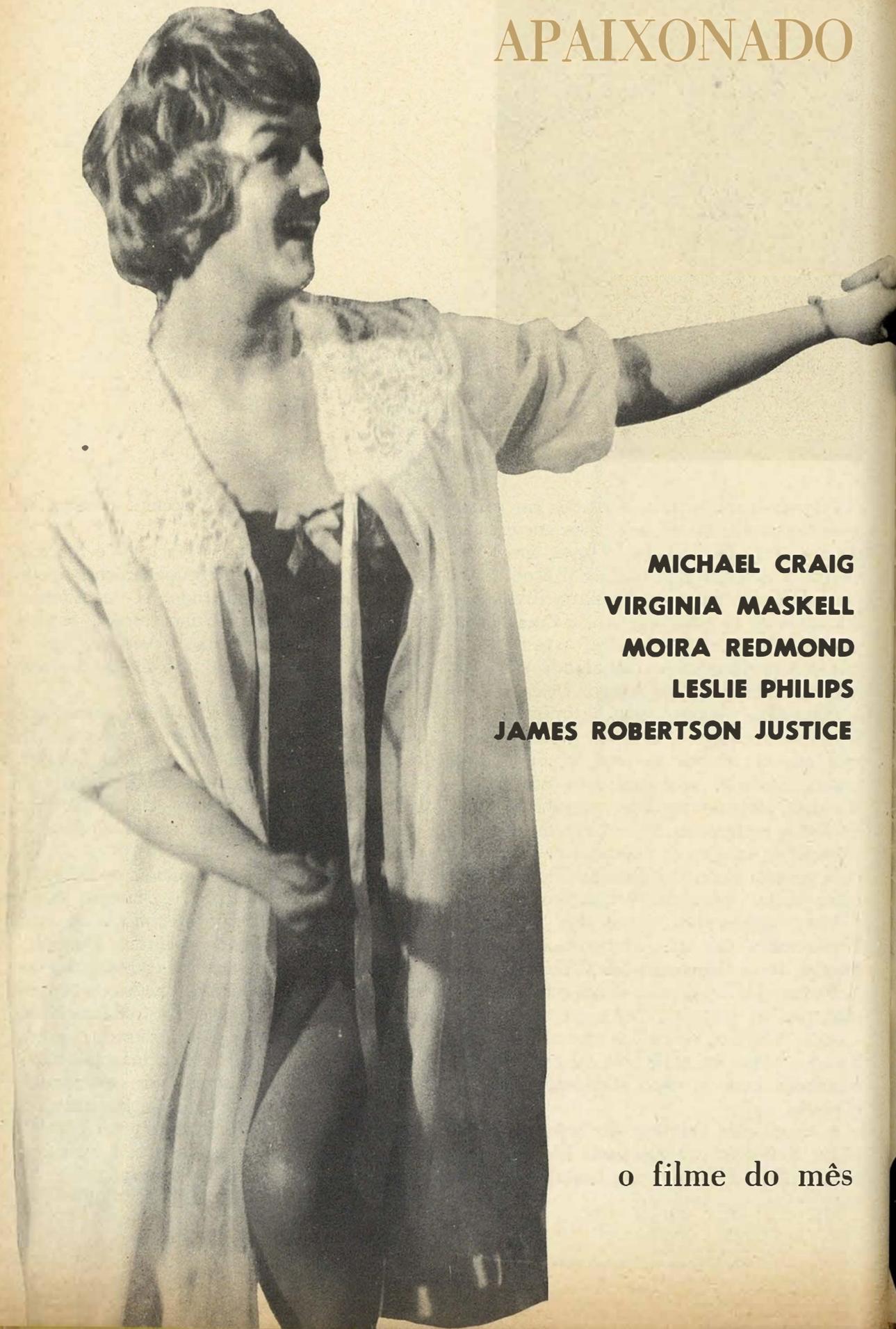
A crueldade do nosso tempo é científica, afivelou a máscara da indiferença...

O DOUTOR
APAIXONADO

MICHAEL CRAIG
VIRGINIA MASKELL
MOIRA REDMOND
LESLIE PHILIPS
JAMES ROBERTSON JUSTICE

ARTHUR RANK

o filme do mês



Enquanto está doente com icterícia, Richard (Michael Craig) apaixona-se pela enfermeira Sally Nightingale (Moirra Redmond). Mas acontece o mesmo ao Dr. Hinxman (Nicholas Parsons) seu médico assistente



Sally corre-os aos dois. Ficam ambos com pena um do outro, mas Tony (Leslie Philips) pensa que têm muita sorte em escapar



Richard e Tony saem por fim do hospital e para sobreviver enquanto esperam por melhores empregos, aceitam ser «cobaias» no Centro de Investigações contra as constipações, a troco de cama, mesa e cinco xelins diários. Para quebrar a rotina do trabalho, estabelecem amizade com Dawn (Joan Sims) e Leonora (Liz Praser) artistas de «cabaret» desempregadas



Os dois médicos e as raparigas são despedidos do Centro e Richard começa a trabalhar para um clínico da província, Dr. Cardew. Este tem que ir à América e Richard na sua ausência consegue lá empregar Tony. Este é chamado pela Polícia local para confirmar que Wildewinde (Reginal Blackwith) dispenseiro de Cardew está bêbado. Depois de várias peripécias Tony cai e fractura um braço



Antes do acidente Tony contratara para recepcionista da clínica Kitten Strudwick (Carole Lesley). Richard tem que procurar um substituto para Tony e é a bela Nikki Barrington (Virginia Maskell) que vai ocupar o lugar



Richard apaixona-se por Nikki. O Dr. Cardew (Nicholas Philips) volta América mas permite que Nikki continue se quiser, no seu emprego. Tudo vai bem até que Kitten se despede para casar com o funcionário da Companhia do Gás. Sally aparece de novo e pede o lugar a Richard. Ele concorda e ela, tão contente fica que o beija. Mais tarde Nikki viu a marca do «bâton» na cara de Richard e deixa-o. Mas Richard não pode esquecê-la





«Sir» Lancelot Spratt (James Robertson Justice) velho médico já retirado adoce e chama Richard para o ver. Este diagnostica uma apendicite aguda e decide operar imediatamente



Cardew, na intenção de ajudar Nikki e Richard, vai a casa dela e convence-a que é Richard quem vai ser operado. Nikki imediatamente quer ir ao hospital

No hospital, Richard prepara-se para operar. Quando o irritável doente descobre que é Tony o anestesista procura fugir mas o anestésico faz efeito



No fim da operação «Sir» Lancelot é levado para fora da sala e Richard ve matrás. Nikki está à espera e fica espantada com o que vê. Mas cai nos braços de Richard, desta vez para não mais o deixar



morra ao mesmo tempo que o seu marido

A maior parte das coisas em que o bicho-homem acredita não têm a mais pequena explicação e nem ele mesmo sabe porque acredita. Exemplos? Parece mal andar com as mãos nos bolsos ou não trazer gravata. E há meia dúzia de anos parecia mal não usar chapéu mas como os chapéus se tornaram demasiado caros não houve remédio senão cortar com esse princípio fundamental (pois cortar a cabeça era mais perigoso, embora menos eficiente).

Uma verdade seguramente estabelecida pela sabedoria das nações é esta: para que um casal seja feliz, a mulher deve ser mais nova do que o marido. Não importa que a experiência demonstre todos os dias que a solução para encontrar a felicidade é um pouco mais difícil!... As grandes verdades estão acima da experiência: e embora sejam em grande parte infelizes os casais em que os maridos são mais velhos do que as mulheres, esses casais são felizes (por definição). Com um idêntico raciocínio pensam os bons selvagens que basta colocar uma pena na cabeça para que a morte os não atinja. Há milhares de anos que eles morrem com penas na cabeça, e nem por isso, desistem de pagar coiro e cabelo por elas! Paz às suas almas...

MAIS VIÚVAS DO QUE VIÚVOS

Uma das verdades elementares deste mundo, um dos factos mais evidentes para quem não ande com os olhos fechados é este: o número de viúvas excede largamente o dos viúvos (pelo menos na civilização ocidental). Saber isto não basta, naturalmente. Impõe-se uma análise do fenómeno. E a conclusão é esta: os homens vivem menos do que as mulheres. Admitindo mesmo que fosse hábito casarem-se os noivos com a mesma idade, haveria fatalmente mais viúvas do que viúvos. Mas, como se isto não bastasse, o hábito — absolutamente irracional e desprovido de realismo — é outro: os maridos costumam ser mais velhos quatro ou cinco anos do que as gentis esposas, o que acentua ainda mais o citado desequilíbrio...

Este facto tão simples não podia deixar de pôr um certo número de problemas de natureza económica, social e até moral. Certos especialistas propõem desde já uma inversão completa dos hábitos segundo os quais as mulheres casam com homens mais velhos. Para que diminuam as probabilidades de acabar os seus dias solitária, a mulher de 1960 devia casar-se com um marido mais jovem.

EM MÉDIA A MULHER VIVE MAIS CINCO ANOS DO QUE O HOMEM

De facto a superioridade biológica feminina traduz-se por um aumento de vida que oscila, consoante os países, entre cinco e seis anos. Nos E. U. A., em 1955, a média de vida para as mulheres foi de 72,9 anos e apenas de 66,7 anos para os homens. Daqui se conclue que as esposas americanas deviam ser seis anos mais velhas do que os maridos... De contrário o que as espera na velhice é a solidão. Na América, depois dos sessenta e cinco anos, metade das mulheres são viúvas (e apenas um quarto dos homens). Aos setenta e cinco anos só 28% das mulheres ainda conservam os seus maridos, enquanto que 62% dos homens ainda têm as suas esposas.

As probabilidades de sobreviverem aos maridos são de 5,7 anos, em média, na França, 5,5 anos em Inglaterra, 4,5 na Suíça. Mas nos países subdesenvolvidos (a Índia, por exemplo) em que as mulheres suportam infinitamente mais do que os homens o peso das circunstâncias económicas desfavoráveis, a longevidade é praticamente igual nos dois sexos — embora muito inferior à dos países ocidentais. No México, as mulheres vivem 2,3 anos a mais do que os homens, mas a duração média da vida nos dois sexos não excede a quarentena. Ora na Holanda — país bem comido e bem dormido — essa média sobe para setenta e três anos!

Mas, voltando aos Estados Unidos, calcula-se que no ano 2.000 haja por cada 145 mulheres de mais de 60 anos, apenas 100 homens com essa idade. Por isso, um sociólogo bem humorado concluiu: «A América

está a caminho de ser um país de mulheres velhas».

AS RESPONSABILIDADES FAMILIARES

Mas o que salva as mulheres desse desaparecimento prematuro é a sua resistência ao que os homens chamam as doenças degenerativas, isto é: as afecções cardio-vasculares. Sempre de acordo com as estatísticas (é o grande vício do nosso tempo!) duma das maiores companhias americanas de seguros o número de mortes ocasionadas por doenças de coração entre os quarenta e os setenta e quatro anos é o seguinte: 872 homens por cada 437 mulheres.

Pode dar-se talvez uma explicação para este terrível desequilíbrio: é o homem que suporta o peso das responsabilidades familiares. As preocupações, o «struggle for life» expõem-no mais aos perigos do «surmenage» que desempenham um papel primordial na génese das doenças cardio-vasculares. O número de úlceras no estômago é duas vezes mais elevado nos homens do que nas mulheres e parece demonstrar que aquela explicação é válida.

Mas, para poderem estudar, qual o papel daqueles factores, certos sociólogos resolveram comparar a duração média de 30.000 freiras e de 10.000 frades pertencentes a diversas ordens religiosas, mas com condições de vida idênticos: todos de raça branca, celibatários, trabalhando o mesmo, libertos de preocupações financeiras e familiares alimentados de modo idêntico, não fumando e não bebendo. Os resultados revelaram que mesmo nessas circunstâncias a longevidade média era 5,5 anos superior nas religiosas.

O SEXO FRACO

Conclusão fatal: os homens e não as mulheres é que constituem o sexo fraco — pelo menos sob o ponto de vista biológico. Não será esta afirmação muito original. Toda a gente o sabia. Ela tem, pelo menos, a virtude de ser apoiada pela Ciência...

De resto já há muito tempo que os mé-

dicos sabiam que as crianças do sexo masculino são mais frágeis do que as do sexo feminino. Morrem mais rapazes do que raparigas nos primeiros anos de vida.

Por outro lado o organismo da mulher resiste melhor do que o do homem às doenças microbianas: há duas vezes mais mortes, causadas pela tuberculose e pela pneumonia, entre as mulheres. Estas também são menos afectadas do que eles pelas doenças hereditárias: na maior parte dos casos é ela que transmite a tara, mas é o homem que a herda...

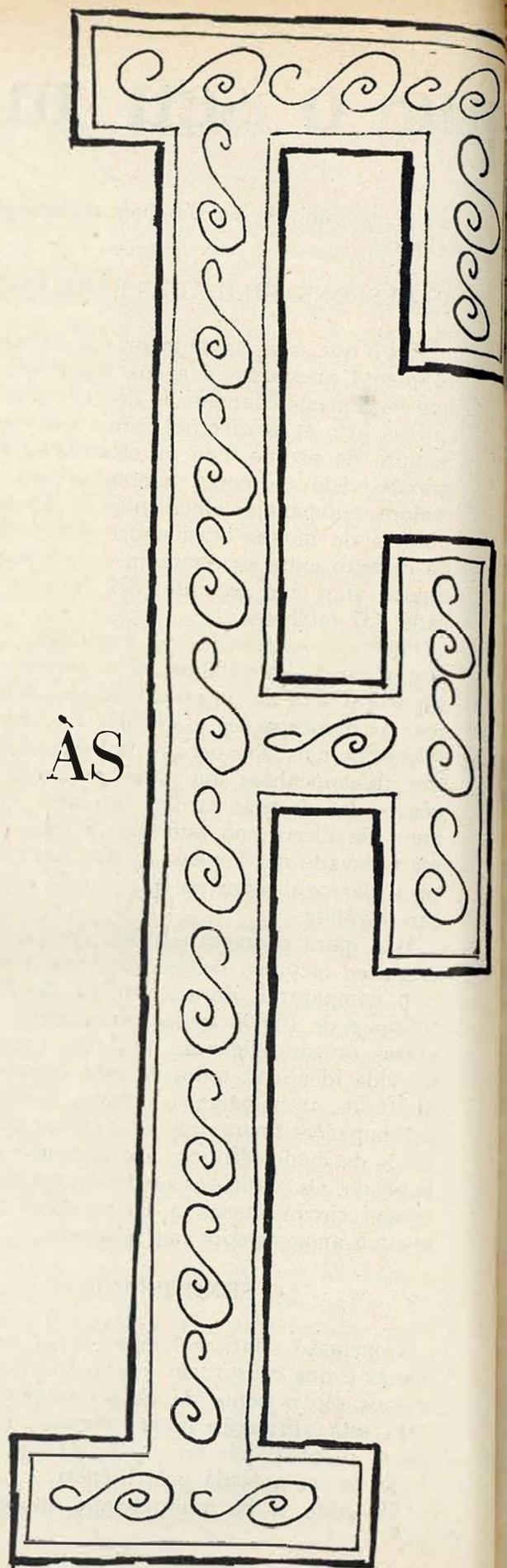
É certo que não há bela sem senão e é justo dar a César o que é de César. O homem tem também algumas vantagens (mesmo sob o ponto de vista estritamente biológico e médio, já que aqui não se discutem outros aspectos tais como as condições musculares ou as possibilidades intelectuais — domínios, de resto, cuja tradicional superioridade masculina é susceptível de ser posta em dúvida).

É verdade: a mulher tem um ponto fraco: as suas glândulas endócrinas. Assim, as perturbações glandulares são mais frequentes nas mulheres. A diabetes, por exemplo, afecta as mulheres duas vezes mais do que os homens. E o bócio e as perturbações da vesícula biliar são doenças quase exclusivamente femininas.

As mortes por acidente também são mais vulgares nas mulheres idosas do que nos homens idosos. Porquê? Provavelmente porque as mulheres de idade têm mais dificuldade em se orientarem na escuridão e são mais sujeitas a vertigens. E para concluir estes aspectos negativos do «sexo forte» (que como já se sabe é a mulher): as perturbações mentais atingem mais as mulheres idosas do que os velhos. Tendo estudado um grupo de 8.000 indivíduos de mais de 60 anos de idade, o famoso psiquiatra P. Monroë classificou como normais 57% dos homens e apenas 40% das mulheres.

Sòmente: o psiquiatra P. Monroe tem mais de sessenta anos. Estaria ele na plena posse de todas as suas faculdades mentais quando chegou a tais conclusões?

CARTA ABERTA ÀS



LAUSINAS DE PORTUGAL

O autor destas linhas pegou na pena animado das melhores intenções. Começa, mesmo, por declarar que não sabe o que é uma «flausina». Esforçou-se por saber e ficou no seu estado de ignorância inicial.

Um estudante da língua, por exemplo, explicou-lhe que a palavra «flausina» podia ter duas origens diferentes. Segundo uns, provém do verbo «flausinar», um verbo árabe que significa «imitar aquilo que se não é», fingir que se é maometano quando se é, apenas, cristão, fingir que se está em Cannes quando na verdade se está na praia de S. Julião da Barra.

Para outros a palavra «flausina» provém da corrupção e da junção das duas palavras latinas «flauta» e «asinus», que foi evoluindo da seguinte forma: «flautasinus», «flausinus», «flausina». A palavra, portanto, quer dizer: burro que toca flauta, ou burro que, tocando flauta, passa por tocar violino...

A julgar por umas meninas que nos têm

apontado como sendo «flausinas», inclinamo-nos para a segunda hipótese.

De qualquer forma, as «flausinas» existem. São umas simpáticas raparigas que — sem terem sofrido a evolução que deu origem à vida moderna — adoptaram os sinais externos da mesma evolução.

É claro que o resultado é catastrófico. Basta, passear em Lisboa, andar na rua, ir aos restaurantes, para se ver como todo o nosso cosmopolitismo é «flausínico», isto é, falso, provinciano, copiado.

Tudo isto tem a sua razão de ser e (Malditos Pirenéus...) é facilmente explicável.

O autor destas linhas é um ser humano, dotado de gigantescas faculdades de compreensão. Todo ele treme ao ver a rapidez com que as «flausinas» passaram do vira ao chá-chá-chá (que, aliás, lhes fez muita falta, em crianças) do bacalhau com todos às «gambas à la plancha», do Francisco José ao Brassens.

Pobres e simpáticas «flausinas»!

A velocidade com que evoluíram por fora.

excedeu a velocidade com que evoluíram por dentro. (Terão evoluído por dentro?).

De repente, sem que para tal estivessem preparadas, são convidadas para jantar fora, para dançar, para beber **whisky** com água de Castelo. Na véspera ainda estiveram em casa, bordando e obedecendo à tia, ao pai e ao irmão. No dia seguinte têm de fingir que viveram toda a vida num Paris aonde nunca foram e que são apreciadoras de **whisky**, muito embora, até aí, só tenham bebido capilé.

Esta carta, estimadas «flausinas», é para vós.

Destina-se a facilitar-lhes a vida e a permitir que uma candidata a «flausina» passe por uma «flausina» já veterana. Quem seguir as instruções contidas nesta carta poderá jantar com qualquer Armstrong-Jones sem que ele compreenda que está a ser burlado. Pode mesmo falar do Sartre com certo à-vontade.

Partamos do princípio de que a simpática «flausina» foi convidada para jantar pelo Onassis lá do bairro e que o referido Onassis, por estar metido na «flausinagem» nacional há uns anos, já finge, razoavelmente bem, que é um ser «descontraído». Começemos pelo princípio.

A) VESTUÁRIO

Todos sabemos que a «flausina» viu, em cima da mesa da sala de espera da sua modista, uma revista em que vinha um vestido «lindo» ou «bestial» ou, mesmo, susceptível de dar «barraca».

É claro que a «flausina» não resistiu e que a menina Amélia foi compelida a reproduzir o vestido naquele tecido «original» que a «flausina» comprou na Baixa.

É, também, claríssimo, que se tratava dum vestido de **cocktail** e que a simpática «flausina» nunca foi convidada para um **cocktail**. . . (Nunca o foi e a lei das probabilidades indica ser muito possível que nunca o venha a ser...).

Pois bem, querida «flausina», resista à tentação de levar o seu vestido. Resista ainda que lhe pare o coração e que as lágrimas lhe estraguem a maquilhagem. Nada há de mais «flausínico», isto é, de ridículo, do que ir com um vestido de **cocktail** jantar ao **Gambrius** ou comer cachorros a um **snack-bar**. . .

Vista-se com simplicidade. Lisboa é uma pequena cidade de província onde as «flau-

sinas» raras vezes (praticamente nunca) têm ocasião de usar vestidos de **cocktail**. Não dê a entender o que todos já entenderam e têm a caridade de fingir que não entenderam: que a «flausina» não passa dum «flausina». No respeitante a jóias, há muito a dizer.

É, perfeitamente possível, que o pai da «flausina» seja construtor civil ou tenha um lugar na Ribeira. A ser assim, é possível que tenha adquirido para si e para a mamã alguns «quilos» de ouro maciço disfarçados sob a forma de pulseiras e colares. É de admitir, mesmo, que a «flausina» já seja proprietária dum cachucho grande.

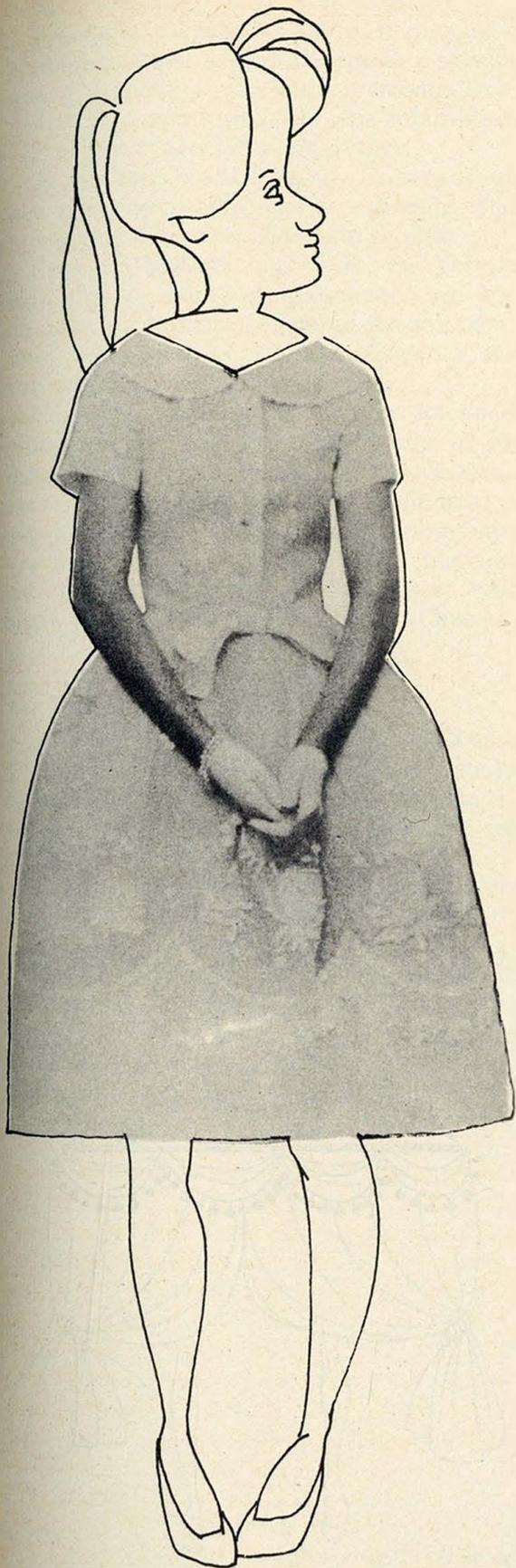
Sabe, estimada «flausina», que há-de fazer ao ouro e aos cachuchos? Mete-os no cofre para mostrar ao «noivo». É a única pessoa que poderá ser favoravelmente impressionada pela sua riqueza. . .

De qualquer forma não se transforme em montra de ourives para ir jantar fora: «C'est trop portugais», como até já diz qualquer turista francês.

No que diz respeito a maquilhagem, apenas um conselho: é verdade que é possível tornar o país mais alegre pintando a Robbia-lac. Não confunda, porém, com alegria, as gargalhadas do público, no restaurante. Estão a rir-se de si, estimada «flausina».

B) NO AUTOMÓVEL

É de prever que o Onassis-Flausino da estimada «flausina», tenha um automóvel. Será um MG? Será um Sprite? Só Deus sabe. De qualquer forma, a caminho do restaurante, a estimada «flausina» terá de conversar. Sei que é difícil. Sei que é quase impossível. Sei, todavia, que, com um bocadinho de esforço, lhe será possível manter uma conversa **aparentemente** adulta e cosmopolita. Comece por pensar que o seu Onassis, bem vistas as coisas, também não passa dum «flausino» de trazer por casa. No fundo, é um excelente rapaz que também só esteve em Paris no Verão, durante 15 dias. Tudo nele é, ainda, colado com cuspo, desde o Sprite ao conhecimento dos vinhos que se devem beber com este ou com aquele prato. . . Ao convidá-la para jantar apenas pretendeu levar uma menina «gira» a um local onde os amigos o vejam. . . Nada mais. Se quisesse jantar com uma mulher inteligente, culta e já «civilizada», não a tinha convidado a si. . .



ALGUNS TIPOS
FLAUSÍNICOS

Sabendo isto, é fácil «fazer conversa». Siga, estimada «flausina», as seguintes regras:

1.º — Não fale: do tempo, de vestidos, da Mariquinhas, da «malta», de actores e actrizes;

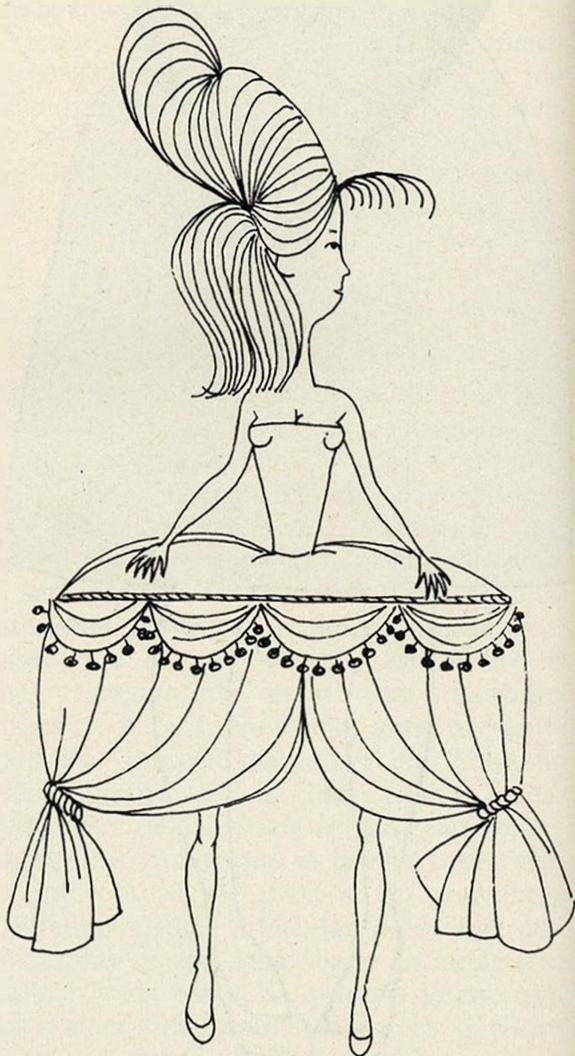
2.º — Fale: do Sartre, do Plano de Fomento, do Fernando Pessoa, das Olimpíadas, do Congo e de automóveis. São assuntos já aprovados para «flausinas» e «flausinos», assuntos garantidos em que nem um nem o outro correm qualquer risco de acertar numa observação sensata;

3.º — Fume dois ou três cigarros. Não lhe farão mal nenhum e sempre dão a aparência de que a «flausina» se «emancipou»;

4.º — Fale das mulheres da sua terra dizendo que são «atrasadas», «estúpidas», «ignorantes», «incultas» e «dominadas pelos homens». O seu Onassis será compelido a notar a sua «cultura» e a sua «independência» e não terá outro remédio senão concordar, quanto mais não seja porque «se está nas tintas».

C) APERITIVO

Estimada «flausina»: se o seu Onassis já tivesse atingido aquela experiência e aquela «vivência» que leve os homens a distinguir entre os bons e os maus vinhos e entre as «flausinas» e as mulheres, não a teria convidado para jantar. É, como já atrás se disse, um pobre rapaz que ainda há 2 anos era cadete de Administração Militar e que só agora foi promovido a galã da estrada marginal. Os seus conhecimentos, são, portanto, muito rudimentares. Todo ele é «para inglês ver» ou, nesse dia, «para flausina ver».



Vai, certamente, perguntar-lhe o que deseja para aperitivo.

Estimada «flausina»: sabemos que no cinema as actrizes bebem «Martinis» e sabemos que a «flausina» vai frequentemente ao cinema. Se o não fosse, não seria «flausina»...

Pois bem: não beba «Martinis».

Já que tudo em si é postiço, ao menos, que seja um postiço bom e creia, estimada «flausina», que o cinema não é um modelo...

Peça um Madeira, um Gerês, um Vermute sem gin ou, muito simplesmente, um copo de água da torneira. (Sempre lhe faz bem à saúde e no fundo, é o que a «flausina» bebe em casa).

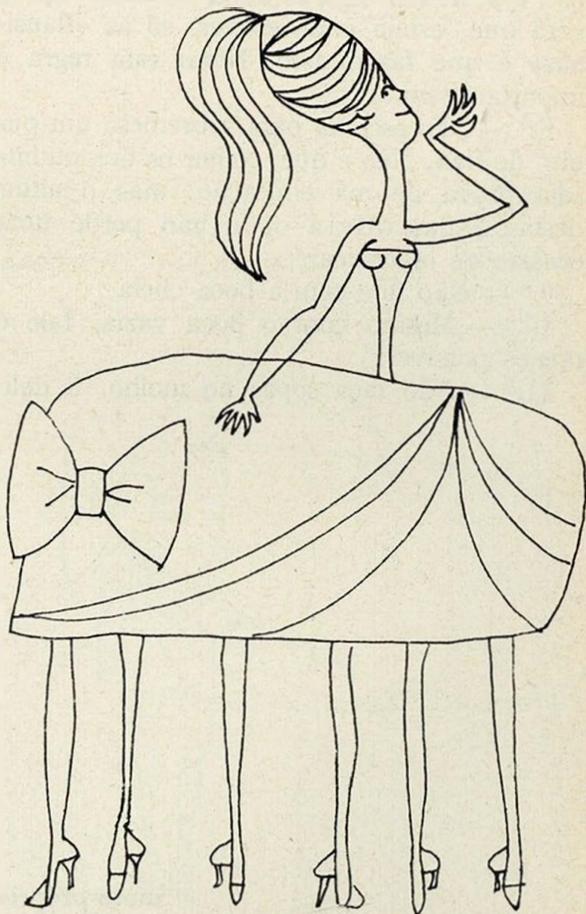
Nota: Se, para aperitivar, for forçada a sentar-se num bar alto, não mostre os joelhos. É possível que o público achasse graça, mas o seu Onassis não acharia nenhuma... e não vale a pena achincalhar o pobre rapaz que lhe vai pagar o jantar... Ainda, por cima, não precisa de mostrar os joelhos: basta olhar para si para se ver que é «flausina».

D) O JANTAR

Se o seu Onassis não fosse o seu Onassis, a estimada «flausina» passaria um mau bocado ao jantar. Felizmente o seu Onassis é o seu Onassis e, portanto, não se verifica esse perigo.

Siga as seguintes regras, estimada «flausina»:

1.º — Ao contrário do que tem ouvido dizer, ainda se come sopa. Pode, portanto, comer sopa sem perigo de ser tomada por aquilo que é: uma provinciana de Lisboa a armar...



aranha-vulgar de lineu

2.º — Os talheres de peixe fizeram-se para comer peixe e os de carne para comer carne. Não os troque...

3.º — Não peça lagosta. A lagosta está caríssima, e, ainda por cima, define-a, querida «flausina»...

Não reclame, nem faça queixas aos criados.

É ao Onassis que compete tomar essas atitudes. Ainda por cima, querida «flausina», nem o autor destas linhas, nem o Onassis, nem os empregados do restaurante são capazes de jurar que, em sua casa, o serviço é melhor...

5.º — Se não gostar dum prato, não afaste a cadeira. Finja que come. Não há nada pior para um homem do que estar a comer na presença duma pessoa «enjoada»;

6.º — Não comece a fumar enquanto o Onassis ainda está a comer. Não lhe explicamos a razão de ser desta regra. Isso é da competência do seu paizinho... Ele é que lhe devia ter explicado;

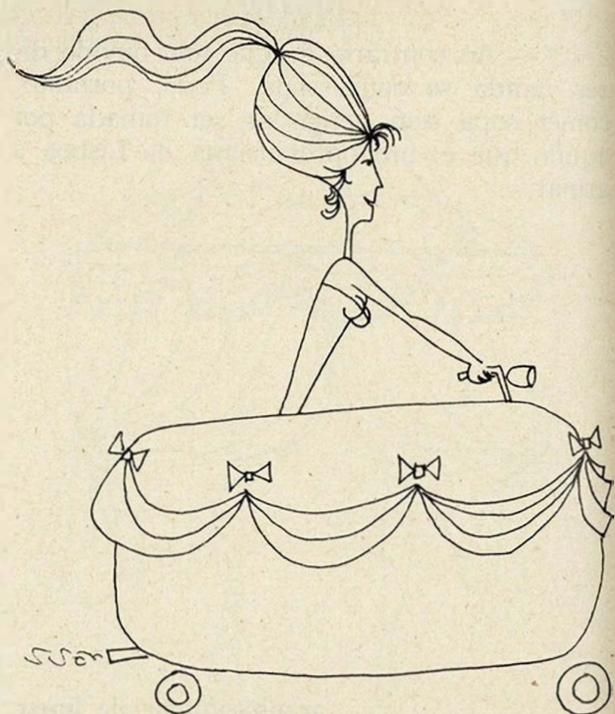
7.º — Durante o jantar, no caso de haver uma orquestra, não marque o ritmo com o pé. Não o faça mesmo depois de jantar. Se olhar à sua volta (e para ser boa imitadora tem que treinar os seus dotes de observação) verá que, esteja onde estiver, só as «flausinas» é que fazem isso. **Nota:** esta regra é importantíssima;

8.º — Não escolha para sobremesa um pudim de flan. Não é que, comer os tais pudins seja prova de má educação, mas o autor destas linhas odeia-os e não perde uma ocasião de os criticar;

9.º — Não fale com a boca cheia;

10.º — Mesmo com o boca vazia, fale o menos possível;

11.º — Não faça sopas no molho. É deli-



cioso, bem o sei, mas não o faça. Fazer sopas é um direito que se adquire quando se não precisa de ser «flausina». Não é o seu caso. Beba pouco. Vá pelo seguro.

E) A DANÇA

Não pretendemos ensiná-la a dançar.

Temos a certeza de que a «flausina» dança melhor do que nós. Em todo o caso avisamo-la de que:

É «flausinisse»:

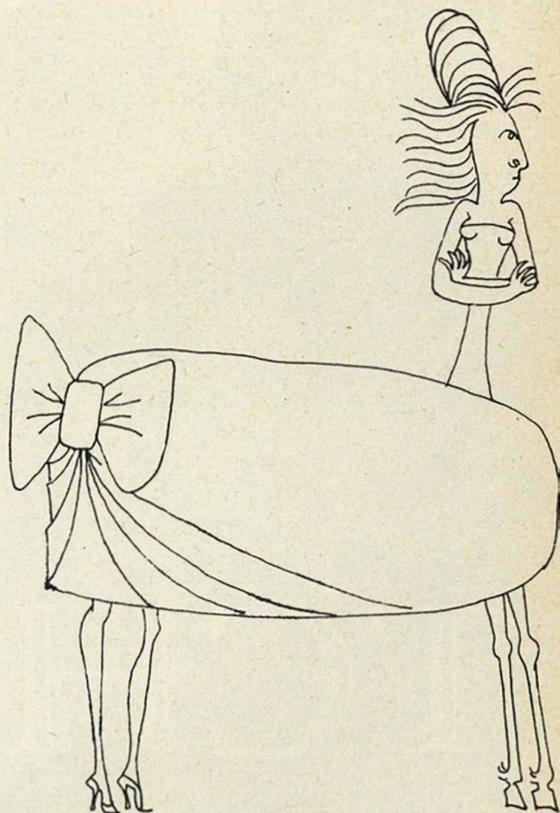
- a) Dançar de forma a atrair os olhares de todos;
- b) Falar com os membros da orquestra durante a dança;
- c) Acompanhar a canção em voz alta;
- d) Dançar com passos muito complicados;
- e) Respirar para cima do Onassis.

Nos intervalos das danças não beber demais.

F) O REGRESSO A CASA

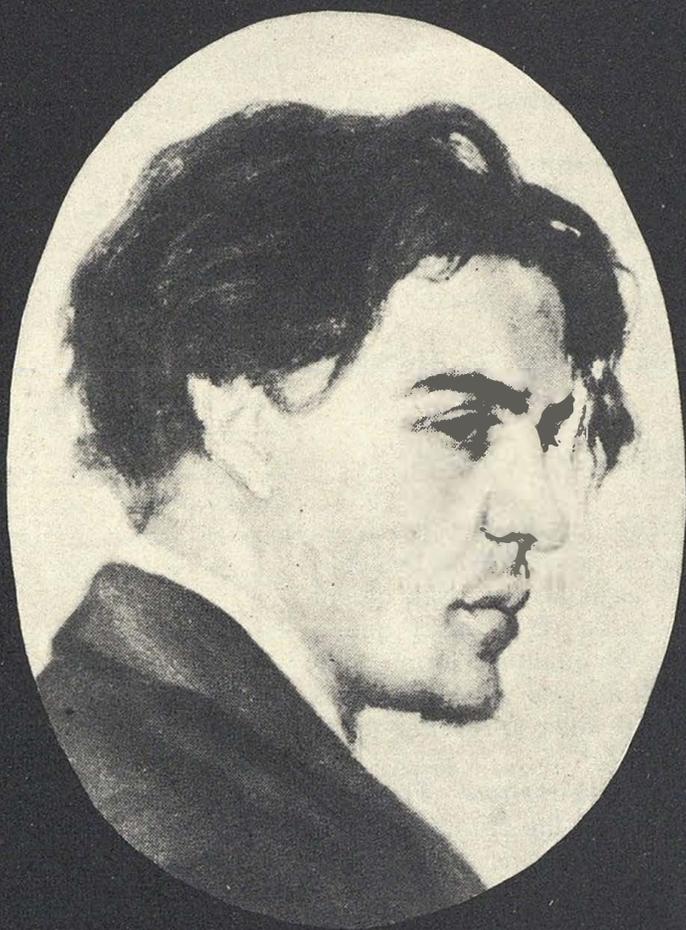
É de boa educação agradecer o jantar ao Onassis. Não é necessário, mas é de boa educação. Faça-o ao chegar a casa. Não queira dançar até muito tarde. É possível que o Onassis trabalhe e, de qualquer forma, não lhe dê a impressão de que sai tão poucas vezes que, quando sai, quer aproveitar todos os segundos...

Pronto, estimada «flausina». Por hoje chega. Só poderíamos dar-lhe um último conselho que aqui fica à guiza de final: cresça depressa.



centauro

NO CENTENÁRIO DE



TCHIECOV

insiste naquilo
que é vital.
que é eterno.
que suscita sentimentos
que não são mesquinhos.
mas verdadeiramente
humanos.

aos homens
oferece-lhes homens,
não te ofereças
a ti mesmo.

escrever com talento
é escrever com
concisão.

GEADA

No dia de Reis havia em N..., capital de província, uma festa «popular», organizada com intuitos filantrópicos. Escolheram um largo troço do rio, entre o bazar e o bispado, cercaram-no de cordas e pinheiros embandeirados e instalaram tudo quanto é necessário para patinar e andar de trenó. Organizaram a festa com a maior grandiosidade possível. Enormes cartazes anunciavam inúmeras diversões: patinagem, música pela banda militar, lotaria com os bilhetes todos premiados, «sol eléctrico», etc., etc. Mas todos os planos iam ficando frustrados por causa duma grande geada. Na véspera do dia de Reis o termómetro registava 28 graus negativos, soprava um vento muito forte e chegou-se a propor o adiamento da festa; não o fizeram somente porque o público, que há muito tempo esperava com impaciência a grande data, não queria sequer ouvir falar em adiamentos.

— Ora pense bem nisto — asseguravam as senhoras ao Governador que era da opinião de adiar a festa — o Inverno fez-se para que haja geada! Se alguém tiver frio encontrará onde se aquecer.

As árvores, os cavalos, a barba dos homens, tudo alvejava com neve. Parecia que o próprio ar ia rechar-se por não resistir ao frio.

Apesar disso, logo depois da bênção das águas, os polícias, tranzidos de frio, estavam na patinagem e, precisamente à uma hora, a banda começou a tocar.

Próximo das quatro horas da tarde, quando a festa atingia o auge, a alta sociedade recolheu-se, a fim de se aquecer, no pavilhão do Governador, construído sobre uma das margens. O Governador e a esposa, o bispo, o presidente do Tribunal, o reitor do Liceu e muitas outras pessoas se reuniram ali. As senhoras estavam sentadas em poltronas; os homens, de pé, agrupados junto à porta envidraçada, olhavam para os patinadores.

— Valham-me todos os Santos! exclamou o bispo surpreendido; que notas floreadas eles fazem com os pés! Palavra de honra! Nenhum cantor faria com a voz o que estes estouvados fazem com os pés... Ah! aquele mata-se...

— É o Smirnoff... é o Gruzdieff elucidava o reitor, nomeando os estudantes que viravoltavam em frente ao pavilhão.

— Olhem aquele maroto ainda está vivo! exclamou o Governador a rir. Reparem é o Presidente da Câmara que vem aí... Ele aí vem, meus senhores! Que desgraça! O que ele nos vai contar a todos!

Um velhito magro com um grande barrete, ampla peliça de raposa desabotoada, evitando os patinadores, vinha direito ao pavilhão. Era o Presidente da Câmara de N..., um negociante milionário chamado Eremeieff — o mais velho habitante da cidade. De braços abertos, arrepiado de frio, saltitava, batia com as galochas uma na outra, evidentemente cheio de pressa, a fim de se abrigar do vento. A meio do caminho curvou-se súbitamente, deslizou por trás duma senhora e puxou-lhe por uma das mangas. Quando ela se voltou, deu um salto para o lado e, com o ar satisfeito de quem tinha pregado um susto, largou uma ruidosa gargalhada de velhote.

— É alegre, o jarreta! disse o Governador. Admira que não ande a patinar.

Quando chegou perto do pavilhão, o Presidente da Câmara, trotou com uns passos miudinhos, abanou os braços e, correndo por cima do gelo com as enormes galochas dirigiu-se para a porta:

— Iegor Ivanytch, disse o Governador ao cumprimentá-lo: o senhor devia arranjar uns patins.

— Estava precisamente a pensar nisso, respondeu o velhote, com voz de tenor desafinada e um pouco nasal, enquanto tirava o chapéu. Excelências! Muita saúde! Reveren-

por Anton Tchecov

díssimo monsenhor! A todos os outros, senhores e senhoras! longos anos de vida! Isto é que é geada! Meu Deus que geada! Deus nos livre! É de morrer!

Piscando as pálpebras vermelhas e geladas, Iegor Ivanytch sacudiu as galochas contra o soalho e pôs-se a bater com os braços nas ancas como um cocheiro enregelado pelo frio.

— É uma geada maldita que morde mais do que os cães, recomeçou ele com o rosto inundado por um sorriso. Uma autêntica praga!

— Faz bem à saúde, disse o Governador; a geada fortifica os homens e estimula-os.

— Pode ser que seja saudável, mas seria melhor, em todo o caso, nada haver, disse o Presidente da Câmara limpando a barba pontiaguda com um lenço vermelho. Deus nos livre da geada como castigo. Pecamos no Verão e somos punidos no Inverno... É verdade!...

Iegor Ivanytch olhou rapidamente em seu redor e juntou as mãos.

— Mas... onde está aquilo que nos aquece um bocadinho? perguntou ele, olhando assustado ora para o Governador, ora para o bispo. Vossa Excelência e Vossa Reverendíssima!...

Tenho a certeza que também as mesdames estão geladas. É preciso tomar qualquer coisa... Não podemos passar sem isso...

Todos gritaram, agitando os braços, que não tinham vindo à patinagem para se aquecerem com bebidas, mas o Presidente da Câmara, sem dar ouvidos a ninguém, fez um sinal a qualquer pessoa com o dedo em gancho. Um operário e um bombeiro correram à chamada.

— Vão ao Savatine, corram, articulou; digam-lhe que me mande para aqui muito depressa... como é que lhe chamam? Como é? Digam-lhe que mande doze copos de vinho quente, do mais quente, ou ponche, talvez...

No pavilhão ressoaram gargalhadas.

— Que bela coisa nos dá!

— Não faz mal, há-de beber-se! murmurou o Presidente da Câmara; uma dúzia de copos, então... e Benedictine... e digam-lhe que aqueça duas garrafas de vinho tinto... E para as senhoras, que há-de ser? Bem tragam-lhes bolos, nozes... pastéis de todas as qualidades... Vamos... corram depressa!

O Presidente da Câmara calou-se um momento e recomeçou a praguejar contra a geada, batendo com as mãos uma na outra e com as galochas no soalho.

— Não, Iegor Ivanytch, disse-lhe o Governador, não diga blasfêmias, a geada russa tem, que devemos muitas das qualidades do povo russo aos nossos imensos latifúndios e ao clima; à luta feroz pela existência...! E é bem verdade!

— Talvez seja verdade, Excelência, mas seria melhor que não houvesse geada. Foi a geada evidentemente que expulsou os franceses; podem gelar-se alguns acepipes; as crianças patinam... — tudo isso é verdade. A geada, para os que andam bem agasalhados, é só prazer, mas para os operários, mendigos, peregrinos e para os loucos quase nus, é o maior dos tormentos e uma verdadeira calamidade. Desgraça das desgraças, Reverendíssimo Senhor! Uma geada desta ordem faz aumentar a pobreza, torna os gatunos mais astuciosos e os malfeitores mais ferozes. Contra isto, não há argumentos. Já fiz setenta anos; e tenho peliça, um fogão em casa, todas as qualidades de rum e de ponche. Agora a geada para mim não é nada; não lhe dou importância alguma; não quero conhecê-la! Mas antigamente, o que eu passei, Mãe Santíssima! Põem-se-me os cabelos em pé quando penso nisto! Perdi a memória com o volver dos anos e esqueci tudo: os meus inimigos e os meus pecados; todas as desgraças. Esqueci tudo mas a geada, oh! como me lembro bem dela! Depois do falecimento de minha mãe fiquei um homenzinho insignifi-

cante — deste tamanho — um órfão sem abrigo... Nem pais, nem parentes, as roupas esfarrapadas... Tinha fome e não tinha onde dormir. Numa palavra; nem lugar cá em baixo, nem esperança no reino dos céus... Tive então oportunidade de encontrar por uma moeda de cinco copeqs ao dia, um emprego de guia de uma velha cega... As geadas eram rudes, ferozes...

Logo que saía com a velha começava a sofrer! Ah! Deus dos Céus! Primeiro sentem-se tremuras, como se fosse febre; engelhamo-nos todos, saltamos; depois as orelhas, os pés e os dedos começam a doer. Doem como se fossem apertados por tenazes. E tudo isto não seria nada... não teria importância... A desgraça é maior quando todo o corpo arrefece.

Depois de três horas à geada perde-se toda a configuração humana. Os pés contraem-se, o peito fica oprimido, o ventre encolhe e sente-se, sobretudo, uma dor no coração de tal ordem que não pode haver nada pior. O coração sofre de tal maneira que se não pode suportar e, no resto do corpo, há uma angústia tão grande como se não fosse uma velha, mas a própria morte que levássemos pela mão! Ficamos inteiriçados, transformados em pau, como ídolos. Andamos e parece que não somos nós que marchamos, que alguém mexe os pés em nossa vez. Quando a alma está congelada não se sente; sentimos vontade de abandonar a velha, de roubar um pão quente do tabuleiro dum vendedor ambulante ou de pegar ao soco com a primeira pessoa que nos apareça. E quando voltamos para casa, para dormir, também não é nada divertido, também não é nada divertido! Já sabemos que vamos chorar e sofrer de insónias até à meia-noite! E sem saber, ao menos porquê!

— Enquanto não é noite, disse a mulher do Governador, aborrecida de estar a ouvi-lo, vamos dar uma volta pela patinagem. Quem quer vir comigo?

Saiu. E atrás dela todos os presentes se dirigiram para fora do pavilhão; só ficou o Governador com o bispo e o Presidente da Câmara.

— Mãe de Deus! recomeçou Iegor Ivanytch, levantando os braços para o Céu — a peliça entreabriu-se-lhe — o que eu passei quando me colocaram como caixeiro numa peixaria! Chegava ao estabelecimento de manhãzinha...

Pelas nove horas já estava completamente gelado, a cara azul, os dedos entorpecidos a ponto de não poder sequer abotoar o único botão, nem contar o dinheiro. Estava ao frio, cada vez mais anquilosado, e pensava: «Meu Deus, tenho que ficar assim até à noite!...». Por volta do meio dia já sentia o ventre encolhido e o coração inquieto... Oh! sim, meus senhores! E mais tarde, quando consegui ser patrão, não melhorei nada... Geadas inauditas, uma lojita como uma ratoeira, correntes de ar por todos os lados... E tinha com o devido respeito, uma peliça insignificante, nem era uma peliça; era uma pele de peixe que se deixava atravessar pelo vento... A gente enregela-se, perde a cabeça e fica mais duro que a geada. Puxa-se uma pessoa pela orelha, bate-se no pescoço de outras, olha-se para o freguês como quem vê um malfeitor, uma fera, e procura-se esfolá-lo vivo. À noite, ao voltar para casa, sentimos vontade de ir para a cama, mas estamos sempre de mau humor. Começamos a atirar à cara dos nossos aquilo que comemos e somos de tal maneira brutais e rudes, que nem cinco polícias seriam capazes de nos conter. A geada torna-nos maus e obriga-nos a beber sem conta nem medida...

Iegor Ivanytch pôs as mãos e recomeçou:

— E quando transportávamos peixe para Moscovo durante o Inverno! Mãe Santíssima!

Acalmando-se pôs-se a descrever os horrores que passara, juntamente com os seus caixeiros, durante essa viagem.

— Sim, o homem é resistente! suspirou o

Governador. Você Iegor Ivanytch transportou peixe para Moscovo, e eu, no meu tempo, andei na guerra. Lembro-me dum facto extraordinário...

E o Governador contou como, na última guerra russo-turca, durante uma noite glacial, a coluna de que fazia parte quedara durante trinta horas, debaixo dum vento cortante. Com medo de ser visto, o destacamento não acendera fogueiras; calados, não tugiavam nem mugiam; era proibido fumar.

As recordações acorreram. O Governador e o Presidente da Câmara animaram-se, ficaram alegres e, interrompendo-se um ao outro, puseram-se a remexer no passado. O arcebispo contou a maneira como, quando era padre na Sibéria, e viajava num trenó puxado por cães, caíra, por ter adormecido durante uma grande geada e por pouco ficara gelado. Quando os indígenas vieram à sua procura e o encontraram, estava quase morto.

Depois, como se tivessem chegado a um acordo tácito, os velhotes calaram-se, sentaram-se muito juntos e mergulharam os seus pensamentos.

— Ah! murmurava o Presidente da Câmara parece que já devia ter esquecido tudo isto, mas quando vejo os aguadeiros, os estudantes e os desgraçados dos presos com os seus pobres capotes, vem-me logo à memória... Olhem para os músicos que estão a tocar. Evidentemente já se sentem mal do coração sentem os ventres encolhidos e os instrumentos gelam-lhes a boca... Tocam e pensam: «Mãe Santíssima! ainda três horas, assentados ao frio!».

Os velhotes começaram a pensar naquilo que nos homens está acima do nascimento, acima das dignidades, acima da riqueza e da sabedoria, naquilo que aproxima de Deus o último dos mendigos; quer dizer a fraqueza do homem, o sofrimento e a paciência...

A atmosfera entretanto azulara. A porta abriu-se e os dois empregados de Savatine

entraram trazendo tabuleiros e uma grande infusa, muito agasalhada. Quando encheram os copos, espalhou-se um forte aroma a canela e a cravo. A porta abriu-se outra vez, e um polícia ainda novo com o nariz vermelho e todo coberto de gelo, entrou. Aproximou-se do Governador e, com os dedos na pala do barrete, disse:

— Esposa de Vossa Excelência mandou-me anunciar que partiu para casa...

Olhando o polícia que conservava na pala os dedos enregelados abertos; vendo-lhe o nariz vermelho os olhos sem brilho o capuz coberto de gelo branco até à boca; todos sentiram por qualquer razão desconhecida que aquele homem devia sentir dores no coração, beliscões no estômago e um grande vazio na alma...

— Toma um copo de vinho abafado, disse-lhe o Governador hesitante.

— É verdade... é verdade! Bebe! encorajou-o o Presidente da Câmara gesticulando; não tenhas vergonha!

O polícia pegou no copo com ambas as mãos, afastou-se um pouco e, procurando beber sem fazer barulho, começou a despejar o copo discretamente. Bebeu e ficou aturdido de confusão quando os velhos olharam para ele em silêncio, imaginando que a dor abandonara o coração do polícia e que a sua alma se desenregelara. O Governador deixou escapar um suspiro.

— São horas de irmos para casa, disse ele levantando-se. Adeus! Depois acrescentou, dirigindo-se ao polícia: dize aos músicos que... deixem de tocar, e pede em meu nome a Pavel Seminovovitch que lhes dêem... cerveja ou **vodka**.

O Governador e o bispo disseram adeus ao Presidente da Câmara e saíram do pavilhão.

Iegor Ivanytch agarrou-se à infusa do vinho e antes do polícia ter acabado o seu copo, pôs-se a contar-lhe coisas muito interessantes. Não era capaz de estar calado.

2—O PESCADOR



por Mário Ventura

A trepidação do tractor transmite-se ao barco e este estremece na areia molhada, chiando ao esmagar os rolos de madeira que lhe estão por baixo. Resfolga, arqueja, tomba sobre um lado, no esforço para resistir à máquina mais forte. Acaba por ceder.

Cinco horas da manhã, noite cerrada ainda sobre o mar que marulha, e sobre as casas da vila onde dormem até tarde os que gozam férias, depois do baile no «dancing», do passeio até à praia batida de luar, do serão à mesa do café.

Os homens são sombras trémulas na escuridão só quebrada por lanternas de petróleo, lentos, silenciosos, enregelados. Alguns já cosem redes, sentados no chão de pernas cruzadas, cansando os olhos que deixam ao tacto o encargo de guiar as mãos.

Na praia, despedidos de velas, os barcos, numa estranha formatura de fantasmas, encostam-se à muralha. Muralha altíssima que separa barcos e homens de um mundo que não é o seu, e de que estes se sentem desligados e, pouco a pouco, repelidos. Muralha que os empurra para o mar.

Lá estão o «Horas Vagas» e o «Flor do Algodio» e o «Sempre Veio», que evoca o regresso depois de uma espera desesperada. O pessimismo do «Sempre Mal» acasala-se com a alegria da «Flor da Ericeira». O «Marquês de Pombal» e o «Alcatraz» ladeiam um «Vasco Santana» bojudado e pesado.

A saída retarda-se. Na véspera foi dia da feira tradicional, o único dia do ano em que os pescadores descansam e se entregam ao deslumbramento quase infantil dos cavaliños de madeira, dos automóveis animados por estranha força, das raparigas vistosas que nas barracas de tiro sorriem para eles. Os homens deitaram-se tarde, tão longe dos seus hábitos os levou aquela alegria gratuita num mundo onde, enfim, nada os impede de se sentirem livres e felizes.

E agora, que os homens do «Choco» se prepararam para sair, o Carola não aparece. É o mais novo do grupo, dezassete anos apenas, e teve talvez, na noite que passou, o seu primeiro encontro com certa morena já conhecida do ano anterior, e que como ele cresceu em anos e experiência desde a última vez que se viram. Pobre peregrina que ele desejaria arrancar à sua vida errante na barraca suja, e guardar consigo para sempre, bem no fundo do barco que vai partir sem ele.

Ondas meigas lambem a proa do «Choco», o barco mais lindo de toda a praia, que tem agora no ventre um motor novo. Bastantes dores de cabeça causou o seu pagamento ao dono da embarcação, a quem a pesca não tem dado senão motivos para maldizer a sua vida. Ele próprio afirma, no entanto, que não é dos que têm mais razões para o fazer.

O mestre do barco, Manuel G., recomenda ao forasteiro que os acompanha nesta saída, que se segure bem dentro da embarcação, agora a deslizar, mansamente empurrada pela máquina que há muito substituiu as juntas de bois. Di-lo com uma brusquidão que não estranham os que com ele convivem, mas que melindra o desconhecido, embora este conheça as suas causas. O mestre é assim mesmo, avaro de falas e sorrisos, hostil para com os estranhos que não gosta de ver dentro do seu barco. Mas se o patrão e o comandante da capitania dão autorização para uma viagem de curiosidade e fotografias e, também, quase sempre, de enjoio, o mestre resigna-se e nem sequer protesta contra a intrusão. Agradece os cigarros que os curiosos eventuais sempre lhe oferecem e pronto, fica por aí.

O mestre não é velho; cinquenta e poucos anos que parecem, contudo, setenta e muitos. É casado e tem filhos já arrumados na vida. Um homem feliz, enfim, que é o que significa a frase dos companheiros: «é dos poucos que podem vestir uma camisa lavada». A mulher vende peixe e, nos meses de Verão, alugam a casa, pequenina mas muito limpa, aos forasteiros.

Da parte do lucro da venda do peixe que cabe aos tripulantes do barco, o mestre recebe todas as semanas quarenta por cento e os camaradas dez por cento, (que representa para os segundos cerca de cento e cinquenta escudos), e que, segundo eles dizem, seria muito bom se pudessem sair para o mar todo o ano. Mas aquela terra é maldita, eles bem o sabem. De Agosto aos fins de Abril, sair ao mar é correr o risco de lá ficar. Dizem até os antigos: «No primeiro de Agosto recolhe o barco ao seu posto». Sem um porto de abrigo, sem defesa contra as vagas que se acumulam não longe da praia e lhes barram a entrada, são simples joguetes de um destino que não raro os sepulta nas águas.

E de que serve clamar pela segurança das suas vidas e, sobretudo, pela continui-

dade do seu ganha-pão, dia após dia, ano após ano, se todos dizem que a pesca, naquela aldeia piscatória onde vivem com as suas famílias quatrocentos pescadores, é «uma actividade de luxo?». A obra necessária nunca se fará, e os filhos dos pescadores continuarão a viver a vida que há cem anos viviam os avós dos actuais.

Alguns desertam, é certo, mas para voltarem, quase todos, mais tarde ou mais cedo. Vão para a pesca do bacalhau, uns, outros para os arrastões, mas raro é aquele que parte para se dedicar a outra actividade.

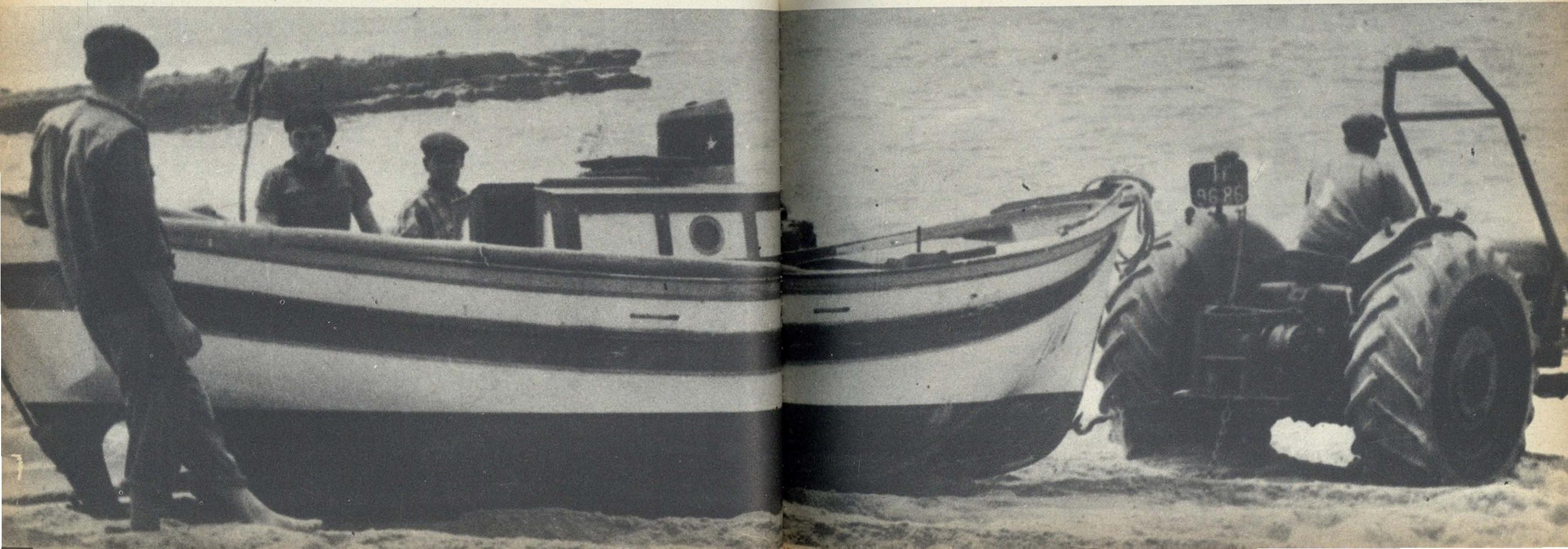
Um dos que abalou um dia, muitos anos atrás, foi o mestre. Trabalhou àrduamente e chegou a mestre de arrastões. Nunca juntou dinheiro, valha a verdade, já que a vida de pescador é má em toda a parte. E teve de voltar, de mãos vazias como partira, traído por si próprio. Aquilo que mais contava na sua profissão, a vista, tinha-lhe faltado. Por muito tempo ainda se iludira, tentando iludir os outros, pedindo-lhes que confirmassem as suas certezas que eram só suposições. Mas quando começou a perder redes, por já não poder distinguir os pontos de referência em terra, mandaram-no em-

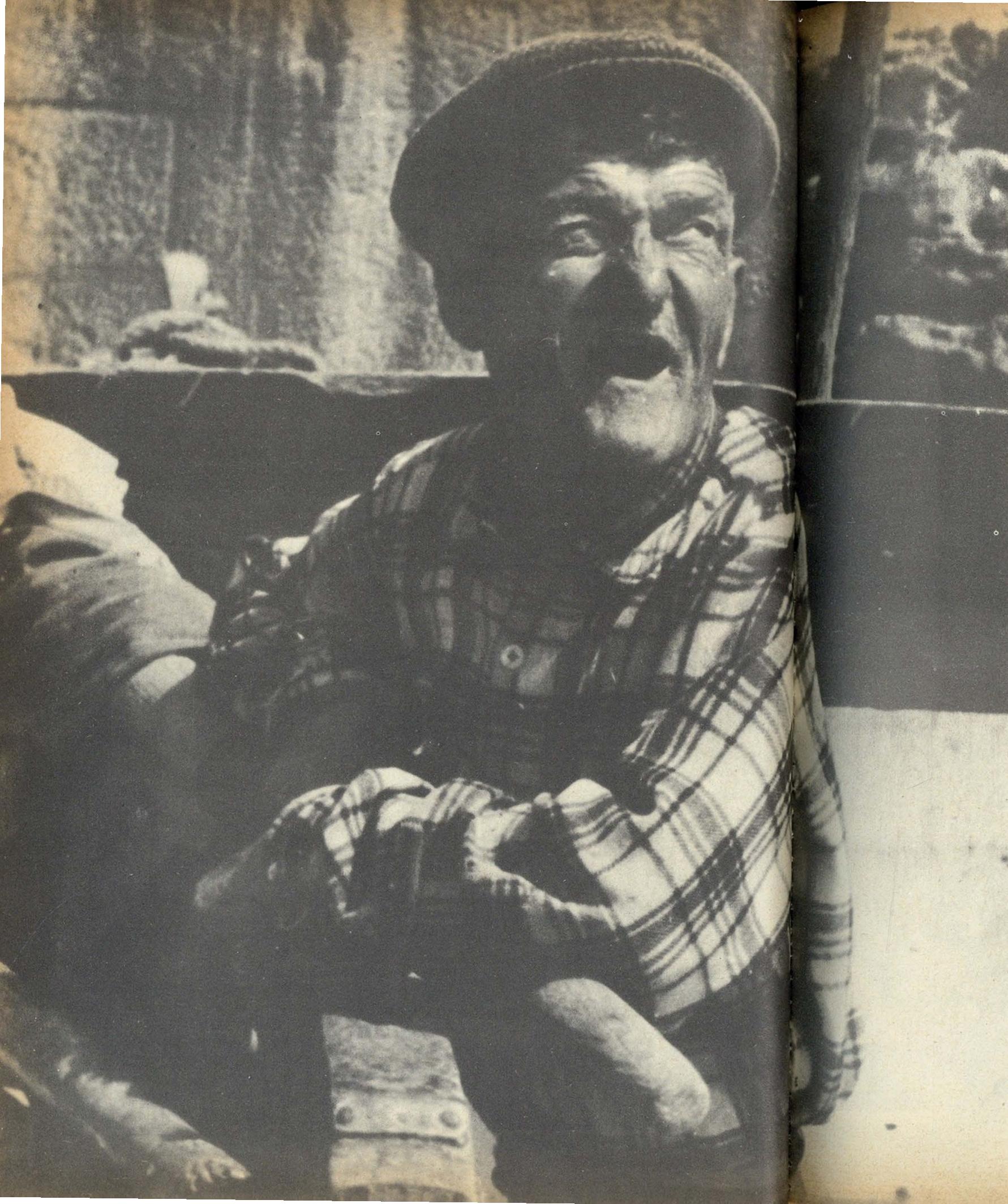
bora. Agora ali, na praia onde começou a pescar, ainda consegue o lugar de mestre num barco, já que as redes são lançadas perto da costa. Mas é triste ouvi-lo perguntar aos camaradas, com as mãos em pala sobre os olhos, tentando encontrar o vértice onde foram deitadas as redes, mas esforçando-se por não descer da sua severidade de mestre da embarcação:

— Estão a ver-se as torres de Mafra, não é?

E os outros, às vezes, demoram a resposta até se avistarem, com efeito, as torres de Mafra, para não terem de contrariar o mestre.

Afinal, o Carola sempre chegou a tempo de seguir no «Choco». Este já baloiçava na água quando ele apareceu a correr, gritando a toda a força dos pulmões que esperassem por ele. Agora, sentado na proa do barco, é o único que sorri para o forasteiro. Pensa, talvez, na jovem morena que há pouco deixou e daí a pouco abalará para outra terra. É jovem, ainda não sofreu e sente-se cheio de boa-vontade para toda a gente. É, até,





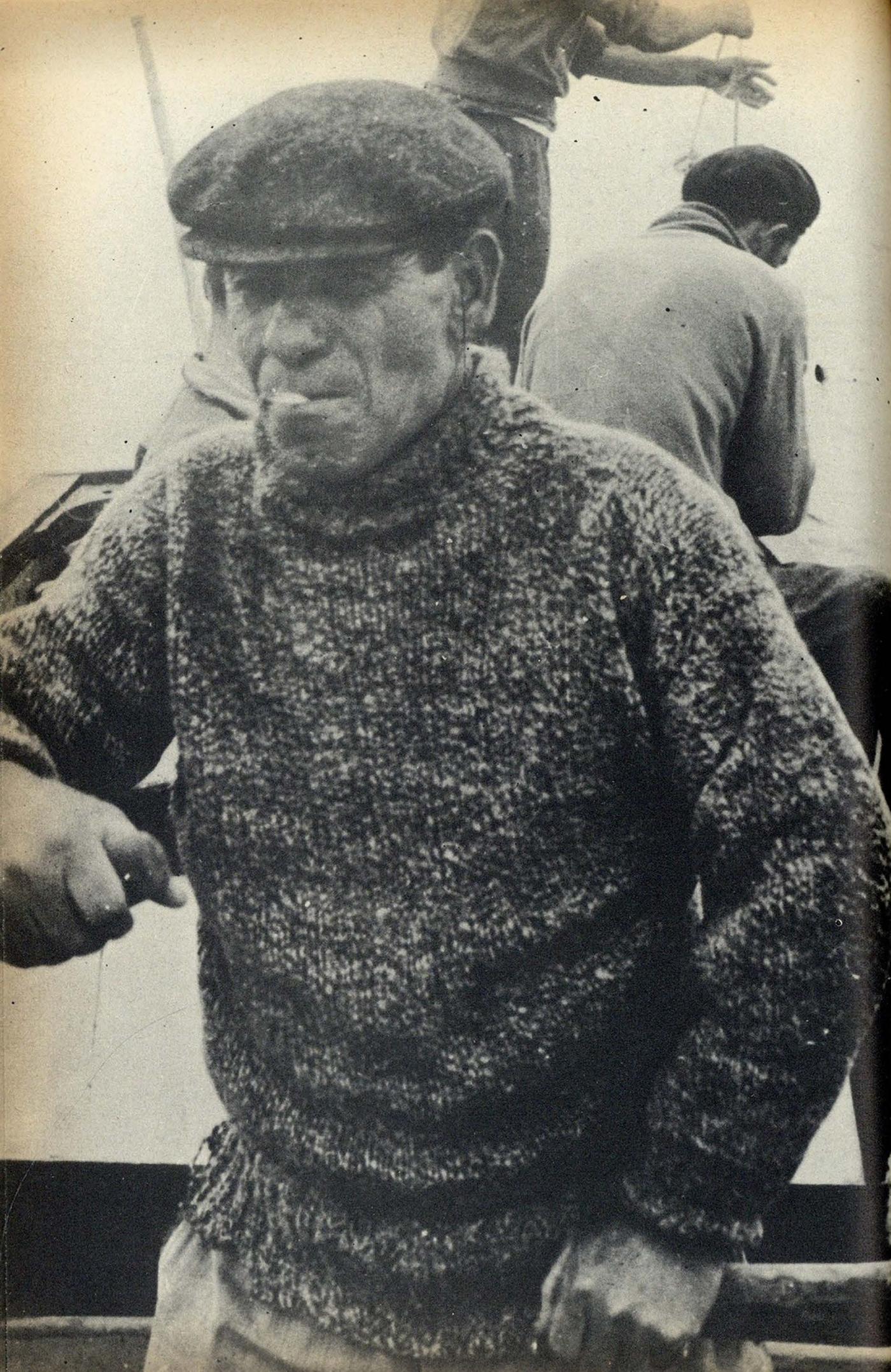
capaz de sorrir ingenuamente quando o mestre lhe ralha.

O mestre diz agora, com mal disfarçado azedume, para o forasteiro que estranha a agitação das ondas, tão altas que ao passarem a popa escondem a terra de vista: «o mar assim está raso». Tem de gritar para se fazer ouvir, pois o ruído do motor ensurdece as pessoas, de tal forma que os camaradas só podem comunicar por gestos.

Na caixa do motor, Chico Pina, o maquinista, encolhido, dormita. Tem vinte e oito anos e revela um feitio intratável. Irrita-se ao menor pretexto e desata uma série de impropérios que o tornam apoplético. Deixa-se então dominar pela cólera, tremendo como que atacado de sezões, e só a custo consegue recuperar o domínio de si próprio. Não ri como os restantes, e os seus olhos afogam-se permanentemente numa nuvem de amargura. Dá a impressão de ser profunda e trágicamente consciente — o que é raro —, do seu drama. Tem um drama? Sim! Vivia com um tio e a avó paterna, o Chico Pina. Esta adoeceu e teve de ser internada num hospital, onde se encontra há muitos meses. É agora o Chico que faz o comer para ele e para o tio. Dizem-lhe os camaradas: «Casate, alma penada!». Encoleriza-se e responde: «Como? Vivo na miséria e vou arranjar mais uma boca p'ra passar fome?...».

O Baltasar prepara-se para o lançamento das redes, arrumadas em dois molhos. São trinta ao todo, com a extensão de algumas centenas de metros. Valem cerca de dez contos, e por isso aparecem tantas vezes nos pesadelos do dono do barco. Às vezes, é o caranguejo que dá cabo delas, outras, empancham-se com as redes de outros barcos e nada se aproveita delas. Ocasões há, também, em que, inexplicavelmente, desaparecem do local onde foram deitadas.

O mestre já escolheu os pontos de terra que servirão de referência para encontrar aquele local: Mata longa, que sobrepõe a um penedo, a «degolada», e a Nossa Senhora, que é o nome dado ao castelo da Pena. O motor parou, abruptamente, mas nos ouvidos permaneceu por instantes o seu ruído teimoso. O único som, agora, é o do marulhar das ondas. O Baltasar prepara-se



fotos de E. Gageiro

para lançar as redes. É novo mas tem as feições prejudicadas por um dente que lhe sai da boca quase na horizontal, mesmo quando cerra os lábios. Fala pouco, a não ser para atizar as iras do Chico Pina. Tem vinte e seis anos, é casado e já pai de quatro filhos, como aliás a maioria dos seus companheiros jovens. Em casa, onde só dorme, apenas entrega metade do dinheiro que ganha. A restante gasta-a nas tabernas aos sábados e domingos. Continua a comer em casa dos pais. Solta um palavrão para o Chico Pina e diz depois, como desculpa, ao forasteiro que os olha:

— Não repare; os pescadores são todos assim, não sabem falar de outra forma. É por isso que estão quase sempre calados ao pé de estranhos...

Anda sujo e embebeda-se, o Baltasar. E, contudo, nem sempre foi assim. Sobretudo, antes de casar. «Relaxou-se», costuma dizer o Carola.

Agora, estão de regresso. Sobre a superfície eternamente ondulante fica apenas uma bandeirinha que oscila ao balanço da vaga, a assinalar o local onde se encontram as redes. Bandeira da fome, afinal, da sua fome de tudo. Que encontrarão quando voltarem? Fartura de peixe não será, com certeza, que o há cada vez menos naquela zona. Pescadores da terra que abalaram para trabalhar nos arrastões, levavam ali os barcos a proporcionar-lhes boas pescarias.

Assim minguiu a riqueza daquele mar e aumentou a pobreza dos que ali vivem.

Mas se tiverem a fortuna de apanhar muito peixe, o que já raramente acontece, têm ainda de sofrer a tortura da lota, onde se paga de imposto mais de vinte por cento do que render o pescado. Lagostas com menos de vinte centímetros não podem ser vendidas, e não é raro o dia em que o cabo do mar — o «teddy-boy», como lhe chamam — multa um pescador por faltarem milímetros numa lagosta que aparece na lota.

— Ainda se nos devolvessem depois esse dinheiro... — exclama o Chico Pina irritado.

E os que o ouvem sabem a que ele se refere. Quando não saem para o mar, por estar mau tempo, os pescadores não recebem nada, nem tão pouco quando estão doentes. Quando sofrem invalidez temporária por acidente no mar, recebem diariamente a quantia de 7\$50. A Casa dos Pescadores paga metade das especialidades médicas; mas como aqueles não possuem a outra metade, nunca tomam os remédios.

Do peixe que apanha, o pescador não pode guardar a mínima parte para si. Se o fizer sujeita-se à acção policial. É a lei... Todo o peixe tem de ser vendido na lota. Mas a fome é mais forte que o medo e eles tentam, por vezes, a sua sorte. Mas nem sempre conseguem que ela seja só sua...

À hora da manhã a que o «Choco» chega à praia, já se instalou ali o movimento e a algazarra da lota. Até à tarde, o mestre e os camaradas vão ocupar o tempo a coser redes. Depois, irão recolher o peixe, para na madrugada seguinte tornarem a lançar as redes. E sempre, assim, sem que o sol se abra sobre as suas vidas.



é preciso sonhar

Já sentiram alguma vez necessidade de sonhar? É provável que não porque o facto de não se ter sonhado bastante provoca distúrbios tanto psíquicos como de comportamento e não sabemos se se devem atribuir especificamente a este factor. Aquele que não tenha tido a possibilidade de sonhar durante um período suficientemente longo no decurso do sono poderá sofrer de angústia, será muito susceptível de irritar-se durante o dia, terá dificuldade em concentrar-se, mas não se dará conta de que estas perturbações devem provir, profundamente, da privação do sonho. Segundo as pesquisas levadas a cabo pelo Dr. William Dement do famoso Hospital do Monte Sinai de Nova Iorque, uma certa quantidade de sonho é necessária ao homem todas as noites. Quando nos lamentamos porque a noite antecedente foi passada em claro ou quase, atribuímos à falta de dormir o nosso mal-estar. Todavia, é provável que a razão esteja antes em não termos sonhado em quantidade suficiente.

FUNÇÃO DOS SONHOS

O objectivo do estudo do Dr. Dement era o de conhecer qual seria a função e o significado do sonho no equilíbrio biológico das pessoas. No decurso dos últimos cinco anos ficou demonstrado que o sonho é acompanhado de períodos de rápidos movimentos dos olhos, em sincronismo nos dois globos oculares. Estes movimentos sucedem-se com características tais que, postos em relação com o conteúdo dos sonhos tanto quanto podem ser recordados, levam a concluir que os olhos se movem à medida que o indivíduo que sonha dirige o olhar para os acontecimentos que ele observa no decorrer do sonho. Enquanto se dorme o movimento dos olhos sucede-se com periodicidade correspondente às fases do sono mais leve, tal como é avaliado pelo electro-encefalograma. No decurso de um sono típico e não perturbado verificam-se quatro ou cinco períodos de sono cuja duração corresponde pouco mais ou menos a vinte por cento do tempo que se leva a dormir.

O aspecto mais notável do complexo de

pesquisas dos últimos anos, às quais o próprio Dr. Dement deu tão valiosa contribuição, está em ter-se verificado que o homem normal sonha muito mais do que anteriormente se pensava.

Desde que não parece haver excepções à existência de sonhos em quaisquer pessoas adormecidas, podia perguntar-se se esta quantidade de sonho normalmente usufruído representaria uma fracção necessária e vital da nossa existência. Poderiam os homens continuar a «funcionar» normalmente se ficassem privados, completa ou parcialmente, da sua vida de sonho? Não será o sonho uma necessidade fisiológica e psicológica?

Para responder a esta pergunta o Dr. Dement começou de há um ano para cá uma série de investigações nas quais pacientes voluntários se sujeitam a ser privados de sonhar. Desde que, no decurso de uma noite normal há períodos de sonho alternando-se com períodos de sono em que se não sonha, e que isto pode ser verificado por um observador com base nos movimentos dos globos oculares do dormente, é possível privar o indivíduo do sonho, despertando-o todas as vezes que se inicie um período em que os olhos entrem em movimento.

O DESPERTAR FORÇADO

Os indivíduos que se prestaram ao estudo apresentavam-se no laboratório à hora em que lhes era habitual deitarem-se. Aplicavam-se-lhes eléctrodos junto dos olhos e em outros pontos escolhidos da cabeça. E depois iam deitar-se em pequenos e confortáveis compartimentos no laboratório. Havia fios ligados aos eléctrodos aplicados aos pacientes, comunicando com aparelhos num quarto adjacente. Aí se registavam, durante toda a noite, os potenciais eléctricos dos movimentos oculares e as ondas do cérebro. Durante algumas noites os voluntários eram deixados em tranquilidade com o fim de se observar qual era o seu comportamento normal em termos de sono e de sonho. Depois as observações completavam-se com uma série de

noites consecutivas durante as quais os pacientes eram acordados sempre que se registava nos eléctrodos um começo de movimento ou seja um período de sonho. Assim se provocava a «privação do sonho». Depois de algumas noites deste tratamento, o voluntário era deixado em repouso completo mas continuava a fazer-se o registo de modo a verificar o que acontecia durante o período de recuperação. Cada indivíduo era a seguir deixado em liberdade por algumas noites. Depois apresentava-se no laboratório todas as noites para ser sujeito a experiências de «contrôle»: por uma série de noites consecutivas ele era acordado repetidamente mas desta vez períodos de sono durante os quais os seus olhos não se moviam, e, portanto, quando presumivelmente não sonhava. Obtiveram-se registos durante 20/30 noites respeitantes a um grupo de oito homens cuja idade estava compreendida entre os 23 e os 32 anos.

Sempre que se lhes provocava um despertar forçado os voluntários deviam sentar-se na cama e permanecer acordados durante alguns minutos. Na primeira noite de privação de sonho o readormecer depois de um despertar forçado dava início a um novo ciclo de sono e o sucessivo período de sonho vinha retardado por uma correspondente fracção de tempo. Mas com o decorrer da experiência, aí pela quarta ou quinta noite de privação de sonhos o número de vezes que o despertar forçado era necessário para suprimir o sonho ia aumentando. Um paciente que tinha sido acordado apenas sete vezes no decurso da primeira noite teve de ser despertado 24 vezes na quinta noite de experiência. Por outras palavras a privação forçada do sonho provocava uma intensificação cada vez mais forte das tentativas de sonhar. Todos os indivíduos submetidos ao referido estudo mostraram esta reacção.

Terminado que foi o período de privação de sonho, o que nunca se fez mais do que sete noites consecutivas, todos os voluntários foram autorizados a repousar pacificamente durante algumas noites, mas sob observação. E eis que se verificou um fenómeno inesperado. Ao passo que a duração dos períodos de sonho de cada paciente não totalizava mais do que 20% de cada noite de sono não perturbado (antes do período de privação de sonhos), depois de cinco ou mais dias de pri-

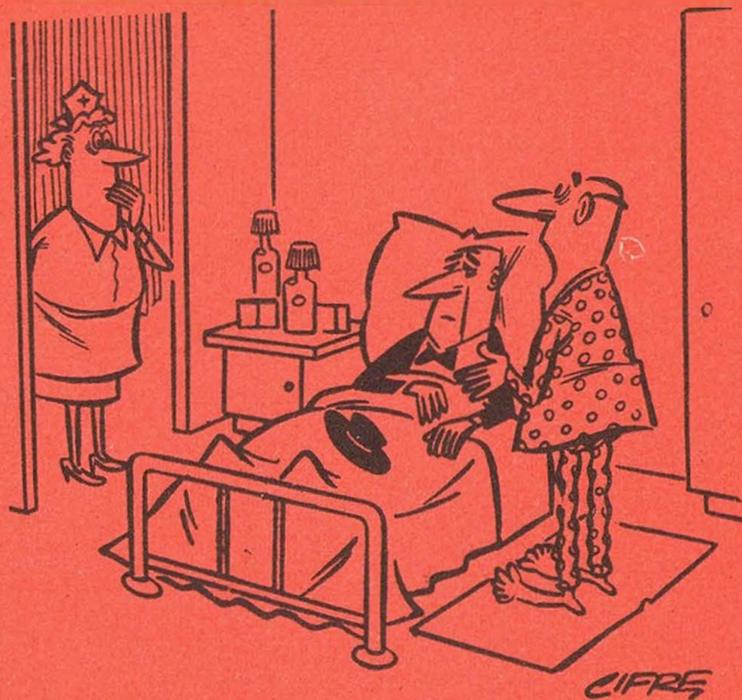
vação os voluntários sonhavam durante um tempo que atingiu 34% do tempo de sono não perturbado nos tempos anteriores à experiência. Verificava-se assim uma espécie de recuperação dos sonhos perdidos, os quais se manifestavam ainda algumas noites depois de finda a experiência da privação.

PERTURBAÇÕES PSICOLÓGICAS

Entretanto, seis dos oito voluntários com os quais foi iniciado este estudo continuaram a apresentar-se regularmente no laboratório até ao fim da investigação. Os outros dois preferiram descansar por terem ficado bastante abalados com a falta de sonhar. Os seis vieram ulteriormente submeter-se a uma nova série de «despertar forçado» durante noites consecutivas, mas o observador acordava-os durante os períodos em que os olhos não se moviam. Neste caso não se notou nem a intensificação dos períodos de sonho nas noites sucessivas, nem qual reacção de recuperação nas cinco noites subsequentes àquelas em que o paciente era apenas perturbado nos períodos de sono sem movimentos oculares.

Em todos os indivíduos se notaram claríssimas perturbações psicológicas mais ou menos graves enquanto durava o período de privação de sonhos. Todos estes sintomas anormais desapareciam mal os indivíduos regularizavam o equilíbrio de seu tempo de sonhar. Nenhuma apreciável perturbação psicológica, pelo contrário, se manifestou naqueles mesmos indivíduos quando foram acordados em períodos de não sonho. A interrupção do sono sem existência de sonhos não provoca qualquer consequência desagradável. A irritação, a incapacidade de concentrar a atenção, a ansiedade e a diminuta eficiência de que todos tinham sofrido no decurso das primeiras experiências era pois devida à falta de sonhar.

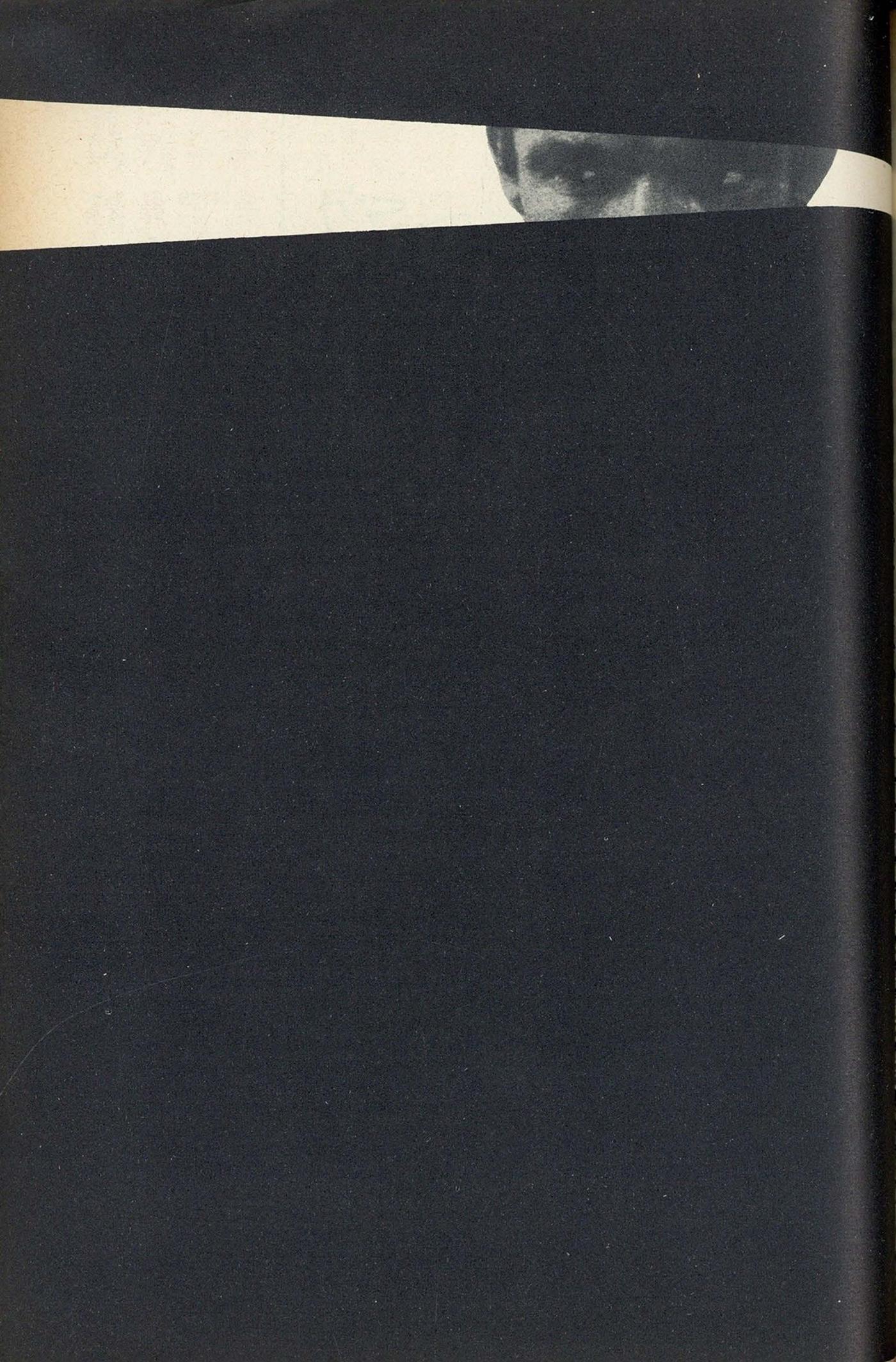
O valor crescente do **deficit** de sonho, durante noites sucessivas, parece provocar uma espécie de pressão cada vez maior para sonhar, que deve encontrar uma compensação, sob a forma de sonhos mais numerosos e mais longos quando venham a cessar os factores que os impediram de realizar-se. Pensa William Dement que talvez viessem a produzir-se perturbações graves e o próprio esfacelamento da personalidade se o período de privação de sonhos se prolongasse demasiado.



— Este amigo sentia-se muito mal!



— Tem a certeza que os quinze minutos ainda não passaram?



CEGUEIRA DE MATAR

Vista de cinco milhas de distância, Lomstown não parecia mais do que um aglomerado de cabanas. Fiquei surpreendido quando ali entrei montado no meu cavalo e fiel companheiro.

Na verdade, Lomstown era uma comunidade de tamanho razoável com candeeiros de iluminação, passeios de madeira e tudo o mais, como de costume.

O hotel ficava na rua principal. Fui lá encontrar o proprietário encostado ao balcão a espremer as espinhas do queixo.

— «Então, rapazinho» — disse ele — em que te posso ser útil?».

Não gosto que me chamem rapazinho. Não porque queira fazer-me passar por uma pessoa adulta e já madura, mas simplesmente não gosto.

— Quero um quarto — disse eu.

Ele atirou-me uma chave.

— São dois dólares por noite, pagamento adiantado.

— Onde é que eu posso comer, nesta terra? — perguntei eu.

— Há um restaurante do outro lado da rua. Queres alguma coisa, rapazinho?

— Siim. — Disse eu —. Ando à procura de um tipo. Você talvez o conheça: Lanny Marsato.

Pareceu-me que ele também não gostava do tipo. Até parou de espremer as espinhas do queixo. — Que é que tu queres do Lanny Marsato? — perguntou ele.

— Onde é que o posso encontrar?

Não respondeu.

— Oiça, meu amigo — disse eu — se não quer dizer, não diga. Eu sei que ele está aqui e hei-de encontrá-lo tarde ou cedo.

Ele coçou o nariz. Bem — disse ele — talvez o possas encontrar no Simpy. É uma casa de comidas. Consta-me que ele vai lá todas as noites.

Sai, dizendo: Mande alguém tratar do meu cavalo.

Fosse como fosse, Marsato não me pareceu ter aquela importância que eu lhe atribuíra a princípio quando finalmente me instalei no quarto. Quando se está calmo e receoso nada parece realmente muito importante. E eu torno-me receoso com muita facilidade.

Desenrolei a minha manta de sela donde retirei o velho revólver de Marinha.

Preferia ter trazido a pistola de Benjie mas o velho sr. Wentwort tinha-a reclamado e não a tinha querido devolver. Ele dissera que Benjie sempre lhe tinha prometido que seria para ele quando morresse.

Tive, pois, que contentar-me com este revólver que o meu pai deixara. Pelo que eu sabia, era muito provável que me saltasse das mãos ao disparar.

Afiveleri o cinto e ajustei o coldre. Depois coloquei-me diante do espelho e pus-me a treinar no sacar da arma. Não sou nada rápido. Para falar com franqueza não me lembro de alguma vez ter disparado uma arma em toda a minha vida.

O meu irmão Benjie, esse, sim, era rápido. Era o atirador mais rápido da região. Eu sei que o velho Benjie não era boa prenda, mas isso não interessa realmente nem importa saber quem começou a luta, ou se Benjie tinha uma arma ou não, ou se foi alvejado nas costas ou no ventre. Eu sabia apenas que tinha de fazer isto. E sentia as agonias do medo por ter de o fazer.

— É o senhor Bellinger? — perguntou a rapariga que entrara deixando a porta meio fechada. Era bonita. Devo confessar que era realmente muito bonita. Levantei-me rapidamente da cama.

— O sr. Barnes, o proprietário do hotel, disse-me onde o podia encontrar —, disse ela.

Tinha ficado de pé, junto da porta, com um ar desajeitado. Era alta para uma rapariga e possuía o cabelo de um tom castanho que eu nunca tinha visto. A presença de uma mulher atrapalha-me um bocado. Tenho quase dezassete anos e lá no posto da montanha não vemos muitas mulheres — mulheres de verdade. Quero dizer, mulheres com vestidos e rendas e perfume e tudo o mais. Sinto-me um pouco confuso.

— Não se quer sentar? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça. — O sr. Barnes disse-me que andava alguém à procura de

Lanny — disse. — Contávamos que isto acontecesse. O senhor é o irmão do homem que Lanny matou, não é verdade?

Fiz sinal que sim. Que bela voz ela tinha!

— Tentei convencer Lanny a ir-se embora daqui. Tarde ou cedo o senhor havia de vir aqui à procura dele, mas Lanny é teimoso e orgulhoso. Não quis ir.

— Que é que esse Lanny Marsato representa para si? — perguntei.

Fez um gesto de impaciência. — Não interessa —, disse ela. — Trata-se de uma questão de justiça. Eu estava lá. Vi tudo. Só quero contar-lhe como as coisas de facto se passaram. Não estou aqui para lhe pedir compaixão ou coisa semelhante.

— Eu sei como se passou. Ele alvejou Benjie pelas costas e Benjie nem sequer estava armado.

— Oiça-me, por favor!

Sentei-me na cama. — Muito bem, disse eu. — Diga-me então o que sabe.

Ela começou a passear de um lado para o outro, nervosamente. — A tarde já ia avançada —, começou ela. — Lanny e eu seguimos no nosso trem para a loja do posto. Lanny ficou sentado com as rédeas na mão enquanto eu saltava para o chão. O seu irmão e alguns dos seus amigos estavam ali próximo. Começaram a irritar Lanny por não ter sido cavalheiro saindo do trem para me ajudar a descer. Talvez Lanny devesse tomar o caso a brincar mas o certo é que ficou irritado com a brincadeira e retorquiui-lhes ásperamente.

— Foi então que o seu irmão interveio. Arrastou Lanny para fora do trem e forçou-o a rojar-se no pó da estrada. Lanny tentou defender-se mas o seu irmão era grande e forte. Eu vim a correr e tentei libertá-lo. O seu irmão começou a rir. Puxou de uma pistola e atirou-a a Lanny que estava caído no chão. — Vamos a ver se conseguimos fazer dele um homem — gritou ele.

Foi assim que aquilo aconteceu. Lanny pensou que ele ia buscar também uma arma. De modo que quando o seu irmão se voltou para rir com os companheiros, Lanny disparou. Ele nunca pensou que aquilo fosse acontecer assim. Lanny nunca atiraria sobre um homem desarmado. Ele pensou que estava defendendo a vida.

Ela parou à espera. Olhei para as minhas mãos e depois para o tecto.

— Oiça — disse eu — Benjie era meu irmão. Compreende?

— Compreendo o que deve sentir — respondeu ela. — Mas o senhor não pode censurar Lanny por tentar proteger a própria vida.

Levantei-me e olhei para ela. — A senhora não compreende absolutamente nada — disse eu — gostaria que compreendesse mas receio que não possa.

— Muito bem — disse ela friamente — creio que não temos mais a dizer. Lanny não fugirá aconteça o que acontecer. Mas se o senhor o matar, tenho a certeza de que se arrependerá.

Abri a porta para ela sair. O seu andar era gracioso. Fiquei a observá-la enquanto se afastava no corredor.

O relógio que estava sobre o fogão começou a dar as sete horas. Senti que nada adiantava protelar mais o assunto. Afivelei o cinto e verifiquei se o velho revólver estava carregado. Sentia-me nervoso, deprimido e agoniado como se estivesse no inferno. Excitado, também. Era a primeira vez que enfrentava uma situação destas.

A casa de comidas do Simpy estava apinhada de gente. Tive a sensação de que toda a cidade estava ali. Todos tinham vindo para presenciar a cena.

Eu não esperava ganhar, pois a verdade é que sou absolutamente uma negação para o manejo de uma pistola. Sentia a hostilidade de toda aquela multidão que parecia uma muralha. Confesso que me sentia tão assustado que mal podia andar. Lanny estava sentado a uma mesa junto da parede. Não tive que perguntar quem ele era pois a rapariga estava de pé, por detrás, com as mãos nos ombros dele.

— Você já me conhece, Lanny — disse eu — sou o irmão de Benjie Bellinger.

Ele perscrutava a minha cara desde que eu entrara e, devo afirmá-lo, nunca vi um olhar tão vago.

— Conheço, conheço — disse ele —. Já esperava que viesse.

— Não quero matá-lo como você matou Benjie — disse eu —. Atirar-lhe-ei de frente, e quero dar-lhe uma oportunidade.

Ele não se mexeu.

— Não tenho nada contra si — disse lentamente —. Lamento o que aconteceu com o seu irmão, mas isso foi um acidente.

— Você deu-lhe um tiro pelas costas.

— Qual a diferença? Pelas costas ou pela frente — de qualquer maneira estaria agora morto.

— Ele não estava armado.

— É verdade — disse Lanny — mas eu não o sabia. Ele disse que ia atirar e eu agi de acordo com o que ele dizia.

Percebi o que ele estava a fazer. Quanto mais discutíamos menos me sentia com força para fazer o que tinha determinado a mim mesmo. Estava a enervar-me e ele sabia-o.

— Oiça — disse eu abruptamente, decididamente. — Vou matá-lo.

Ele levantou-se. Durante todo o tempo os seus olhos não deixaram de me fitar.

— Ouve, meu rapaz, eu não estou interessado nas tuas criancices heróicas. Matei o teu irmão mas foi por acidente. Se me matares não será um acidente — será um assassinato. Pois que eu não tenho qualquer arma, meu rapaz.

De repente comecei a chorar.

— Benjie também não tinha nenhuma arma, porco sujo — disse a soluçar — vou matar-te, ouves?

Imediatamente empunhei a pistola e ele continuou a olhar para mim, agora abanando a cabeça e sorrindo. — Não sejas louco, rapaz — disse ele — tu não matarás.

Pegou no chapéu. — Vou-me embora — anunciou secamente.

Eu apontei-lhe a arma junto da cara. — Oiça — gritei — sente-se naquela cadeira e prepare-se para receber o que merece. Vou fazer-lhe saltar os miolos.

Ele sorriu e começou a caminhar para a porta. Eu tremia dos pés à cabeça e as lágrimas corriam-me pela cara abaixo.

Todos os que estavam na sala se tinham abaixado. Levantei o velho revólver.

— Oiça, pela última vez. Se dá mais um passo é um homem morto. — Isso é lá contigo, meu rapaz — disse ele calmamente — isso é lá contigo.

Não se deteve.

Juro que se ele tivesse tentado passar por aquela porta o teria morto. Simplesmente ele não chegou sequer à porta. Havia uma mesa no caminho e ele tropeçou nela, caindo.

Num relâmpago compreendi. De repente nada me pareceu já importante. Só uma coisa me preocupava. Perguntava a mim mesmo, ansiosamente, se Benjie teria sabido que Lanny Marsato era cego.

MAL entrou em casa, o Alcides despiu o casaco e sentou-se à mesa. Depois de engolir a última talhada de melancia, enxotou o cão que se lhe empinara aos peitos, e disse à mulher:

— Bia! Não te esqueças de dar palha às mulas. Eu vou ali adiante buscar uma carada de lenha.

E o homem foi. Pela pequena azinhaga que ladeava a casa, cachos de silvas, de varretas aceradas, vinham ao caminho arranhar as cabeças das pessoas. Um melro moveu o bico na direcção de um rebento de amoras e voou para longe. Daí a nada ouviu-se um grito prolongado, que pôs os cabelos em pé à Maria Ramalho.

— Bia! Ah! Bia...

A mulher correu pela azinhaga e entrou na charneca. Viu logo o marido caído, contorcendo-se com dores. «Foi um lacrau, Cides?» «Ah! Bia...». «Foi um escorpião, Cides?». Nada disso. O Alcides tinha partido um pé.

Enquanto desviava os molhos de lenha com uma forquilha, a forquilha prendeu-se a uma asna da parede e uma roldana de ferro deslocou-se lá de cima, a rebolar. «Eh!» — exclamou o santinho. Bem viu o objecto deslizando pesadamente nas tábuas podres. Desviou-se, rápido, mas com tanta infelicidade, que deu com a cabeça uma pancada num pau. Em desequilíbrio, enfiou um pé num buraco e catrapumba!, «ai!, ai!, — viessem acudir-lhe, que ele nem uma ponta de alma tinha para erguer um braço. Só voz: «Bia! Ah! Bia...». Uma dor prantou-se-lhe por baixo dos dedos, subiu, apanhou-lhe o tornozelo, deixou-o tonto. Se não tivesse olhado para cima, num relance, era uma vez um pé.

pois o ferro pesava três arrobas e veio a cair com estrondo no sítio onde se encontrava o Alcides.

E logo naquela altura, senhores, a oito dias do baptizado do filho. Irra! já era ter pouca sorte. É que convidara uma data de gente, os padrinhos, que vinham de propósito da cidade; a mana Francisca, mais o marido cantoneiro, homem de bom pulso, dançarino e poeta; o primo Ricardo, espírito rebelde e alma desexovalhada — e o compadre Júlio Beijaroca para as modas alentejanas, que cantava de olhos fechados e as mãos nas algibeiras, como num quadro do pintor Dordio.

No carro de parelha que o levou à vila, o Alcides berrava para o judeu do Inácio: «Larga-me! Larga-me...». Qual. O outro apalpa-lhe os dedos inchados e roxos, com as suas mãozorras cheias de calos, boas para partir pedras: «É aqui que te dói, compadre?». «É aí mesmo... Mas larga-me, Inácio dum real c...».

O médico, mal o viu, admirou-se:

— Por cá outra vez?...

— É como vê, senhor doutor Silvano. Desta, trago-lhe um pé partido, já viu vida mais desgraçada?...

No espaço de quinze dias, o Alcides fora ao consultório do Dr. Silvano, por três diferentes motivos. O primeiro, por causa dum abcesso num dente, que lhe fizera inchar a face esquerda; o segundo, por causa de um ataque de asma, que o não deixou dormir a noite inteira, aflito, e o terceiro, agora... o pé partido. Já se vira homem mais desgraçado?

Mas estava escrito que tinham de acontecer estas coisas ao Alcides.



O BAPTIZADO

O Sr. Bitó, há tempos que lhe moía a paciência, olhando-lhe muito a palma da mão e as cordoveias do pescoço:

— Tens aí sinais suspeitos, rapaz... Vais ter um destino ignaro, Alcides Ramalho. Tudo em ti se predispõe para a desgraça... Quando mal te precatares, tens a ruína na tua casa...!

— Aííí! Pare lá com as albardas, seu bruxo duma figa!... Diz-me isso com umas ânsias de esfomeado, parece mesmo que me deseja a morte. Apre! Lá por falar com doutores é assim que anima a vida dos pobres?

— Qual pobres, nem qual cabaça! Estou a dizer-te a pura das verdades!

Que grande ave agoureira, o seu vizinho Bitó Murraças Meco. Melífluo, apanhava folhas de árvores do chão, enrolava-as nos dedos e mostrava os dentes ralos de patego, amarelos da ferrugem dos anos e lançava um olhar de sátiro à rapariga que lhe passava à porta: «Menina, passou bem?!». Depois, para o Alcides, enchia a boca de ar e confirmava a profecia:

— É como te digo!...

O Alcides bem lhe adivinhava as intenções... O bruxo arranjava aquelas tramóias todas, porque ele se recusara a dar-lhe uma dúzia de ovos de pata. Eis a questão. Rico como era, entretinha-se a lamber as botas dos mais ricos que ele, nos dias de feira anual, comia pão de sêmeas em vez de pão de trigo, comia azeitonas em vez de carne de porco e vivia miseravelmente numa choupana, de tábuas e latas, de terra batida, à saída da aldeia, no caminho que vai para Reguengos — apesar dos rendimentos que as courelas lhe davam. E porque mistério cansativo, o Sr. Bitó Murraças Meco andava

conto por

Antunes da Silva

Antunes da Silva nasceu em Évora em 1921. Quando seguia os seus estudos secundários numa escola comercial, foi obrigado a empregar-se num escritório. Aos vinte e sete anos foi para Lisboa e a sua primeira actividade literária dispersou-se por vários jornais e revistas. Em 1946 publicou «Jaimira»; livro de contos, a que se seguiram «Vila Adormecida» (1948), «Sam Jacinto» (1950), «O Aprendiz de Ladrão» (1954), «O Amigo das Tempestades» (1958) e «Suão» (1960).

Os seus livros dão-nos do Alentejo uma visão simultaneamente prosaica e poética, notável de observação e de simpatia humana.

sempre atrás dos pobres para lhe oferecerem presentes? «Ó Chico, empresta-me uma charrua! Ó Justino dá-me um pingo de azeite! Ó Cides, dá-me um punho de grão!». Raramente apontava para a porta de uma casa abastada. À uma, porque tinha medo dos cães lobeiros, e à outra, porque não podia suportar a indiferença dos senhores da terra, alguns de menos haveres do que ele, mas que comiam, vestiam e calçavam como gente civilizada.

A mana Francisca, por via duma promessa e nas alturas do S. Pedro, viera à baila com uma perua, duas galinhas pedrês, e o Sr. Bitó, velhaco, aventara-lhe um futuro repleto de felicidades: «A senhora Francisca, com esse peito tão empinado e esses olhos tão luzidios, dura até aos cem! Nestes anos mais próximos, nem uma constipação há-de ter!».

Mentira. Que grande farsante. Não eram passados seis meses depois da vénia, a mana Francisca adoeceu com um catarral e a casa ardeu-lhe, numa noite de lua cheia.

Porém, quem se negasse a satisfazer-lhe os caprichos, ou porque não podia arcar com as exigências do arganaz, ou simplesmente porque não queria engordar gulosos, ele depressa os amansava. Punha um dedo no ar, alargava os olhos num grande enredo de ameaças e predizia-lhes desastres, ruínas, vida amargurada, morte macaca...

«Um dia, o Sr. Bitó Murraças Meco leva uma lição dos pobres!» — dizia o Justino». — A aldeia está farta das piadas do Sr. Bitó. Irra! — «ajuntava o corajoso do Júlio Beijaroca, batendo os pés na venda do Valentim. «O bruxo é rico e avarento!» — falava o primo Ricardo, a meia voz». — Não há nada a fazer contra a magreza daquele feitiço...».

Fosse como fosse, o bruxo era destemido nas andanças da vida e tinha mala-artes com o demónio, ou ele, Alcides, sofria punições que não estavam no limite das suas cautelas. Pé ante pé, a ave de rapina aproximou-se da porta do consultório e falou-lhe quase aos ouvidos:

— Alcides, eu não te dizia? Ainda não é desta que te convences?

O Sr. Bitó parecia um fantasma, metido naquele fato largo e remendão, cheio de nódoas, com o chapéu enfiado até às orelhas, a barba crescida, os dentes ralos brilhando ao sol.

— Vá pró Diabo que o carregue! — largou-lhe o Alcides, indignado.

— Ainda ateimas, lanzudo? Olha que se eu te ler o destino a preceito, ficas salvo das garras de Ferrabás. A raça dos teus patos é a melhor destas redondezas. Dás-me uma dúzia de ovos, ficas absolvido, nunca mais te acontecem desgraças...!

— Não tenho ovos de pata!

— Ai tens!

— Mesmo que os tivesse não lhos dava, pronto!

O outro olhou-o atravessadamente e repetiu a ladainha de sempre:

— Quando mal te precatares tens a ruína na tua casa...!

O cúmulo, senhores! Num rasgo de coragem, o seareiro atirou-lhe com a bengala à cara, mas não lhe acertou. O Sr. Bitó Murraças Meco agachou-se e pôs-se a rir.

— Desampare-me a tenda, seu sovina! — praguejou o Alcides.

O bruxo era um invejoso, com aquelas faces de porco espinho, sempre a reinar com a parceirada. Moía-lhe os fígados com a ganância dos ovos. E ele não lhos dava porque não queria. Ora a questão era essa. Mas pensando e repensando, o seareiro ardia em ânsias com a superstição do outro. Se fosse preciso, pregava-lhe um ensaio de pancada, punha-lhe pimenta na língua, evitar-lhe-ia as falas. Ou então, atirava as birras para trás das costas, as birras, ou o brio ou a sua soberaníssima vontade — e oferecia-lhe os ovos. Numa bandeja, até. Ao menos desencantava-se o pasmo do tunante. Se não tivesse tido aquela veneta de lhe atirar com a bengala, uma bela tarde, no chafariz, chamava-o às boas: «Venha cá, senhor fulano, falemos francamente. Vossemecê não repara que cada dia que se passa é um passo para a morte?». E de futuro, escusava de o ver à sua frente, aparvoado naquela acusação insofrida, por outeiros e atalhos, a modos que a desejar-lhe todos os dias, e secretamente, uma morte injusta.

O grande sonho do Alcides Ramalho, era a mulher dar-lhe um filho. Uma criança, no colo do Alcides, era um espectáculo. Beijava-a, cheio de tolices, erguia-a nos braços, sentava-se no chão, a imitar os gatos, rebolava-se a cantar como os galos, morria de fe-

licidade, tal como uma papoila, na Primavera, que apetece mexer e guardá-la nos olhos, para gozar a vida duma maneira diferente.

Quando o menino nasceu, o Alcides encontrava-se na horta a regar uns pimentões. Assim que lhe deram a notícia, atirou um pontapé ao regador e encaminhou-se para a venda do Valentim. Só uma hora depois foi para casa:

— Ó Bia!

Bateu as palmas, acendeu as luzes e sentou-se num cadeirão.

— Ó Bia!...

Com a alma ardendo de sede, dirigiu-se à quarta da água e bebeu pelo gargalo. Apareceu a sogra, que apagou as luzes e o levou para dentro.

— Bia!

— Cala-te, homem, não faças barulho. Vens num bonito esterlaio, sim senhor... A tua mulher não se pode levantar, agora...

— Tem razão, mãe... Razão às carradas, não há dúvida... pois bem... sinto-me tão feliz... tão envergonhado, ao mesmo tempo...

Na última quinzena de Maio, a um domingo de manhã, baptizaram a criança. Levava uma touca cor-de-rosa e uns sapatinhos de malha azul. O vestido era de malha branca. Havia de chamar-se Augusto. Já convidara os padrinhos; já convidara a mana Francisca, o primo Ricardo e o compadre Júlio Beijaroca. A festa fazia-se só entre família e um ou dois amigos íntimos.

Mas a moenga do desastre é que o qui-lhara. Como se havia de arranjar, com aquele pesado aparelho de gesso a paralisar-lhe os movimentos? Nem podia dar um pé de dança, nem obsequiar os convidados. Mesmo assim, o baptizado fez-se. Estrearam uma toalha de rendas, mataram três coelhos, uma franga e um leitão e abriram três garrafões de vinho e três garrafas de licor de ananás.

O primo Ricardo tirou uns documentos da carteira e disse, preocupado:

— Com esse Inverno de água que para aí houve, os bagos de trigo apodreceram e as espigas levantadas vão dar alforra... — E apontando a papelada: — Tenho aqui nestas facturas a despesa da minha seara... Vinte contos só nos adubos, ma's sete para as mondas, fora as sementes e as jornas... Agora diz-me, primo dum anjo, o que hei-de eu fazer à porca da minha vida?...

O Ricardo abriu os braços e baixou a cabeça. Parecia a figura dum Cristo crucificado, só da barriga para cima.

— Bebe la este copo! — e o Alcides avançou uma mão para a garrafa do licor. Mas como estava a olhar o primo, o braço estendeu-se de mais e a garrafa caiu no chão. Limitou-se a encolher os ombros, enquanto o primo Ricardo continuava nos desabafos:

— Diz-me lá, homem, como é que eu descalço estas botas? Se a seara falir, como é que eu vou pagar a renda, o empréstimo da Caixa e comer o meu pão?...

— Tem calma. Alguma coisa se há-de arranjar, nem que para as próximas sementeiras formemos uma sociedade. Uma pessoa, quando entra num beco, não quer dizer que lá morra dentro... — E mudando de conversa, ensimesmado: — Agora foi a garrafa...

— Qual garrafa?

— A garrafa do licor, não viste? Caiu no chão...

— Ah!...

— Em quinze dias, tive um abcesso num dente, um ataque de asma, parti um pé. Agora, a garrafinha... Não é pelo valor, que ideia, mas diz-me lá, primalho como é que uma pessoa não há-de pensar no destino...?

Foi a altura do Ricardo lhe dar uma palmada nas costas:

— O azar não há-de estar sempre atrás da porta, carago! Um dia, o mundo é virado do avesso... E a gente, vamos lá a saber, estamos num baptizado, ou a velar algum defunto? Ó Francisca, trás lá dois pratos de sopas de favas!

Foi-se ao garrafão, agarrou dois copos de água e encheu-os de vinho.

— À tua saúde, primo Alcides Ramalho!

— À tua saúde, primo Ricardo Centeno!

Na igreja, o padre Celestino já os esperava. Deu-lhes a bênção, não sem que tivesse advertido o Alcides com uma pequena alfinetada:

— Ouve lá! Então agora, passados tantos anos, é que apareces na Casa de Deus?...

— Sim, senhor. Mais vale tarde do que nunca, Sr. padre Celestino. Os carneiros, quanto mais arrecuam, maior é a marrada!...

O padre embatucou. Tinha uns grandes bigodes e quando respirava fundo, o bigode

esvoaçava ao pé do nariz. Abriu a sua boca de rã, num plácido sorriso para o coureleiro. Bateu-lhe nas costas e depois perguntou-lhe, cantando as palavras:

— Vamos despachar-nos. Tenho um casamento às onze. Como queres que se chame o teu filho?

— Isso é com os padrinhos...

O padre voltou-se para os padrinhos, numa grande paz de espírito:

— Como querem que se chame o neófito?...

— Salustiano!

— Salustiano? — refilou o pai da criança, alarmado com a invenção.—À'gusto! À'gusto é que é!, como se chamava o avô, senhor meu pai, que combateu o Gungunhana e a Monarquia. À'gusto era o nome do tio, por banda da mãe, que foi um grande caçador. E À'gusto tem de se chamar o meu filho, pois combinou-se isso mesmo lá em casa e é essa a minha vontade!

Os padrinhos encolheram sentimentalmente os ombros. O padre sorriu-se mais uma vez, salpicou com o hissope a cabeça do boneco e apressou-se a assentar no livro o nome de Augusto.

Neste momento, o pai, baboso, olhou a mãe, a mãe, contente, olhou o pai e ambos ficaram, durante segundos, deslumbrados com a singeleza daquela festa. De súbito, o Alcides viu nas faces de Maria Ramalho um rictos de aflição.

— Bia! Sentes-te mal, Bia?!...

— Ai, Jesus, que o nosso filho está a morrer...!

Todos rodearam a mãe e a criança. De facto, o mocinho estendia as pernas, deitando baba pela boca, a revirar a vista, repentinamente pálido.

— O pai! O pai! Ó Alcides!...

Mas o homem, como por artes mágicas, tinha desaparecido da igreja. Olharam para todos os lados, chamaram e nada.

— O pai! O pai!...

O Ricardo correu até ao Largo, circunvagou os olhos pela Rua Direita, pelo chafariz e pelos telhados das casas e do bom do Alcides, nem fumo. Mas a dobrar a esquina da casa do Sr. Bitó Murraças Meco, uma sombra se escoou. Era o Alcides? Não era o Alcides? Foram por ele e, quem quer que fosse, já tinha entrado. Empurraram o portão e qual não é o espanto do primo quando viu, mesmo à entrada da porta, dois corpos muito juntos, caídos, a lutar. O Alcides apertava o pescoço do bruxo, que arfava, debatendo-se debaixo dele, com os olhos pintados de susto, sem chapéu, aflito da vida. Para os afastar, foi o cabo dos trabalhos. As mãos do Alcides estavam ferradas aos gorgomilos do proprietário, cuja camisa se rasgara, desde o peito à bragulha. O Júlio Beijaroca, que nesse instante tinha chegado, vendo que o compadre não largava a presa, e para evitar maior mal, enfiou-lhe a guitarra na cabeça. Só então conseguiram apartá-los.

Já de pé, o Sr. Bitó abria a boca para respirar, apontando com o dedo o portão, enquanto o Alcides, cansado, se sentava no poial.

Veio o padre e veio a mulher. Vieram os padrinhos e o Júlio Beijaroca apanhava do chão os restos da sua velha guitarra. O padre bateu as palmas:

— Que vem a ser isto aqui?!

A mulher abriu a boca, com os olhos alumiados de alegria:

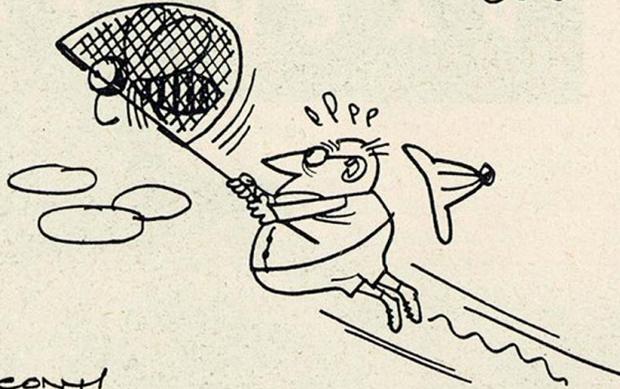
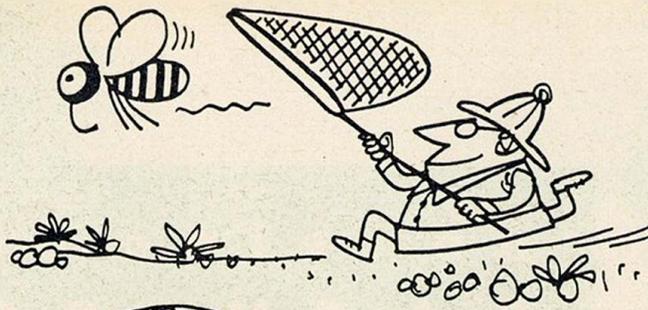
— O menino estava a dormir, homem!

— Anh?! — encabritou-se o tresloucado, a dobrar-se todo, para ver o filho. E viu-o, realmente, de olhos abertos, um pé a mexer-se dentro do sapatinho de malha, com um ar de riso, encostado aos braços da mãe.

Foi o momento do Alcides cair em si e dizer para o Sr. Bitó Murraças Meco, amarrotado, e que até aí não tinha proferido uma única palavra:

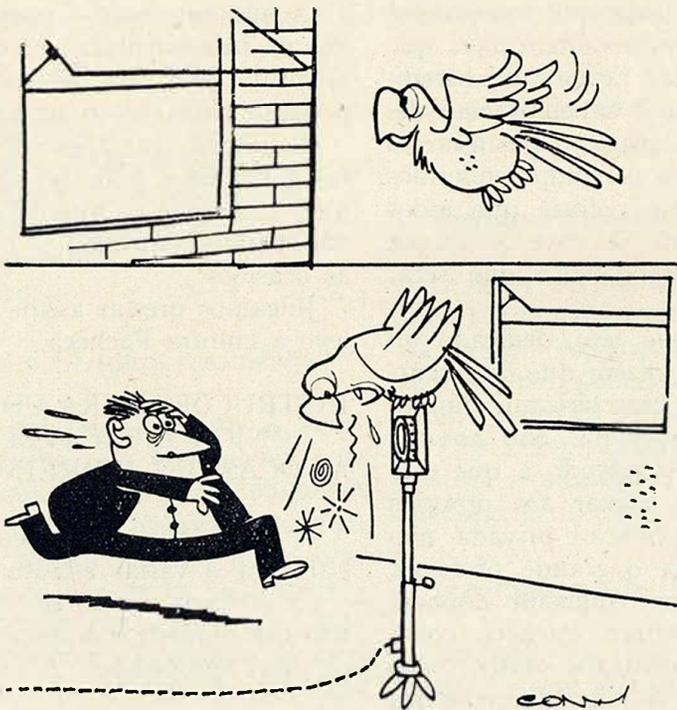
— Agora, já pode ir a minha casa buscar os ovos quando quiser!

fim



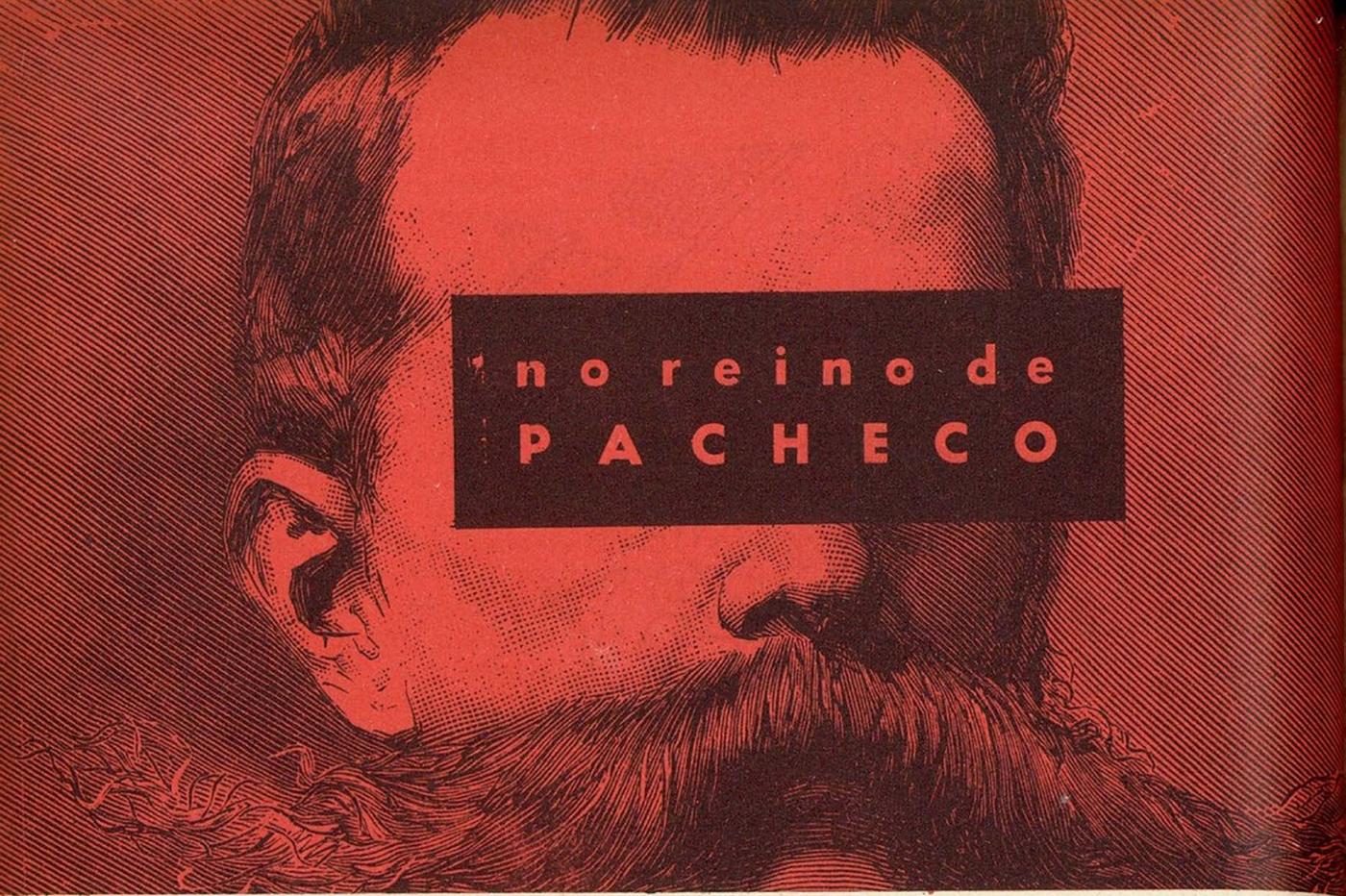
cont

Sem palavras



cont

Sem palavras



'no reino de PACHECO

Os Pachecos são oradores. Têm de oradores o gesto e o peito. Durante séculos oravam a propósito de tudo. Actualmente oram a propósito de nada. Será que são oradores porque não têm mais nada que fazer? Será que orar é o seu destino histórico? Será que orar é uma característica rácica sua, hereditária e inalterável? Não o sabemos nem desejamos aprofundar o assunto. Basta-nos a graça de Deus e a glória de compreendermos «em profundidade» aquela frase que todos já sabem de cor e que se deve à música «erudita» do nosso tempo: «Lo que será, será».

Alguns estudiosos que têm dedicado ao assunto a sua atenção, dizem que os discursos dos Pachecos se caracterizam, fundamentalmente, pela monotonia. São ao que parece, todos iguais. Atendendo a que esta observação se poderia aplicar aos próprios Pachecos e à sua vida pública e privada, não a comentamos. Não foi o grande professor Sidon Alphonse Laret Augustin Zonhart Abrun Roches que definiu Pacheco como sendo «aquele que é igual aos outros, todos e que, por isso mesmo, se julga diferente dos outros todos?». Respeitemos a opinião do abalizado mestre e continuemos.

Nada é mais fácil do que orar bem. É,

fácil. É mesmo, possível, a quem aprender um único discurso, fazer vista em qualquer ocasião e orar sem medo em qualquer casamento, jantar de homenagem ou centenário.

O que interessa — como todos sabem — são as infraestruturas e, desde que a infra-estrutura seja boa, as sobre estruturas não poderão deixar de o ser também.

O discurso que apresentamos aos candidatos a Pachecos pode ser aprendido por qualquer indivíduo — mesmo que a Natureza o não tenha favorecido — e serve para todas as ocasiões.

Julgamos prestar assim, um serviço de relevo à cultura Pacheca.

INSTRUÇÕES PARA USO DO DISCURSO ÚNICO APLICÁVEL EM TODAS AS OCASIÕES NO REINO DE PACHECO

1.º — O «discurso único» tem uma infra-estrutura e várias estruturas menores;

2.º — Cada uma das estruturas menores tem um número e destina-se a ser enxertado no local apropriado.

Importante — Não trocar as estruturas menores para que o discurso não perca a coe-rência.

3.º — O discurso único não deve ser agitado antes do uso.

DISCURSO ÚNICO

Ex.^{mas} Sr.^{as} e Ex.^{mos} Srs:

(Este início deve ser alterado nas seguintes circunstâncias):

a) Quando o orador pretende fingir que é um homem de acção deve iniciar o discurso com a fórmula «Senhoras e Senhores»;

b) Quando o discurso tenha lugar numa assembleia de amigos, o orador deve iniciar o discurso com «Prezados confrades».

Vou ser breve. Não era minha intenção falar hoje.

A outro com mais valor do que eu deveria caber esta missão. Não fui e nunca serei um orador. Vai longe o tempo em que os homens eram apreciados pelos seus dotes oratórios. A era da demagogia acabou. Posso dizer que sempre fui e serei um homem de acção. (Pensa até que acabem os aplausos). Levantei-me para falar porque me pediram que o fizesse e, por isso mesmo, não tive tempo de preparar este breve discurso ditado pela comoção e pelo dever.

Aplicar a estrutura menor adequada às circunstâncias.

- 1 — Para casamentos;
- 2 — Para jantares de homenagens;
- 3 — Para centenários diversos;
- 4 — Para ocasiões indefiníveis;
- 5 — Para inaugurações;
- 6 — Para enterros.

Estrutura menor n.º 1 (para casamentos)

Reunimo-nos aqui para celebrar o casamento de dois jovens que vão iniciar hoje a vida. O momento não propício. Ninguém sabe o que o futuro nos reserva. Ninguém sabe, sequer, se haverá futuro. Estes dois jovens que, sabendo isto tudo, vão enfrentar a vida, constituem para todos nós, uma mensagem de esperança. Enquanto houver jovens como estes dois, a raça não perecerá e haverá sempre Viriatos dispostos a defendê-la ainda que para tal tenham que ascender aos píncaros das serras.

Estrutura menor n.º 2 (para jantares de homenagem)

Reunimo-nos aqui para homenagear um homem que não carece de homenagem. A sua vida fala por ele. Não me considero digno, sequer de mencionar o seu nome. Faço-o com lágrimas nos olhos e a voz embarçada pela comoção. Faço-o porque é meu dever fazê-lo.

Estrutura menor n.º 3 (para centenários diversos)

Nesta época em que não há um só dia em que se não celebre um centenário, em que há homens que passam os seus dias rebuscando calhamaços em busca de centenários, compraz-me dizer que celebramos hoje um centenário diferente dos outros: um centenário com 100 anos de idade, um centenário cujo significado não passa despercebido às forças vivas da Nação.

Estrutura menor n.º 4 (para ocasiões indefiníveis)

Não estamos reunidos para celebrar uma data qualquer. Se nos juntámos hoje, se algum dos presentes vieram dos mais distantes pontos do País, foi porque o acontecimento se reveste de características notáveis. Ditosa Pátria esta em que os homens ainda se não esqueceram das grandes datas!

Estrutura menor n.º 5 (para inaugurações)

O facto de nos termos reunido para mais uma inauguração revela que as forças vivas da Nação continuam vivas. Se estivessem mortas não poderíamos inaugurar nada. Corto esta fita simbólica na certeza de que o País compreenderá o significado do meu gesto e a mensagem que ele comporta: uma mensagem de esperança e de fé.

Estrutura n.º 6 (para enterros)

Juntamo-nos para prestar a última homenagem a este homem que chegou ao fim da estrada. Se é verdade que a nossa falange ficou desfalcada pela sua morte, é igualmente verdade que aprendemos a sua mensagem.

Podes continuar morto em paz amigo: Sabemos continuar a tua obra.

Faltam-me as palavras exigidas pela solemnidade do momento. As próprias ideias surgem-me na mente como que opacas e foscas.

APLICAR A ESTRUTURA MENOR ADEQUADA ÀS CIRCUNSTÂNCIAS

Estrutura menor n.º 1 (para casamentos)

Poucas pessoas terão a autoridade que eu tenho para falar a estes dois jovens prestes a começarem a vida em comum. Nunca casei, e sou, portanto, solteiro. Sei o que perdi e, quando oiço a voz dos pequeninos, fico tão comovido que julgo ter vivido em vão. Sabem que aceitei o cargo de Presidente da Obra dos Pais. Se não tive filhos, ao menos que faça pais.

Estrutura menor n.º 2 (para jantares de homenagem)

Neste país em que se diz mal de tudo, estamos aqui para dizer bem dum homem! Este facto é tão extraordinário que não consigo, sequer elogiá-lo convenientemente! Pergunto-me: que estou eu aqui a fazer?

Estrutura menor n.º 3 (para centenários diversos)

Faz hoje 100 anos — exactamente 100 anos — que teve lugar o facto que estamos celebrando. Sirvamo-nos da nossa imaginação para reconstruir esse dia. Teria feito sol? Teria chovido? Teria sido um dia ventoso? Chuva não fez, certamente, que em dias de

chuva não se faziam coisas assim... mas, que interessa?

Estrutura menor n.º 4 (para ocasiões indefiníveis)

É tão solene o facto que celebramos, tão óbvio o seu significado, tão autêntica a sua mensagem, tão oportuna a sua celebração, tão actual a sua lição, que não lhe farei referência.

Estrutura menor n.º 5 (para inaugurações)

Antes de inaugurarmos esta obra vivíamos duma maneira. Após esta inauguração continuaremos a viver da mesma maneira. Mas, pergunto, quem não compreenderá o alto significado desta inauguração? É assim que se muda o destino dum povo.

Estrutura menor n.º 6 (para enterros)

Poderia falar das grandes virtudes do falecido. Foram tantas, porém, que me faltaria o tempo. Falarei apenas duma: a da modéstia. Nunca o seu nome apareceu no jornal ou foi proferido na rádio. Não haverá, talvez, 20 portugueses que o tivessem conhecido. A isto Senhoras e Senhores chama-se modéstia. Uma grande virtude. Repito: uma grande virtude.

E fico por aqui. Dizer mais, para quê? Que posso eu acrescentar? Que me sinto lisonjeado por ter sido escolhido para fazer este discurso? Já o disse. Que não sou orador? Todos o sabem.

Sinto-me com o coração nas mãos. Que as minhas modestas palavras tenham servido para qualquer coisa, é o meu único desejo.



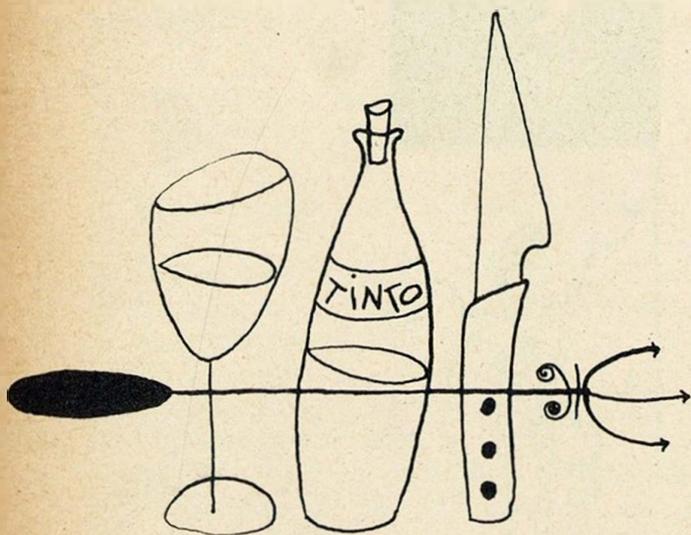


— Permite que me sirva da escada?



— O nosso código penal permite que sejas tu a escolher a tua morte!

aperitivo



Com as latas de caviar a menos de 40\$00, é possível utilizar-se essa deliciosa especialidade russa nos canapés e servi-la, como petisco, com os aperitivos.

Convém — quanto mais não seja a título de curiosidade — saber qualquer coisa a respeito de caviar, já que a maioria das pessoas se limita a saber que o caviar é russo e sabe a peixe.

Começemos pelo princípio. Caviar é o nome que se dá às ovas do esturção. Aquilo a que hoje chamamos «caviar vermelho» são ovas de salmão especialmente preparadas. Últimamente já se preparam ovas de bacalhau e de outros peixes com o mesmo fim. O gosto, porém, é inconfundível.

O caviar, ao contrário do que se pensa, não é todo igual. A lista que segue habilitará qualquer pessoa a falar de caviar com conhecimento de causa:

Beluga — Caviar grosseiro ou de ovas grandes extraídas de esturções que têm o mesmo nome.

Cores do caviar — O caviar mais raro é o chamado dourado.

A classificação comercial é a seguinte:

0 — Caviar negro.

00 — Negro acinzentado.

000 — Cinzento.

Malossol — Palavra russa que designa «pouco sal». Usa-se para designar caviar pouco salgado.

Ossiotra ou Osetr — Ovas dum esturção com menos de 700 libras de peso.

Paiusnaya — Caviar prensado feito de ovas danificadas durante o processo de conservação. Embora seja mais barato do que o restante, não lhe é inferior.

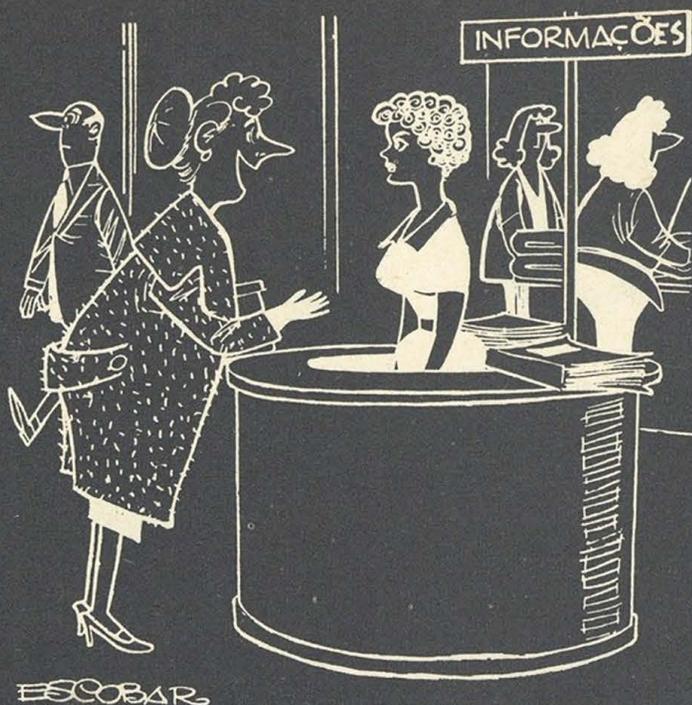
Schipp — Uma espécie de esturção que produz ovas de tamanho médio.

Sevruga — Um esturção que produz ovas muito pequenas e apreciadas.

Sterlet — O mais pequeno dos esturções. As suas ovas dão origem ao mais valioso dos caviars.

Nota — As latas de caviar são numeradas e a sua numeração é importante. Todas as latas com o mesmo número contêm caviar do mesmo esturção.

Forma de servir: os amadores de caviar servem-no com fatias fininhas de pão negro amanteigado.



— Qual é o seu cabeleireiro?



— Mamã! Estávamos a falar de si!

VAMOS HOJE TRATAR DE LAGOSTAS

Goza a lagosta dum prestígio que muitos **gourmets** consideram exagerado, mas que ninguém poderá negar. Artisticamente decoradas com ovos cozidos cortados às rodelas e cobertas daquela pomada amarela a que as cozinheiras continuam a chamar «mayonnaise», costumam encontrar-se, ao lado de pratos de ovos moles, sobre as mesas dos chamados «copos de água» com que os amigos das famílias celebram os casamentos dos membros mais novos das mesmas. Ainda é possível encontrar lagostas, devidamente cortadas em bocadinhos microscópicos, nos chamados «cocktails» e, quando, devido ao excesso da idade ou ao calor da temporada, já se não possam servir «ao natural» sem que atraíam a atenção do Delegado de Saúde, é ainda possível, encontrar lagostas disfarçadas com vários ingredientes, nos «cocktails» de mariscos.

É claro que os amigos da cidade, dados a percorrer as ruas em busca de recantos pitorescos, sabem que há lagostas noutros sítios, como, por exemplo, nas montras de certas cervejarias e sobre os balcões de lojas «especializadas» em mariscos.

Quem tenha automóvel pode ainda comer lagostas mal preparadas nos restaurantes da estrada do Guincho, uns restaurantes que os **gourmets** só conhecem por os verem das janelas dos seus automóveis... com excepção do «Muchacho» e do «Faroleiro», já que esses restaurantes, por motivos desconhecidos, re-

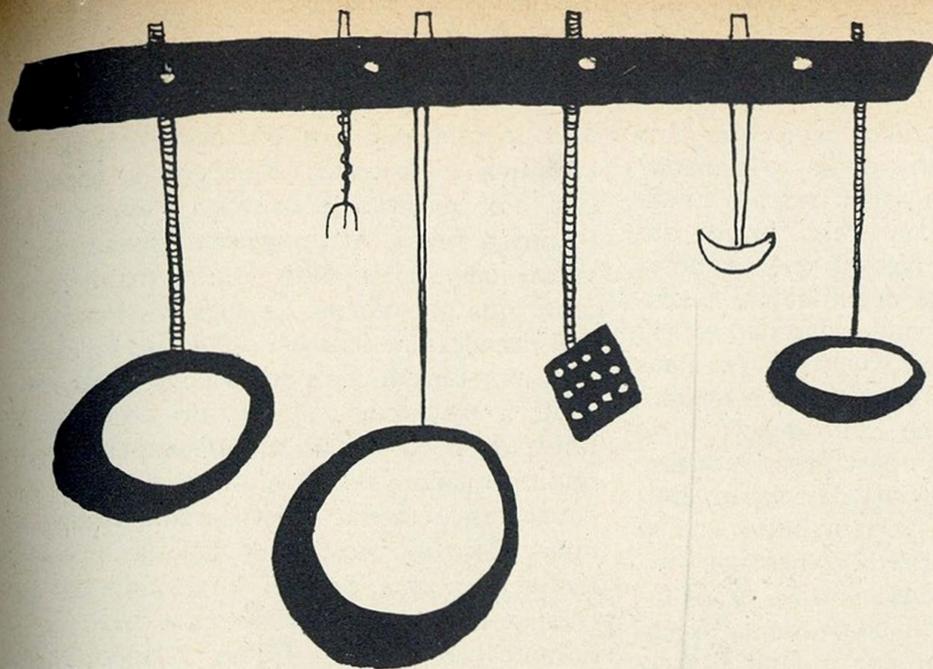
solveram fugir às tradições da região, e servir bem.

Ora, se é verdade que a lagosta foi criada para deleite de quem tem mais boa vontade do que gosto, é igualmente verdade que há muitas maneiras de cozinhar lagosta... e que algumas delas compensam o esforço.

O português médio — referimo-nos a um ser que não existe mas que, se existisse, diria que se come bem na «Floresta do Ginjal» — entende que há três maneiras de preparar o crustáceo a que nos vimos referindo, quanto mais não seja para não fugir à regra, já que este português médio, que nós inventámos, entende que é seu dever estragar tudo em nome dos bons princípios.

É, portanto, hábito do português médio comer lagosta «ao natural», à Faroleiro e gratinada. Chama-se lagosta «ao natural» a uma lagosta que foi excessivamente cozida em água que o cozinheiro se esqueceu de temperar e que nos leva, por vezes, a duvidar da natureza e dos seus derivados. Por lagosta à Faroleiro entende-se uma lagosta mal guisada a que a cozinheiro juntou, talvez por boa vontade, uma lata de pasta de tomate e umas gramas de sal. A lagosta gratinada teve a sua origem em França e era gratinada com uma variedade de queijo que não existe em Portugal. Os portugueses de boa vontade entenderam que se poderia gratinar qualquer lagosta com qualquer variedade de queijo e o resultado está à vista.

Alguns historiadores de grande reputação entendem que o célebre «mot de Cambronne»



foi por este preferido ao comer pela primeira vez em Portugal, o que, se não é verdade, poderia sê-lo, até porque Cambronne nunca esteve em Portugal, o que acontece, também, como todos sabem, à boa comida.

Ora a verdade é que nós, portugueses, temos, para os nossos péssimos restaurantes, para a péssima qualidade dos géneros alimentícios que comemos e para as numerosas maneiras que inventamos de estragar boas receitas, uma desculpa importante. Consiste essa desculpa no uso que fazemos dum nosso velho provérbio que os séculos transformaram em explicação da vida portuguesa: «a bom entendedor meia palavra basta». Como somos grandes entendedores de tudo, contentamo-nos com metade de tudo... e o que acabamos de dizer, estimados leitores, aplica-se a muita coisa...

É claro que alguns dos leitores do «Almanaque» serão autênticos *gourmets*. Admitimos, mesmo, que o sejam por amor à arte de comer e não «para inglês ver». Para esses aqui vão algumas receitas de lagosta que acabarão por ser destruídas pela Maria, mas que, em terras de pessoas, menos entendidas, são cotadas e apreciadas. Escolhemos receitas dos melhores restaurantes de Paris e julgamos que os nossos leitores as apreciarão.

Do RESTAURANTE PRUNIER — 9, Rue Duphot, Paris — **Gratin de Homard Prunier**. — Para cada duas pessoas, uma lagosta viva que pese cerca de 600 gramas. Cozer a lagosta em pouca água muito temperada. (Só

neste jardim da Europa à beira-mar plantado, é que se coze lagosta em água simples). Quando a lagosta estiver cozida (20 minutos) e fria, cortá-la em duas partes no sentido do comprimento. Extrair a carne da casca e guardar. Entretanto cozer arroz branco solto que foi frito em azeite antes de deitar na água, passar por manteiga três cebolas médias cortadas às rodelas, cortar um tomate em quartos, juntar cogumelos e cozer tudo durante 15 minutos. Com o arroz, as cebolas, o tomate e os cogumelos faz-se uma massa que se coloca no fundo das cascas da lagosta e, sobre esta pasta, a carne, cortada às fatias ligadas com Sauce Mornay. (Molho branco a que se juntam gemas de ovos e manteiga fresca). Antes das lagostas começarem a gratinar, cobrem-se com queijo Gruyère (autêntico) ralado.

Do RESTAURANTE CHATARD — 22, Rue Duret, Paris — **Homard grillé Chatard**. — Deitar no fundo duma panela quartos de cebolas e chalotes, uma cabeça de alho esmagada, três cenouras cortadas às rodelas, uma folha de louro, um ramo de salsa, um punhado de sal grosso, um ramo de cominhos, duas colheres de sopa de pimenta em grão (esmagada), uma colher de café de pimenta de Cayena, um copo de vinagre e um copo de vinho branco muito seco. (Tudo isto é para cozer a lagosta... mas, estimados leitores, não precisam de fazer nada disto: podem ir ao restaurante comê-la «à americana»). Juntar água e cozer uma lagosta que pese

aproximadamente um quilo. Sabe cozer uma lagosta que ainda tenha de ser cozinhada? Não? É natural que não saiba. Então aprenda deixa-se a água ferver durante dez minutos e mete-se a lagosta que se deixa cozer, também, durante dez minutos. É simples, não é? Então porque é que não sabia? Uma vez cozida a lagosta, corta-se em duas partes no sentido do comprimento e metem-se estas duas partes no forno depois de se terem barrado com manteiga fresca a que se misturou uma colher de chá de colorau. Deixar no forno durante cinco minutos que se aproveitam para bater quatro colheres de sopa de natas frescas com salsa picada, umas folhinhas de astragão, um pouco de sal e um pouco de pimenta fresca moída. Tirar as duas partes da lagosta do forno. Barrá-las com esta pasta. Meter outra vez no forno (que deve estar muito quente) durante 5 minutos. Comer e gritar. «Viva a França!».

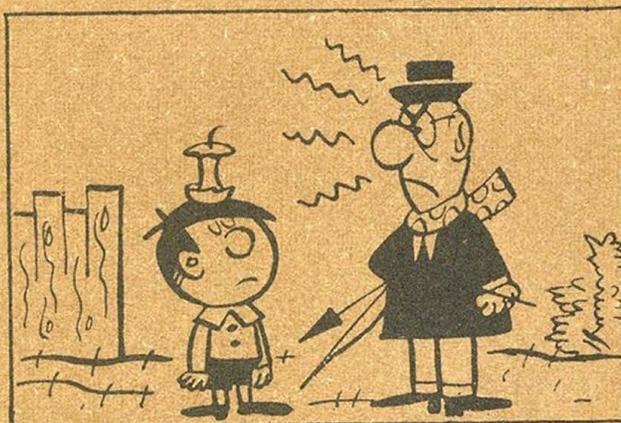
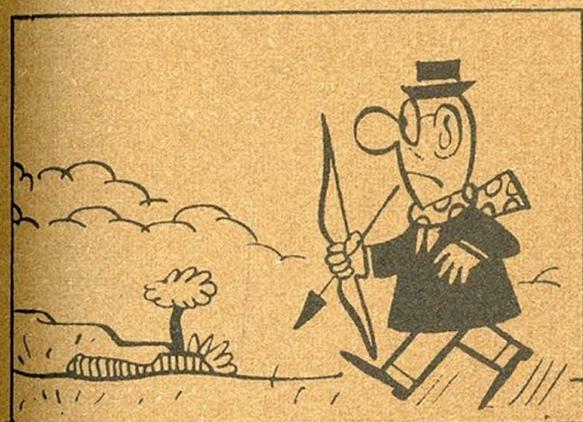
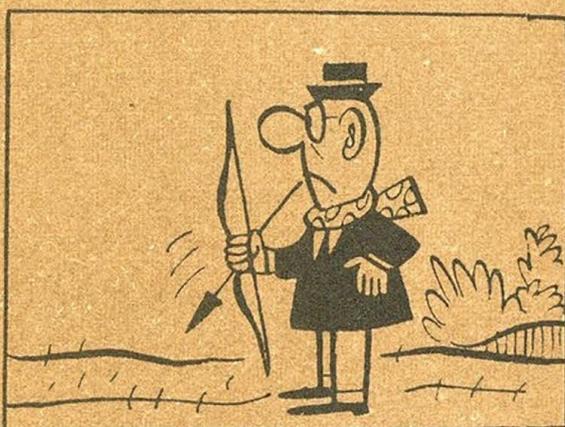
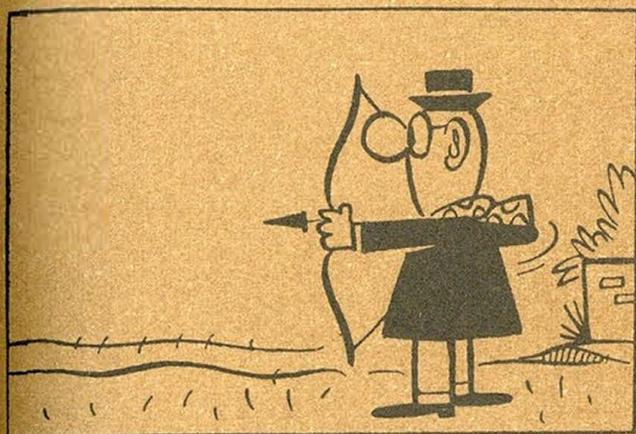
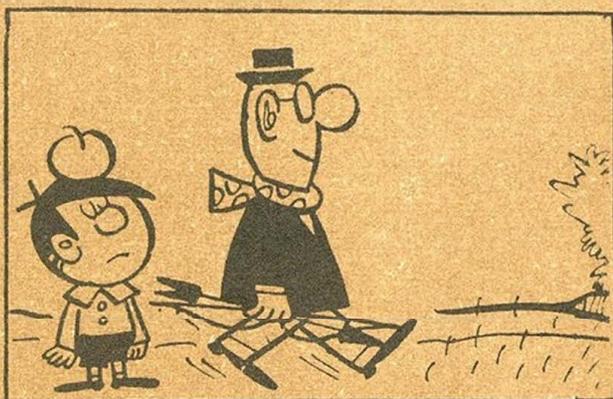
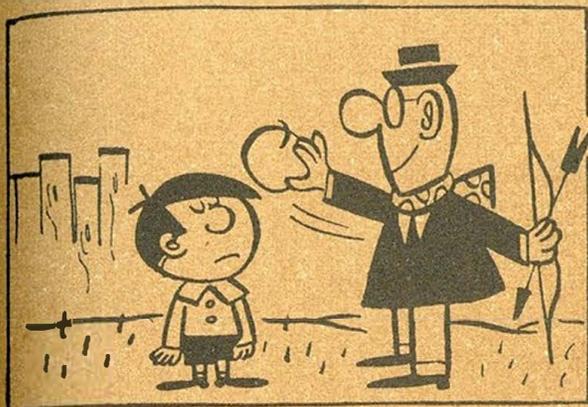
Do RESTAURANTE MAXIM'S — Rue Royale, Paris — **Homard Maxim's**. — Corte

uma lagosta viva aos bocados e guarde os intestinos e os corais. Tempere os bocados com sal, pimenta e colorau. Passe-os por manteiga fresca, muito quente. Quando estiverem bem fritos deite fora a manteiga e junte quatro colheres de sopa de Pernod e três decilitros de Marsala. (Não tendo, substitua por um Madeira adocicado). Deixe reduzir a dois terços. Junte um decilitro de fumet de peixe (caldo muito temperado em que foi cozido o peixe) e quatro decilitros de natas frescas. Deixe cozer durante vinte minutos. Tire os bocados de lagosta, passe o molho por uma peneira fina, junte-lhe os corais e os intestinos da lagosta e deixe cozer durante três minutos. Cubra a lagosta com o molho e sirva acompanhada de arroz branco cozido e solto.

Estimados leitores: Por hoje chega de lagosta. Coma e ensine o seu semelhante a comer. Todos teremos a ganhar e ninguém (senão, talvez, a Maria) a perder.



— É a filha do patrão — que garota!...







como nasce uma

ESTRELA

I — UMA HISTÓRIA AMERICANA

1 — Um romance de Camilo

Era em 1926, o tempo da lei seca, de Capone e de Garbo. O Ford T, onde se criara e vivera uma geração inteira de americanos, acabava de passar de moda.

Louis Armstrong tocava ainda numa cave obscura e Orson Welles preparava-se para aterrorizar o país com a emissão radiofônica. «A Guerra dos Mundos», que o havia de levar à glória. O «charleston» fazia furor entre senhoras de saias curtas e colares até à cintura, a grande crise de vinte e nove aproximava-se e, no entanto, ninguém parecia aperceber-se da catástrofe iminente.

Mais ou menos por esta época, uma enfermeira atava no pulso dum recém-nascido uma etiqueta com os seguintes dizeres: «Norma Jeane Mortenson — sexo feminino». Metida entre biombos brancos, ao lado de trinta ou quarenta mulheres que, como ela, não tinham dinheiro suficiente para se pagar o luxo de uma clínica particular, a empregada de estúdio, Gladys Monroe, abandonada por um certo Mortenson, tomava a decisão final de entregar a filha à Assistência Pública, mediante o pagamento de vinte e cinco dólares semanais.

Eis o começo da história. Um começo triste que foi clássico nas novelas de amor do século dezanove.





Todos os cordelinhos de que Camilo não desdenharia: o sedutor malvado, a menina inocente, perversamente enganada, o fruto de amores ilícitos e, em vez da tradicional roda, o registo na Assistência Pública. O que a história não tem, porém, de minhoto é a moral. A mãe não acaba no convento consumida de remorsos e de orações, mas num hospital psiquiátrico e a filha não expia os pecados dos pais, morrendo tísica aos sete anos, qual puro lírio violentado.

Estamos na Califórnia, em Hollywood, bairro administrativo de Los Angeles, a cidade, na altura em que a legenda dourada dos grandes deuses cinematográficos chegou ao auge, na altura em que Mae West, Pola Negri, John Gilbert e Douglas Fairbanks encarnam o inacessível sonho de riqueza e celebridade de milhões de ignorados cidadãos que se humilham na luta quotidiana pelo essencial.

2 — O Diabo e o Bom-Deus

Norma Jeane cresceu. Confiada a uma família, adoptiva e ferozmente puritana, que pretende educá-la nos bons e são princípios, ouve, sem muito bem as perceber, palestras aterrorizantes sobre vícios, poucas-vergonhas, pecado, crime e tentações do Demónio, participa com um ar sisudo e infeliz, nas festas da igreja paroquial e aprende de cor os sete pecados capitais: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. Tem agora qualquer coisa de «João que chora», de tristonho e de velho. Raramente ri, faz barulho, birras ou bate com os pés no chão. Nunca partiu a jarra do aparador ou deixou as torneiras da casa de banho abertas, como qualquer outra criança normal.

Uns tempos depois, contudo, entregue a uma outra família, esta de emigrantes ingleses, acrobatas de profissão, irá descobrir que nem sempre se considera beber uma patifaria e que as meninas de nove anos nem sempre se deitam às nove horas certas. Os novos pais estão desempregados e os poucos tostões que apanham levam sempre o mesmo nefando caminho até aos bolsos do vendedor de «bourbon» e «gin».

Na telefonia Al Jonhson canta: «Brother, can you spare me a dime?». (Amigo, podes-me emprestar um tostão?), é a grande crise dos anos de trinta e os «pais» não podem

sustentá-la, como já não há ninguém que empreste um tostão.

3 — Um cadastro e uma fuga

Assim, Norma recolhe ao «Los Angeles Orphans Home», quatro andares de tijolo vermelho, estilo colonial e dormitórios de sete camas. Logo no primeiro dia tenta fugir, mas, apanhada pela Polícia, é obrigada a regressar e a comparecer diante da directora, a temível Mrs. Dewey. Todavia não será castigada, o seu cadastro constitui uma atenuante irrecusável: aos dois anos tentaram estrangulá-la com uma almofada, aos cinco soube que o pai, ex-padeiro norueguês, morreu num desastre de motocicleta, aos seis foi violada por um homem de quarenta anos e mais sucessos de arrepiar matronas e burgueses idosos.

Aos nove anos Norma Jeane viveu duas vidas, já ganhou a experiência e a dureza dos grandes lutadores. É dessa infância e dessa adolescência invulgares que vai tirar a força e a vontade que a hão-de levar à glória e à fortuna, que a hão-de fazer resistir aos desânimos e aos fracassos.

Orfã aos nove anos, como se viu, adulta juridicamente aos dezasseis, mercê de um casamento falhado com um tal James Dougherty, hoje polícia e pai de três filhas, cedo Norma Jeane está pronta a desferrar-se. Mas o caminho ainda será longo, longo e difícil.

4 — O calendário e a renda da casa

Anos mais tarde vamos encontrá-la de cabelos platinados, pousando nua para um calendário que teve a sua hora de celebridade. Já não se chama Norma Jeane mas Marilyn Monroe, porque quando Ben Lyon a contratou para a Fox a cento e vinte e cinco dólares por semana, além do destino, mudou-lhe também o nome.

Por duas horas de pose sobre um pano vermelho, onde o louro e o branco se destacam melhor, recebe cinquenta dólares. Tom Kelley. O fotógrafo, receberá novecentos e a companhia editora do calendário, com seis milhões de exemplares, terá setecentos e cinquenta mil dólares de lucro líquido.

Que importa! A Fox licenciou-a e a renda do pequeno quarto no «Studio Club», asilo



de «starlettes» desempregadas, deve ser pago, sob pena de expulsão.

A vida corre-lhe mal, na Fox, a carreira foi curta. Descoberta por Howard Hughes, surgiu pela primeira vez em «Scudda Hoo, Scudda Hay», numa aparição histórica em que balbuciava «Hello» e que a montagem eliminou. Em seguida passou à Columbia que a fez participar numa produção B, com os Marx Brothers, onde dizia oito palavras que a montagem reduziu a sete, impiedosamente. Decididamente o azar não a largava!

E tudo poderia ter terminado em anúncios de pasta dos dentes e sabonetes, quando, de súbito, a salvou um golpe de sorte.

5 — Esta noite choveu prata

No «écran» uma criatura de sonho que estivera estendida num sofá, em pijama de seda, avança na direcção de um homem de quarenta anos, senta-se-lhe nos joelhos e, fazendo uma boquinha, profere: «Oncle Lon».

Os cineastas endurecidos no ofício, tornando-se de repente crianças, começam aos assobios, que rapidamente são abafados pelos tiros e gritos da banda sonora. Mas quando as luzes se acendem correm a perguntar quem é aquela loira do sofá, com um ar entusiasmado e frenético.

Jonh Huston vê-se em apuros. Já não tem a menor ideia da sobredita loira, que contratou para o filme «Asphalt Jungle», projectado naquele momento pela primeira vez. Contudo, um assistente salva a situação. «É uma tal Marilyn Monroe» — informa —. «Trabalha principalmente como modelo e parece-me que até agora não tem sido muito bem sucedida».

Mankiewicz exulta. No dia seguinte Norma Jeane Mortenson morreu para sempre e Marilyn Monroe com um ordenado de quinhentos dólares semanais, foi contratada para trabalhar no filme «All about Eve», ao lado de Bette Davis.

6 — A moral e a telefonia

Dias depois, porém, o escândalo rebenta. As Ligas de Moral, os puritanos, de que ela tem tão más recordações, essas senhoras pudibundas a quem nunca faltou dinheiro, arrepiam os cabelos por causa de uma certa fotografia de um certo calendário. O «Public

Relations» de Marilyn entra em pânico. «Negue, negue tudo, negue a evidência, quando não está perdida».

Mas Marilyn prefere ter coragem e enfrentar a situação com sinceridade e humor.

«No dia em que tirou a fotografia para o calendário, tinha posto qualquer coisa?» — perguntam-lhe. — «Tinha» — responde Marilyn. — «Tinha posto a telefonia...».

Ganhou a batalha. A América rende-se e as Ligas de Moral ficam a remoer o fel e o despeito. A sua reputação de mulher de espírito está feita, cada vez se irá firmando mais. Ficou célebre a réplica que deu à clássica pergunta.

«O que é que veste quando se vai deitar?».

«Depende da pessoa com quem me deito.»

II — UMA HISTÓRIA POUCO AMERICANA

1 — O que é uma «estrela» para os moralistas, os psicanalistas e para os sociólogos

O culto das vedetas não surgiu com o cinema, como é óbvio, mas este deu-lhe um enorme poder amplificador. Quando Rudolfo Valentino, o divino Rudy morreu, cinquenta mil mulheres atropelaram-se, arranharam-se, jurando suicidar-se e clamando que sem ele a vida não valia a pena. Anos volvidos, um comerciante de sucata enriquecia a vender pequenos pedaços do automóvel esmigalhado em que James Dean, o divino Jimmy morreu, como relíquias, que adolescentes transtornadas traziam ao pescoço.

Dará isto razão aos sociólogos que afirmam ter o culto das vedetas, com as mesmas incertezas e intransigências duma fé religiosa, origem no derivativo que o descristianizado dá a necessidade de se comover e adorar? Não se sabe. Como não se sabe se para o homem do século vinte o cinema representa, embora através de uma deturpação espiritual, o mundo de perfeição e harmonia que o devoto da Idade Média encontrava na Igreja Católica.

Os psicanalistas, por seu lado, sustentam que não e dão uma explicação freudiana do fenómeno. Segundo esta teoria, a verdadeira razão do supracitado culto das vedetas seria uma libertação do erotismo, uma defecção do interdito moral, um recuo da metafísica.

A estrela de cinema encarna a ruptura do processo que leva regressivamente a sentimentos contemporâneos das primeiras relações mãe-filho e o deslocamento do interesse para uma parte do corpo mais susceptível de fazer jogar tendências instintivas menos arcaicas.

Quanto aos moralistas, são contra, ferozmente contra.

2 — Da Filosofia Indú e das pessoas sem juízo

Aos vinte e tal anos de idade, casada com o astro basebolista Joe Di Maggio, Marilyn Monroe era isto tudo. A sua popularidade crescia cada vez mais, quando da viagem de núpcias ao Japão, teve de ceder aos insistentes e suplicantes pedidos dos célebres G. I. S., aparecendo num estrado perante vinte mil soldados em delírio, às primeiras horas de uma manhã que, a acreditar em fontes fidedignas, foi glacial.

Nos outros acampamentos o êxito repetiu-se. A ex-Norma Jeane recebe cinco mil cartas de admiradores por dia, é a altura dos maus filmes, de «There is no business like show business», de «River of no return», de «Man like blondes», de «How to marry a millionaire» e de «The seven year britch».

Marilyn, mais uma das «vamps» sofisticadas do lugar, está presa na máquina, confundida com a personagem que lhe impuseram e que não a deixa exprimir-se livremente.

Então toma uma decisão que, por única, ficará histórica, Los Angeles e o seu cortejo de futilidades, a sua dispersão e o seu artificial, irá para Nova York, frequentar o Actor's Studio de Lee Strasberg e aprender com toda a seriedade e toda a aplicação a sua profissão de actriz, honesta e obstinada.

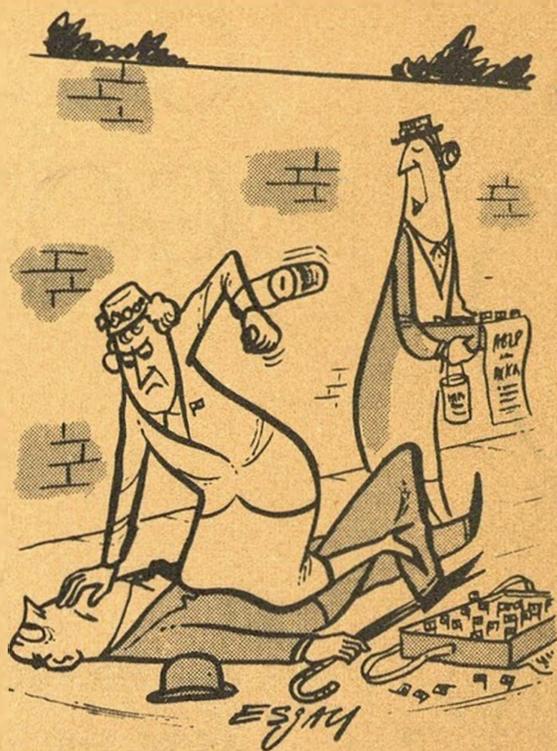
A Meca do cinema escandalizou-se, uma atitude assim era uma verdadeira loucura. Claro que se pagava bem aos jornalistas para porem a correr o boato de que Jayne Mansfield chamava um figo à Filosofia indú ou que Zsa Zsa Gabor não fazia nada sem consultar a teoria da relatividade, mas tomar isso a valer não parecia ser de quem tinha muito juízo.

Com juízo ou sem ele, Monroe persistiu e voltou a ganhar. Um ano depois, o triunfo de «O Príncipe e a Corista», onde atirava Laurence Olivier para a sombra, provava definitivamente as suas excepcionais qualidades de actriz.

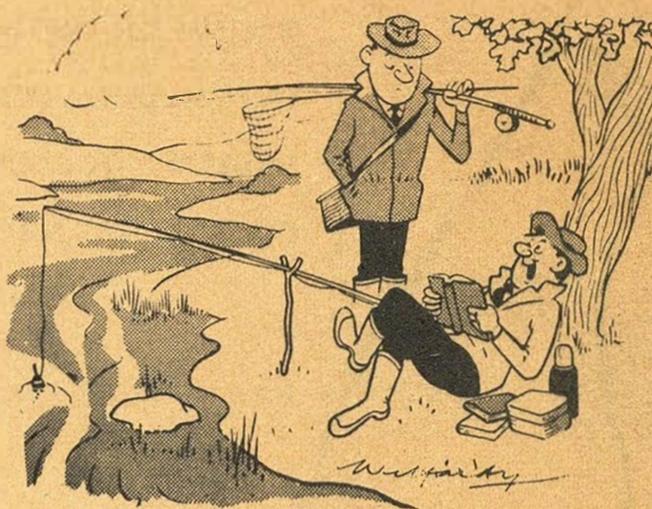
3 — Um fim de história

Hoje, casada com Arthur Miller, o homem de «As Feiticeiras de Salém», reconhecida como uma grande actriz, Marilyn Monroe confessa: «Não sou feliz, para mim, a felicidade seria atingir a perfeição a representar e a viver. Mas a felicidade é uma coisa que exige muito trabalho e muito tempo».

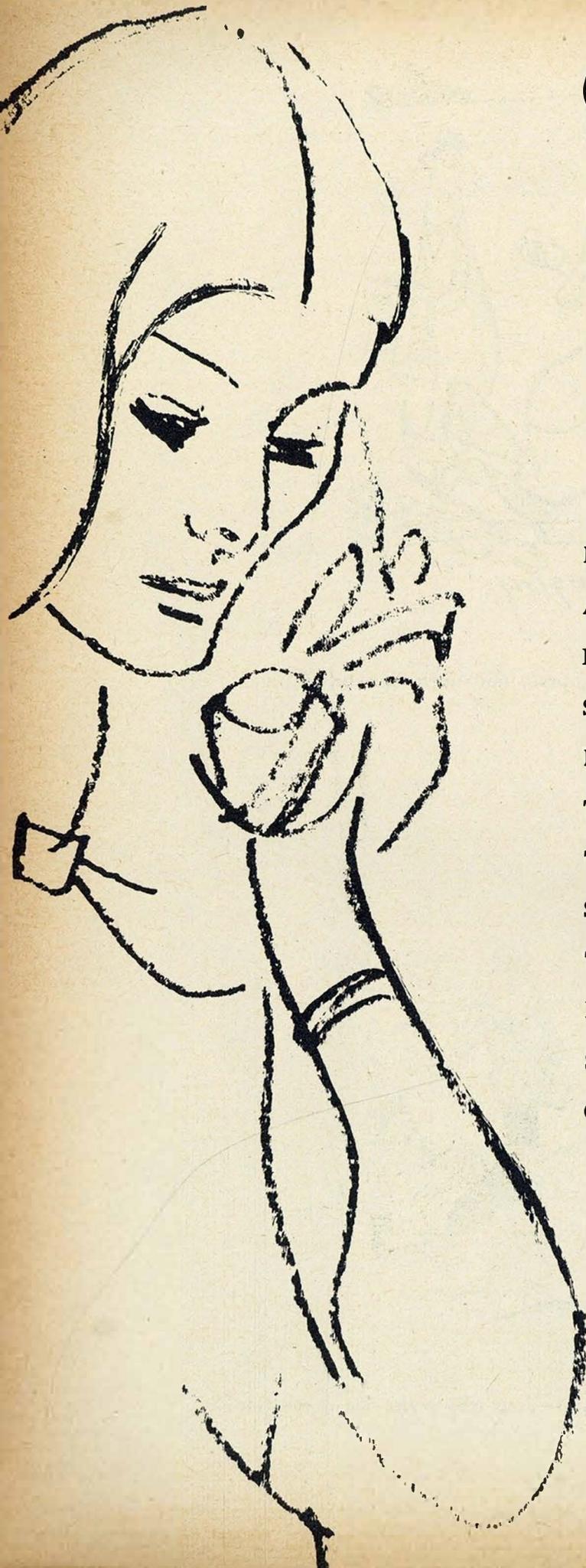
Na verdade, um fim de história muito pouco americano.



— Se o senhor não quer comprar, não debes insistir, Emília!



— Isco? — Homem, se eu usasse isco não podia ler decansado!



OS SEUS AMIGOS GOSTAM DE O VISITAR?

PROVAVELMENTE, NÃO. MAS SE ASSIM FOR (É ESTA A OUTRA FACE DAQUELA PERGUNTA) RESULTA ISSO DESTA VERDADE MUITO SIMPLES: A LEITORA GOSTA DE RECEBER VISITAS... EM TODO O CASO O INQUÉRITO QUE SE SEGUE TEM A GRANDE VANTAGEM DE INFORMAR AS NOSSAS LEITORAS DAQUILO QUE ELAS JÁ SABIAM: QUE OS SEUS AMIGOS GOSTAM (OU NÃO GOSTAM) DE OS VISITAR.

- 1 Passa por ser especialmente hospitaleira?
- 2 Os seus amigos costumam muitas vezes visitá-la de improviso para tomar um aperitivo ou mesmo para jantar?
- 3 A sua casa costuma ser a escolhida pelos seus amigos para ser assaltada ou para a passagem do ano?
- 4 Os seus amigos costumam pedir-lhe conselhos acerca da decoração das suas casas?
- 5 Os seus amigos costumam demorar-se, quando a visitam, mais do que esperam?
- 6 Os seus amigos têm um canto preferido na sua sala?
- 7 Quando encontra os seus amigos na rua eles têm um ar mais descontraído do que em sua casa?

SIM

NÃO

- 8 Costuma mostrar-se indiferente quando os seus amigos põem os copos em cima dos móveis ou quando deixam cair a cinza dos cigarros?
- 9 Os seus amigos entram em sua casa sem complexos, quando levam os filhos de tenra idade ou um cão?
- 10 Os amigos do seu marido costumam referir às esposas deles o conforto da sua casa?

SIM

NÃO

RESPOSTAS

de uma a três vezes.

SIM

Não soube criar uma casa suficientemente alegre e acolhedora, onde os seus amigos gostem de se acolher.

de quatro a seis vezes.

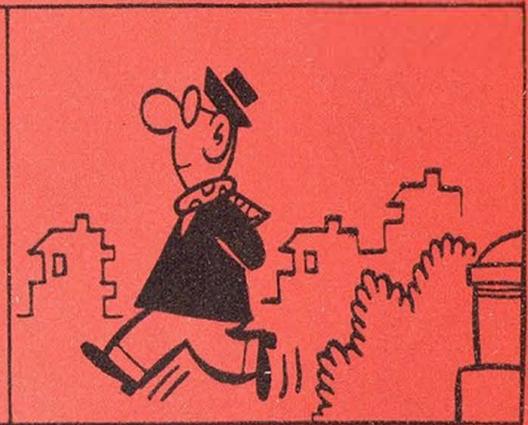
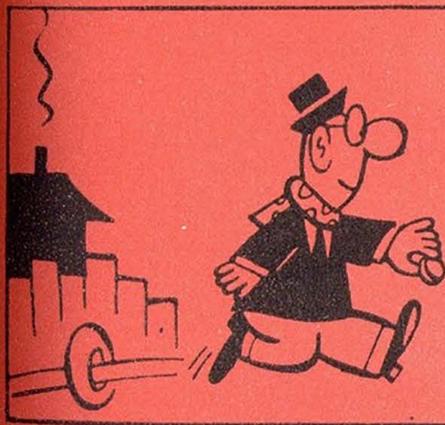
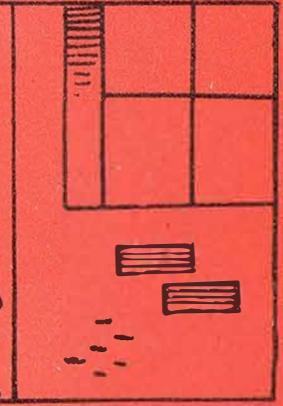
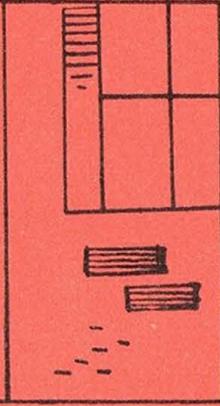
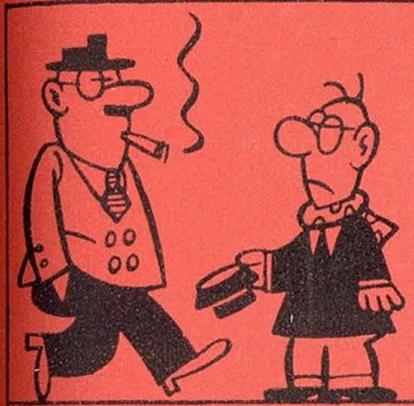
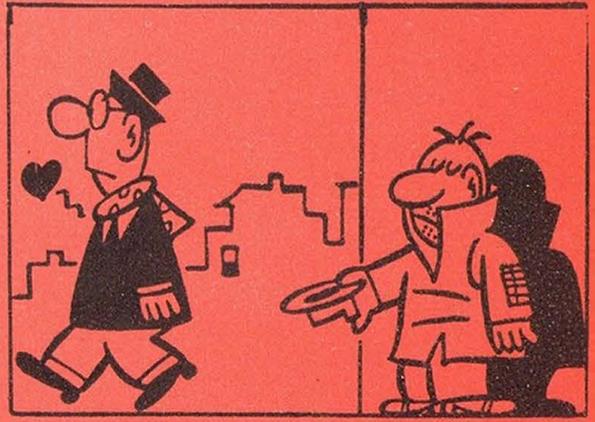
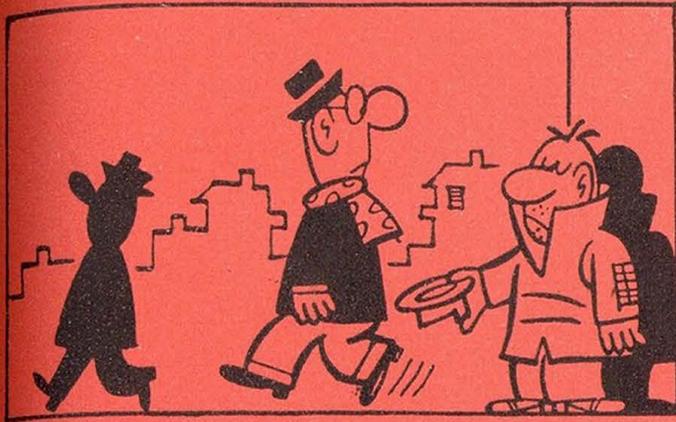
SIM

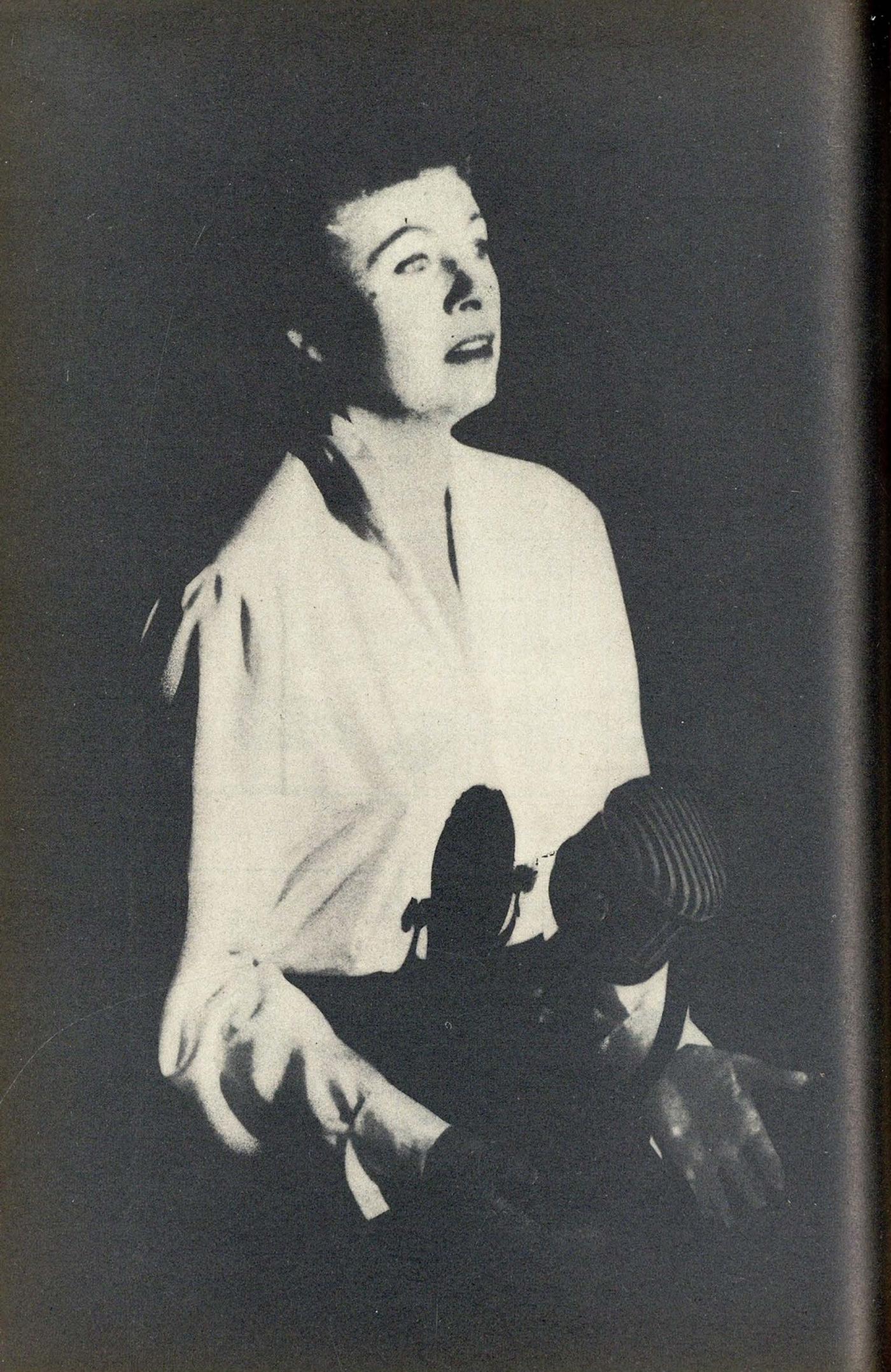
Sabe receber visitas, não há dúvida nenhuma, mas não é daquelas pessoas a que apeteça visitar de improviso.

de sete a dez vezes.

SIM

As visitas inesperadas e agradáveis não lhe faltam. A sua casa é alegre, atraente, harmoniosa. Os seus amigos sentem-se bem aí.





CADA UM
TEM O PARIS
QUE MERECE

PATACHOU

A CANÇONETISTA
POR ACASO

Cada um tem o Paris que merece. E se é certo que alguns merecem Sartre ou a Notre-Dame, outros merecem a Patachou. Quem tem razão? Pouco interessa agora saber quem tem razão — até porque a grande maioria das pessoas não têm razão nenhuma. Mas importa saber que aqueles para quem, há trinta anos, o nome de Paris imediatamente evocava o nome da Mistinguett, identifica hoje Paris com a Patachou. Condená-los?

Que atire a primeira pedra aquele que... Porque Patachou, com os seus olhos azuis, o seu rosto expressivo, os seus caracóis dourados, a sua boca que ao mesmo tempo ri e chora, o seu chique, Patachou, melhor do que ninguém, exprime a malícia, o gosto, o encanto e a sensibilidade requintada de Paris, desse Paris que nem é o mesmo, nem é defunto do que era no princípio do século.

A mania das alturas dominou sempre a nossa cançonetista, sem que nunca lhe surgisse o risco das grandes quedas. Como não podia deixar de ser nasceu numa montanha. Mas, depois, repousadamente, desceu ao vale e empregou-se como esteno-dactilógrafa. Trabalhou num editor de música, precisamente o editor de Charles Trenet. E precisamente

PATACHOU

era a propaganda de Charles Trenet que Patachou tinha a seu cargo... Faltou-lhe o ar, regressou aos cimos, a Montmartre (altitude: 61 metros).

Abriu então uma pastelaria, depois um restaurante e, finalmente e após uma mudança de nome (em vez de Henriette Ragon chamava-se agora Patachou), começou a cantar. E cantou tanto e tão forte que grande parte dos parisienses acordados por uma voz tão insólita, foram espreitar à porta, a ver o que se passava.

Patachou, a voz de Patachou era o Paris que esses parisienses mereciam. Era o Paris que grande parte dos turistas do mundo inteiro mereciam, porque a pouco e pouco, vindos de toda a Europa e de toda a América, eles começaram a subir a colina de Montmartre, como peregrinos que procurassem as fontes vivas da fé. Neste caso apenas (eu tenho!), as fontes vivas da cançoneta.

UMA SAIA AZUL, UMA BLUSA BRANCA

Patachou recebia esses peregrinos de braços abertos, como era natural, obrigava-os a cantar com o argumento cada vez mais verdadeiro e amplamente demonstrado de que para cantar não é preciso ter voz. Quem eram eles e elas? Ministros e ministras, príncipes e princesas, milionários e milionárias.

Errol Flynn, John Garfield, Ali Khan e muitos outros preferiam sofrer o castigo de verem as suas gravatas cortadas a terem de

cantar. Mas quanto à gravata de Errol Flynn é de prever que não se perdesse nada, devia ser de um gosto atroz!

Um dia Patachou foi a Nova Iorque e cantou no Waldorf Astória. Habitados às *girls* fardadas em tecnicolor, recamadas de lantejoulas, rutilantes de pedrarias, os americanos espantados viram avançar para eles, uma mulher (apenas uma mulher) com uma saia azul e uma blusa branca, os olhos límpidos, os cabelos que brilhavam sob os projectores.

Começou por cantar o *Gamin de Paris*. Depois: *Brave Margot* que ela explicou aos espectadores em inglês e francês. Essa história do gato divertiu-os muito. Momentos mais tarde fez chorar o público com *Celui que j'attends* e *Mon homme*.

CANTA COMO QUEM CONTA UM SEGREDO

Os americanos estavam espantados (embora se possa dizer que não é preciso muito para os espantar).

Patachou pode mostrar-se alegre ou triste, representar como Sarah Bernhardt (escusado será dizer que quem isto afirma nunca viu Sarah Bernhardt, o que dá ainda mais valor à afirmação), pode dançar como uma autêntica dançarina. Não utilizando nenhum dos habituais truques das cançonetistas, o êxito de Pat deve-se ao ar de confiança com que canta. Ela cria a ilusão de que não se dirige

a um público anónimo, mas a cada um de nós. E os espectadores imaginam-se amigos a quem ela conta os seus problemas, grandes e pequenos.

Do Waldorf Astória onde esteve dois meses Patachou partiu para a América do Sul, para o Canadá, o Médio Oriente e Espanha. Entretanto tornou-se mundialmente conhecida.

E foi ela que atirou para a frente Georges Brassens.

MODESTA, COMO SEMPRE

Ponto a assinalar: Patachou, tomando-se embora uma das grandes vedetas da canção, soube permanecer sempre a mesma mulher. E isso prova a sua grande personalidade.

Ela vive presentemente na Avenida Junot com vista para o Sacré Coeur, a Torre Eiffel e o Moulin de la Galette. Nas paredes da sua casa avultam quadros dos mais famosos pintores modernos da Escola de Paris.

Mas para a dona da casa os mais belos quadros são, apesar de tudo, aqueles que Paris lhe oferece das janelas, de dia e de noite. E nada lhe agrada mais do que percorrer a pé as ruas de Montmartre — a sua aldeia, como ela diz — na companhia do filho, um rapazinho de 11 anos.

No seu **cabaret** «chez Patachou», a célebre vedeta continua a acolher os jovens cantores no início da carreira.

— É esse o nosso maior dever — diz ela —. E não proceder assim revela uma dose importante de estupidez.

— ...uma dose importante de falta de coracão — dizemos nós.

— Também. Ainda hoje quando penso que lancei Brassens sinto uma profunda emoção. Muito tímido, com a barba por fazer... Hoje ele civilizou-se...

Mas como foi que Patachou se lembrou de cantar?

— Por acaso — responde —. Em 1939 eu era secretária de Charles Trenet. Conhecia, portanto, bastante bem, o mundo da canção, mas uma vez apeteceu-me cantar...

— E então?

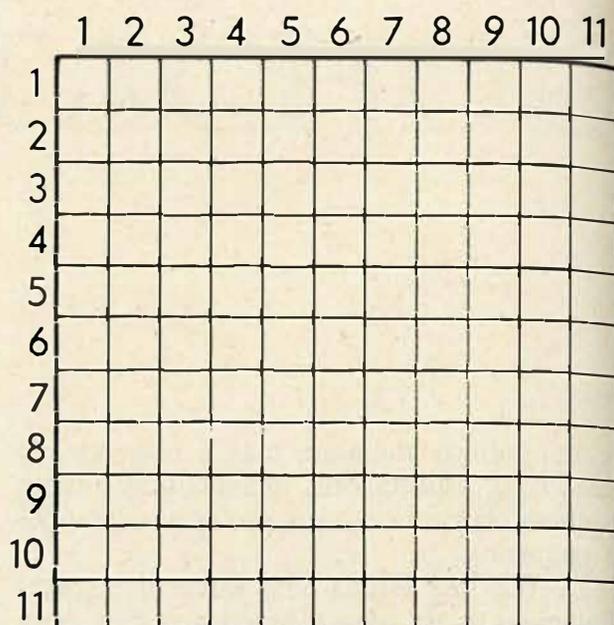
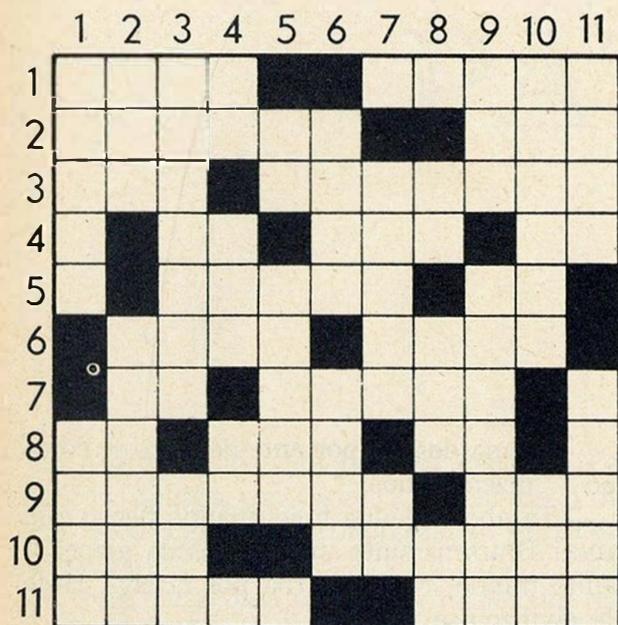
— A minha sorte foi o restaurante que... Foi em 1948. Henriette Ragon acabara de se casar com Jean Bilhon. Ela estava empregada numa loja de calçado, ele era antiquário... Com umas economias resolvemos abrir um restaurante. Um dia os fregueses começaram a cantar em coro. Eu, para me divertir, cantei com eles. Um deles disse: «Porque não canta todas as noites? O seu restaurante estaria sempre cheio!... No dia seguinte eu experimentei a aventura. Mas era tímida, é claro, foi preciso que me empurrassem.

E um dia, foi a história das gravatas. As famosas gravatas cortadas que hoje enfeitam as paredes do restaurante.

Um jornal escreveu então: «Patachou tornou-se conhecida cortando gravatas. Para conseguir isso não é preciso talento».

Mas hoje Patachou ainda é mais conhecida do que nesse tempo. E já não corta gravatas.

PASSATEMPOS



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Cova; derivação. 2 — Estonteado; pron. pess.. 3 — Todavia; livelar. 4 — Jeito; recitou; soletra. 5 — Pouco densos; 101 (romanos). 6 — Calque; ribomba. 7 — Letra grega; mor. 8 — Aqui; chiste; vi. 9 — Prender; desliga-se. 10 — Rélas; regente. 11 — Com asas; plana.

VERTICAIS: 1 — Seda da China; querida. 2 — Larva das feridas dos animais; terreno árido em que só crescem plantas bravias. 3 — Enfiada de contas; pega. 4 — Outra coisa; senhor. 5 — Pref. de negação; navegar. 6 — Depósito subterrâneo para cereais; elevar. 7 — Usei; popa. 8 — Pron. pess.; relação; distar. 9 — Doçura; cantor de coros. 10 — Mutismo; prep. e art.. 11 — Vadiagem; está iminente.

PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

HORIZONTAIS: 1 — Surgiram. 2 — Mais alta. 3 — Símb. quím. da platina; efectuada; largura (abrev.). 4 — Contrariedade; lembrança. 5 — Governador de província muçulmana; uivos. 6 — Escarnece; o sol entre os egípcios. 7 — Gostar; nome próp. fem. (pl.). 8 — Sovem; aceito de boamente. 9 — Nesse ponto; expurguei; art. def. (pl.). 10 — Unturas. 11 — Agarrei; pref. desig. ombro.

VERTICAIS: 1 — Acautela. 2 — Encerra; triturei. 3 — Reis (abrev.); voltas; utensílio doméstico. 4 — Obteremos. 5 — Género de árvore do Brasil (pl.); mãe (inf.). 6 — Nome próp. masc.; para aí. 7 — Retardei (pop.); cantor. 8 — Sazonavam. 9 — Ruim; abraçava com elos; único. 10 — Atilho; fruta-do-conde. 11 — Cheios de gases.

PALAVRAS CRUZADAS

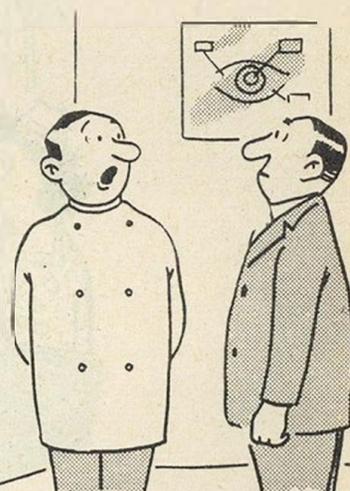
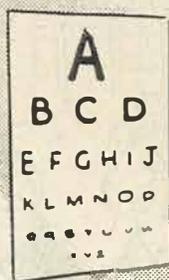
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	L	U	R	A			R	A	M	A	L
2	A	R	O	L	A	S			E	L	A
3	M	A	S		N	I	V	E	L	A	R
4	P		A	R		L	E	U		L	E
5	A		R	A	R	O	S		C	I	
6		P	I	S	E		T	R	O	A	
7		R	O		M	A	I	O	R		D
8	C	A		S	A	L		L	I		A
9	A	G	A	R	R	A	R		S	A	I
10	R	A	S			R	E	I	T	O	R
11	A	L	A	D	O			R	A	S	A

soluções dos passatempos

PALAVRAS CRUZADAS

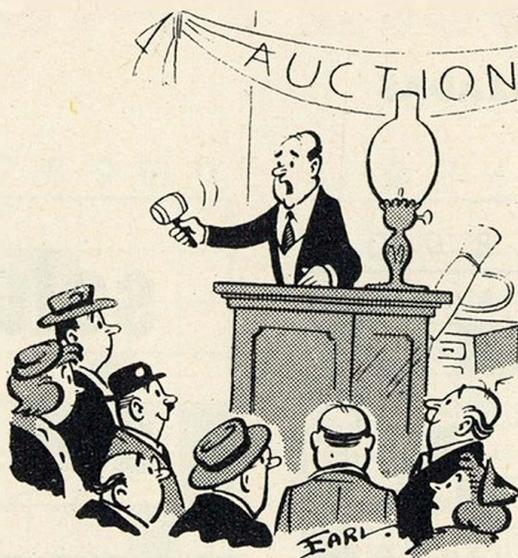
(NOVA MODALIDADE)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1			R	A	I	A	R	A	M		
2			S	U	P	R	E	M	A		
3	P	T		F	E	I	T	A		L	G
4	R	E	V	E	S		I	D	E	I	A
5	E	M	I	R		B		U	L	O	S
6	C		R	I		E		R	A		O
7	A	M	A	R		M		E	V	A	S
8	T	O	S	E	M		A	C	A	T	O
9	A	I		M	A	T	E	I		A	S
10			P	O	M	A	D	A	S		
11			A	S	I		O	M	O		



COOMBS

— Há semanas que não vendo um par de óculos.



— Vendido àquela senhora o que o marido está a arrastar para a porta!



— Ouvi dizer que é a quinta ou sexta vez que ele casa!

RICHARD LLEWELLYN

O VALE ERA VERDE



ALMANAQUE

TITULO ORIGINAL
HOW GREEN WAS MY VALLEY

Copyright 1960 by
RICHARD LLEWELLYN



1960

GRUPO DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
LISBOA

lio. Mas nada depende de mim. Nada posso fazer. Seriam precisas gerações para remover das tuas proximidades o grande monte à pá, e nem isso eu agora tenho que seja minha. As roupas que trago vestidas, estas duas camisas e estes dois pares de meias que embrulharei no pano azul que me servirá de mala representa tudo quanto possuo. Vivi na abundância. De boa fazenda de lã, vinda directamente da fábrica, que o velho Williams cortava e cosia, de pernas cruzadas, na sua pequena loja, era do que os meus fatos eram feitos.

A primeira vez que lá entrei ia acompanhado de meu pai, a fim de me tirar as medidas para saber que quantidade de tecido teria de encomendar na fábrica.

Fomos depois à fábrica. Depois de estarmos no pátio, pela baixa porta de entrada, entrámos na oficina de tecelagem. Pairava no ar um cheiro a lã, sadio e agradável, misto de terra e humanidade. Sentese prazer real em usar uma fazenda feita com lã assim!

Eu vestia nessa altura um fato de casimira castanha, um castanho especial, cor de um campo arado depois de caírem as folhas uns meses antes, na altura em que a erva está, ainda rala, a despontar. Havia uma cinzenta cor de Primavera chuvosa, tão macia como a que eu trazia vestida. Meu pai comprou dessa uma porção para minha mãe e para as minhas irmãs e uma outra preta para ele e para os meus irmãos. Estivemos também a apreciar uma peça verde, saída havia pouco do tear, que meu pai comprou para fazer casaquinhos para Olwen e Gareth.

Sáimos da fábrica ajoujados como se nos preparássemos para uma longa viagem, e ao chegarmos à loja de Williams já não podíamos mais, de carregados que íamos.

— Faço calças compridas ou calções, Sr. Morgan? — perguntou Williams a meu pai com os olhos brilhantes como contas voltados para a minha banda. — Faz-se dele um homem ou deixamo-lo como rapaz?

— Oh, paizinho — disse eu. — Não lhe parece melhor que as calças sejam compridas?

Meu pai observou-me e virou-se depois para a janela em cujos vidros estavam coladas estampas de elegantes cavalheiros de cintura delgada e calças apertadas, com capas e bengalas com borlas pendentes. Sentia-me na expectativa da sua resposta desejando de todo o coração que ele concordasse com a minha opinião. E Williams passava o dedal pelos lábios e os seus olhos como contas ora me fixavam ora fixavam meu pai.

— Está bem — concordou meu pai. — Faça a vontade ao rapaz. Calças compridas. Ele está, sem dúvida suficientemente crescido para calças compridas.

— Quatro botões na frente, até acima — informou Williams mexendo-se muito. — Bolsos na frente das calças, gola no colete. É verdade: pestanas nos bolsos do colete?

Os olhos como contas voltaram-se para meu pai e os de meu pai para mim.

— Sim, meu pai, por favor — implorei.

— Sim — anuiu meu pai olhando novamente para a janela.

— Marque a prova do Sr. Huw Morgan na próxima quinta-feira, pelas cinco da tarde — ordenou Williams, agora todo apressado, dirigindo-se ao velho Twn, que tomava as notas e guardava os moldes, fazia casas e alguns complementos nos fatos.

— Lembre-se — atalhou o velho Twn com alfinetes no canto da boca e pregados por todo o colete — de que às cinco e meia tem cá Nan Mardy para provar um sobretudo a três quartos e uma capa para a chuva com bolsos nos dois lados.

— Não se incomode com isso, homem — repontou Williams. — Disse é repito: o Sr. Huw Morgan.

— Bom... eu estava apenas a lembrar — retorquiu impacientemente o velho Twn — ... se ...

— ... Se ... — repetiu Williams, cujas contas brilhavam para um lado e para o outro sem descanso. — Que história é essa de «se»? Valha-o Deus, velho caquético.

—Se ele tiver as calças nos bicos das botas e a fralda da camisa sobre o queixo—gritou o velho Twn, excitado.

—Ora vá para Diabo—respondeu-lhe Williams.—Preocupe-se com a fralda da sua própria camisa e dê licença que os outros cuidem das suas. Que tal está o magador! Uma olhadela para uma fralda de camisa seria conveniente para Nan Mardy!

—Deixem-se de discussões—atalhou meu pai.—Sr. Williams, faça-me o favor de moderar a sua língua enquanto o pequeno estiver a ouvi-lo.

—O pequeno não tardará a saber mais do que nós—respondeu Williams.—Fica assente que se faz a prova na quinta-feira, às cinco da tarde, e esse maluco do Inferno que se dane com esse tal Nan Mardy.

—Então adeus, muito boa-tarde—concluiu meu pai. Empurrei a porta o mais violentamente que me foi possível com a intenção de fazer soar a campainha também o mais fortemente que fosse possível. Williams continuava nas suas diatribes e o velho Twn pagava-lhe na mesma moeda já fomos bastante afastados. Meu pai olhou para mim e dirigiu-me um sorriso.

—O que queria ele dizer com aquela do «sei lá o estado em que está a fralda da camisa dele?»—perguntei eu.

—Preocupa-te com a tua vida e deixa-o preocupar-se com a vida dele. Procede sempre assim e poderás vir a ser feliz.

Novamente se apoderou do meu espírito aquela sensação de desconforto ao ver que me ocultavam o conhecimento de qualquer coisa que meia-dúzia de palavras bastariam para esclarecer. Pus-me a pensar onde encontraria eu a pessoa que me pudesse explicar as palavras do alfaiate sem troçar de mim. Acorreram ao meu espírito os nomes de Tegwen Beynon e de Ceinwen Phillips porque achava que elas eram muito sabidas a respeito de coisas que as pessoas mais velhas pretendiam ocultar delas. Mas lembrei-me de que ambas tinham a mesma espécie de ardente nebulosidade no olhar embora os seus olhos permanecessem brilhantes. Lembrei-me então de Bron e convenci-me de que essa, sim, me informaria.

Dentro de duas semanas, quando estivessem prontas as casas, no vale vizinho, Ceridwen e Blethyn casar-se-iam. Por causa disso, e também devido ao casamento de Angharad com Iestyn, é que estava a tratar-se de fato novo para mim.

Ceridwen e Blethyn não faziam muitas ondas à volta do seu casamento; estavam contentes, sabiam que em data próxima estariam casados; diante dos seus olhos levantava-se pouco a pouco a casa onde iriam viver, a mobília estava encomendada e o enxoval de Ceridwen estava, completo, metido nas gavetas de uma cómoda; nestas condições cumpria-lhes apenas esperar sem necessidade de falarem muito no assunto.

Ceridwen era a criatura mais calma que alguma vez me foi dado conhecer. Quanto a Blethyn, não via outra coisa. A noiva era tudo para ele, a luz dos seus olhos, o seu coração, a sua alma, e não a largava um instante, acompanhando-a para toda a parte. Ela tinha o hábito de, quando passava por ele, fazer-lhe com os dedos cócegas na nuca ou puxar-lhe a ponta da orelha, mas suavemente, sem o magoar, e ele olhava-a com um sorriso que lhe vinha do coração.

Quanto aos outros, Angharad e Iestyn...

«O Sr. Ósculo e a Sr.^a Unhada», era como minha mãe os classificava. «Beijo agora, unhada daqui a pouco. Abraços neste momento, punhos cerrados pouco depois. Tenho de os correr de casa com o cabo da vassoura se isto assim continuar».

Realmente minha mãe tinha carradas de razão. Depois do seu regresso de Londres, Iestyn chegou a nossa casa transportado num *cabriolet* azul-escuro, novo, com um vivo vermelho nas rodas, um varão de cobre à volta, um chicote de nogueira com punho de marfim, uma peça linda com uma correia branca, uma égua baía pequenina, brilhante como uma peça de mobília pálida, com as crinas ornadas de laços e quatro sapatas brancas como prata.

Impressionei-me só de a ver, tão bonita e orgulhosa das suas rédeas de couro encarnado e o sol a reflectir-se sobre ela.

Iestyn vinha podre de chique, com um chapéu de feltro cinzento e um fato de xadrez preto e branco, uma pérola na sua gravata branca e botas castanhas:

Um clarão fuzilou nos olhos de minha mãe, mas extinguiu-se no mesmo instante fazendo-nos duvidar de ter dado por ele. Ele curvou-se diante dela de chapéu na mão cumprimentando-a, cumprimento a que ela correspondeu inclinando gravemente a cabeça, e retirou-se para a cozinha depois de o ter fixado uns momentos.

Iestyn conservou-se hesitante, rodando o chapéu nas mãos, sem saber se deveria entrar ou conservar-se do lado exterior da porta. Então Ianto piscou-lhe um olho e fez um gesto e Iestyn esboçou um sorriso amarelo e entrou na sala com o mesmo à-vontade com que penetraria no covil de uma fera. Um minuto depois sorriu para nós constringidamente, voltou costas, pulou para o carro, cobriu os joelhos com a manta e tomou a direcção da granja subindo a colina.

Quando entrámos na cozinha o mau humor de minha mãe manifestava-se exuberantemente na maneira como lavava a roupa. Quando uma camisa de meu pai, cheia de sabão, saiu um pouco para fora do alguidar, ela agarrou-a com fúria, torceu-a e retorceu-a, bateu com ela na tábua, e esfregou, esfregou, esfregou tanto que até nos causava admiração que a camisa resistisse a tantos atritos ou a tábua ainda continuasse a ser tábua. Uma madeixa de cabelo saía-lhe irritantemente do seu lenço azul e já estava cheia de sabão por minha mãe a tentar afastar com impaciência.

—Viram-no? — dirigiu-se-nos minha mãe, com as mãos mergulhadas na espuma, olhando para nós e tentando afastar o cabelo com um sopro.

— Sim — respondeu Ianto. — Que linda égua.

— Égua? — volveu minha mãe, e batia com a camisa na tábua e a espuma espalhava-se em todas as direcções. — Quem fala na égua? Refiro-me apenas a ele.

— Ora, se ele veste daquela maneira é porque já entrou nas notas. Isso é lá com ele — retorquiu Ianto.

— Eu nada tenho que ele tivesse entrado nas notas ou não — continuou minha mãe. — O que entendo é que ele só deveria vestir-se daquela maneira quando o pudesse fazer sem constrangimento. Assim parecia um saloio em trajo de cidade. Gostaria de assistir à cena do encontro de Angharad com aquele peralvilho. Tenho a impressão de que lhe arrancará todos os cabelos da cabeça.

No dia seguinte, logo após a minha chegada a casa, de regresso da escola, entrou Angharad. O seu aspecto era o habitual, nada se lhe notava de insólito, ria como de costume quando enxugava os pratos depois do jantar. Mas eu sentia que havia nela qualquer coisa de mais ou de menos.

Iestyn ceou connosco e depois fomos os três passear. Nunca senti por ele a ternura que me inspirava Blethyn, o qual, com Ceridwen, constituía um par muito diferente do de Iestyn e Angharad. Esta prestava-se de boa mente a ser beijada logo que a mais ligeira oportunidade surgia, e que Iestyn não era parco a aproveitar. Mas o seu ar não era o de Ceridwen nessas ocasiões, a qual mostrava um rosto irradiante, onde se reflectia uma felicidade que não parecia deste mundo.

Certa noite, Ianto chegou a casa com o *Times* na mão e mostrou aos nossos pais, à esquerda da primeira página, uma notícia marcada com traços feitos a tinta.

— Onde arranjaste o jornal? — perguntou minha mãe.

— Foi Ellis quem mo entregou — respondeu Ianto.

— Veio pelo correio? — interessou-se meu pai por saber ao mesmo tempo que punha os óculos.

— Veio — esclareceu Ianto sorrindo com intenção. — Quem o mandou, minha mãe? Veja se é capaz de adivinhar.

— Ora, quem seria? — hesitou ela franzindo a testa.

— De Owen — lembrou meu pai.

A reacção de minha mãe foi imediata: as mãos caíram-lhe no regaço e olhou a cozinha como se lhe estivesse a fugir. Agarrou-se a Ianto quando ele lhe pôs o braço à volta da cintura.

— Oh, meu Deus! — espantou-se meu pai ao ler a notícia. — «Foi tratado o casamento entre o Sr. Iestyn Dylan Evans, filho de Christmas Dylan Evans, já falecido, de Tyn-y-Coed...»

Estacou e olhou para minha mãe com a boca fechada.

— Lê, homem, lê — insistiu minha mãe, também surpreendida.

— Nem mais uma palavra — proferiu meu pai, enraivecido. — Quando o encontrar eu me entenderei com o Sr. Iestyn Evans. Ainda o pai não teve tempo de esfriar na sepultura e já o filho manda palermices para os jornais. Se o casamento foi tratado ignoro, e terei de ser ouvido se alguma vez o assunto for discutido. O Sr. Iestyn depressa adquiriu hábitos que não são os nossos. Antes que passe uma hora rebentar-lhe-ei a tromba.

— Diz-me, se fazes favor, quem enviou a notícia para o jornal — dizia minha mãe batendo nos joelhos de meu pai — e quem o mandou para cá.

— Foi Owen — disse meu pai, e curvou-se para ela. — E acrescenta pedindo que não nos opunhamos a que Angharad case com aquele tarado e que virá até cá para assistir ao casamento porque é amigo de qualquer deles.

— Graças a Deus! — exclamou minha mãe. — E quando virá, ele também diz?

— A esse respeito nenhuma palavra — respondeu meu pai com os olhos fitos no jornal. — «Esperem o regresso do Sr. Iestyn».

— Não lhe ligués, Gwil — aconselhou minha mãe. — Se ele tem lá as suas razões, deixa-o tê-las.

— Angharad Morgan é ou não minha filha? — perguntou meu pai, irritado. — Ou têm-me na conta de um angariador de casamentos?

— Ele foi abelhudo, lá isso é verdade, meu pai — atalhou Ianto —, mas não vejo prejuízo nisso.

— Pois eu vejo, sim — retorquiu meu pai. — Se Angharad se casar serão lidos na capela os pregões. Só depois é que o casamento poderá constar nos jornais. Depois, insisto, e não antes. Ou quer esse franganote fazer-nos representar o papel de pagãos?

Eu estava atrás de todos e fui o primeiro a aperceber-me da chegada de Angharad, que voltava com Iestyn. Cheguei-me à porta, pus a cabeça de fora e emiti um assobio.

— Iestyn, acautele-se — sussurrei eu. — O meu pai esteve a ler a notícia que vem no *Times*, que chegou à bocado, e vasilhas estão preparadas para recolher o seu sangue.

— Que é isso? Que aconteceu? — perguntou Angharad a Iestyn.

— É o nosso noivado — informou o rapaz. — Quem seria que se meteu nisso?

— Noivado? — perguntou Angharad, com a testa franzida. — Que sarilho é que arranjaste novamente, não me dirás?

— Oh, meu Deus! — exclamou Iestyn. — Vocês dão comigo em maluco. Anunciei o nosso noivado nos jornais de uma maneira correcta. Onde está o meu crime? Que objecções tens a fazer?

— Tenho, sim — respondeu Angharad com brusquidão. — Quem é que o autorizou a considerar-me como sua noiva, não me dirá.

— Que estás a dizer? — voltou Iestyn tão surpreendido que não encontrava palavras para expressar-se. — Para que diabo frequento esta casa há tanto tempo? Não tenho insistido durante estas semanas todas para que nos casemos?

— Mas eu já concordei? Já lhe dei o sim? — retorquiu Angharad fria como gelo. Creio que foi a única vez que senti pena dele.

Ele olhou-a e, embora não lhe pudesse ver os olhos, tive a intuição de um

olhar profundo, suplicante, lastimoso, animal, dirigindo-se no escuro ao encontro dos olhares dela.

— Angharad — disse ele como se alguém lhe estivesse a apertar o pescoço —, Angharad, porque não tens coração? — E caiu no chão de joelhos rodeando-lhe a cintura com os braços.

— Deves casar comigo. Deves porque te amo, querida.

— Levante-se, senhor — disse Angharad, ofegante, como se a sua voz fosse um punhal a cravar-se nas carnes do infeliz. — Ou o senhor quer tornar-se em capacho onde os outros esfreguem os pés? Retire-se agora. Dentro de dois dias dar-lhe-ei uma resposta decisiva.

Ele levantou-se e fitou-a novamente. Os sons da noite não conseguiam abafar o silêncio da sua raiva.

— Se julgas que estou disposto a admitir a maneira como me estás a tratar estás enganada. Há muitas mulheres e eu estou em condições de escolher a que quizer em qualquer momento que entenda. Porque tens correspondido aos meus beijos se não pensavas em casar comigo?

— Eu sou Angharad Morgan — respondeu ela num tom tão frio como a água que nesse momento corria no rio. — Vá para o Diabo!

Antes que ele esboçasse qualquer movimento saiu e bateu com a porta de tal maneira que a casa tremeu.

— Que todas as mulheres vão para o Diabo que as carregue — vociferou Iestyn olhando à sua volta enquanto eu apagava o candeeiro. — Ficou mudo, Huw?

— Não — respondi. — Se quer casar com Angharad não fale noutras mulheres e não faça exhibições.

— É tudo a mesma raça — observou Iestyn com os olhos ainda irados. — Nunca vi gente como esta, do mais velho ao mais novo. Esse tal Gruffydd tem-se encontrado com ela?

— Como posso saber isso? — retorqui. — Deixe-me em paz. Quero ir deitar-me.

— Tenho aqui uma coisa para si, Huw — disse ele ao mesmo tempo que metia a mão no bolso.

— Compre açúcar para a sua êguazinha — respondi — e não diga que vai de cá. Agora boa-noite e cumprimentos à tia.

— Diabos os levem! — resmungou, e desandou pelo quintal fora como se bruxas o perseguissem de vassouras em punho.

No dia seguinte ocupava-me eu em aplainar uma tábua de nogueira para o tampo de uma escrivaninha e o Sr. Gruffydd torneava pernas de cadeiras quando Angharad entrou com bolos e chá. Calada, encheu uma xícara de chá para cada um de nós.

— Obrigado, Angharad — disse o Sr. Gruffydd. — Como passa?

— Bem, muito obrigada.

— Ótimo — continuou o Sr. Gruffydd comendo um bolo e continuando a fazer girar o torno.

— Depois de tomar o chá podemos conversar os dois a sós? — perguntou-lhe minha irmã, linda, com o rosto radioso; como costumava estar quando pedia dinheiro a meu pai para comprar doces.

— Pode ser agora mesmo — respondeu-lhe o Sr. Gruffydd sacudindo as aparas de madeira das suas calças.

— Por favor, acabe primeiro de tomar o chá — insistiu Angharad com voz mais fraca.

— Não senhora, vou já — rematou o Sr. Gruffydd. — Huw, guarda-me uma xícara de chá para mim, sim?

— Sim senhor.

O Sr. Gruffydd ia a fazer o gesto de pôr o braço sobre o ombro de Angharad mas arrependeu-se, abriu a porta e fechou-a atrás deles.

É agradável alisar uma tábua com uma plaina afiada, ver a madeira tornar-se mais lisa e mais macia a cada apara que sai pela abertura da ferramenta. O Sr. Gruffydd tinha a madeira de graça devido à generosidade de Daniel Thomas, o estanceiro, porque durante anos não deixara um dia sequer de visitar a Sr.^a Thomas, de cama havia muito tempo desde que um cavalo tomara o freio nos dentes e a lançara de encontro às pedras. Aquela era na verdade uma boa madeira, do melhor que poderia arranjar-se, escura, com uma veia avermelhada, seca e dura. Até mesmo a plaina lhe dava brilho e eu estava tão encantado com o resultado do meu trabalho que me esforçava por acabá-lo o mais depressa possível.

Ouvi minha irmã sair de casa e correr e o Sr. Gruffydd entrar no aposento pouco depois mas eu conservei os olhos postos no meu trabalho. O torno começou a girar e parou quase imediatamente, depois comecei a ouvi-lo de novo e parou, agora durante uma pausa mais longa. Depois recomeçou e continuou a girar até que escureceu e eu guardei as ferramentas.

— Agora — disse eu — vou tratar de cear. Boa-noite, Sr. Gruffydd, e obrigado.

— Obrigado sou eu, meu rapaz — respondeu o Sr. Gruffydd. — Vens amanhã, não é verdade?

— Assim que voltar da escola. Então boa-noite.

— Deus te abençoe, meu rapaz — concluiu o Sr. Gruffydd, e deixei-o em frente do torno, já com as trevas a envolverem-no.

○ Sr. Gruffydd leu a proclamação do casamento de Angharad e Iestyn, na capela, no domingo que se seguiu, e muito tempo se passou, depois de termos saído da igreja, antes que pudéssemos tornar a casa, pois as pessoas aglomeravam-se para cumprimentar, beijar e desejar felicidades a minha mãe, meu pai, meus irmãos e a toda a família.

— És realmente um rapaz com sorte, Huw — disse-me Isaac Wynn batendo-me na cabeça com força. — Ficas com um cunhado rico e com emprego para toda a tua vida, hem?

— Tenciono ir trabalhar na mina com meu pai — respondi-lhe eu com vontade de lhe dar um soco no focinho. — E não deve tardar muito.

— Ora adeus, isso é conversa para não estar calado — continuou Isaac Wynn, e agora não havia sarcasmo no seu rosto.

— O futuro dirá — respondi eu.

— Estás a querer ser da qualidade dos teus irmãos, não é? — e meneava a cabeça.

— É precisamente o que desejo. Adeus.

O pior foi depois quando Angharad e Iestyn começaram a pensar onde deveriam viver, como mobilariam a casa, quantos vestidos faria ela para o casamento e onde o mesmo se realizaria.

— Deixa-os lá — dizia meu pai quando minha mãe ficava muito irritada com eles por nunca estarem de acordo em coisa alguma. — Nada temos com isso. Eles que vivam como quiserem. Não nos misturemos em coisas que não nos dizem respeito. É melhor deixá-los.

— Aquela Angharad! — respondia minha mãe, irritada. — Hei-de puxar-lhe as orelhas. Num momento quer, noutra não quer. Isso não presta. Aquilo é melhor.

— Sim, tenho observado aquela menina — acrescentava meu pai. — Faz-me lembrar a mãe dela com os seus costumados: quero isso, não quero aquilo.

— Não, estás enganado, eu nunca fui assim — dizia minha mãe.

— Eu poderia dizer coisas a tal respeito — respondia meu pai olhando para o tecto. — Mas está tranquila. Depois de casada uma semana tudo se harmonizará.

— Não digas isso — dizia minha mãe.

— Está bem — concordava meu pai. — Mas a verdade é que houve também uma radical transformação na tal pessoa que eu conheço mesmo antes de passada uma semana.

— Vou para casa de Bron — rematou minha mãe, e saiu com ar indignado. Meu pai piscou-me um olho.

Mas realmente era caso para fartar os circunstantes vê-los e ouvi-los quando estavam em casa. Quando a tia de Iestyn, que tratava dele, veio uma vez visitar minha mãe, contou que em casa dela acontecia a mesma coisa. Em certas ocasiões tinha de esconder as melhores peças de louça que havia em casa porque ele mostrava-se tão irritado que seria capaz de as partir para aliviar o estado de nervos.

Minha mãe gostaria que os dois casamentos, o deles e o de Ceridwen e Blethyn, se realizassem no mesmo dia para se ver livre de trabalhos, mas Iestyn discordou da opinião dela e Angharad absteve-se de se pronunciar, o que foi uma surpresa para todos. Iestyn tinha empenho em casar-se em Londres e passar a lua de mel em Paris e Berlim. Angharad queria casar-se em Londres e regressar. Foi Iestyn quem triunfou. Angharad queria ficar na casa dos pais dele, em Tyn-y-Coed, uma belíssima e grande casa repleta de excelente mobília de estilo rústico, na posse da família havia muitas gerações, mas Iestyn preferia vendê-la e mandar fazer uma casa fora da cidade. Minha mãe classificava-os de «beijo» e «unhada», e tinha de facto razão.

Certa noite, quando, de regresso de um passeio, entraram para cear, Angharad vinha lívida como uma nuvem carregada de electricidade e Iestyn trazia cara de enterro.

— Sr. Morgan — disse ele assim que cruzou o limiar da porta. — Por favor, queria falar-lhe em particular.

— Que mais haverá ainda? — comentou meu pai levantando-se da cadeira, dando estalos com a língua e meneando a cabeça enquanto precedia Iestyn a caminho do fundo da casa.

Minha mãe continuou nos seus afazeres da cozinha e eu entregue aos meus trabalhos escolares. Angharad sentou-se no tamborete a olhar o fogo embrulhada na capa e os cabelos caídos.

— Que novo sarilho arranjaste agora, Angharad? — perguntou minha mãe fingindo-se desinteressada.

— Iestyn quer levar-me amanhã para Londres para casarmos lá — respondeu minha irmã num tom de voz tão desconsolado que interrompi o que estava a fazer para olhar para ela.

Minha mãe continuou a cozinhar como se a não tivesse ouvido. Depois limpou as mãos ao avental, voltou-se para Angharad, ajoelhou-se ao lado de la e enlaçou-a com os braços. Angharad rompeu em pranto. Chorava de modo tão histérico que era de arrepiar.

— Não chores, querida filha, não chores — consolava-a minha mãe, e embalava-a como fazia com Olwen. — Vamos, filhinha, limpa os teus lindos olhos.

— Mãezinha — soluçava Angharad —, eu amo-o, mas ele não me quer.

— Não digas tolices — continuava minha mãe, e olhava para o fogo com cara de poucos amigos ao mesmo tempo que encostava a cabeça de minha irmã de encontro ao seu ombro. Eu fiz qualquer movimento e ela, zangada, virou-se para mim.

— Huw — disse ela, colérica —, sai já daqui.

— Sim, mãezinha.

Mas como o barracão do quintal estava ocupado por meu pai e Iestyn e na sala da frente estavam Ianto e Davy acompanhados de alguns camaradas da União, não havia na casa outro sítio onde eu pudesse estar a não ser lá em cima, na cama. Mas eu queria cear. Dirigi-me então para casa de Bron e achei-a ocupada a costurar.

— Então — perguntou ela com o seu sorriso característico —, que tens, para vir com uma cara tão enfiada?

— Iestyn está a conferenciar com o pai no barracão e Angharad está lavada em lágrimas na cozinha com a mãe; não há sossego lá em casa e eu vim corrido.

— Ela anda a fazer tudo quanto pode para que ele se aborreça. Pobre Angharad! Mas deixemo-los lá. Já ceaste?

— Ainda não. E estou com uma destas fomes!

— Coitado do pobre rapaz! — troçou Bron. — Vem cá. Vou arranjar-te um caldo, queres?

Ceámos apenas os dois, porque Ivor trabalhava no turno da noite, e foi uma ceia excelente; apenas os alhos eram velhos, o toucinho um tanto rançoso e as batatas desfeitas, mas o sorriso de Bron do outro lado da mesa fazia parecer tudo de primeira escolha.

— Bron — disse eu apressadamente para não ter tempo de mudar de pensamento —, porque seria conveniente para Nan Mardy dar uma olhadela a uma fralda de camisa?

Bron ficou a pensar um bocado com a sopa a escorregar da colher e depois soltou uma gargalhada. Era encantadora a sua gargalhada, cheia e profunda, mas eu já estava inquieto antes que ela limpasse os olhos.

— Onde ouviste isso, pequeno? — perguntou ela e tornou a rir com os olhos fechados e os dentes a brilhar por entre os lábios entreabertos, como se agora achasse o dito ainda mais engraçado. Eu fiquei a ver se compreendia a razão da graça para a acompanhar no seu riso.

— Onde foi que ouviste, onde foi, diz lá! — perguntou novamente a gaguejar, presa de outro ataque de hilaridade.

— Foi Hwf Williams — disse eu, pouco desejoso de adiantar-me muito. — Ele disse que ver uma fralda de camisa far-lhe-ia bem e eu queria saber a razão do dito.

— Algum dia o compreenderás, meu rapaz. Queres comer mais?

— Quero é que respondas à minha pergunta — retorqui, mal humorado.

Ela fitou-me bem nos olhos, mas o seu rosto não me deu qualquer indicação.

— Já fizeste essa pergunta a teu pai? — disse-me ela.

— Já, e ele respondeu-me que me interessasse pela minha vida.

— Trocarei umas impressões com ele — concluiu Bron, e levantou-se como se desse por encerrado o assunto.

— Porque me tratam todos como se eu fosse uma criança de colo? — ripostei eu, e levantei-me também. — Porque faria bem a Nan Mardy olhar para uma fralda de camisa? Como ganham as raparigas o dinheiro que nos pertence?

— Cala-te, Huw! — exclamou Bron, espantada. — Onde ouviste tu isso?

— Foi Ianto quem disse, mas também a seguir declarou que lamentava tê-lo dito na minha presença.

— Huw — disse Bron bondosamente. — Vai para casa, dorme, e não te preocupes com esses assuntos. Quando chegar o momento certas coisas serão compreensíveis para ti.

— Pois então, já que mas não queres explicar Tegwen Beynon me esclarecerá. Ela sabe tudo isso.

Bron rodeou a mesa e agarrou-me pelo pescoço.

— Huw — disse secamente —, se fores perguntar o que quer que seja a essa porca nunca mais apareças à minha frente. Fixa bem o que te digo.

— De qualquer maneira hei-de descobrir o que vocês não me querem dizer.

Bron pôs os braços à volta do meu pescoço e beijou-me na testa.

— Olha que se eu for contar a teu pai ele dá-te uma tarefa e continuarás sem nada saber. Falaste no assunto ao Sr. Gruffydd?

— Não, nada perguntei, mas se o fizesse já sei qual a sua resposta.

— Se eu soubesse que te seria benéfico explicar-te-ia; mas és ainda muito garoto e se eu falar pode ser que te prejudique. Dás-me um dia para pensar, Huw?

— Está bem, concedido. Obrigado.

— Então, boa-noite — despediu-se ela com um sorriso dos seus.

— Boa-noite, Bron — respondi beijando-a tranquilamente na boca. Depois corri direito a casa.

O beijo é e não é uma coisa estranha. É, porque alia tolice com tragédia e não é porque tem razão de ser. Parece que o aperto de mão seria o suficiente, mas o aperto de mão não teria calor bastante para exprimir todo o género de sentimento. A mão é dura e utilizada para tudo; tem pouca sensibilidade relacionada com os órgãos do gosto e do olfato e é distante do cérebro e do coração. Esfregar o nariz como os pretos, que achamos ridículo, seria mais razoável, mas no nariz nada há que afague o gosto. Com os olhos não podemos contar porque se nos aproximamos demais as coisas aparecem-nos deformadas. Com o ouvido nada podemos fazer; assim resta-nos a boca. Beijamos com a boca porque faz parte da cabeça e é a sede do gosto e próxima do olfato. É onde se situa a voz, a moradia da nobre língua. As suas portas são firmes apesar de macias, com qualquer coisa de quente e maduro, diferentes do resto da cara, e, nas mulheres, de gosto comparável ao das amoras silvestres. Quando beijamos e a boca se cola a outra boca com simplicidade, o hálito encontra outro hálito, o gosto encontra outro gosto, o calor aumenta e as línguas conversam numa linguagem muda; dizem-se coisas que não encontram expressão, não têm nome ou não conseguem vibrar na triste penúria da linguagem falada.

Assim, quando beijei Bron pela primeira vez na boca senti-me ao mesmo tempo triste e alegre, aterrado e cheio de uma alegria infrene.

— Huw — disse-me o Sr. Gruffydd na tarde do dia seguinte. — Através da tua cunhada procuraste saber a significação de determinadas palavras. Sinto-me melindrado por não te teres dirigido a mim em primeiro lugar para que eu te esclarecesse; além disso essas coisas não se devem perguntar a mulheres.

— Pensei que o senhor não aceitasse de bom grado essas perguntas — respondi eu, e corei ao lembrar-me que Bron tinha dado com a língua nos dentes.

— Agora estou aborrecido contigo — continuou ele, mas sem irritação na voz. — Se sou eu quem te instrui na palavra de Deus porque não serei eu também quem o faça em outras coisas?

— Sim senhor — respondi sem saber o que lhe havia de dizer, apenas com o desejo de que se abrisse um buraco debaixo dos meus pés onde me ocultasse.

— Muito bem — exclamou ele com o tornio a girar. — Há coisas que já sabes e outras que virás a conhecer. Já sabes cálculo?

— Ainda não. Mas estou já a aprender.

— Bem, cada coisa na altura própria. Não podes saber as coisas enquanto as não aprenderes, e a impaciência só gera trapalhada, não te parece?

— Sim senhor — disse eu, e comecei a trabalhar com a plaina.

— Então, em primeiro lugar as coisas fundamentais. Há mulheres e homens. Mas antes terá havido rapazes e raparigas, e ainda antes bebés, não é assim?

— Sim, senhor. É assim mesmo.

— E antes, que poderá haver?

Realmente que poderá haver? Nada que eu saiba.

— Nada, senhor. Apenas sei que no princípio era o Verbo.

— Muito bem, pequeno. Estás a trilhar um bom caminho. O Verbo estava com Deus, assim como os bebés. Owen tem lá no barracão do quintal uma máquina que ele inventou e executou. Ele fê-la com as mãos, é claro, mas o pensamento foi indispensável.

— É certo, senhor Gruffydd.

— E os bebés nascem também do pensamento. Do pensamento de Deus. Eles são maquinazinhas cheias de maravilhas e de mistério, não movidas por qualquer carbu-

rante mas pela própria vida. Mas não ficam do mesmo tamanho de quando nascem: crescem um bocadinho todos os dias, tornam-se em rapazes e raparigas até que chegam a homens e mulheres. É uma maravilha, Huw!

— Mas como aparecem os bebés? Antes de serem o que são?

— Que impetuosidade! Se estivesse na escola de Pitágoras serias obrigado a um voto de silêncio durante cinco anos.

— Desculpe-me, Sr. Gruffydd — disse-lhe eu, outra vez envergonhado.

Estás desculpado. Vamos continuar a tratar do caso dos bebés. O homem foi feito à imagem de Deus, que tirou a mulher da costela de Adão, sabes isso?

— Sei, sim senhor.

— Dessa maneira havia Adão e Eva no Eden. Que aconteceu depois?

— Eva pecou quando comeu do fruto da árvore da ciência do mal e do bem e convidou também Adão a prová-lo. Deram então por se encontrarem nus e cobriram-se com folhas de figueira.

— É assim mesmo — apoiou o Sr. Gruffydd e fez andar a roda do torno mais depressa. — E depois?

— Depois um anjo com uma espada de fogo expulsou-os do Paraíso.

— Para que passassem a ganhar o pão que comiam com o seu próprio esforço. E mais?

— Depois surgem Abel e Caim. Abel era um bom homem e Caim matou-o.

— Espera. Antes de chegarmos a esse ponto vamos procurar saber como apareceram. Já sabemos como nasceram Adão e Eva. Qual era a origem de Abel e Caim?

— A Bíblia.

— Mas de onde? Ou nasceram na Bíblia? Mas donde provinham eles?

— Eram filho de Adão e de Eva.

— Está bem! — e o Sr. Gruffydd começou a tornear outra peça. — Eram filhos de Adão e de Eva e foram gerados como hoje qualquer pessoa é: por um pai e por uma mãe. Agora, Huw, porque é um homem pai e uma mulher mãe?

— Porque Adão era uma coisa e Eva outra.

— Mas eu perguntei porquê — insistiu o Sr. Gruffydd e levantou os olhos para mim. — Como é que um homem se torna pai? Como distingues tu um homem de uma mulher, um pai de uma mãe?

— Porque um tem bigode e usa calças e a outra tem a cara sem pelos e usa saias.

— Huw, tu és diferente de uma menina, não é verdade? De contrário estarias a fazer croché em lugar de aprenderes a jogar o box.

— Está claro!

— Onde se encontra a diferença? — quis saber o Sr. Gruffydd.

— Uma rapariga tem o peito saliente e os rapazes não.

— É só isso?

— Da cintura para baixo somos também diferentes. As raparigas têm a bacia mais ampla.

— Bem, e a respeito do ventre? Que sabes tu a esse respeito?

— Na Bíblia diz-se qualquer coisa acerca do ventre.

— «Assim disse o Senhor que te fez e te formou no ventre» — citou o Sr. Gruffydd o Evangelho com voz profunda. — As invenções brotam do pensamento do homem, as crianças do pensamento de Deus. Mas como as máquinas são o resultado da colaboração do cérebro e das mãos, da mesma forma a criança é o resultado da colaboração de um homem e de uma mulher, a criança toma forma no ventre da mãe. O fundidor fez o ventre da forja dar forma às diversas partes da máquina e Owen juntou-as. Da mesma maneira Deus fez o ventre da carne quente para formar as diversas partes da criança. E quem as juntou? O pai e a mãe. Compreendes?

— Sim, Sr. Gruffydd.

— Dos dois, qual deles é que possui o ventre?

Lembrei-me da Sr.^a Beynon, na casa mais abaixo da nossa, com as veias do rosto congestionadas.

— A mãe.

— Muito bem. E agora sabemos que um homem é pai e uma mulher é mãe. Ela é mãe porque tem dentro de si um ventre, e se for essa a vontade de Deus uma criança dentro dele terá forma e vida. Sabes como?

— Como uma união — respondi.

— Vamos falar agora dessa união — continuou o Sr. Gruffydd como se estivesse a apontar a diferença entre duas qualidades de madeira. — Já ouviste dizer alguma coisa sobre a semente do homem, Huw?

— Já sim, Sr. Gruffydd.

— Bem. Sabes que há trigo, há cevada e há milho. Tudo é semente. Para colher é preciso semear, não é verdade?

— É, sim senhor.

— De maneira que para nascer uma criança o homem terá de semear. E a semente terá de ser lançada no ventre da mãe. É precisamente para isso que as pessoas se casam, porque o casamento é a união. Semearias trigo fora da estação própria? Deitarias sementes à terra quando a neve a cobre?

— Não senhor.

— Não, pois de contrário chamarte-iam louco. Para todas as coisas há uma estação e uma época própria. O momento do homem semear é o período do casamento, e não antes. Por mais ansioso que esteja um lavrador de ter o seu campo de cereal a crescer deve esperar pelo momento próprio, não é verdade?

— Claro, Sr. Gruffydd.

— Sim, porque caso contrário o homem seria considerado estúpido. O mesmo sucede com o homem, Huw. O tempo do casamento é o tempo da sementeira.

O sol já passara para o lado de lá da montanha, e no fundo da extremidade vermelho-alaranjada do céu os carneiros mostravam-se negros com laivos de luz branca espalhados por baixo deles e com reflexos de ouro vivo na lã.

— E agora queres saber mais alguma coisa?

— Como se introduz a semente no corpo da mãe?

— Há quanto tempo tens tu essas coisas metidas na cabeça, Huw?

— Há muito tempo, Sr. Gruffydd.

— Olha lá! Supondo que o teu pensamento estivesse durante muito tempo ligado à ideia de comer, não teria eu o direito de te chamar glutão? Da mesma forma, e mantendo-nos dentro do assunto de que tratamos, se perdes muito tempo a pensar nele talvez chegue a altura em que possas ser apodado de vadio e de preguiçoso. Agora queres saber como é introduzida a semente, não é?

— Por favor, sim, Sr. Gruffydd.

— Está bem. Tu mesmo afirmaste que exteriormente és diferente de uma rapariga. É porque já tens as características do homem em que te tornarás, e então terás a semente do homem.

— E onde terei eu a semente?

— Outra vez a impaciência. Tê-la-ás dentro de ti, feita do teu próprio sangue, e pronta, na época própria, naquela parte do corpo diferente do da rapariga. Na altura do casamento, e não antes, unir-te-às com a mulher que será a tua esposa. E tudo se efectivará.

— Mas como se realiza a união, Sr. Gruffydd? — perguntei do fundo de mim mesmo, pois sentia-me vergado ao peso do que sabia, mas ansioso pelo que me faltava saber, e essa ânsia produzia-me um ardor interno.

— Huw, que significa a palavra união — perguntou o meu mestre parando o torno, porque a sala já estava escura e já não se via o brilho da mesa.

—Junção—retorqui.

—É isso precisamente. Essa tua parte externa é um elo para o ventre da mulher tua esposa; ora através desse elo transita a tua semente, que é dada por Deus, e destinada a dar origem a um fruto, que é a criança, pelo pensamento de Deus. Estás satisfeito?

—Nada mais, Sr. Gruffydd?—perguntei-lhe sem nenhuma satisfação.

—Nada mais?—exclamou ele, erguendo as mãos.—Que mais queres?

—Bem... Pensei que havia mais alguma coisa. Qualquer coisa terrível.

—É terrível, sim, Huw—continuou o Sr. Gruffydd pondo a mão sobre a minha cabeça.—É de facto terrível. Calcula: ter a responsabilidade de uma vida dentro de si. De vidas. Pensa nas tragédias e nas misérias por que essas vidas poderão passar, além do alcance da sua própria vida. Pensa o que é ter-se criancinhas à sua própria imagem, colocá-las sobre os joelhos, saber que são carne da própria carne, sangue do próprio sangue, esperando orientação dos pais como eles a esperam de Deus. Concebe-se alguma coisa mais terrível?

—Tem razão, Sr. Gruffydd—respondi.—Mas se é apenas isso, qual a razão por que as pessoas crescidas dizem que é muito cedo para eu saber?

—Bom... Huw—disse o meu mestre a rir.—Que necessidade há em chamar isto tudo da janela à rua? Tem de haver decência. Costumas despir-te à frente de toda a gente?

—Não senhor.

—Então se tu tens o teu próprio pudor, pensa quanto mais pudicos devemos ser a respeito destes assuntos. Com a idade apreende-se essa responsabilidade. Conversarás com o pequeno Gareth acerca do funcionamento da máquina?

—Não senhor—respondi.

—É claro que não. Ele certamente gostaria de saber, mas o seu pouco desenvolvido cérebro não atingiria as tuas explicações. Mas mais tarde estará em condições de compreender-te.

—Sim senhor.

—Porque nessa altura não terá dificuldades porque o seu desenvolvimento intelectual terá atingido a sua plena maturidade. E dir-te-á então: «É só isso?», e tu dir-lhe-ás precisamente o que acabei de dizer-te. Estás de acordo?

—Mas porque faria bem a Nan Mardy ver a fralda de uma camisa—perguntei quase sem pensar.

—Isso é um dito ordinário, Huw. É porque ela é uma mulher já idosa, que nunca se casou, e por consequência nunca foi mãe. Hwf por certo queria dizer na sua que teria sido melhor para ela que tivesse tido um marido.

—E como chegou ao conhecimento do Sr. Gruffydd que o dito tinha sido do Hwf?—perguntei-lhe, surpreendido.

—Poucas coisas te acontecem que eu ignore, meu rapaz. Ainda vais todas as manhãs ter com o Dai Bando?

—Sim, Sr. Gruffydd—respondi.

—Bem. Isso é vantajoso. Mas vai só de manhã. Reserva o resto do tempo para outras coisas. E nada de botequins nem de combates a prémio. Entendido?

—Sim, Sr. Gruffydd—retorqui, surpreso.—Mas nunca ouvi falar nisso.

—Bem, bem. Agora vai cear—aconselhou-me.

—O senhor vai lá a casa hoje à noite?—perguntei.—Tem sempre o seu lugar à sua espera.

O Sr. Gruffydd esteve calado uns momentos entretido a guardar as ferramentas e a empurrar o torno para junto da parede.

—Dá um beijo à tua boa mãe e pede-lhe desculpa pela minha ausência. Boa-noite.

— Boa-noite, Sr. Gruffydd — e saí para a escuridão convencido de que o mundo estava virado do avesso.

Foi pouco tempo depois que Iestyn levou a sua avante e levou Angharad para casar em Londres. Ianto e Davy foram com eles. Angharad mandou-nos postais de Calais e Paris e uma carta de Berlim. Meus pais leram e ficaram satisfeitos com as notícias.

— Tudo está a correr bem para ela — disse meu pai. — Eu bem te disse. Ela aquietou-se.

— Espero que assim seja.

— Podes estar certa disso. Não te preocupes. Espera que ela volte para casa e verás.

24

MAS passou-se muito tempo antes que eles regressassem. Só o fizeram bastante depois dos casamentos de Ceridwen e Blethyn e de Davy e Wyn.

Sentia-me orgulhoso por ter ido aos casamentos com o meu primeiro fato feito por medida.

As provas foram sempre um caso sério, com Hwf e o velho Tom a discutirem sobre os botões do fato, a qualidade do forro, como caía o casaco, o comprimento das calças, tudo o que inventavam para estar sempre a implicar um com o outro.

Que dia e que noite passámos quando os noivos se casaram. Nem dormimos na noite anterior.

Toda a gente ajudou a limpar e a pintar a capela. Meu pai estava a envernizar o púlpito quando um dos diáconos chegou ao pé dele para lhe comunicar que havia visitas para ele.

— Diga-lhes que tenham a bondade de virem ter comigo porque eu estou ocupado.

— Está bem — disse o diácono.

Poucos momentos depois Owen e Gwil corriam para nós, a rir, de braços abertos.

— Owen — gritou meu pai. — Gwilym, meu filho!

Desceu a escada com tal pressa que quase ia caindo e correu ao encontro dos rapazes.

— Papá — gritou Owen —, que felicidade!

— Como estão todos lá em casa? — perguntou Gwilym.

— Huw — disse Owen a sorrir —, crescestes muito!

— E amanhã vou começar a usar calças compridas.

— Vamos embora — disse meu pai. — Vamos para casa ver a mãe. Há muito que ela espera por este momento.

No caminho para casa eu e Bron, que seguíamos à frente, encontrámos o Sr. Gruffydd, a quem comunicámos a boa nova.

— Venha connosco, Sr. Gruffydd.

— Não, porque tenho de acabar a mobília, não é verdade, Huw? Desculpem-me, sim?

— Pobre Sr. Gruffydd! — lamentou Bron. — Como ele está acabado!

— Acabado? — respondi. — Mas não lhe encontro diferença!

— Sim? Ele está como vazio. Vazio como uma casca de ervilha debulhada. E és tão parvo que não sabes a razão!

— Por causa de Angharad, não é? — perguntei.

— Pois claro! — respondeu Bron. — Toma o chá para te ires embora, Huw. Ainda tenho de preparar o meu vestido novo para amanhã.

— E eu também vestirei as minhas calças compridas.

— Sim — concluiu Bron —, estás já um homem.

Olhava para mim com o seu sorriso habitual. No entanto notei que a expressão da sua cara se modificava: o sorriso começou a desvanecer, corou, as suas pestanas palpitarão ao fecharem-se e ia ficando cada vez mais vermelho.

Eu também me pus corado sem saber a razão. A xícara e o pires tremiam na minha mão. A xícara escorregou e tratei de a pôr em cima da mesa. O silêncio tornou-se tão pesado que um mal-estar nos tomou.

— Podes ir, Huw — disse ela com voz estrangulada.

Saí, fechei a porta devagar e segui agitado por pensamentos desencontrados, tomado por uma comoção estranha. Senti uma rápida, aguda e clara exaltação que explodiu num grito poderoso e cantante em todo o meu ser. Ergui os braços, enrijei os músculos do meu corpo, um esplendor dourado escancarou-se diante de mim e reconheci que me tornara um homem entre os homens.

Depois a exaltação passou, senti frio e a dúvida sobreveio, mais negra que antes, e com ela o sofrimento, pois a visão fora-se, rápida como viera. Desejei ser como tinha sido ontem, novamente criança, sem o peso da dúvida, aquele terror opressivo, e mergulhei no desconhecido.

A coragem veio da altura da montanha, e com ela a dignidade varonil e a ciência da árvore da vida de que eu era um ramo. Vi atrás de mim aqueles que foram à minha frente. Olhei para trás e vi meu pai e o pai dele e todos os nossos pais e na frente o meu filho, o filho dele e mais e mais.

E os olhos deles eram os meus. Como eu senti, sentiram eles, e teriam de sentir como outrora, como agora, como amanhã e como sempre. Eu era deles, eles eram meus, estavam em mim e eu estava neles.

— Huw — disse Ianto —, que fazes aí parado, enlouqueceste?

— Não. Olhava a montanha.

— Bem. Então toma conta das panelas. As raparigas saíram, de maneira que teremos de cozinhar ou não comer.

— Então onde está Ceridwen?

— Vai casar-se amanhã e está armada em rainha na casa da frente. A mãe também lá está com os rapazes e Bron foi encontrar-se com Ivor.

— Estava em casa agora mesmo.

— Não. Eu vi quando ela saiu. Toda de saltos altos e de capa como se fosse a rainha da Babilónia. De modo que somos nós quem tem de trabalhar na cozinha. Para o Inferno as mulheres! Nunca estão onde desejaríamos que estivessem!

Fomos para a cozinha e tratámos nós do jantar.

Minha mãe, como habitualmente, foi a última a sentar-se.

— Vocês têm comido bem em Londres? — perguntou a meus irmãos.

— Não, minha mãe — respondeu Owen. — Comemos quase sempre nos restaurantes.

— Bife com puré — acrescentou Gwilym —, pastelão, pudim de frutas e uma xícara de chá, tudo por sete *pence*.

— Sete *pence*? — exclamou minha mãe. — Estarão vocês a nadar em ouro?

— Não — redaguiu Owen —, mas a vida é muito cara em Londres.

— Regressas para lá, Owen? — perguntou-lhe Ianto.

— Suponho que não — respondeu Owen — se os nossos pais me quiserem novamente aqui.

— Esta a tua casa — disse meu pai.

— Estou a precisar de um bom sono — tornou Gwilym. — Não dormi a noite passada nem na anterior.

— Mas que irão vocês fazer aqui? — perguntou meu pai.

— Trabalhar na mina — respondeu Owen.

— Sim, e muito satisfeito por não voltarmos ao túnel.

— Estavam a trabalhar num túnel? — disse Janto. — E para quê?

— Estão a fazer um caminho de ferro subterrâneo — respondeu Owen. — Mas sem organização, quase que sem planos.

— E naturalmente disseram isso ao capataz e foram despedidos por causa disso — disse meu pai.

— Não, foi por causa dos salários e das condições deficientes em que o pessoal trabalhava — disse Gwilym. — Eu fundei uma União e organizei uns comícios. Descobriram isso e despediram-me. E Owen acompanhou-me, sem necessidade de o fazer. Depois lemos as notícias referentes aos casamentos e resolvemos vir para casa.

— Iam à igreja em Londres Owen? — perguntou minha mãe.

— Íamos, sim, mãe — respondeu Gwilym. — E uma boa igreja.

— A propósito — observou Owen. — Onde está o Sr. Gruffydd?

— Está a trabalhar — respondi eu. — Ficarà amanhã muito satisfeito quando os vir, foi o recado que mandou por mim.

— Oh! — exclamou Owen, olhou para minha mãe e estabeleceu-se silêncio na sala.

— É verdade! — disse Gwilym. — Como foi que Angharad se decidiu a casar com o parvo do Evans? Perdeu o juízo?

— Porquê? — retorquiu meu pai.

— Ora porquê... — disse Owen. — Ele foi sempre um palhaço.

— Um palhaço orgulhoso — acrescentou Gwilym. — E nem sequer melhorou por ter estado em Oxford.

— De qualquer maneira ele agora é teu cunhado — volveu meu pai — e Angharad fez um bom casamento. Nem ela nem os seus filhos passarão necessidades. Mas deixemos isso agora. Vamos cantar. Gostava de saber se vocês perderam em Londres as vozes.

Então Wyn dirigiu-se para a harpa, Ceridwen para o piano, os nossos pais sentaram-se ao lado do fogão e nós ficámos à sua volta.

E cantámos. Então os vizinhos começaram a aparecer, depois chegaram Ivor e Bron, a quem todos saudaram. Owen abraçou-a quase lhe tirando o fôlego.

Fazia então tanto calor e estávamos tão apertados que saímos para a rua com bancos e cadeiras.

Estava uma bela noite. A Lua espalhava o seu luar de prata que enfeitava os topos das montanhas, e o vento, ao ouvir as nossas vozes, murmurava apenas para mostrar que ainda tinha voz enquanto o vale, tranquilo, esperava que o enchessemos de canções.

E cheio ficou realmente, durante horas, enquanto cantávamos na rua, com todas as janelas abertas, o povo nelas debruçado também a cantar e Ivor a dirigir em cima de uma cadeira.

Como me recordo daquela noite inolvidável!

*
* *
*

Notei que Bron olhava para mim, lá de fora, uma e duas vezes e quando eu olhava para ela, mesmo disfarçadamente, ela mudava a direcção dos seus olhares e nunca sorriu. Quando entrei em casa para ajudar minha mãe a preparar os bules, fui ao guarda-louça, tirei de lá a xícara e o pires de Bron e enchi-lha para que ela tomasse o chá antes de todos.

— Chá, Bron — disse-lhe.

— Oh! Huw — exclamou ela com uma voz que não parecia a sua. — Que bondade a tua!

— Que se passa, Bron? — perguntei-lhe em voz baixa. — Disse ou fiz alguma coisa que te contrariasse?

Ela estava no escuro; além disso a xícara encobria-lhe a face, mas vi-lhe deslizar pelo rosto uma lágrima antes que voltasse a face.

— Amanhã, Huw — disse ela com voz natural. — Não é nada.

Mas novamente senti a louca novidade agitar-se dentro de mim e fiz o trabalho de uns poucos dispendendo uma enorme actividade a ajudar minha mãe na trabalhosa tarefa de preparar tudo para servir o chá.

Meu pai e Ivor, com Ianto e Davy, desceram à mina para trabainar no turno da manhã. Logo que eles saíram começou o exaustivo trabalho do dia. A casa foi limpa de alto a baixo, a mobília inteira envernizada, cortinas mudadas e os talheres limpos. Depois tratou-se de todos os serviços da cozinha com muitas vizinhas a ajudar. Quando a sereia apitou anunciando a chegada de meu pai e de meus irmãos preparei-lhes o banho, lavei-me também e subi as escadas para vestir as minhas calças compridas.

Esplêndida é a sensação de estar vestido com boas calças compridas e compreendi então o que sentiam os figurões que eu costumava ver assim vestidos.

Eu sentia-me bem, por dentro e por fora, uma sensação que realmente não se tem muitas vezes na vida.

Depois entrou minha mãe.

— Muito bem, meu filho! — exclamou. — Pareces um «lord»?

Gosta do meu fato, minha mãe? — perguntei-lhe, vermelho de comoção.

— Encantada, meu querido — respondeu minha mãe. — E do meu vestido, que tens a dizer?

— Lindo, minha mãe! — exclamei. Ela sorriu agradecida.

Wyn e Ceridwen entraram nesse momento, ainda não vestidas de noiva, e novas voltas ao meu redor e novos olhares, palmadas e beijos, até que fui para o quintal encontrar-me com o meu pai.

— Que tal o meu aspecto, meu pai? — perguntei, um tanto desapontado por ele não ter manifestado entusiasmo à minha vista.

— O mesmo de ontem, apenas com calças compridas — respondeu simplesmente meu pai.

Um pouco desanimado, voltei para casa e fui para a cozinha aspirar o cheiro dos bolos e dos cozinhados.

Horas depois segui para a porta da capela e ouvi o cortejo nupcial aproximar-se, o burburinho da multidão, depois os cânticos, as risadas, as orações, a multidão a tornar-se cada vez mais ruidosa e os diáconos a recomendarem à multidão mais propósito.

— Satisfaz-me lembrar-me que todos os que estão lá fora são estranhos ao vale — disse-me James Rowlands quando entrou e fechou a porta. — Se pertencessem ao nosso vale teria vergonha. Realmente tal procedimento no momento em que criaturas vão ser unidas perante Deus.

— Ainda demora muito, Sr. Rowlands? — perguntei.

— Não, não demora — respondeu o homem. — O pastor já tinha pronunciado a fórmula quando eu ia a sair. Nunca vi dois pares como aqueles. Eu e teu pai não pudemos reter as lágrimas. Belo, de facto.

O canto do último hino chegou até mim através do barulho que faziam lá fora. A multidão ouviu-o e fez coro. Abriram-se as portas da capela e o povo começou a sair

abrindo alas no pórtico para a passagem dos noivos. Eu, em cima de uma cadeira, olhava pela janela para os ver.

Thomas, o carroceiro, levou-os para a colina, num carro cheio de flores e fitas e toda a gente à volta e atrás deles lançando-lhes flores e cantando diversas canções. Pessoas debruçavam-se das janelas e lançavam-lhes mais flores, davam vivas, acenavam e atiravam rebuçados para a multidão que os rodeava.

O sol dava indício de querer desaparecer deixando morrer a sua luz e uma poeira levantava-se da estrada.

— Então — perguntou-me Bron —, onde estiveste metido na capela?

— Estive a preparar as velas para as acender — respondi. — O pai estava aborrecido comigo de maneira que achei melhor não me exhibir.

— Ficas agora aqui um bocado, ouviste?

— Sim, fico se ficares aqui comigo — respondi. — Porque te vieste embora lá de casa, Bron?

— Porque o Sr. Gruffydd apareceu. Parecia que a casa toda gritava o nome de Angharad. Eu vi a expressão dos seus olhares e tive pena dele. Vesti o meu casaco e disse que estava com dores de cabeça.

Passámos a preparar as comidas e as bebidas para o Eisteddfod⁽¹⁾.

Quando os músicos e cantores começaram a chegar acharam que não havia outra coisa a fazer a não ser sentarem-se e começarem a comer e beber.

Eu havia reservado bons lugares para a minha família, no meio da fila da frente, de modo que quando chegaram senti-me orgulhoso de lhes mostrar onde deviam ficar. Mas esquecera-me de Ceinwen, Mervyn e do pai, que tinham aparecido sem terem sido convidados e minha mãe disse que preferia voltar para casa a ter de sentar-se enquanto os seus hóspedes se conservavam de pé. Por isso Gwilym cedeu o seu lugar ao Sr. Phillips, Mervyn sentou-se no chão e eu levei Ceinwen, por trás das mesas, até onde estava Bron.

E assim me vi na companhia de Ceinwen. Logo que nos vimos fora da multidão e das vistas dos outros, ela agarrou-me na mão e pôs o braço à volta do meu pescoço.

— Larga-me, rapariga — disse-lhe eu, e empurrei-a.

— Vamos ser namorados — respondeu-me ela ternamente. — Os teus irmãos casaram-se e estão todos felizes excepto nós. Sejamos namorados, Huw. Como seria agradável!

— Não. Isso é tolice.

— Huw — volveu ela enlaçando outra vez o meu pescoço e beijando-me.

Era uma esplêndida surpresa a macieza da sua boca, mais fresca que quente, levemente húmida. Depois a minha boca sentiu-se fria, vazia, e ela ficou a olhar para mim.

— Quantas raparigas beijaste antes de mim? — perguntou-me.

— Nenhuma — respondi, e afastei-me dela, cada vez mais frio.

— Não sejas mentiroso — disse ela dando-me um empurrão.

— A água está a ferver — observei eu retirando as painelas de cima das grelhas, satisfeito por mostrar actividade. — Vai dizer a Bron que apronte o chá.

— Então, somos namorados, Huw? — perguntou-me numa voz aguda.

— Não. Cava daqui para fora — respondi.

— Encontrar-nos-emos novamente — disse ela saindo.

(1) Congresso anual de poetas, músicos e literatos, que compreende concursos de canto e poesia.

Sòmente quando as velas começaram a morrer e a luz das lanternas a esmorecer é que o povo começou a achar que era tempo de acabar com os toques e os cantos e se dispôs a dispersar.

Escusado será dizer que meu pai e minha mãe se encontravam no meio da multidão e todos se despediam deles, embora soubessem que os encontrariam na manhã seguinte.

Fui ao pasto buscar a égua do Sr. Phillips; alegremente aspirava o ar fresco, contente por me livrar do barulho, do aperto e do calor do povo. Mas quando desatei a laçada que prendia o animal e o comecei a puxar, ouvi que Ceinwen, lá da extremidade do campo, me chamava. Fiquei quieto na esperança de que ela não me veria, escuro como estava, e se iria embora. Mas ela aproximou-se; agora já não me chamava, mas cantava suavemente o «David da Rocha Branca».

— Huw — disse ela já perto de mim.

— O teu pai está à espera — respondi-lhe, e continuei a afastar-me, mas ela aproximou-se de mim pelo lado oposto e enlaçou-me o pescoço com o braço, fazendo peso sobre mim e obrigando-me a andar mais devagar.

— Põe o teu braço na minha cintura, Huw — disse-me ao ouvido.

— Vai-te embora, criatura. És tola! Pôr o braço na cintura. Pareces maluca! — retorqui eu indignado.

No entanto eu estava ansioso por fazer como ela dizia e beijá-la também. Alguma coisa me impediu de o fazer, que só posso definir como a consciência de saber que não era proceder bem agir como o meu instinto me aconselhava. Por isso fiquei parado como um pateta.

— Oh, Huw! — exclamou Ceinwen fazendo-me parar e batendo com os pés. — Eu gosto de te beijar e quero beijar-te!

— Cala a boca, menina — disse eu cheio de inveja pela sua sem-cerimónia e indignado comigo mesmo pela minha falta de expediente.

Olhámos um para o outro durante uns instantes, ambos imersos na escuridão distinguindo apenas as silhuetas um do outro. Ela então agarrou-me com força, puxou-me contra o seu corpo e beijou-me, mas desta vez os seus dentes morderam-me os lábios. A dor fez com que eu me debatesse e tentasse gritar mas apenas um som rouco me saiu da garganta e senti na boca o sangue quente.

— Agora — disse ela empurrando-me para o lado — da próxima vez já sabes como é. Nada de palermices. Boa-noite.

Vi-a correr, saltei para o lombo da égua e montei-a e vim todo o caminho a rir sem saber de quê.

Era pitoresco ver o ar inocente com que se despediu, no largo, os seus olhares distantes e vazios, o sorriso e a inclinação da cabeça quando o seu pai fez estalar o chicote e seguiram para casa.

As mulheres, santas criaturas!

HOUVE desinteligências na mina Evans meses seguidos, sempre resolvidas pelo gerente e um representante do proprietário. Depois surgiam novamente até que toda a gente da aldeia se cansou e já nem sequer queria que lhe falassem nelas.

De princípio encarregaram o Sr. Gruffydd de ser o delegado do pessoal em todas as negociações. Mas ocasiões houve em que chegaram a duvidar dele até que preferiram um advogado. Depois encarregaram outro. O pessoal quotizava-se para pagar as despesas e arranjam ainda mais advogados. Mas tiveram por fim de reconhecer

que o Sr. Gruffydd, de graça, era mais eficiente do que todos os advogados juntos. Por isso uma noite as mulheres dos mineiros, após as cerimónias da capela, pediram ao Sr. Gruffydd se tornava a encarregar-se dos interesses do pessoal.

— Não sei que fazer — lamentou-se o Sr. Gruffydd a meu pai. — Eles querem que lhes pague a pedra que cortam antes de atingir a veia do carvão, tanto pela água nas galerias, tanto pela colocação dos esteios. Que hei-de fazer?

— A nossa luta é a mesma — respondeu meu pai. — É por isso que a União cresce em sócios e o salário proporcional se degrada.

— Em que estado se encontram as vossas negociações — perguntou o Sr. Gruffydd. — Tinha interesse em saber.

— Sou de opinião de que devia realizar-se um encontro de um delegado de cada mina de todos os vales com representantes dos proprietários de todas as minas — respondeu meu pai. — Organizar uma lista de reclamações, ouvir o que a outra parte tem a declarar e, cedendo aqui, avançando acolá, conseguir um acordo com boa fé e honestidade.

— Está bem — disse o Sr. Gruffydd. — Tentarei.

Mas não resultou. Tudo foi recusado e o pessoal abandonou o trabalho. Depois regressaram novamente. Depois outra vez greve. Por fim tudo se desorganizou, os espiritos desorientaram-se, os melhores operários transitaram para outras minas e estranhos vieram trabalhar para as minas do vale pelo mesmo salário que o pessoal antigo tinha recusado.

Iestyn recebeu ameaças de morte, minha mãe escreveu a Angharad, que estava em Londres, para impedir que o marido regressasse, e até mesmo nós fomos censurados por fazer parte da família. Iestyn vendeu então a mina aos proprietários daquela onde meu pai trabalhava, os quais declararam que só a explorariam quando as galerias da sua se encontrassem com as galerias da outra. Por fim acabaram por encerrá-la lançando no desemprego quatrocentos trabalhadores.

— Isto é o começo, meu pai — declarou Owen. — Vai ver: excesso de braços, queda de salários; escassez de braços, subida de salário.

— Há um acordo — respondeu meu pai. — Há um salário mínimo.

— O mínimo —olveu Owen — será mínimo quando todos estes homens estiverem a trabalhar. Quatrocentos neste vale e os dos outros vales para se juntarem a estes. Quando estes homens todos voltarem a trabalhar o mínimo será outro.

— Vamos a ver — disse meu pai.

E de facto assim foi, pois que quando um trabalhador reclamava ou falava demasiadamente alto perto de um gerente era despedido e admitido outro tirado da massa de desempregados que estacionava sempre à entrada da mina; e sempre com salário mais baixo.

Mesmo com tanta miséria à nossa volta, nós progredíamos e éramos felizes.

Ivor chegou a correr certa noite com o rosto alegre e luminoso.

— Que há — desejou saber minha mãe largando a agulha.

— Leia, meu pai — disse Ivor, e entregou-lhe uma carta.

— Santo Deus, meu filho! — exclamou meu pai, e olhando para a carta e para minha mãe mudo de espanto.

— Queres-me fazer enlouquecer? — perguntou ela friamente.

— É uma ordem — disse meu pai com as palavras a custarem-lhe a sair da boca. — Uma ordem real. Santo Deus!

— Uma ordem real? — exclamou minha mãe, com os olhos abertos de espanto. — Mas que ordena Sua Majestade?

— Ordena-se ao Sr. Ivor Morgan que compareça no Castelo de Windsor, perante Sua Majestade, com uma selecção do seu grupo coral.

— Oh! — exclamou minha mãe em voz alta e arrastada, quase a desmaiar.

— Cantar diante da rainha! — disse meu pai com lágrimas nos olhos. — Meu filho! É o dia mais feliz da minha vida. Rendamos graças ao Céu.

— Sim, realmente — e todos caímos de joelhos e rezámos.

Passados alguns momentos meu pai ordenou-me que fosse buscar o Sr. Gruffydd e não admitisse qualquer recusa e recomendou a minha mãe que trouxesse cerveja e que se abrissem as portas a toda a gente.

Saí em busca do Sr. Gruffydd, que encontrei fazendo a ceia. Dei-lhe o recado de meu pai, comuniquei-lhe a feliz notícia e pouco depois subíamos a colina. Encontrámos o povo alvoroçado, pois os componentes do orfeão tinham sido convocados. Reinava a alegria em todos os rostos, ouviam-se vivas a Ivor e ao Sr. Gruffydd e até a mim.

Agora a colina estava apinhada de gente duma ponta à outra e aqui e ali viam-se tochas, lanternas e velas nos peitoris das janelas. Num dado momento a multidão viu o Sr. Gruffydd a uma das janelas da nossa casa e no mesmo instante estrugiu uma algazarra enorme que aumentava a todo o momento apesar de se pedir silêncio. Mais uns minutos e calaram-se então.

O Sr. Gruffydd voltou-se para meu pai e este feriu a nota no almiré.

Ivor ergueu o dedo e do alto até abaixo, na colina, homens e mulheres entoaram baixinho para achar o tom da nota requerida até que o encontraram, e um coro de extraordinária beleza se elevou no espaço, embriagando-nos de harmonia.

— Deus salve a rainha! — exclamou o Sr. Gruffydd e fez um gesto dirigido a Ivor, que por sua vez nos indicou a todos.

«Deus Salve a Nossa Rainha» cantámos nós e terminámos com um viva que poderia ouvir-se nos outros vales.

Entrei na nossa casa para trazer pratos para fora e encontrei meu pai a dar a carta a Clydach Howel.

— Quero uma moldura da melhor madeira que encontrar, meu caro Clydach — disse meu pai —, e quero uma coroa posta ali, veja, e terei o quadro pendurado naquela parede durante o resto da minha vida.

— Dê-me a carta, Morgan — respondeu Clydach. — Farei um trabalho que fará a admiração dos vindouros e que lhe não custará um centavo, ouviu?

— Ou pago ou não mandarei fazer a moldura — protestou meu pai.

— Veremos — contemporizou Clydach. — Sei onde há um bocado de mogno de se lhe tirar o chapéu. Durante anos tive desejo de o empregar em qualquer trabalho bom, mas não era suficiente para uma cadeira e era de mais para um banco. Mas agora, para uma moldura, está mesmo na conta. O Gwilym verá que bocado de madeira catita que ela é.

— Vamos beber! — propôs meu pai, e as canecas começaram a despejar-se.

Que noite aquela, com todos de regresso às suas casas, aos grupos, ao longo dos caminhos, galgando a montanha, uns cantando um verso e esperando com atenção que outro grupo cantasse o verso seguinte, até que o som se desvaneceu na lonjura das milhas percorridas, pois o vento, esgotado, já não podia transportá-lo mais.

A montanha estava acordada, sorrindo na tranquila escuridão, satisfeita por nos sentir à sua volta.

— Huw — disse-me Ceinwen no recreio —, esse rouxinol de que me falavas, onde está?

— Nestas semanas próximas a montanha estará cheia deles — respondi.

— Quando vamos ouvi-los? — continuou olhando-me de viés como que a duvidar da resposta que eu daria.

— Quando apareceres pelo nosso vale — respondi.

— Está bem; os homens lá de casa irão no sábado a Londres, de modo que será

no sábado que eu irei. Poderemos permanecer o tempo que quisermos na encosta da montanha, porque me será fácil voltar à hora que entender pois irei no meu carro.

Não me poderia escusar, tanto mais que eu mesmo tinha prometido, e assim ficou combinado.

— Vais arranjar fita com o teu pai — acrescentei.

— Mas ele não terá conhecimento — disse Ceinwen piscando-me o olho, e eu corei como um parvo.

Desde a noite dos casamentos que não tínhamos trocado muitas palavras. Um cumprimento breve em frente da escola, pois ela chegava sempre tarde e com má disposição. Além disso o irmão estava sempre presente de modo que um bilhete por baixo da carteira ou um breve aperto de mão quando passava, fora tudo quanto havíamos podido fazer.

Embora se pense e diga o contrário estou pronto a afirmar que luzes verdes e encarnadas se localizam no cérebro e que notamos um tom vermelho quando o perigo se aproxima. O vermelho dentro de mim indicava perigo quando eu pensava em Ceinwen. A razão não a poderia indicar, mas que aconteceria qualquer coisa não tinha a menor dúvida. E nunca pensei tão acertadamente.

Poucos de nós estavam preparados para ir a exame. O Sr. Motshill dissera-nos que nos levaria à Universidade. Éramos apenas nove e nesse número estava incluída Ceinwen, pois não havia dúvida de que era dotada. A prática na loja do pai a fazer contas tinha-a tornado a primeira da classe em Aritmética; além disso sabia Inglês na ponta da língua.

Éramos decuriões e nessa qualidade tínhamos direito a uma disciplina menos rigorosa. Não nos estudos — compreenda-se — mas nas entradas e nas saídas. A nossa missão era velar por que os outros alunos se portassem como deviam. A verdade é que os deixávamos fazer o que queriam.

Na sexta-feira seguinte, quando a aldeia se deslocou para assistir à partida de Ivor e dos componentes do orfeão que iam cantar perante a rainha, fazia frio e o céu estava de um azul poético.

O carro em que seguiam estava coberto de alhos, emblema do País de Gales, e os cavalos ostentavam na cabeça três penas brancas de avestruz, mais alhos nas viseiras e mantas encarnadas. Cavalos mais fogosos certamente nunca se tinham visto, e não me venham dizer que os cavalos não sabem quando estão ajaezados com espavento, pois se os tivessem visto com os seus passos de dança, o seu relinchar meigo, os cascos impacientes e a cauda agitada convencer-se-iam de que eles desejavam atrair as atenções para lhe darem palmadinhas e ouvir aqueles sons entre dentes que os cavalos gostam de escutar quando provêm de gente amiga.

Carregaram o carro com as roupas com que deviam apresentar-se, depois dois barris de cerveja, grades com garrafas dos Três Sinos e pacotes com comida, depois os homens subiram e entre eles, está claro, meu pai e Ivor.

O Sr. Gruffydd despediu-se de todos apertando-lhes as mãos e foi novamente convidado a acompanhá-los, mas ele sorria e meneava a cabeça. Não lhe era possível fazê-lo porque no domingo tinha serviço na capela e havia ainda os doentes que tinha de visitar. Assim, o orfeão que ele havia fundado seguiu para Windsor sem ele com bastante pena de todos.

Seguimo-los com a vista durante todo o percurso da montanha. Depois o Sr. Gruffydd voltou-se e dirigiu-se para a sua casinha com um aceno e um sorriso para os outros e um toque na cabeça para mim.

— De coração desfeito — comentou Bron. — Se tivesse dinheiro iria com eles.

— Eles poderiam ter-se quotizado — disse eu.

Bron olhou para mim com ternura.

— Para ele? — perguntou e não esperou resposta.

○ Sr. Gruffydd mudara bastante, mas creio que eu era a única pessoa na aldeia que avaliava quanto. Parecia fatigado e algum tanto mais velho, não pelas rugas na cara ou pelos cabelos brancos na barba mas por qualquer sombra no olhar. A construção da mobília tomava-lhe muito tempo, pois eu era a única pessoa que o auxiliava e com falhas. Era agora muito o trabalho a que tinha de atender com a chegada de mais trabalhadores ao vale e as reuniões na capela. Pelo menor gasto das velas podia afirmar que lia muito menos agora.

No que dizia respeito à mobília, começava a trabalhar, depois sentava-se a olhar, meneava a cabeça, dirigia-me um pálido sorriso, levantava-se e ia fazer chá. Aparecia agora muitas vezes lá por casa, sentava-se junto do fogo durante muito tempo a fumar o seu cachimbo. Minha mãe ficava muito contente quando ele lá ia e mostrava-se triste quando ele se despedia.

Senti-me penalizado ao ter de lhe dizer que não poderia trabalhar com ele no sábado à tarde, mas ele não me fez perguntas: apenas me olhou, alisou o cabelo e fez com a cabeça um movimento de aquiescência. E foi essa atitude o pior para mim, pois eu, para ser sincero, sentia-me moralmente obrigado a confessar-lhe a razão da minha ausência, mas faltou-me a coragem de lhe dizer uma coisa tão tola: desculpe, Sr. Gruffydd, mas no sábado não o posso ajudar a envernizar porque vou passear na montanha com Ceinwen para ouvir os rouxinóis.

Assim, despedi-me e retirei-me com o coração apertado pela minha falta de sinceridade.

Junto das faias, na montanha, encontrei Ceinwen. Já passava das três horas, a tarde ia adiantada, o sol estava quente e o vento procurava ocultar-se, lá no cimo da montanha, entre as árvores.

Ela parou a égua junto da pedra onde eu estava sentado e retirou do carro duas mantas e um cesto de palha, que me entregou.

— Para que serve isso? — perguntei-lhe, cheio de confusão.

— É a merenda, meu rapaz — informou e saltou para o chão a fim de tirar os arreios ao animal. — Havemos de ficar lá em cima todá a noite sem comer?

— Toda a noite? — disse eu dando um salto. — As sete horas tenho ensaio do coro.

— Deixa vir as sete horas — troçou Ceinwen, e deu uma palmada na égua para ela se sentir livre e pastar. — Agora ajuda-me a puxar o carro para esta sombra.

Pusemos o *cabriolet* e eu segui à frente, carregado como um burro, pela montanha acima até ao sítio onde os rouxinóis costumavam cantar. Ceinwen trazia um vestido de riscas cinzentas e brancas, que fechava no pescoço com uma fita de veludo vermelha, e um chapéu branco com flores e cerejas. Tinha um busto cheio e largas ancas, pernas altas, e vista por detrás mais mulher que rapariga.

No meu cérebro acendia-se a luz vermelha, sinal de perigo, durante todo o percurso, forçando-me a emudecer.

E íamos subindo, umas vezes ao sol, outras aproveitando a sombra e a frescura das árvores debaixo das quais a camada de folhas era cómodamente macia e continha um concentrado dos aromas de séculos de verdura, que crescera e morrera através das veredas de roseiras silvestres, vermelhas, com flores desfolhadas para além das frutas do campo, através da erva que nos dava pelos joelhos, que nos prendia e reclinava a cada passo que dávamos, para lá das rochas musgosas onde os abetos pequenos se curvam, e, mais acima, na região das roseiras bravas, aos carvalhos e aos ulmeiros, onde havia paz, e se ouvia o ruído dos gafanhotos friccionando com impa-

ciência os élitros, onde pássaros brincavam, o sol despejava sobre nós em torrentes a sua luz e o céu descoberto cintilava todo azul.

— Estaremos aqui bem — disse Ceinwen quando parei.

— Não te aproximes muito senão eles não cantam — recomendei-lhe.

— Procuremos um pouco de sombra — aconselhou a rapariga. — Senão fico assada.

Estendemos as mantas e Ceinwen deitou-se de costas, resfolegando, tapando a cara com um lenço.

— Teremos de esperar muito tempo? — perguntou.

— Talvez horas — respondi.

— Está bem. Vou fazer uma soneca.

Observei uma formiga que corria por cima da raiz de um carvalho. Era vigorosa, luzidia e flexível, tinha o dorso brilhante e pernas dobradas como arames. Imaginei se ela me estaria a ver como eu a via, se teria os mesmos sentimentos para com a sua gente que eu tinha e se me desdenharia como eu a ela.

Agora parecia atrapalhada com qualquer coisa, depois parecia que se esquecera do que era, parava a todo o momento, tentando lembrar-se, metia as patitas nos bolsos para se certificar de que tinha tudo de quanto precisava, dava mais uns passos e depois parava. Parecia estúpida mas não mais do que qualquer de nós. Entretanto adormeci e acordei quando Ceinwen me sacudia. Tremia de frio, húmido e entorpecido, espantado por ser já escuro.

— Huw — implorou ela num fio de voz, batendo os dentes de frio. — Acende uma fogueira senão morro de frio e de medo.

— Espera um momento — disse-lhe; meti a mão na toca de um esquilo e retirei pedaços de casca de árvore e folhas secas. Fiz então uma fogueira com gravetos de roseiras bravas, belas chamas amarelas elevaram-se e o ambiente tornou-se agradável.

Despejámos o cesto da comida, enchi uma cafeteira com água que corria ali perto e fiz chá para acompanhar uma empada que ela havia trazido.

— Foste tu quem cozinhou isto? — perguntei apenas para não estar calado.

— Quem havia de ser? — respondeu. — Está assim tão má?

— Não, não. Está muito boa. Estou a ver que sabes cozinhar.

— Ora graças a Deus! — disse e riu-se. — Calculei que lhe ias pôr defeitos. Mas eu bem sei que não está grande coisa. A massa está pesada e a carne não ficou saborosa. Não está boa, não.

— Não digas isso. Está boa e quero mais — respondi.

— Deixa-te de graxa — volveu ela, e abria e fechava os olhos devagar, e à medida que os abria pareciam-me maiores.

— Se estivesse má eu não a continuaria a comer — ripostei.

— Menino mimalho! Que cansa para a mulher que te cair em sorte! — fez ela em tom irónico.

— Eu não sou muito exigente — afirmiei.

— A pequena ficará maluca. Atirar-te-á com dois pratos para cima, e tu, enraivecido, espatifarás a louça do aparador. Se isso acontecesse comigo, quando estivesse a dormir, metia-te uma faca no corpo.

— Oh, não contes com isso — disse eu, e cortei mais um bocado da empada.

Ela esteve calada durante uns minutos. O fogo estalava expandindo-se em faúlhas. Fitei-a duas vezes mas ela olhava o fogo e não deu por isso.

— Deve ser bom casar — disse ela com aspecto sereno — e ter uma casinha.

Conservei-me calado.

— Uma casinha decente como o teu irmão e a tua irmã. Uma casinha nova, ainda a cheirar a tinta, com a sua mobília própria e não disparatada.

Continuei sem responder.

— Com um bocado de jardim e uns bicos a esgaravatar. E também crianças.

— Terá de passar muito tempo antes que eu queira ver crianças à minha volta. De crianças estou eu farto — dignei-me responder.

— É muito diferente se as crianças são nossas — replicou ela.

— Seja como for, terei muito tempo para pensar nisso — conclui.

— Não quererias casar comigo, Huw? — perguntou a fingir de envergonhada olhando de lado e uma vòzinha ingénua.

— Não! Como és tola! Ainda andas na escola e já estás a pensar no casamento!

— Minha mãe também abandonou a escola para casar. Eu sou a mais nova das quatro que ainda se conservam em casa e ela mais parece minha irmã que minha mãe — informou a rapariga. — Casemo-nos, Huw, para ter a nossa casinha, sim?

— Vai para o Diabo, menina! — ripostei. — Tenho ainda muito que estudar antes de pensar no casamento!

— Podes ir trabalhar com meu pai — sugeriu Ceinwen aproximando-se mais. — Iniciaste-te no negócio e quando trabalhares e ganhares um bom ordenado poder-nos-emos casar e ter a nossa própria casa.

— Queres um conselho? — lembrei eu. — Vamos acabar com essas tolices. Vimos aqui para ouvir os rouxinóis. Então escuta.

— Está bem, mas antes dá-me um beijo.

— Afasta-te de mim — disse eu metendo mais empada na boca. — Rouxinóis e não casamentos, nem beijos.

— A falar com a boca cheia! — censurou ela. — Isso são maneiras, Huw?

— Deixa-me comer sossegado — repliquei.

— Adivinhasse eu e não teria feito a empada — disse ela enraivecida. — Estarias agora a rebentar com fome.

— E teríamos descido mais cedo — redargui eu para mudar de assunto.

— Oh, Huw — lamentou-se ela, e tirou o lenço do bolso. — Tratas-me com um tal desprezo!

E começou a chorar.

Se um homem que visse uma mulher a chorar se calasse e não fizesse um movimento para procurar consolá-la seria de pedra. Assim enlacei-a com um braço, retirei-lhe as mãos do rosto e enxuguei-lhe as lágrimas com beijos. Ela apoiou-se fortemente em mim, estremeceu e cessou o pranto.

— Escuta. Os rouxinóis estão a cantar. Presta atenção.

Suave e cheio é o canto do rouxinol. Que completo e perfeito cantor!

Eram muitos os que naquela noite cantavam para nós, e ficámos a ouvi-los durante muito tempo até que as chamas esmoreceram e se extinguiram. Ceinwen adormecera com a cabeça apoiada nos meus joelhos e a respiração leve, suave.

O sono é uma coisa bela quando se vê alguém mergulhado num sono calmo. Ela estava com as mãos tão tranquilas, por vezes um leve silvo na respiração ou um rápido tremor, e no rosto uma serenidade rósea, a boca na plena inocência do repouso e a doçura de um perfume no ar à volta dela.

Assim dormia Ceinwen enquanto eu a contemplava. Depois despertou, os olhos vagos por instantes. A seguir recordou-se mostrando os dentes num bocejo sorridente e o olhar ainda repleto de um sorriso sonolento.

— Já é tarde — disse-lhe. — Vai haver fita.

Oh, Huw — respondeu numa voz meiga. Estirou os braços por cima da cabeça e baixou-os depois devagar para me abraçar. Senti que o seu corpo suave se tornava em aço flexível sob o meu, e beijámo-nos. No meio dos beijos riu-se e os seus dentes soaram de encontro aos meus.

— Huw — pronunciava Ceinwen com voz fraca procurando as minhas mãos.

— Já devem andar à minha procura — disse eu enrolando as mantas e come-

quando a meter os pratos no cesto. Atirei com os restos do chá para cima da fogueira extinguindo assim os seus restos. Eu levava o cesto e Ceinwen as mantas. Empurrei-a, à minha frente, para o cimo da montanha, para fora do alcance das numerosas luzes que avistávamos agora, o que indicava que andavam à minha procura. Depois descemos o alcantil pelo meio das árvores e encontrámo-nos na estrada.

— Fica aqui — disse-lhe. — Vou buscar a égua e trazer o carro para aqui.

Ela concordou e pareceu-me que se me tornava mais querida no seu desamparo e no seu terror. Beije-a, mas ela olhava para a frente com as mãos na cara e vendo-se-lhe nos olhos uma expressão de medo.

— Oh, Huw — murmurou ela. — Se me encontrarem aqui meter-me-ão na cadeia?

— Na cadeia, criança? — exclamei eu, tão surpreendido como se acabasse de ouvir um absurdo. — Mas porquê? Qual é o teu crime?

— Ou então obrigar-me-ão a ir justificar-me à capela — continuou com lágrimas na voz.

— Vou buscar a égua. Espera, então um bocado.

Dei a volta à estrada, corri pelo mato na direcção do lugar onde tínhamos deixado o *cabriolet*, mas fiquei varado de terror antes que o pudesse alcançar pois precisamente no sítio onde ele deveria estar moviam-se luzes de um lado para o outro produzindo sombras de homens e o fumo dos cachimbos subia no ar como fantasmas.

*
* *
*

O carro fora trazido para a estrada e estava postado ao lado de outro precisamente igual. A égua e um cavalo estavam amarrados a um tronco de árvore.

Percebi o que tinha acontecido enquanto estudava a maneira de impedir que Ceinwen fosse encontrada: a égua voltara para casa e fora o motivo do alarme.

Aproximei-me do cavalo e voltei-o de focinho para o fogo, na estrada. Depois acendi um fósforo e mantive-o de encontro ao jarrete do cavalo pensando que lamentava ter de causar-lhe aquela dor mas que o precisava de fazer para a salvação de Ceinwen. O animal correu aos relinchos numa nuvem de poeira. Cai para trás mas levantei-me e corri para a frente da égua para a desamarrar e conduzi-la para junto do *cabriolet*.

Os homens gritaram e a garupa do cavalo sumiu-se na escuridão do outro lado. Os homens correram para a curva do outro lado a fim de o apanharem de frente quando lá chegasse.

Meti a égua aos varais, os quais ergui para os introduzir nos arreios. Um esticção nas correias por um lado e uma volta pelo outro, mais um puxão violento no nó das correias passadas através de anéis de latão sobre a sela, um salto no estribo de ferro sentindo as molas do carro vergarem sob o meu peso e a égua partiu com o puxar das rédeas a excitá-la.

Quando cheguei ao pé de Ceinwen puxei as rédeas com tanta força que quase fiz a égua sentar-se sobre os quartos traseiros e pulei para o solo dando as rédeas a Ceinwen e atirando para o carro as mantas e o cesto.

— Não levas mais de cinco minutos — disse-lhe eu. — Adeus.

— Amar-te-ei a vida inteira — respondeu toda trémula. — Verte-ei na segunda-feira. Adeus.

Saltou para o carro, empunhou as rédeas, fez estalar o chicote, e a égua partiu como uma flecha.

Esperei até que o farfalhar das árvores fosse o ruído predominante e descii para o rio através dos campos até à ponte perto dos Três Sinos e dali segui para casa. Não via gente pelas ruas, nem luzes em parte alguma mas ainda podia ver lá em cima, na montanha, um clarão amarelo.

Ianto, Owen e Gwilym estavam sentados nas camas, com os chapéus e os casacos por cima das cadeiras.

— Olha quem ele é! — exclamou Ianto com uma cara impassível.

— Alô! — fiz eu.

— Onde tens estado? — perguntou Owen com expressão severa.

— Lá em cima, na montanha — respondi com um pouco de orgulho.

— Com quem — interrogou Ianto olhando para mim com a cabeça baixa e os olhos semicerrados.

— Não tens nada com isso — respondi, mas um pouco receoso.

— Com Ceinwen Phillips, não é verdade? — inquiriu Owen.

— Não é assunto que te possa interessar — continuei.

— Olha lá, meu palerma — com voz sibilante —, tens muito empenho em que os tipos do outro vale venham até cá queimar a aldeia?

— Não — respondi. — Mas quem quer queimar a aldeia?

— É a ideia de todos —olveu Owen. — Ninguém se deitou. Andam lá por cima, pela montanha há uma porção de horas. Se eles te tivessem apanhado passarias um péssimo bocado.

— E vocês aí sentados à espera que eles me apanhassem, não?

— Só descobrimos que eras tu agora neste mesmo instante. Temíamos que desse qualquer coisa à mãe quando compreendesse de quem se tratava. A tua sorte é que ela foi para casa de Bron esta noite.

— Vai comer e depois dormir — aconselhou Gwil.

— Primeiro vou lá acima dizer aos homens que se deixem de pesquisas — sugeri.

— Trata de ir cear — disse Ianto — e deixa-te de cantigas. Se lá fosses mata-vam-te e queremos poupar esse desgosto à mãe.

Descii como um cão corrido e misturei algumas lágrimas ao que comia. Quando subi para o meu quarto verifiquei que meus irmãos tinham saído para dizer aos homens que deviam abandonar as pesquisas, e efectivamente as luzes desapareceram da montanha.

Antes de adormecer visionei-me novamente deitado ao lado de Ceinwen, e amaldiçoei os homens cuja acção a haviam arrebatado do meu lado, a égua que dera o alarme e a minha falta de prudência em deixá-la sem ser presa. Acabei amaldiçoando-me a mim mesmo.

— Precisavas de uma grande tarefa — dizia-me Ianto no dia seguinte. — Até tremo ao pensar no que poderia ter acontecido. Dois garotos sòzinhos, fora de horas, lá em cima, na montanha. Não repitas a graça, ouviste?

— Apenas escutávamos os rouxinóis — atalhei.

— Conheço essa desculpa, meu rapaz — concluiu. — Também me inebriei com o canto dos rouxinóis na companhia de meninas.

○ assunto da conversa naquele dia no adro de capela era a chegada do orfeão e a busca na montanha. Alguns homens alvitavam que se prosseguissem nas investigações para tirar o caso a limpo, mas Ianto e Owen estiveram em desacordo com essa opinião dizendo que era melhor não mexer mais no assunto.

Muito depois da meia-noite ouvimos as bandas de música que chegavam. Os lampeões já tinham sido acesos há bastante tempo para nos prevenir da chegada dos homens, de modo que estávamos prontos para os receber.

Eu, minha mãe e Bron seguimos acompanhando as restantes pessoas da colina, e ao passarmos em frente da casa do Sr. Gruffydd ia ele a sair e juntou-se-nos.

Quando o carro deu entrada na aldeia estávamos a cantar e a cantar prosseguiamos. Quando o carro parou os que vinham nele juntaram as suas vozes às nossas.

Depois seguiu-se a algazarra dos vivas e vi meu pai que circunvagava a vista à procura de minha mãe, e esta chorava tanto que nem o via.

— Meus filhos — dizia minha mãe. — Levem-me para onde ele está.

Owen e eu abrimos caminho por entre a multidão até junto de meu pai, que estava nesse momento encostado a um engradado de uns quatro pés de largura por um de altura, com ar de quem não o abandonaria nem por um decreto.

Owen e Ianto levantaram-no e meu pai gritava-lhes que tivessem o maior cuidado no seu transporte. Todos perguntavam, interessados, como tudo tinha corrido, como era a rainha e como estava vestida, como era o Castelo de Windsor, se tinham comido em pratos de ouro e quejandas ingenuidades.

Corri para o barracão buscar a caixa das ferramentas para desmanchar a grade. Bron entrou também e tinha lágrimas nos olhos. Abraçou-me e o seu corpo era quente e macio.

— Eu sou muito parva por estar a chorar — disse ela com a cara levada em lágrimas. — A rainha deu a Ivor uma batuta e um retrato com uma dedicatória do seu próprio punho.

Lá fora pediam a caixa das ferramentas. Levei-lhas e começaram a saltar bocados de madeira para ser retirada a tampa que estava pregada com alma.

Quando retirámos a tampa foi meu pai quem desembulhou o pacote que a grade continha, que estava envolto em algodão.

— Vamos a ver, amigos — perguntou — já estão todos preparados com um copo de cerveja na mão?

— Sim — gritámos todos levantando os copos.

— Muito bem — disse meu pai arrancando duas cavilhas de dentro da grade para levantar um quadro com uma larga moldura dourada artisticamente trabalhada.

Meu pai virou o quadro e colocou-o encostado ao aparador.

— Beth, da rainha de Inglaterra para teu filho — anunciou solenemente meu pai.

Num fundo enevoado onde se destacava a cabeça e os ombros a branco e negro, a nobre rainha lançava o olhar pelo seu império, tão sossegada como minha mãe.

Por cima da cabeça, a coroa, e por baixo desta, para disfarçar a sua masculinidade, um véu.

— «Vitória R. I» (1) — leu minha mãe o que o dedo de meu pai apontava. — Oh, como me sinto orgulhosa!

Ergueu-se nas pontas dos pés para beijar o rosto de Ivor. Este tentou sorrir mas desatou a soluçar.

Ao alto — ordenou meu pai. — Bebamos e que não fique uma gota no fundo do copo. À rainha!

— À rainha! — exclamaram todos, e as gargantas manifestaram-se alegremente ao sentir a cerveja descer.

— Ela é mais pequena que tu — disse meu pai a minha mãe beijando-a.

— Não pode ser — duvidou minha mãe.

(1) Regina Imperatrix.

— É sim, minha mãe — disse Ivor. — Ela dá-me por aqui.
— Então viste-a de perto? — maravilhou-se minha mãe.
— Ela apertou-me as mãos — informou Ivor estendendo a mão como se ainda não acreditasse.

— Oh, meu Deus! — exclamou minha mãe. — Pois apertaste a mão à rainha?
— Sim, minha mãe. Pode certificar-se.

— A rainha apertou a mão a todos — informou meu pai —, perguntou quem era o ensaiador, se éramos todos trabalhadores das minas e se estávamos bem instalados no Castelo.

— Além disso deu-me uma batuta — informou Ivor —, não em mão própria, mas disse que me seria entregue, e alguém a trouxe para mim.

— Com o nome dele gravado — informou meu pai —, e a data e o lugar. Vai ficar numa caixa especial, debaixo do retrato, naquela parede. É uma coisa bela!

E era de facto. De marfim, com embutidos de ouro e uma placa do mesmo metal com uma inscrição gravada, dentro de um estojo de veludo vermelho, numa caixa comprida de pele de crocodilo preto com dois fechos de prata.

Muito tempo se passou antes que se restabelecesse a tranquilidade na nossa casa naquela noite. Eram às centenas as pessoas que ali vinham e ficavam a olhar com olhos arregalados.

Aquela foi uma das poucas noites em que vi o meu pai bêbedo por causa dos numerosos copos de cerveja que os outros o obrigavam a tomar. Nenhum homem pode recusar-se a beber um copo de cerveja oferecido do coração.

*

* *

Recordo-me daquela manhã em que o Sr. Motshill me expulsou da escola e assim o meu nome não pôde ser pendurado na parede inscrito em letras douradas.

Passeava eu no pátio de recreio com James Dafydd, e recitávamos o *Rei Lear* porque tínhamos de o decorar para o exame.

Na classe infantil ouvi alguém chorar como se tivesse dado uma queda. O pranto socu mais perto quando uma pequerrucha saiu da classe deu alguns passos para o nosso lado e parou com as mãos a tapar a cara cheia de vergonha.

À volta do seu pescoço tinha um bocado de corda nova da qual pendia uma tábua que lhe batia nas canelas quando andava e que até a feria. Escrito a giz, pelo próprio punho do Sr. Jonas-Sessions, lia-se: «Não devo falar galês na escola».

Nesse momento o Sr. Jonas apareceu à porta, com a Sr.^a Cash, de mãos nos bolsos, a sorrir.

A pequenina caiu porque a tábua era grande e não a podia aguentar, tanto mais que já tinha o pescoço ferido. Chorava alto, ora subindo ora baixando de tom, com a língua entre os dentes e a saliva a escorrer, e nos olhos as grandes lágrimas de uma criança que sofre e está apavorada.

Quando me aproximei dela ergueu os olhos para mim, como se temesse que eu lhe fosse fazer mal. Reconheci, ao ver-lhe os olhos que eram os de alguém que não havia muito ainda dormia no berço. As lágrimas que corriam cresceram em mim como cristais, e na minha cegueira vi a relva sobre um campo que vomitara pedras e areia e homens que se aproximavam de mim exibindo espadas brilhantes, e no meu peito acendeu-se a fúria do combate, o sangue corria em torno dos meus pés, tingia-me as mãos e o seu cheiro envolvia-me.

Depois a névoa foi-se esbatendo e vi o Sr. Motshill a olhar para mim, pálido e com a gravata arrancada. Um polícia olhava para mim, sentado ao meu lado, com o capacete no chão, uns pêlos do bigode caídos e o cabelo desgrenhado. Havia sangue seco nos meus punhos.

— Ele já está a recobrar os sentidos — informou o polícia. Conhecia-o de o ver algumas vezes na cidade.

— Morgan — disse o Sr. Motshill, num tom bondoso mas indeciso. — Está a ouvir-me?

— Sim senhor — respondi eu sentando-me.

— Tem a consciência do que fez — continuou.

— Não senhor — disse eu, e senti-me tomado pelo medo. — Que fiz eu?

— Quase matou o Sr. Jonas-Sessions — volveu o Sr. Motshill.

— É exagero — observou o polícia —, mas fê-la bonita, temos de o reconhecer.

— Vou para a cadeia, senhor? — perguntei ao Sr. Motshill.

— Isso depende do Sr. Jonas — respondeu o director da escola. — Sente-se em condições de seguir para sua casa?

— Sinto-me, sim senhor.

— Então vá — concluiu o Sr. Motshill —, depois de falar com o Sr. Jonas escreverei a seu pai.

— Muito obrigado, senhor — rematei.

— Então vem comigo, meu rapaz — convidou o polícia pondo o capacete na cabeça. Desci a rua acompanhado do agente e passei por grupos que se apinhavam no portão para me ver, mas eu só lhes via os pés.

— Que lhe fiz eu? — perguntei ao polícia quando nos achávamos fora do alcance das vistas dos escolares.

— Um trabalhinho interessante. A cara feita em picado e alguns dentes pelo chão. Quando o puxei ele estava feito num figo debaixo de si.

— Que me irá acontecer por causa disto? — perguntei-lhe já a temer a resposta.

— Nada — e esboçou um sorriso. — E quando a Sr.^a Stephens contar ao marido o que a filhinha tinha pendurado ao pescoço a questão deve ter seguimento.

— É possível que ele morra? — continuei a perguntar.

— Se ele morre? — e deu uma gargalhada. — Meu Deus! Só se matam ratos com veneno, meu rapaz. Não, não. Apenas uma boa ensinadela. Mas eu pensava que tinham deixado de empregar-se aqueles métodos. Eu quando era pequeno ficava com as mãos abertas com palmatoadas mas nunca deixei de falar galês.

— Era também o que acontecia com meu pai. Eu perdi a cabeça com aqueia tábua pendurada ao pescoço da criança.

— Não se preocupe — disse o polícia. — Vá para casa e não pense nisso. Adeus.

— Adeus, senhor — concluí.

Naquela noite estava a família inteira reunida em frente da carta do Sr. Motshill trazida por Ellis, o carteiro.

— Eu é que fui o culpado — acusou-se meu pai, tristemente. — Animei-o a que lutasse e os resultados estão à vista. Mas devemos concordar que foi uma desgraça.

— Não considero desgraça não ir mais àquela escola — observou minha mãe. — Desde o princípio que ele foi para lá contra a minha vontade.

— Ser expulso da escola é uma desgraça — insistiu meu pai. — Certo ou errado é uma desgraça. E eu que esperava que ele, pelo menos, saísse advogado!

— Ele poderá ainda ir a exame — disse Ivor. — Diz-se que nada há que o impeça.

— Mande-o para uma escola na cidade — aconselhou Davy. — Pode arranjar-se uma boa pensão.

— Não há em parte alguma boas pensões — saltou minha mãe. — A melhor pensão é a nossa casa.

— Deixe-o fazer provas para os exames — sugeriu Owen — e ver como ele se sai. Depois decidiremos.

— A decisão deverá ser tomada esta noite — disse meu pai. — Quero que ele vá estudar Direito ou Medicina ou qualquer outro curso superior. Ele tem cabeça e deve ser aproveitado.

— Que gostarias de ser? — perguntou Bron olhando para mim.

— Trabalhar na mina com meu pai — respondi. — Nada de estudos de Direito nem de Medicina.

— Não queres então sair da cepa torta — replicou minha mãe.

— É melhor calares-te — disse meu pai. — Huw, pensa bem.

— Para a mina — afirmei. — Serei cortador de carvão.

— Justamente como os irmãos — declarou meu pai. — Obstinado e estúpido. — Estudarás para obter uma situação de relevo. Nada de cortar carvão.

— Se ele se tornar um homem tão bom como tu e como os irmãos — declarou minha mãe — descansarei tranquila na minha sepultura. Desde quando perderam vocês o amor à mina?

— Beth — disse meu pai —, é o futuro dele que me preocupa. Porque terá de ser mineiro se tem possibilidades de ser qualquer coisa melhor?

— Porque não? — afirmou minha mãe. — Se ele deseja ser doutor, que estude; mas se deseja trabalhar na mina que se faça a sua vontade.

— Ele então mais tarde que se queixe de si mesmo — tornou meu pai. — Mas se mais tarde o ouvir lamentar-se derrubá-lo-ei com um soco.

— Quero ir para a mina, meu pai — declarei. — Trabalharei.

— Muito bem, meu filho — apoiou minha mãe.

— É então isso que fica assente — disse meu pai abrindo as mãos. Esperarei que haja uma vaga. Depois trabalhar.

— Muito bem — repetiu minha mãe.

O Sr. Gruffydd, com grande surpresa minha, não fez comentários a respeito da minha expulsão. Nem uma palavra. Apenas abanou a cabeça e levantou a vista para a montanha.

— Foste pedir desculpa ao Sr. Jonas? — perguntou.

— Não senhor — retorqui, admirado, porque seria essa a última coisa em que poderia pensar.

— Então vai lá e pede-lhe desculpa — aconselhou-me o Sr. Gruffydd — e depois volta para casa.

— Sim, senhor.

— Muito bem.

Assim, tomei o caminho da montanha e segui para o outra vale; encontrando o polícia perguntei-lhe onde morava o Sr. Jonas.

— Vai completar o trabalhinho? — inquiriu ele.

— Não, vou apenas apresentar-lhe desculpas.

— É tempo perdido — observou ele meneando a cabeça. — Ele nunca mais o grammará mesmo que lhe peça milhares de desculpas.

— Mesmo assim vou lá para esse efeito.

A casa era de tijolo vermelho-claro, sólida e nova, sem uma mancha.

Reparei que as portas de todas as casas daquela rua estavam herméticamente fechadas embora estivesse um dia quente.

Bati e a porta abriu-se com grande barulho mostrando a Sr.^a Jonas, que olhava para mim muito admirada.

— Boa-tarde — cumprimentei. — Sou Huw Morgan, da escola.

— Vem saber notícias do Sr. Jonas? — perguntou com ar bondoso. — Diga aos seus

colegas que ele ainda sente muitas dores e está a passar mal, mas tem esperança de melhorar dentro em breve.

— Venho apresentar-lhe desculpas — disse eu ao mesmo tempo que observava o desenrolar de sentimentos descontraídos expressos no semblante da senhora.

Olhou uns momentos para mim, deu um suspiro e franqueou-me a porta.

Entrei. Novamente o estrondo da porta, um empurrão, um outro empurrão, até que ficou fechada.

— Espere aqui — recomendou, e subiu a escada, abrindo uma porta no patamar. Ouvi a voz aguda do Sr. Jonas, que abrandou gradualmente.

Depois ela saiu e curvou-se sobre o corrimão.

— Venha — disse — mas por pouco tempo e por muito favor.

O Sr. Jonas estava recostado com uma ligadura à volta dos olhos, um cachecol a tapar-lhe a boca, um gorro de dormir na cabeça e os nós dos dedos da mão direita cobertos de adesivo, mão que ele levantou acenando à Sr.^a Jonas que fechasse a porta.

— Bem — disse — creio que você deseja que lhe perdoe, não é verdade?

— Sim, senhor — respondi. — Peço-lhe desculpa do que fiz.

— De nada lhe vale. Você mereceu a expulsão e eu impus essa decisão. Lamba as minhas botas, de contrário não lhe perdoarei nem direi uma palavra ao Sr. Motshill em seu favor.

— Não é o seu perdão que peço. Vim apenas dizer-lhe quanto lamento o que fiz.

— Ouça lá. Conheço-os muito bem a todos. São uns embusteiros. É o vosso defeito. Vocês enganam os outros e enganam-se a si mesmos. Mas eu conheço-os. Vocês enjam-me. Cambada de hipócritas.

— Sinto muito — repeti.

— Sente muito, meu Deus! — Havia na sua voz um tremor desagradável ao ouvido. — Deixei-o subir até aqui, para lhe dizer o que penso de si. Agora saia!

Ele podia dizer-me o que quisesse que não teria resposta. Eu estava estupefacto por ele me chamar embusteiro.

— Porque sou eu um embusteiro, Sr. Jonas?

Ele olhava para mim por baixo da ligadura, com a cabeça levantada.

— Porquê — perguntou ele a fungar com impaciência. — Quer um exemplo? A sua conduta na escola. Você procurou arruinar o meu nome junto do Sr. Motshill, e conseguiu-o durante algum tempo. Talvez lhe sirva de consolação saber que quando regressar à escola seguirei a leccionar a Sexta Elementar.

— Mas porque sou eu um embusteiro?

— Porque pretende ser o que não é — pronunciou ele com tanta raiva que a voz quase lhe desaparecia. — Afinal basta olhar para o ambiente em que você vive. Mineiros de carvão. Vivem como porcos, sem outra coisa na vida a não ser cervejas e pugilistas. Galeses! Bom Deus, que malta!

— Mas porque sou eu um embusteiro, Sr. Jonas — repeti.

— Saia — gritou ele. — Você tentou assassinar-me porque proibi o uso do seu dialeto na escola e agora tem o arrojo de fazer-me perguntas em inglês. Um embusteiro completo.

— O senhor é que começou a falar inglês — rectifiquei eu. — Pensei que o senhor nunca falasse galês, de contrário tê-lo-ia falado consigo.

— Ouça, Morgan — disse e apoiou-se no cotovelo como se pretendesse atirar-me pela porta fora quando acabasse. — Não sei a razão por que estou a ouvi-lo. Mas antes de se retirar quero dizer-lhe que o galês nunca foi uma língua; apenas um tosco meio de comunicação entre tribos bárbaras.

— Oh! — disse eu, e pensava nos meus pais e em Bron.

— Sim — continuou. — Oh, o inglês! A língua da rainha e de toda a nobreza. Galês. Esta palavra serve para designar ladrões nos hipódromos.

— Mas o senhor é galês, Sr. Jonas.
 — Tive a desgraça de ter nascido neste país.
 — Não se engane a tal respeito — disse eu, já de pé. — O galês está na sua voz e na sua fala, e o ódio não os fará mudar no senhor.
 — Saia — bufou —, saia imediatamente.
 — Por um minuto apenas gostaria de ter a língua do Dr. Johnson. Golpeá-lo-ia com mais violência do que o fiz com as minhas mãos. Bater-lhe-ia até deixá-lo mudo, paralítico. Não lamento o que fiz. Sinto não ter feito mais. Se vim aqui foi porque o Sr. Gruffydd me pediu.
 — Ruth — gritava ele. — Ruth.
 — Viva aqui no Inferno — continuei — e quando morrer vá direito para lá.
 Desci rapidamente as escadas, enquanto a Sr.^a Jonas as subia.
 — Que lhe fez? — perguntou-me agarrando-me por um braço.
 — Nada, apenas lhe disse que vivesse no Inferno.
 — Que direito tem você de dizer a um homem que viva no Inferno? — perguntou-me pronta a esbofetear-me. — Seu diabo danado! Bate-lhe e depois diz-lhe que viva no Inferno.

*
* *
*

— Ele estava enganado — disse o Sr. Gruffydd quando lhe contei o sucedido. — Galês, *welsh*, da palavra *waelisc*, que significa estrangeiro. A respeito de hipódromos nada posso dizer. Mas se alguns dos nossos pais tinham as mãos prontas e os pés ligeiros, os ingleses devem censurar-se a si mesmos.

— Mas então porque me chamou o Sr. Jonas embusteiro?
 — Não sei. O Sr. Jonas devia olhar para si mesmo. Nunca te preocupes com pessoas que te chamam nomes. E um homem que chama a outro embusteiro deve ter tido antes um profundo conhecimento da ciência do embuste.

28

QUANDO eu cheguei a nossa casa a irmã de Iestyn estava lá, e vi no rosto de minha mãe os indícios de qualquer complicação. Blodwen era morena, de cabelos pretos e olhos castanhos. Estava sentada, tranqüila, com as mãos cruzadas no regaço. Falava quase sempre inglês, mas correctamente, pois frequentara uma escola em Londres.

— Olá, Huw — dirigiu-se-me, sorrindo muito gentilmente. — Como estás tu?
 — Bem, muito obrigado. E a senhora, bem?
 — Ótima, obrigada. Queria pedir-te que me levasse a harpa, hoje à noite, a Tyn-y-Coed.
 — Sim, senhora.
 — Muito bem — disse ela com o sorriso novamente engatilhado, mas percebi pela expressão de minha mãe, que eu era de mais. tratei de sair e fui a casa de Bron para embrulhar a harpa.
 Contei a Bron o que se passara com a Sr.^a Jonas e ela deu um estalo com a língua.
 — Foi minha colega de escola — disse Bron. — Blodwen ainda está lá com a tua mãe?
 — Está, sim — respondi.

— Então mais sarilhos — comentou Bron. — Angharad virá para casa dos pais mais dia menos dia, vais ver. Ele é um bêbedo.

— Quem, Bron — perguntei.

— Deixemos isso por agora.

Foi então que liguei a certas meias palavras, olhares e gestos que para mim tinham sido até então incompreensíveis quando se falava lá em casa de Angharad e Iestyn.

Subi novamente com a harpa para lá da montanha até Tyn-y-Coed. Um passeio agradável e um som da harpa, de vez em quando, ao pô-la no chão para descansar.

Tyn-y-Coed era uma grande e boa casa, da época de Jorge II, edificada sobre uma outra do tempo anterior a Isabel. Ainda existia a parte velha, com chaminés de tijolo. Tudo nela era branco e verde e todas as construções da parte rústica estavam caiadas de branco também. Era uma linda propriedade com muitas árvores e jardins à frente e atrás, vacas castanhas, galinhas no terreiro, gansos e patos no tanque e perus perto das cavalariças.

Blodwen estava à porta com o caseiro para levar para dentro a harpa.

— Entra para tomar chá, Huw — disse ela, no rosto um tom esverdeado produzido pela sombra das árvores.

Entrei pois para tomar chá, que estava bom. Gostei daquele salão. Era alto, com muitas e grandes janelas. A mobília também era boa e de gosto. Quanto à lareira seria de mau gosto queimar carvão ali dentro, tão bonita era, de mármore branco, e tão graciosa nas suas linhas que era um prazer passar-lhe as mãos por cima.

— Gostaria de vir morar aqui, Huw? — perguntou-me.

— Não, mas se fosse a minha casa, sim.

— E supondo que eu te convidava?

— Não; dentro em breve vou começar a trabalhar.

— Dentro em breve? — repetiu ela encarando-me. — Vem trabalhar para aqui, Huw. Já vi numerosas peças de mobília que fizeste para o Sr. Gruffydd. São simplesmente adoráveis.

— Já disse que ia trabalhar com meu pai — declarei.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela com a respiração opressa. — Encho-me de raiva ao pensar que vais trabalhar na mina. Tive raiva quando o meu pai fez o mesmo e estou contente por Iestyn ter alienado os seus interesses na mina.

— E com essa decisão atirou com quatrocentos homens para o desemprego.

— Falas tal qual como o teu irmão Owen — disse ela.

— Ainda bem! — respondi.

— Ele já teve alguma notícia a respeito das suas invenções? — perguntou-me como se fosse coisa sem interesse.

— Não, mas está assente a visita de um cavalheiro americano para lhe comprar a máquina.

— Oh! — exclamou ela. — Sabes se ele vai para a América?

— Talvez, se encontrasse alguém que o substituisse nas suas funções da União.

— Não consigo compreender como ele perde o seu tempo com essas tolices — disse ela impacientemente. — Nunca poderá haver uma união no verdadeiro sentido da palavra.

— Já tem mais de cinquenta mil sócios e todos os dias aumenta de importância.

— Como sabes tu isso? — perguntou.

— Desde a sua fundação sou eu quem toma conta da correspondência. E se Owen se for embora, Ianto ou Davy substitui-lo-ão. Em breve nos juntaremos à União de Monmouth e depois às dos trabalhadores das docas.

— Ontem à noite ouvi-o falar — disse ela.

— Na Montanha — perguntei-lhe, um tanto surpreso.

— Sim — afirmou ela e juraria que corara porque a sua voz baixara de tom, e suspirara. — Fomos para lá juntos.

Foi por isso que Owen se mostrou pronto para três reuniões na mesma noite, com Ianto, Davy e ele a presidirem.

— Ele tem muitos amigos, não tem? — perguntou ela e de repente percebi que ela se mostrara mais cordial para comigo.

— Sim — disse eu cautelosamente. — Muitos, de facto. Em todos os vales. Poderia embebedar-se todas as noites

— Mas ele bebe? — perguntou-me num tom aterrorizado.

— Não. Nem uma gota. Owen só bebe chá e água. Às vezes um pouco de cerveja feita lá em casa.

— Toma mais chá, Huw. Experimenta este bolo. Suponho que com tantos irmãos as raparigas fazem falta.

— Chá, aceito, obrigado — disse-lhe estendendo a xícara. Bolo não, obrigado. Está muito bom, mas já comi bastante. Não, nada de raparigas.

— Oh! exclamou ela. — Sem dúvida que vocês dizem sempre não quando querem dizer sim.

— Não, nada de raparigas — insisti firmemente. — São uns trambolhos. Algumas, em todo o caso...

— Eu sou um trambolho, Huw? — perguntou ela a rir.

— Não, eu gosto da senhora — respondi. — Owen também gosta.

— Como sabes — perguntou, toda interessada.

— De contrário não iria com a senhora lá para a montanha, não é verdade?

Uma luz alaranjada surgiu na parede do corredor e a Sr.^a Nicholas entrou com duas velas, larga e redonda no seu vestido preto, com uma corrente de prata e muitas chaves a tilintar.

— Aqui no escuro? — disse ela numa voz gorda e repreensiva. — Que pouco juízo tem, Sr.^a Blodwen. No escuro com um rapaz. Credo. Todas as línguas do vale irão badalar.

— Deixe-as badalar — respondeu Blodwen. — Importas-te, Huw?

— Eu cá não — repliquei. — Não gostaria de surpreendê-las.

— Surpreendê-las? — repetiu a Sr.^a Nicholas acendendo mais velas. — Basta ir a qualquer loja ou no mercado. Como pulgas em hospedaria de pobres.

E foi assim que comecei a frequentar Tyn-y-Coed. Consertei todas as peças da mobília que precisavam de reparação.

Dei pelo Sr. Gruffydd a olhar muitas vezes para mim nos poucos dias que trabalhava com ele antes de começar a labutar na mina. Via o seu rosto, brilhante e rosado, no polimento das almofadas do aparador quando olhava para mim pelas costas. Quando me voltava ele desviava a vista. A princípio fiquei intrigado. Mas com o correr do tempo o número de olhadelas diminuiu, as nossas conversas limitaram-se a uma ou duas frases e eu comecei novamente a sentir-me interessado por saber a razão daquelas transformações, porque estar junto de um homem, senti-lo torturado pela aflição, compartilhar dessa aflição e nada poder fazer para o auxiliar é a própria essência do sofrimento.

Era a pequena Olwen quem costumava trazer o nosso chá. Eu tinha por hábito ficar à porta para a vigiar enquanto de volta subia a colina acenando-lhe um adeus quando dobrava a esquina. Ela porém voltava-se a cada passo e eu tinha de acenar enquanto ela não desaparecesse da minha vista. Perdia muito tempo nessas manobras e quando voltava para dentro já o chá estava frio.

— Ela parece-se muito com Angharad — disse-me uma vez o Sr. Gruffydd.

— Não há dúvida. Quando ela crescer não se notará a diferença.

— Vinte anos ainda — disse ele.

Senti dor na voz do Sr. Gruffydd e procurei palavras para o confortar.

— Muito tempo, senhor Gruffydd.

— Dentro em pouco serei velho.

— Sim, senhor.

— Velho, olho para trás, e nada fiz.

— Não diga isso, o senhor já fez muito — disse eu calorosamente. — A capela, os doentes e tudo o resto.

— E tudo o resto! — repetiu ele rindo. — Obrigado, Huw. Oh, meu Deus! Quando jovem pensei que conquistaria o mundo com a verdade. Pensei que conduziria um exército maior do que o de Alexandre não para conquistar nações mas para libertar a Humanidade com a verdade. Mas poucos ouviram a trombeta. Sômente alguns a compreenderam. Os demais vestiram-se de preto e sentaram-se na capela.

— Então não deve fazer-se isso, Sr. Gruffydd? — perguntei cheio de surpresa.

— Porque vais à capela, Huw? — perguntou-me sem deixar de trabalhar.

— Porque... — respondi e não soube que mais dizer.

— Sim — disse ele a sorrir. — Porque desejas ir? Porque gostas de ir? Porque os teus pais vão lá? Porque se encontram lá os teus amigos? Porque é decente ir lá aos domingos? Porque não há outra coisa para fazer? Porque gostas do canto? Para ouvir-me pregar? Ou porque receias ser castigado pela Providência se lá não fores? És atraído pelo amor ou pelo temor?

— Estou surpreso, Sr. Gruffydd — respondi, atordoado.

— A análise dos nossos hábitos surpreende-nos sempre. Recearias algum castigo se não fosses à capela?

— Julgo que recearia um pouco, sim senhor.

— Com a maioria acontece o mesmo. De modo que se vestem de preto e vão à capela por medo. Horrível temor supersticioso. A vingança do Senhor. A justiça de Deus. Esquecem-se do amor de Jesus Cristo. Menosprezam o Seu sacrificio. Morte, temor, chamas, horror e fatos pretos.

— Nunca o ouvi pregar contra eles, senhor — titubeei.

— Não, Huw. «Essa gente aproxima-se de mim com a sua boca e me beija com os seus lábios, mas o seu coração conserva-se afastado de mim».

— Que deveremos fazer, Sr. Gruffydd?

— Oh, Huw, meu pequeno — disse ele pondo-se de pé e afastando a toalha. — Quem sou eu para o dizer? Os meus pecados são tão grandes como os deles. Maiores ainda.

Saui de casa, e eu vi que ele palmilhava o caminho da montanha a passos fadigados e os meus sentimentos lá ficavam sob os seus pés.

IVOR voltou do turno diurno e disse-me que me preparasse para ir trabalhar no dia seguinte com ele. Preparei as minhas roupas, todo excitado, sem ninguém ter trocado comigo uma palavra a esse respeito. Mas o *calado* de todos dizia mais do que se gritassem em altos berros do cimo da colina.

No dia seguinte, faltava um quarto para as sete, fui chamá-lo e minha mãe veio comigo até à porta. Levava a minha lata e no bolso do lado tinha posto cinco velas.

— Pronto? — perguntou-me Ivor enquanto Bron lhe dava a marmita.

— Sim — respondi.

— Bem — acrescentou minha mãe. — Mais outro recruta.

— Sim, mãezinha.

-- Adeus — disse ela beijando-me.

Adeus, minha mãe.

Ivor — pediu minha mãe. — Agora toma cuidado nele.

— Sim, minha mãe — disse ele. — Adeus. Adeus, Bron.

— Adeus — disse Bron — e atirou-me um beijo com as pontas dos dedos.

Seguimos e minha mãe foi para dentro de casa a correr.

Por toda a ladeira da colina todos, rapazes e raparigas me desejavam bom dia com sorrisos que me pareciam traduzir que eu não sabia o que me esperava. Para os homens eu era, sem dúvida, apenas mais um que começava a trabalhar de maneira que só alguns me cumprimentavam ou me davam palmadas nas costas.

Ao chegar à boca da mina senti sensações que deviam ser análogas às que qualquer sente ao entrar no terreiro da luta quando esta começa: qualquer coisa que se move na barriga, calor na cabeça e uma sensação de leveza.

Dai Bando e Cyfartha chegaram a correr para alcançarem a gaiola quando Ivor se virou para entrar nela comigo atrás. A gaiola era uma caixa feita de pranchas pesadas numa moldura de aço, pretas pelos anos e pelo uso. No soalho havia altura de poeira.

Dai Bando e Cyfartha entraram antes que o porteiro fechasse a entrada. Dai viu que eu olhava para ele por entre os braços do homem que estava na minha frente.

— Oh! — exclamou ainda a ofegar. — És tu? Vai ser um bocado de trabalho agora, hem?

— É sim — respondi.

E o chão fugiu-nos debaixo dos pés. Mergulhámos como uma rajada de vento na escuridão, tão negra que os joelhos dobravam-se. Centenas de vezes desci mas nunca me habituei ao mergulho da gaiola.

Depois o assobio do vento diminuiu, o soalho tornou-se mais firme debaixo dos pés, o ar, mais quente, trazia-nos o cheiro do carvão novo, e a luz surgiu, com o hálito e o sabor da vida para mim, e gratidão, mais viva que o fogo dentro de mim, pelo dom da vista.

— Vem, Huw — disse Ivor quando o guarda abriu a porta.

Segui-o por sob a abóbada de tijolo do cruzamento das galerias e desci à galeria principal, barulhenta com o ruído dos comboios e das vozes dos mineiros que trabalhavam com eles. A galeria principal era suficientemente larga para dar passagem às vagonetas e ter ainda espaço para se poder andar dos dois lados; a cerca de nove pés de altura lâmpadas pendiam deixando escoar uma luz amarelada.

Andámos um bom bocado por entre grupos de outros homens até que Ivor se voltou para um pequeno buraco aberto na parede.

— Vem — disse ele a sorrir. — Toma cuidado com a cabeça.

Rastejámos para dentro daquele buraco escuro como breu, com a cabeça quase ao nível dos joelhos. Depois Ivor parou e atirou com a sua picareta ao chão.

— Muito bem — disse ele, e a sua voz no escuro parecia um rugido. — Acende as velas, enfia-as nos castiçais que estão aí; depois eu cortarei o carvão e tu carregará os bocados até o plano inclinado. Depois desces e enches a minha vagoneta. Compreendido?

— Sim, Ivor — respondi.

— Então, fixe — disse, e a sua picarta feriu profundamente o filão.

Ivor era um bom mineiro, ligeiro com a picareta, infatigável, parando apenas para remover escórias que caíam quando o carvão se desprendia.

Horas após horas trabalhámos ali em baixo, curvados em dois, com a poeira do carvão a acumular-se em cima de nós. Os músculos da barriga pareciam rebentar muito antes do fim do trabalho, tão curvados trabalhávamos. Ivor ajoelhava-se, já de lado, ficava de banda, curvado ou de costas, com o suor a tornar-lhe a pele

negra, mas sem uma pausa, sem nunca parar, até à hora de comer ou para um golo de chá que lhe limpasse a garganta.

Oh, que alegria subir para o ar fresco da superfície depois de horas à luz das velas, luz impregnada de poeira! Depois é que descobri — e cheio de gratidão o fiz — porque nos sentávamos nos degraus das portas quando o sol surgia. Apenas para nos aliviar das dores olhando para uma luz brilhante, sentindo a bênção do sol, livres, durante algumas horas, do contacto com o carvão.

Na colina, passando por pessoas que conhecia, fiquei surpreendido por não me cumprimentarem até que me lembrei que a camada de poeira de carvão que me cobria da cabeça aos pés me tornava irreconhecível, mas sentia-me realmente um homem, por subir entre aquela multidão de trabalhadores, partilhando das suas fadigas, enegrecido pela mesma poeira, conhecendo os sons e os aspectos da mina como eles, com o mesmo pensamento deles.

Com Ivor tomei banho no quintal da casa de Bron, pois já havia gente de mais na nossa casa.

— Bem — disse Bron, como se sente o grande homem?

— Muito bem — respondi, conservando o mais que podia do meu corpo dentro da tina.

— Espera lá — disse ela enrolando as mangas. — Estás com as costas pretas. E agarrou na escova e esfregou os meus ombros, depois fez espuma e derramou água por cima de mim. Que mulher trabalhadora era Bron!

— Ainda me ficou algum bocado de pele? — perguntei-lhe. — Porque se ficou foi um milagre.

— Ficaste com a pele — respondeu Bron —, mas sem tatuagem.

Depois Ivor entrou e tomou banho enquanto eu secava. Quando me vesti Bron entrou para o esfregar e eu segui para nossa casa.

— Olá — disse minha mãe —, já estás pronto para o jantar?

— Sim, minha mãe.

— Que tal o serviço, foi pesado?

— Não, minha mãe.

— Bem, então senta-te e come.

Quando o pai entrou puxou-me por uma orelha e sorriu-me.

— Então, escritório de advogado, não? — ironizou ele. — Já não queres mais mina, não é verdade?

— Continuarei a trabalhar na mina, meu pai.

— Chegará o teu dia — concluiu ele. — Tens muito tempo para pensar.

E com o decorrer dos anos o dia de abandonar a mina chegou de facto.

Já estava a trabalhar há uns meses quando recebi uma carta de Ceinwen, não trazida por Ellis, mas por o condutor das carroças de carvão de seu pai. Pedia-me para se encontrar comigo no sábado a seguir, à tarde, no mesmo sitio da última vez, junto do marco.

Eu quase a havia já esquecido. A carta fez-me lembrar dela com tanta violência que estava doido por que chegasse sábado.

Mas uns dias antes Owen recebeu um telegrama de Londres e tive de o ajudar a encaixotar a máquina enquanto Gwilym acondicionava as ferramentas, e depois fui à estação com eles para os ver seguir no comboio.

Andámos a passear para cima e para baixo na plataforma da estação, como três «lordes», antes que o comboio chegasse, dando tempo a que todos vissem os letreiros nas malas com a indicação de Poddington e olhando os circunstantes com superioridade porque nós íamos para Londres, enquanto elas apenas iam fazer um curto percurso.

Levava no bolso uma carta de Owen para Blodwen para lha entregar em segredo. Sômente mensageiros de príncipes poderiam sentir-se tão importantes como eu me sentia nesse dia.

Segui para Tyn-y-Coed, e ao entrar encontrei a Sr.^a Nicholas, que punha flores na jarra de cobre da mesa do vestibulo.

Cumprimentou-me com mau modo.

— Chame Miss Evans, por favor — disse-lhe.

— Saiu — e começou a resmungar.

— Esperarei — respondi.

— Não com essas botas. O soalho foi encerado para pés de cavalheiros. A cozinha é lá atrás.

— Ficarei em frente da casa — rematei e saí.

Vi Blodwen que se aproximava de casa com flores nos braços, de luvas e tesoura, virada directamente do jardim.

— Huw! — exclamou ela. — Que agradável surpresa!

— Owen seguiu para Londres — disse eu em voz baixa. — Deu-me esta carta e pediu que a senhora nada dissesse a alguém.

Blodwen passou-me as flores para as mãos para que eu as segurasse e abriu a carta com naturalidade como se fosse coisa com pouco interesse para ela. Mas ao lê-la sorriu duas vezes e no fim chorou.

— Oh, Huw — riu-se ela —, como estou contente! Fazes favor de avisar a tua mãe de que estarei em Londres na segunda-feira? Uma chamada imprevista.

— Ora essa! Pois não! — disse eu.

— E diz-lhe também — continuou ela, mas agora o sorriso tinha desaparecido —, se ainda ninguém lho disse, que Iestyn parte para a África do Sul dentro de três semanas.

— Vai combater? — perguntei-lhe muito surpreendido.

— Não, graças a Deus. É qualquer fornecimento de carvão para a Armada. Agora chá para Huw.

— Aceito, mas não me demorarei. Sou do turno da noite.

— Jurei que te havia de tirar daquela mina, Huw. Havemos de ver.

E vimos realmente, mas não como aquele excelente coração de Blodwen desejava.

— Sim — disse minha mãe quando lhe comuniquei o recado de Blodwen. — Angharad volta para casa enquanto ele andar em viagem. Mas nada digas pela vizinhança.

30

NO sábado à tarde encontrei-me com Ceinwen, que vinha fresca, linda, mas mais mulher, e o mesmo sorriso, os mesmos olhos... e o mesmo beijo.

— Huw! — exclamou ela — como crescestes, rapaz! Vamos esconder o *cabriolet* depressa.

— E amarrar a égua. Para não ir para casa contar histórias.

— Quase que morri por causa dela. Levei uma tarefa que fiquei de cama durante dias. Mas eles nada souberam a teu respeito.

— Eu lembrei-me de ir ter com teu pai — disse eu cheio de vergonha.

— Seria bonito! O pai estava à tua espera com uma espingarda. Sabes porque te pedi que viesses encontrar-te hoje comigo?

— Não. Porque é?

— Quero que me leves ao Município para assistir à representação — disse-me ela, de olhos baixos.

— Que representação? — perguntei-lhe.

— A representação, rapaz! Os actores vão dar duas representações no Município. De casa ninguém me acompanharia. Se for sòzinha talvez me apedrejem na rua.

— Porque queres ir? — perguntei.

— Oh, Huw — respondeu ansiosamente. — Porque quero ser actriz.

— Se seguisses essa carreira não mais te quereriam em casa.

— Que me importa! Nem uma lágrima derramaria se nunca mais os visse.

— A vida ser-te-á difícil e passá-la-ás entre gente ruim.

— Se o Sr. Irving é ruim também quero ser ruim como ele!

— Quem é esse senhor — desejei saber.

— Meu Deus, rapaz! Não sabes quem é o Sr. Irving? Estão todos loucos só de o ver lá!

— Lá, onde?

— Em Londres.

— Vais para Londres? — perguntei, e esperava que ela dissesse que não!

— Agora não, mas mais tarde irei — retorquiu cheia de ilusões.

— Quando é a representação? — perguntei-lhe na esperança de não estar livre na noite em questão.

— Na quarta e na quinta-feira, às sete da noite. E tu estarás livre. É inútil queres intrujar-me. Tenho uma escala das tuas horas de serviço. Diz que sim, Huw.

Como dizer não quando ela estava a dizer sim com aquela voz que faria fraquejar um santo?

— Sim — disse eu.

Oh, Huw! — exclamou ela enlaçando-me lentamente o pescoço com um braço e curvando-me para beijar-me com uma energia selvagem, de olhos fechados.

Suspirou depois profundamente, abriu os olhos e olhou para mim.

— Oh, Huw! — exclamou abraçando-me. — Querido, que fizeste?

— Eu gostava de ti!

— Estou contente porque não sabia. Contento porque foste o primeiro e nenhum outro haverá. Meu amado, só tu!

— Minha flor! — disse eu beijando-a, e sentei-me para olhar o vale, lá em baixo. Como era verde o meu vale, naquele dia, verde e brilhante!

— Quarta-feira, às seis e meia — lembrou ela depois da égua atrelada.

— Combinado. Ao lado do Município.

Um sorriso encantador, uma chicotada e um turbilhão azul numa rajada de poeira. Para casa a sonhar as coisas passadas.

*

* *

O dia de quarta-feira avançara na ponta da picareta de Ivor. Sentia uma alegria selvagem ao atirar os torrões de carvão pelo plano inclinado, pressuroso a içar o carvão para as vagonetas e empurrá-las carregadas pelos trilhos fora. Cada gesto executado correspondia a tempo passado e a menos tempo que faltava para estar junto dela. Mas que dia comprido aquele, de facto.

O Município tinha esse nome porque era a única sala para reuniões públicas que havia na cidade. Muito lavrador se teria envergonhado de a ter como celeiro. Boa para a criação de ratos, para afixação de notícias e para as audiências da justiça.

Comprei lugares perto da porta por causa das dúvidas. Quando entrámos na sala Ceinwen agarrou-me fortemente na mão. Tínhamos esperado que a sala se enchesse

mas mesmo assim só tomámos posse dos nossos lugares quando o empregado apagou as luzes, um momento antes que fosse corrido o pano, o qual parou, foi novamente puxado, parou outra vez, houve nova espera, fez-se silêncio, ouviu-se alguém por detrás cochichar que havia sempre aquele maldito sarilho com o pano, mais outro puxão violento. Quando a cena ficou liberta da malfadada cortina fomos todos arrebatados. Ceinwen nadava em tanta felicidade.

Tínhamos Shakespeare no palco interpretado por gente sem fogo nem talento, num teatro sem adereços nem quaisquer condições para uma representação mesmo modesta.

Estava aborrecidíssimo com o espectáculo quando se ouviu lá fora o som de um hino, pancadas nas portas, gritos e pragas, pés arrastados e barulho de cadeiras levantadas, mas o hino ouvia-se acima de todos os ruídos.

— Vamos — disse eu, empurrando Ceinwen para o corredor.

— Oh, Huw — exclamou ela —, haveria mais trapalhada para mim?

— E para mim também. Espera — respondi-lhe.

No pequeno vestíbulo Falstaff metia rapidamente dinheiro em cobre e em prata numa mala de couro. As duplas portas da entrada oscilavam sob os pontapés e a pressão dos ombros. As duas janelas gemiam sob a acção dos pés-de-cabra, e uma delas escancarou-se no momento em que Falstaff voava pela passagem que ia ter ao palco com buracos nas meias e a chinelar.

— Vamos atrás dele pelo corredor — disse eu. — Eu ficarei aqui um instante para me certificar que ninguém vem atrás de nós.

Ela deu-me um beijo, um momento, o toque de uma pena, nem sequer o desabrochar de uma flor na vida de um homem.

Ela afastou-se e eu fiquei para vigiar a porta.

Então surgiram aos meus olhos Dai Bando e Cyfartha Lewis do vestíbulo para a porta, que estava agora escancarada. Com eles achavam-se outros homens interessados em saber a razão do barulho.

— Dai — perguntei tocando-lhe no braço. — Que se passa lá fora?

— Olá! — disse ele a sorrir. — Estavas aqui a divertir-te com estas pessegadas?

— Estava, sim — respondi. — Mas que multidão é a que está lá fora?

— Gente da capela. Houve um sarilho dos diabós porque permitiram que os actores representassem aqui. As capelas têm estado em sessão permanente de orações especiais contra o teatro. Estás a ouvir a chinfrineira, Cyfartha?

— E aqui vai haver um pouco mais, meu caro Dai — disse Cyfartha arregaçando as mangas. — «Vou tratar de limpar os meus tombadilhos», como dizia o actor no palco.

— Vamos sair pelas traseiras — propus eu.

— Vou sair pela frente — disse Dai enterrando o chapéu na cabeça. — Paguei o meu dinheiro, como uma pessoa de bem, entrei e sentei-me como uma pessoa de bem, e vou sair, como entrei, pela porta da frente, como uma pessoa de bem.

— Ambos os dois pessoas de bem, Dai — acrescentou Cyfartha. — Vamos sair pela frente.

— Não sei se os acompanhe — disse a Dai enquanto as almofadas caíam das portas.

— Vem, rapaz — disse Dai. — Vem entre nós. Quando estiver ocupado pela direita com os queixos de alguém, fazes o favor de te ocupares com as canelas de alguém que apareça pela esquerda.

— Mas com carinho, Huw — disse Cyfartha muito solene. Com carinho, nada de ferir.

— Agora avancemos — disse Dai abotoando o casaco. Certa expressão de raiva fria fazia-lhe os olhos mais claros. Fazia-me medo vê-lo pois lembrava-me dos músculos que as roupas ocultavam.

Então entrámos pela multidão, que se comprimiu logo à sua volta.

Os punhos de Dai levantaram-se uma e duas vezes e dois homens caíram sem sentidos. Cyfartha assentou um magnífico esquerdo em cheio no nariz de um rapaz alto com um grande chapéu de feltro. Um gordo, de casaco preto, com suíças, agarrou na gola do casaco de Dai, cuja cabeça veio como um ariete por baixo da queixada do homem e eu vi-o desaparecer. Um de boné castanho conseguiu dar um respeitável murro numa das orelhas de Dai. Assentei-lhe um pontapé numa das canelas e como os seus dentes batessem com a dor, uma cotovelada de Dai bastou para lhe arrancar uns dois.

Depois a lâmpada caiu quando alguém lhe atirou com um sarrafo e ficámos na mais espessa escuridão.

Fui agarrado por uma mão como se fossem as garras do Diabo e puxado, numa corrida, para a porta. Cabeças se moviam ali e viam-se mais grupos lá fora, nos degraus, mas com Dai de um lado e Cyfartha do outro, utilizando todos os meios ao nosso alcance, entre gritos de dor e contundentes murros no corpo, conseguimos chegar ao ar livre, mas ainda muito apertados pela multidão ululante, sentindo-lhe o hálito na cara e o seu fedor de suor e tabaco.

Foi então que os polícias chegaram. Encontrava-me ao lado de Cyfartha quando vi os espigões prateados a brilhar nos capacetes. Dai também os viu e assentou num graduado um semi-esquerdo que o estendeu no chão, e quando outro chegou com o cacete levantado um murro apanhou-o em plena barriga, a sua boca revirou-se e o homem caiu no meio da multidão. Cyfartha tinha feito qualquer partida ao terceiro, e o quarto pôs-se ao fresco.

Entretanto chegaram mais polícias que começaram a dispersar a multidão e Dai viu o perigo da cadeia. Curvou o polegar para Cyfartha e deitou-me a mão.

— Vamos — gritou ele. — Metemo-nos por uma venda e saímos por trás.

Mas eu pensei em Ceinwen e escapei-me de Dai para a clareira que se estendia entre mim e o teatro.

— Encontrar-me-ei consigo amanhã, Dai — gritei e corri para a porta do lado. Ali estava escuro, sem nenhuma luz, mas a porta estava aberta e eu entrei.

Então acendi um fósforo e vi o porteiro, com a sua farda verde rasgada no peito, olhando para mim como se eu fosse um mágico com um crânio e serpentes saindo pelos orifícios.

— Que é isto? — perguntou-me, a tremer.

— Viu alguém aqui esta noite? — disse-lhe. Como são estúpidas as nossas palavras em certos momentos.

— Se vi alguém — retorquiu. — Ora diabos me levem. Se vi alguém? Todos os vales passaram por aqui mandando-se mutuamente para o Inferno durante toda a noite.

— Desculpe, eu ando à procura de uma pequena.

— Mais vergonha ainda — disse ele acendendo um coto de vela num buraco na parede. — Pequenas a estas horas da noite?

— Ela preparava-se para descer por aqui quando começou o banzé.

— Oh — disse ele, impaciente. — Não tenho tempo para conversas a respeito de pequenas. Viu o salão? Uma verdadeira estrebaria. Vai-me custar uma semana o trabalho da limpeza.

— Era uma pequena de cabelo louro, jovem e sorridente.

— Oh — disse ele semicerrando os olhos — uma namorada, sem dúvida?

Fiz que sim com a cabeça.

— Sim — afirmou ele meneando a cabeça —, lembro-me. Foi a Sr.^a Prettyjohn quem a levou com ela. Seguiram de carro.

— Para onde foram? — perguntei-lhe, e um frio invadia-me.

— Para qualquer parte. — respondeu, irritado. — Estúpido que fui. Fiquei até os gorgomilos. Boa-noite.

— Boa-noite — disse eu, e saí.

Como fazia frio no alto da montanha naquela noite!

E uma luz na cozinha e a porta do quintal aberta quando entrei em casa.

— És tu, Huw — chamou meu pai lá da cozinha, e eu parei.

— Sim, meu pai.

— Chega aqui — disse ele; eu entrei, aferrolhei a porta e levei nessa operação muito tempo tentando adivinhar o que tinha acontecido para que a sua voz tivesse aquele tom.

— Foste assistir ao espectáculo desta noite? — perguntou-me quando cheguei ao pé dele.

— Fui, sim, meu pai.

— E dessa maneira envergonhas os teus pais — replicou meu pai, cheio de ira.

— Não sei porquê, meu pai.

— Ah não sabes? E tens a coragem de voltar para casa com o cheiro a catanga que adquiriste ao contacto deles? Pensa na vergonha que isso representa.

— Mas, meu pai, foi Shakespeare que eles representaram. Não houve porcarias.

— Porcarias de Satanás. Que outra coisa pode sair daquela sentina de corrupção? Meretrizes, invertidos e peralvilhos exibindo-se à tua frente. Tenha vergonha disso, Huw Morgan.

— O que me envergonha é o que o pai pensa a meu respeito.

— Fico satisfeito por essa amostra de decência. Que honrosa coisa ser detido na rua por um Abishai Elias, que me conta que meu filho anda metido com maltrapilhos e alcoviteiros!

— Hei-de conversar com ele mais tarde.

— Faz-me o favor de sair e tomar um banho da cabeça aos pés e depois entrar e rezar pela salvação da tua alma. Se voltares novamente àquele antro ponho-te na rua à bofetada. Não te esqueças.

— Sim, meu pai.

Belo fim para um dia pelo qual tanto ansiava.

Quando Owen enviou um telegrama a dizer que partia para a América com Gwilym tive desejo de ir com eles. Mas quando escreveu dizendo que se tinha casado com Blodwen Evans desejei Ceinwen para minha mulher.

Minha mãe chorou e lamentou-se por eles não se terem casado na capela e levou muito tempo a discutir com meu pai porque ele era de opinião que podiam casar bem em qualquer parte.

31

A nossa Angharad mudara muito, além do que poderia imaginar-se.

Era a dona da casa em Tyn-y-Coed, mas nunca viera a nossa casa desde que casara.

Numa segunda-feira o *cabriolet* veio buscar minha mãe e o cocheiro que o conduzia era também o portador de uma carta. Minha mãe leu-a e passou-a a meu pai para que também a lesse enquanto subia a mudar de roupa, com gestos bruscos como se estivesse cansada da vida.

Bron veio para a substituir na lida da casa e quando minha mãe partiu, meu pai foi para a montanha. Bron desatou a falar.

— Sarilhos, sarilhos — disse. — Pobre Angharad.

— Porque é que a mãe foi lá chamada — perguntei. — Angharad não pode andar?

— Nem uma palavra contra Angharad te permito que pronuncies — explodiu Bron. — Uma pessoa tão boa e delicada sem um único prazer na vida!

— Mas ela vive em Tyn-y-Coed.

— Mas em Gorphwysfa é que ela devia ter vivido todos estes anos — disse Bron, e eu fiquei estupefacto pois nunca ela antes foi tão precisa nas suas conversas a esse respeito.

Gorphwysfa era a casinha com o pórtico forrado de conchas de mariscos onde vivia o Sr. Gruffydd.

— O Sr. Gruffydd já saberá que ela está de volta?

— Não deve decorrer muito tempo antes que ele saiba. Não faltam por aí línguas que lhe vão contar.

Eu estava naquela semana no turno da tarde de modo que tinha possibilidade de ir visitar Angharad, embora minha mãe me tivesse trazido, da parte dela, uma colecção de canetas e um livro de Dickens com uma dedicatória afectuosa. Mas quando fui a Tyn-y-Coed fiquei tão impressionado com o aspecto de Angharad que mal pude falar. Mesmo com a pouca luz da casa notei que o cabelo lhe embranquecera prematuramente; os seus olhos careciam de brilho; uma debilidade que nem mesmo o seu sorriso conseguia disfarçar; a voz mais fraca, de modo que a sua risada tinha um tom fraco diverso do do rico contralto de outro tempo, alegre som que era agradável ouvir-se. Os dedos contraíam-se-lhe e era uma coisa estranha nela ver aparecer e desaparecer uma feia ruga entre os seus olhos formando três linhas desiguais porque embora noutro tempo fosse uma pessoa de poucas falas, calma e sossegada, mostrava-se, apesar disso, cheia de vida.

Cumprimentámo-nos afectuosamente e fitámo-nos.

— Pareço doente e tenho realmente de tomar cuidado comigo mesma. Todos os que me vêem dizem isso, de modo que estou à espera que me digas o mesmo.

— O mal está dentro de ti — respondi.

E contemplámo-nos novamente.

— Como estás crescido, Huw — continuou ela.

— Há muito tempo que não nos víamos. Lembras-te de quando me davas uns doces para eu ir à escola dominical?

— Meu querido Huw — disse Angharad com lágrimas nos olhos. — Sim, lembro-me perfeitamente.

E ela chorava agora, num pranto calmo. Pôs um braço em volta dos meus ombros, depois agitou a cabeça e fechou completamente os olhos:

— Como me sinto doida! Senta-te, Huw, e come qualquer coisa.

Atravessou a sala até à campainha e com a maneira de ser antiga deu-lhe um puxão capaz de a fazer tocar no outro extremo da Inglaterra.

— Agora — continuou — um pouco de juízo. Huw, estás agora na mina.

— Parecia-se tanto com minha mãe que dei uma forte risada.

— Oh! — disse ela com um sorriso. — Que coisa agradável é ouvir uma gargalhada!

— Vem à nossa casa. Ouvirás boas gargalhadas e também as darás, garanto-te.

— Nunca mais lá voltarei, Huw — e percebi que seria perder tempo perguntar-lhe o motivo daquela afirmação.

Em seguida entrou a Sr.^a Nicholas com uma bandeja e uma garota atrás com outra.

— Pronto, Sr.^a Evans — disse ela com um sorriso à volta do nariz e olhando-me de lado. — Chá, não é?

— Obrigada, Nicholas — proferiu Angharad. — Deixe-o aí. Eu mesma o servirei.

— Oh — disse a Sr.^a Nicholas. — Sem dúvida que a senhora mesma servirá, mas era eu quem servia sempre o chá na casa das outras patroas. Tira os dedos dos pratos, Evid.

Ao mesmo tempo que tal dizia dava com as chaves nas costas da mão da pequena.
— Basta, Nicholas — observou Angharad. — Não seja tão ligeira com as chaves, de contrário serei obrigada a tirar-lhas. Eu mesma servirei.

— Sim, Sr.^a Evans — respondeu a Sr.^a Nicholas fazendo uma pequena vénia e conservando o mesmo sorriso à volta do nariz.

E saiu, na sua rotundidade, na sua negridão, começando a resmungar logo que saiu a porta.

— Uma cadela, esta fulana — comentei eu.

— E de raça — respondeu Angharad, firme e segura. — A sua proximidade envenena-me o sangue.

— Despede-a — continuei.

— Há quarenta e sete anos que serve a família Evans e está sempre a repeti-lo. Eu não poderia fazer isso de ânimo leve, e de resto nada faz para que eu tome essa atitude. A casa anda sempre um brinco sem que eu mexa uma palha. Está de pé a todas as horas, muito solícita, com uma xícara de chá, uma almofada, um frasco de sais. Mas dá-me vontade de a repelir quando está ao pé de mim.

— Uma cadela! — disse eu.

— Uma cadela! — repetiu Angharad, e pusemo-nos a rir.

— Como vai a gente lá da nossa terra? — perguntou-me, mas pelo seu olhar deduzi que a pergunta que desejava fazer-me era outra.

Dei-lhe notícias de pessoas conhecidas, mas compreendi que no fundo nada dessa gente lhe interessava.

— E o Sr. Gruffydd continua a ser o primeiro a levantar-se e o último a deitar-se. Silêncio. Tamanho silêncio que poderia pensar-se na possibilidade de poder ouvir-se as flores absorvendo a água das jarras.

— Como está ele, Huw? — perguntou-me, e tive a impressão de que tinha a boca seca.

— Já não é a mesma pessoa — disse eu para acirrar.

Os seus olhos estavam agora maiores, mais brilhantes.

— Mas o que tem ele? Está doente?

— Sim, moralmente. Nota-se-lhe nos olhos e na voz. Como tu!

Levantou-se e ficou de pé, com a mão apoiada no rebordo do fogão, a olhar, por cima da minha cabeça, para longe, através da janela. No seu rosto apenas os olhos tinham vida, com uma expressão terrível.

— Vai-te embora! — disse, de dentes cerrados.

E eu saí. Fui direito à casa do Sr. Gruffydd, à casinha com o pórtico forrado de conchas, e encontrei-o a ler na casa onde tantas vezes tínhamos tomado chá. A mobília, nos seus respectivos lugares, encantava a vista, agora realçada por um excelente tapete feito pela velha Sr.^a Gethim e pela sua filha, na granja, perto da queda de água, no alto da montanha.

— Sr. Gruffydd, incomodo?

— Entra, meu caro — respondeu ele com um sorriso.

— Angharad está em Tyn-y-Coed.

Fechou o livro devagar, mas firmemente.

— Sim?

— E está doente.

— Já mandou chamar o médico? — perguntou-me, e qualquer coisa diferente estava na sua voz.

— Não. Não é doença para médico. É do espírito ou talvez do coração — respondi. Apoiou as mãos na mesa e levantou-se deixando as marcas das mãos no tampo da mesa.

— Nada posso fazer, Huw.

— O senhor é um pregador. «Vinde a mim todos vós que vos sentis cansados».

— Oh, Huw!

Calou-se, e enquanto durava o silêncio, enquanto ele permanecia de pé, retirei-me.

Passaram-se semanas antes que minha mãe me dissesse que Angharad queria ver-me novamente. Pusera minha mãe ao par de tudo o que tinha acontecido e ela nada dissera.

Encontrei-a na horta a colher feijões. Havia longas paredes cobertas com eles em trepadeiras, e vi Angharad, toda de branco, destacando-se neles.

— Estou às tuas ordens — disse eu por trás dela.

Lançou-me um olhar por cima do ombro e abriu as mãos por cima do cesto lançando os feijões para dentro sem os olhar.

— Olá, Huw! — disse ela. — És uma pessoa estranha.

Estava gentil, sorridente, com a voz um pouco perdida entre as folhas e uma cor rosada do esforço de apanhar as vagens com os braços ao alto.

— Queres que te ajude? — perguntei.

— Não, já acabei. Vamos para casa — respondeu. — Sinto-me envergonhada por ter sido menos civilizada para contigo, Huw.

— Pouco civilizada, não — disse eu, desejoso de a animar.

— Mais do que isso: grosseira — disse ela com mais energia. — Tenho sido grosseira para com muitas pessoas sem motivos para isso. Sinto muito, Huw, sinto mesmo muito.

— Isso não tem importância, Angharad — disse eu, cheio de vergonha pelo pesar de que ela estava possuída.

— Vamos trocar um beijo? — lembrou ela, tirando o chapéu muito gentilmente.

— Sim — respondi, e beijei-lhe o queixo; ela porém beijou-me com energia.

Os perfumes do jardim elevaram-se, quentes, à nossa volta, da terra revolvida, as canções das videiras, o bom cheiro adocicado das macieiras com a frescura das dalias floridas na extremidade, e o resto mostrava-se contente por espalhá-los sobre as nossas cabeças.

— Obrigada, Huw — disse-me ela olhando-me de frente.

— Não tens de quê — senti-me obrigado a dizer-lhe.

— Não — disse ela com as lágrimas prestes a cair. — Não tens de quê?! Oh, Huw! Tu foste a única pessoa. Ninguém se incomodou. Tu falaste-lhe!

E chorava sem parar. Veio apoiar-se suavemente em mim, inclinando-se, a tremer, enquanto uma grande abelha zumbia sobre nós dois.

— Vamos, Angharad. Sossega. Esse choro não tem justificação. Tudo passou.

— É a primeira vez que choro. Nunca antes tinha chorado. Daí a razão. Tudo passou, graças a Deus.

E recomeçou com mais violência. Mas não de dor agora. Um perfume desprendia-se dela, um perfume que eu aspirei profundamente.

— Acabou tudo, não?

Uma boa assoadela no meu lenço, um sorriso a entremostrar-se e uma boa aspiração de ar.

— Oh, querido! — exclamou. — Sou mesmo uma criança.

— Quando eu voltar, espero que haja mais um em casa.

— Querida Bron! Vamos apanhar fruta para ela!

De regresso a casa, pela montanha, com dois cestos cheios de fruta das árvores e dos arbustos, era mais uma vez tio.

Um menino, Tallesin, foi o nome que lhe deram, de que Ivor estava tão orgulhoso naquela noite, e que dentro de um mês seria órfão!

Trabalhávamos no turno da noite e subíamos para a nossa barraca. Eu parara para agarrar melhor a picareta e ouvi um estalido como se se houvesse partido uma

pedra. Ivor gritou na escuridão mas não percebi o que ele disse, e o tecto caiu-lhe em cima, e eu fiquei ali estarecido, como em frente de uma negra tempestade, desamparado, quando a rocha caiu e estilhaços e poeira voavam cegando e estrangulando.

Nada a fazer senão recuar ouvindo a quietude restabelecer-se com a extinção dos ecos.

—Morgan, estás ferido? — gritava Rhys com uma vela em frente da cara e uma mão a protegê-la.

—Meu irmão ficou debaixo da rocha —informei eu.

—Sangue de Cristo, rapazes! — exclamou. — Todos às picaretas!

E o pessoal lançou-se com afã ao trabalho.

Encontraram-no, mas quando subiu já vinha no seu caixão.

Bron conservou-se sentada na cadeira do canto durante dias, calada, olhando a porta da entrada, sem lágrimas, sem sobressaltos. Sentada apenas, olhava silenciosamente.

—Deus deu-nos um — observava meu pai enquanto embalava o filho de Ivor — e tirou-nos outro. O Senhor dá e o Senhor toma.

—Vai dizer isso a Bron — respondeu minha mãe. — Ela terá uma resposta para te dar. Ou se queres eu poupo-te a esse incómodo.

—Cala a boca, Beth — disse meu pai. — Não azedes os espíritos.

—Para o Inferno com essa observação — voltou minha mãe. — Eu falo claramente para que me percebam.

O Sr. Gruffydd costumava sentar-se ao lado de Bron e às vezes levava-a até Tyn-y-Coed para passar a tarde, mas muito tempo decorreu antes que Bron conseguisse dominar a letargia de espírito que dela se apossara.

Poucos dias depois da morte de Ivor passei a trabalhar com Davy na sua mina, um pouco mais distante que a de meu pai. Depois Davy seguiu para Londres a fim de tratar de assuntos da União e eu fui para a oficina de ferreiro como ajudante.

Um dia voltei de tarde com uma queimadura. Minha mãe foi a casa de Bron buscar óleo de linhaça e Bron acompanhou-a.

—Este meu filho está sempre a cortar-se e a queimar-se — afirmou minha mãe.

—O que ele é, na verdade, é um bom rapaz — declarou Bron derramando o óleo.

—Palavras doces fazem as pessoas perder a cabeça — observou minha mãe. — Lamento ter-te aconselhado, meu filho, a ir trabalhar para a mina.

—Porquê, minha mãe? — redargui. — A queimadura é pequena. Os outros operários também se queimam e às vezes nem fazem caso.

—Os outros são os outros — respondeu minha mãe. — Mas os meus filhos são os meus filhos. Um bom copo de leite agora?

—Sim, minha mãe, por favor. E um bocado do bolo de chá de Bron.

—Oh — repontou minha mãe com a boca franzida — com que então os bolos de chá de tua mãe são para a criação, não é verdade?

—Não, minha mãe — respondi —, o dia de bolos de chá em casa é amanhã, mas hoje é o de Bron.

Bron dirigiu-se para a porta e apoiou-se no umbral com uma das mãos espalmada sobre a parede interior.

—Oh, mãe, minha querida mãe! — exclamou ela a custo. — Sinto-me sòzinha sem ele! Todas as noites preparo as botas dele e as roupas. Mas elas ficam lá até o outro dia. Oh, minha mãe, como me sito só!

Depois que Bron se retirou minha mãe permaneceu parada alguns momentos.

—Huw — sugeriu —, se Bron quiser ficará a morar aqui connosco.

—Ela não deve querer, minha mãe — respondi. — Cada casa com sua dona.

—Então terás de ir morar com ela — afirmou minha mãe com olhar duro, ti-

rando o avental. — Vou lá agora saber qual é a opinião dela a esse respeito. Ela tem de ter a preocupação de tratar de alguém até que o tempo passe e ela encontre outro marido.

— Outro marido, minha mãe?! — perguntei, assombrado e indignado.

— Outro marido, sim — afirmou minha mãe. — Sim, meu rapaz. Ela é ainda nova e agora não há quem ganhe dinheiro em casa dela. Tem ainda à sua frente alguns anos de beleza e é demasiadamente orgulhosa para se sujeitar a ser auxiliada. Não tenhas dúvidas, outro marido. E quanto mais depressa melhor.

— Vou vê-la — concluí eu.

Fui a casa dela e encontrei-a a olhar para a porta na sua posição agora habitual.

— Bron — comecei —, consentirias que eu viesse viver para aqui?

Olhou-me como se lhe estivesse a falar numa língua que ela não entendesse.

— E ficarias com o meu salário.

— A tua casa é a de tua mãe — respondeu-me calmamente, mas com bondade, como se se desculpasse a si mesma.

— A minha casa é onde eu estiver — respondi.

— Essa decisão magoaria tua mãe — observou ela.

— Foi ela mesma quem me falou no assunto — esclareci.

— Por dó, naturalmente — acrescentou.

— Por dó não. Tem juízo. Se todas as noites preparas as roupas de um mineiro admite que sejam as minhas que preparas.

— Não sou tão boa cozinheira como tua mãe — disse ela, mas já abalada a sua resistência.

— Tu és a cozinheira das cozinheiras. A única diferença é que a mãe tem mais prática — respondi.

— Além disso essa decisão — prosseguiu — irá perturbar a tua família.

— Perturbação haverá, sim, se disseres que não. Sentir-me-ei envergonhado por me não teres atendido e a mãe ficará a pensar que nada valho para ti.

Ela olhou novamente para a porta da entrada, mas agora as suas mãos não estavam tranquilas: faziam pregas no avental. Fechei a porta de supetão e fiquei de costas para ela. Bron olhou para mim com aquela espécie de sorriso.

— Sim ou não? — perguntei.

— Sim — respondeu ela calmamente, e começou a balançar a cadeira.

— Bem. Vou buscar a minha cama.

Subi ao meu quarto, enrolei o colchão sobre o qual estou sentado neste momento e deixei-o cair pela janela. Fiz o mesmo com a armação da cama. Desci em seguida a escada para levar as coisas para a casa de Bron a fim de me instalar num quartinho, igual a este, que estava vazio. Voltei outra vez para vir buscar as minhas roupas e para me despedir de minha mãe.

— Bem — disse ela. — Outro que se vai embora.

— Mas este virá cá muitas vezes, minha mãe.

— Muito bem. E ceias todas as noites?

— Sim, minha mãe.

— Então adeus — despediu-se minha mãe, de olhos enxutos.

— Adeus, minha mãe — respondi, beijei-a e saí.

Tranquilos foram aqueles primeiros meses na companhia de Bronwen. Tãcitamente havia uma linha entre nós tão visível como se fosse traçada todos os dias. De cada lado daquela linha vivíamos, falávamos e sorriamos. Não como estranhos, porque nos conhecíamos muito bem. Sabíamos, quando ríamos, que a nossa risada não era completa, que não era franca nem profunda, que a maior parte dela ficava retida no seu lado da linha.

Vivíamos docemente receosos um do outro, embora sem medo. Vivíamos receosos sòmente no espírito e na delicadeza de sermos receosos, no mesmo género de receio próprio dos cavalos de raça que quando uma mão pousa sobre eles estremecem sob a pele, um estremecimento que se nota em toda a parte do corpo.

Um medo do contacto quer de palavras ou de olhares, quer do corpo.

Sòmente porque conhecíamos um outro mundo que poderia ser atingido e sentido num momento e desaparecer também num momento.

Aqueles meses bastaram-me para saber por que razão Eva se cobriu de folhas, porque se ocultaram eles um do outro, verifiquei a maldição com que foram expulsos do Paraíso para trabalhar ganhando o seu pão com o suor do rosto, fora daquela glória, ele para arrancar carvão por entre nuvens de poeira, ela para ficar em casa sujando as mãos nos restos dos pratos gordurosos.

Estranho é que possa viver-se dia a dia durante meses e meses e nada aconteça além de levantar-se, trabalhar e voltar a deitar-se. Se uma coisinha acontece, a gente vê com terror crescer à nossa volta e tomar um pouco da nossa carga enquanto simulamos que o que se passa é um sonho.

33

DAVY esteve muito tempo em Londres, mas os frutos que colheu da sua permanência ali foram fracos; a única vantagem que teve foi o conhecimento directo do que se passava nas outras Uniões.

Todas as semanas centenas de novos membros e mais e mais vozes a exigir violentamente acção contra os proprietários. Menos horas de trabalho, mais dinheiro, mais restrições à entrada de trabalhadores estranhos eram as reivindicações e todos estavam prontos a lutar por elas.

Ianto falava durante semanas seguidas preconizando uma acção não contra os proprietários mas contra o Estado. O Sr. Gruffydd era da mesma opinião. Entendiam que devia ser abolido o imposto que onerava cada tonelada de carvão extraído; uma vez que os proprietários já pagavam contribuição pelas terras cá de cima não havia razão para que pagassem pelo que se passava no subsolo dessas mesmas terras.

— Daqui a pouco lançarão um imposto sobre o que respiramos — dizia Ianto. — Nada de impostos, nenhum, devemos ter os nossos próprios vagões a circular em caminhos de ferro nossos, manobrados pelo nosso próprio pessoal, depois uma frota de carvoeiros nossos para levar o carvão a todo o mundo. Mas para os outros sòmente quando em todas as lareiras do país houver um bom fogo e cada balde para carvão estiver cheio.

— Quem será o proprietário de tudo isso? — perguntou meu pai com o cachimbo na mão e fixando distraidamente a ponta da sua chinela.

— O povo — respondeu calmamente Ianto mas com uma chama no olhar. — Apenas o povo. Deus fez a Terra para o homem e não para alguns.

— E onde arranjará o povo dinheiro para isso tudo? — perguntou meu pai.

— Deus fez o carvão, meu pai — observou Ianto —, e o homem fez o dinheiro. Seria realmente ridículo se Deus estendesse a Sua mão através das nuvens e desse a todos nós uma letra para adquirirmos as riquezas que Ele fez para nós e nos concedeu gratuitamente.

— Parece haver, na verdade, razão no que estás a dizer — respondeu meu pai. — Mas a coisa será difícil, muito difícil.

— Bom... — continuou Ianto. — Está provado que é sòmente quando os homens deixam de lutar pelo seu direito que são mal sucedidos. A primeira coisa que terá de acabar será o salário proporcional. Isso será o começo.

As reuniões dos operários de todos os vales sucediam-se noite após noite. Homens velhos como o meu pai censuravam a atitude dos novos e mostravam-se surdos aos argumentos. O salário proporcional era para eles pelo menos um meio de viver.

Despediram Ianto e mais dois trabalhadores, qualquer deles filiados na União.

O pessoal quis abandonar o trabalho em todas as minas mas Ianto não consentiu. Dizia que não queria ter na consciência crianças com fome.

Correram todas as minas durante semanas à procura de trabalho, mas, embora fossem considerados dos melhores mineiros, por toda a parte se lhes deparou a recusa.

— Eles estão prevenidos contra ti — dizia meu pai. — Nunca mais te darão trabalho nas minas.

— Tem razão — respondeu Ianto. — Começarei amanhã a procurar trabalho nas forjas.

— A União está em tão más circunstâncias que não te possa empregar? — perguntou meu pai.

— O que faço pela União é desinteressadamente — respondeu o meu irmão. — Não quero que se diga que me aproveitei da União para largar a picareta.

— Mas Ianto — continuou meu pai. — Alguém terá de trabalhar nos serviços da União e a esse alguém terão de pagar.

— Estou de acordo, mas não será a mim — concluiu Ianto.

Foram, pois, às forjas e arranjaram trabalho, distante quatro milhas de casa. Entre as oito milhas de ida e volta, doze horas de trabalho por dia.

Eu continuava a trabalhar com o ferreiro, mas a maior parte do tempo debaixo do solo, consertando vagonetas que se quebravam ou afiando ferramentas embotadas e outras tarefas análogas.

Eu ia muitas vezes à cidade buscar ferro quando a nossa provisão escasseava.

A forja onde eu ia buscar ferro ficava junto do edifício do mercado; por isso paravam ali muitos quinteiros, que aproveitavam a vinda ao mercado para mandar ferrar as suas cavagaduras.

Um dia vi o *cabriolet* azul de Tyn-y-Coed com a traseira cheia de cestos e a água baia com a pata posterior estirada e presa entre os joelhos do ferrador.

Estava eu a olhar para ela quando ouvi uma voz muito minha conhecida.

— Ferraduras novas outra vez — dizia a Sr.^a Nicholas a um casal de lavradores moradores no vale vizinho. — Mas era de esperar. Vive fora de casa todo o dia.

— Quer dizer que há agora muito serviço em Tyn-y-Coed, não é, Sr.^a Nicholas? — perguntava a mulher do lavrador.

— O serviço nunca pára — respondeu a Sr.^a Nicholas. — Vem um, chega outro, de manhã à noite.

A nova Sr.^a Evans recebe muito, calculo! — comentou o lavrador. — O velho Evans é que detestava visitas.

— Não me admiraria se um dia visse o meu falecido patrão levantar-se da sepultura — continuou a Sr.^a Nicholas. — Estou convencida de que é só a pedra do túmulo que o retém.

— Meu Deus, cara Sr.^a Nicholas, mas porquê? — perguntou a mulher do lavrador.

— Porquê? — exclamou a Sr.^a Nicholas com as mãos erguidas, os olhos em alvo e uma expressão de mártir. — Pelo que acontece lá em casa, ora essa! Então vocês têm a coragem de dizer que não sabem o que se passa lá em casa?

— Não — disse o lavrador curvando-se para a frente. — Então o que é?

— Em todos os vales são vocês os únicos que nada sabem — atalhou a Sr.^a Nicholas. — Todos sabem menos vocês.

— Realmente ignoramos, Sr.^a Nicholas — respondeu o lavrador ao mesmo tempo que olhava para sua mulher. — Mas que se passa?

— Eu sou apenas a governante, há quarenta e sete anos na casa, vivendo a amaldiçoar a minha existência — disse a Sr.^a Nicholas. — Não me compete fazer comentários.

— Bem, bem — acrescentou o lavrador. — Estou a ver que o que quer que se passa deve ser terrível.

— Terrível, meu caro Sr. Davies — respondeu a Sr.^a Nicholas com dureza, com a boca cerrada, à procura de um termo com mais propriedade. — Não é bem a palavra a empregar. A filha de um mineiro, caro Sr. Davies, a usar a melhor porcelana e tudo o que tem de melhor todos os dias. E isto ainda não é tudo. Imaginem! Passeios de *cabriolet* todos os dias com um pregador.

— Com um pregador, Sr. Nicholas? — murmurou a Sr.^a Davies.

— Mas quem é ele? — inquiriu o Sr. Davies.

— Quem? — exclamou a Sr.^a Nicholas. — Quem fica todas as noites até altas horas? Quem, ainda perguntam. Estou na minha cama, com a minha vela apagada, mas dou pela coisa.

A Sr.^a Nicholas olhou à sua volta, mas não me conheceu porque eu estava todo enfarruscado. Curvou-se para eles e cochichou. As bocas e os olhos dos dois ouvintes arredondavam-se com ar de sorridente horror.

— Oh! — exclamou o lavrador.

— Oh, meu Deus do Céu! — disse, baixinho, a Sr.^a Davies.

— Sim — continuou a Sr.^a Nicholas, toda orgulhosa pela informação que acabava de dar. — E quem me garante que ele de facto se retira?

— E o coitado do marido lá pela Cidade do Cabo — comentou o Sr. Davies — a sacrificar-se pelo seu país.

— O senhor verá, Sr. Davies — disse a Sr.^a Nicholas com os olhos fechados como se o seu corpo estivesse sem vida, e levantando o dedo para fazer o gesto de escrever. — Espere e verá.

— É pena — disse com acento trágico o Sr. Davies —, porque a senhora é uma empregada honesta e leal.

— Mas console-se — acrescentou a mulher do lavrador —, porque a senhora sofre agora mas a recompensa virá depois, não é verdade?

— Oh, espero que sim, pelo menos conto com isso! — respondeu a Sr.^a Nicholas sacando de um lenço para enxugar as lágrimas inexistentes. — Coitado, coitado do meu patrãozinho Iestyn. Uma suja saída de uma mina de carvão emporcalhando a casa de um pobre rapaz que se encontra a mil léguas de distância. Oh, meu Deus, meu Deus.

— Realmente — concluiu a Sr.^a Davies, ansiosa por sair dali para espalhar a novidade. — Sob a protecção de Deus está a senhora.

Apeteceu-me matar aquela mulher. Talvez o nojo de ter de apoiar os dedos nas gordas pregas do seu pescoço me tivesse impedido de o fazer. Em vez disso, porém, tive a prudência de retirar-me.

Fui para casa de Bronwen, que estava a enxugar Taliesin depois do banho.

— Chegaste cedo de mais, meu rapaz — disse-me ela. — Não tenho nada pronto para ti.

— Não tem importância — respondi eu, e contei-lhe tudo. Quando acabei de falar o seu rosto estava branco como a toalha.

— Oh! — exclamou ela, enojada. — Tenho esperança de que as línguas firam menos quando o meu filho for homem.

— Que havemos de fazer? — perguntei.

— Tens de contar a Angharad — disse ela. — Não há outra coisa a fazer.

— Isso dará cabo dela.

— Mas é melhor que saiba por nós. Se aquela mulher escrever a Iestyn ele não tardará a voltar para casa e isso seria pior para ela.

— Mas será verdade? O Sr. Gruffydd vai lá todos os dias e fica lá até altas horas?

— Como posso saber? — exclamou Bron com aborrecimento. — Estás a interrogar-me?

— Não — disse eu sentindo-me interiormente desolado. — Mas pensei que fosse tudo mentira.

— A questão não é essa. O caso é deles e é lá com eles. Nada temos com isso. Nem eu, nem tu, nem ninguém.

— Mas, Bron, ele é um pregador.

— É um homem. E Angharad é uma mulher.

— Mas isso não está certo, Bron. Ela é mulher de outro homem.

Bron agarrou no filho e beijou-o repetidas vezes e ele desatou a rir cacarejando como uma galinha quase perdendo o fôlego.

— Com que olhos me olhaste durante estes meses? — perguntou-me com tranquilidade e com um tom choroso na voz.

Fixei a vista nas minhas mãos, vi-as negras de sujidade e fui possuído de uma vergonha que parecia o fio de uma navalha a cortar profundamente e a doer tanto que me dava vontade de gritar.

— Como me sinto envergonhado, Bron — disse eu.

— Envergonhado? — exclamou ela com impaciência. — De ser homem ou de ser descoberto?

— Não — confessei, com a navalha a enterrar-se cada vez mais profundamente no meu íntimo. — De ter lançado mais perturbações no teu espírito.

— Estás a dizer tolices, meu rapaz — afirmou ela dando mais beijos no filho. — Vai tomar o teu banho, come e depois conversaremos com mais tranquilidade.

Enquanto jantava, Bron estava lá em cima a vestir-se para sair de modo que nos despachámos ao mesmo tempo.

— Agora vais falar com o Sr. Gruffydd e eu vou a casa de Angharad. Ou preferes que eu vá falar com ele?

— Não, vai tu a casa de Angharad. Se os meus olhos pousarem naquele estafermo sou capaz de a estrangular. Mas não sei como me hei-de expressar com o Sr. Gruffydd.

— Fala francamente. Diz tudo o que se passou. O resto é lá com ele.

— Tens razão.

— Agora adeus — despediu-se Bron aproximando-se de mim e passando-me a mão pelos cabelos. Depois sorriu para mim com os olhos semicerrados. — Oh, Huw, também foste ferido. Pensas que eu sou cega?

— Não, eu sabia que tinhas conhecimento disso, mas pensei que o caso não tinha importância enquanto não fosse tornado público.

Ela riu-se. Como Bron era encantadora a rir-se!

— Que engraçado és tu! Quando eu voltar conversaremos mais a preceito.

— Sim?! — exclamei.

— Vai ter com o Sr. Gruffydd antes de te encontrares com a mãe — disse Bron —; de contrário ela notará na tua cara que há qualquer coisa que te irrita, e de ti não terá dificuldade em arrancar tudo. Agora adeus.

— Adeus — respondi eu. Fixámo-nos. Tentei não sorrir mas era difícil ver aqueles olhos sem sentir que as suas preocupações se desvaneciam.

Assim, sorri e Bron riu novamente. Depois, devagar, fechou a porta.

Fiquei sentado ali até que a luz se extinguiu, pensando em Bron e em mim, ainda com aquela sensação de dor e cheio de irritação e de vergonha. Mas o sorriso dela voltava à lembrança e tudo se desvanecia. Bron sabia e ria-se daquilo.

Lembrei-me então da minha missão, desci a colina apressadamente e entrei pela porta traseira da casa do pórtico de conchas de mariscos.

—Olá, Huw— disse o Sr. Gruffydd a descer as mangas da camisa, com a cara ainda húmida, indicando pelo seu aspecto que acabava de lavar-se.

—Sr. Gruffydd— comecei eu—, tenho qualquer coisa a dizer-lhe.

—Não é coisa que possa esperar, Huw? Já estou um pouco atrasado.

—Está a preparar-se para ir a Tyn-y-Coed?

—Sim— afirmou ele—, e voltou as costas para vestir o casaco.

—Foi justamente por isso que cá vim— respondi.

—Para quê?— perguntou, ainda frio e de costas voltadas.

Contei-lhe tudo.

Não fez sequer um movimento durante todo o tempo que levei a contar. Ficou de costas para mim, com as mãos na gola do casaco.

—Que fazer então? Angharad deve ser protegida por nós.

—Mas como? Só estrangulando a Sr.^a Nicholas.

—Não podes impedir o mundo de falar— disse o Sr. Gruffydd sem nenhuma vibração na voz e ainda de costas voltadas para mim— nem evitar que pense. Toda a gente é vítima de um meio defeituoso, e só imperfeições podem esperar-se dessa gente.

—E qual será a sua atitude, Sr. Gruffydd?— perguntei.

—Vou pensar no caso— respondeu.— Agora retira-te.

—Então boa-noite, Sr. Gruffydd.

Ao voltar para casa, depois de um passeio ao longo do rio, achei a aldeia silenciosa. Em parte nenhuma se via uma luz, excepto na mina.

O rio sofrera agora uma transformação assim como as ruas e a aldeia. As novas ruas eram mais estreitas que antigamente e as portas das casas davam directamente para a rua, sem jardins, sem flores, sem um pouco de verde para alegrar a vista. E as casas absolutamente iguais umas às outras. E todas sem um bocadinho de espaço entre si.

Havia luz na cozinha quando entrei e o meu coração sentiu-se animado quando a viu.

Bron costurava sentada numa cadeira. A água da chaleira fervia sobre a chapa do fogão, o gato descansava a cabeça sobre as patas da frente e à minha chegada abriu somente um olho. Um apetitoso cheiro de sopa de cebola acariciou-me o nariz.

—Ainda estás acordada?— perguntei-lhe sem olhar para ela.

—Como tínhamos combinado conversar não fui deitar-me— explicou.— Falaste com o Sr. Gruffydd.

—Falei, mas o comentário dele foi que não podemos impedir o povo que fale e que iria pensar no caso.

—Angharad volta para Londres no primeiro comboio.

—Ela estava indignada?

—Não. Já tinha conhecimento de tudo.

—O quê? Já sabia?

—Teria graça se não soubesse. Não passou ela aqui parte da sua vida?

—Mas então porque consentiu que o Sr. Gruffydd a visitasse tão assiduamente dando motivo a que o mundo falasse?

—Mas tu imaginas que o Sr. Gruffydd ignorava os ataques de que a reputação de Angharad era vítima?— perguntou ela às voltas com os pratos.

—Então para que fomos contar-lhe e nos afligimos?— retorqui, indignado.

—Olha, começa a comer— disse pondo à minha frente uma tigela de sopa.— Afinal de contas eles não fizeram mal a alguém.

—Mas têm responsabilidades. Ele é um pregador e ela é a Sr.^a Iestyn Evans— respondi.— Deves concordar que não está certo, Bron.

—Porquê? Porque não está certo que o Sr. Gruffydd veja Angharad?

— Ora... — comecei a falar, mas como não sabia que dizer tirei o lenço e enxuguei a cara humedecida com o vapor da sopa para ter tempo de pensar.

— Sim? E então? — disse Bron àasperamente com a faca a meio caminho do pão. Queres que eu te diga? Porque o teu pensamento navega nas mesmas águas que aquelas viborazinhas no género da Sr.^a Nicholas. E querias tu estrangulá-la! Que belo irmão que és! Podes estrangular-te a ti mesmo!

— Bron! Tu estás verdadeiramente intratável. Eu estava só a perguntar porquê?

— Deverá o Sr. Gruffydd, por ser pregador, ter um tratamento diferente do que os outros homens? — perguntou, encolerizada. — Será menos homem? Terá ele menos direitos?

— Mas o que estou a dizer é que não está certo com a mulher de outro homem.

— Mas que tem a ver para o caso o facto de ela ser mulher de outro homem?

— continuou Bron com um acento frio na voz. — Que tem isso se ele fala com ela e ela gosta de falar com ele?

— Não há mal.

— E então? — E ela sorriu com aquele sorriso que não era sorriso.

— Bolas! Eu nada tenho a ver com isso!

— Oh, meu Deus! Que tolinho és!

— Porque sou eu tolo? — perguntei-lhe, irritado, mas tentando sorrir.

— Porque estás a fazer precisamente a mesma coisa que o Sr. Gruffydd com a agravante de dormires na mesma casa. Gostarias que a gentalha também falasse de ti? Aquilo foi como que um relâmpago.

— Ninguém poderia dizer coisa alguma a nosso respeito.

— Não terás de esperar muito tempo — afirmou ela com convicção.

— Bem, Bron. Então terei de sair daqui.

— Não, não sais. Deixa-os falar. As suas bocas são como canos de esgoto e os seus pensamentos são o que escorre por eles. Pensa bem a respeito de ti mesmo antes de falar nos outros. Eu acompanhei-te esta tarde por causa da forma como olhavas para mim.

Sentei-me como um cão escorraçado, depois fui deitar-me sem a olhar e sem sorrir para ela, embora sentisse o peso dos seus olhares e o seu quente sorriso a alegrar a casa.

ANGHARAD seguiu para Londres. Ceridwen, com as crianças, também lhe foi fazer companhia por algum tempo. Minha mãe passou lá um mês e bastante falta nos fez.

— Meu Deus! — dizia meu pai. — Ninguém calcula a falta que sinto da tua mãe! É a primeira vez em trinta e nove anos que não a tenho ao pé de mim.

Muitas vezes vi meu pai a escrever coçando a cabeça para encontrar alguma coisa para dizer contando até que uma asa da chaleira tinha caído e que Gareth tinha cortado uma lasca da porta com um formão.

Pelo contrário as cartas de minha mãe eram sòmente de uma página e escritas com letra graúda. Desculpava-se com o pretexto de não perder o correio e assinava-as «tua esposa amiga, Isabel Morgan».

Voltei a trabalhar na forja, mas duas semanas depois tornei para debaixo da terra com um rapaz para me ajudar. Como era jovem de mais para o serviço, que era violento, eu tinha mais trabalho.

Numa manhã de sábado estava ele a encher uma vagoneta quando ouvi gritos na galeria e pensei que ele estivesse a ser vítima de algum desastre. Corri então cur-

vado, escorregando por todo o caminho, e encontrei-o a lutar com um rapaz mais forte que, como era natural, levava a melhor.

— Vem cá — disse eu. — Estás a trabalhar comigo.

— Lamento, Huw — mas não teve tempo de dizer mais porque o outro assentou-lhe um forte directo no ouvido que o atirou ao chão.

— Um pouco mais de educação — disse eu. — Deve ser o que falta na sua família.

— Oh! — comentou um dos homens que estivera a assistir ao combate. — Desde quando se tornou tão distinta a tua família?

— Faça o favor de não fazer comentários acerca da minha família — respondi.

— O facto de você não querer que fale na sua família não impede que se diga por aí que a sua irmã é uma mulher casada e que se prostitui com o pregador — replicou o homem.

Quebrei-lhe duas costelas com um directo e o nariz com um esquerdo e só deixei de lhe bater na cara quando senti que o meu punho batia em qualquer coisa partida, nesse caso o maxilar.

Depois retomei o meu trabalho.

Na boca da mina, quando saí da gaiola, o gerente fez um gesto a chamar-me.

— A polícia procura-te — informou ele.

— Está bem — respondi-lhe. — Onde está?

— No escritório.

Acompanhei-o ao escritório. Um polícia graduado levantou-se e bateu-me no ombro.

— Huw Morgan? — perguntou.

— Sou o próprio.

— É acusado de agressão e ofensas corporais — anunciou.

— Posso tomar um banho antes de ser preso? — perguntei.

— Não o venho prender agora. Venho simplesmente intimá-lo.

— Posso retirar-me?

— Sim, está prevenido. Fique em casa. Não procure fugir.

— Está despedido da mina, Morgan — disse o gerente. — Há já muito tempo que vocês, os Morgans, nos incomodam.

Fui para casa, tomei banho e preparei-me para jantar.

— Que tens aí nas costas da mão? — perguntou-me Bron ao mesmo tempo que punha o prato na minha frente.

— Foi um incidente — respondi. — Se ele fosse solteiro morreria às minhas mãos. Falou de Angharad.

— Oh, Huw — exclamou ela. — Que houve então?

— Fui intimado pela polícia e também despedido da mina.

Ela colocou uma das suas mãos no meu ombro.

— Vai comer.

Pouco depois ouviram-se passos ligeiros no quintal, passos de quem tem qualquer missão e a cumpre sem hesitações.

— O Sr. Gruffydd — anunciou Bron, e apressou-se a pôr as cadeiras no seu lugar, a alisar a toalha e a avivar o fogo.

— Huw — disse ele, na porta da entrada —, arranjaste uma grande complicação. Foi por causa de mim e da tua irmã?

Não respondi.

— Estou cheio de vergonha — continuou. — Envergonhado. E ainda o pior será no tribunal.

— Suponho que o tribunal não se meterá nisso.

— O Sr. Elias processar-te-á.

— O Sr. Elias? — perguntei, surpreendido.

— O Sr. Abishai Elias apresentou queixa pelo filho. Se não tivesse havido queixa não haveria intimação. O pai de Evan John é o seu caixeiro.

— Aguardarei o que se passar.

— Vou deixar o vale — anunciou o Sr. Gruffydd sentando-se lentamente. — Eles não ousam dirigir-se-me mas leio qualquer coisa nos seus olhos. Pelo menos nos de alguns deles. A continuação da minha estadia aqui não é conveniente.

Era a fraqueza de um vencido, de olhos fixos no capacho, fazendo girar o chapéu nos seus dedos, o cabelo sobre a cara e os ombros curvados.

— Sinto muito, senhor.

— Vou encontrar-me com o teu pai.

Pouco depois meu pai dizia-me:

— Huw, que se passa?

— Vou trabalhar de carpinteiro — respondi.

— É horrível o que nos está a acontecer. Ivor, Ianto, Davy, Angharad e tu. Agora o Sr. Gruffydd.

— O pai tentou fazê-lo demover da ideia de se afastar?

Meu pai apontou com o cachimbo para o alto da montanha:

— Vê se consegues demover aquela montanha daquele sitio. Ele quer ir para a Patagónia e para a Patagónia irá.

Quando, de regresso de comprar madeira, cheguei a casa, encontrei minha mãe.

— Então — disse-me ela depois de eu a ter beijado. — Mais complicações na nossa vida, não é verdade?

— É, sim minha mãe — respondi.

— Quando terás de te apresentar?

— Depois de amanhã.

— Estás com receio?

— Não, minha mãe.

— Ainda bem. Trouxe de Londres um chapéu para ti.

— Obrigado, minha mãe. Como passa Angharad?

— Está de viagem para a Cidade do Cabo — disse ela erguendo Taliesin e beijando-o para disfarçar o tremor que a agitava.

35

COM o meu chapéu de Londres e o meu melhor fato, entre meu pai e o Sr. Gruffydd, no melhor *cabriolet* de Thomas, segui para o tribunal.

— Arranjámos-te um bom advogado, Huw — informou o Sr. Gruffydd. — Tenho esperanças de que fiques livre.

— Não tenho receio — respondi, e na verdade era sincero.

Bron, antes de eu sair, tinha-me dado o chapéu e ficou junto da porta para me beijar ao despedir-se.

Olhámos um para o outro, longa, profundamente, e de súbito compreendi a sua solidão, a sua tristeza, o seu desejo de Ivor, que ela nunca demonstrara por qualquer meio.

Naquele momento em que só pensava em mim mesmo, Bron tinha pena de mim, e na sua piedade perdeu, apenas por um momento, o escudo da sua coragem. Mergulhei no seu olhar, senti o vácuo que havia por trás dele, ouvi uma voz que chamava no silêncio e notei as lágrimas que ela derramava.

— Oh, Bron, só agora é que compreendi!

O seu rosto alterou-se diante dos meus olhos e não fui capaz de a olhar mais.

— Já não tenho receio, minha querida Bron, mas alegro-me pelo que aconteceu porque me fez saber o que se passa contigo. Se tiver de voltar voltarei. Se tiver de lá ficar lá ficarei. Mas quer volte quer fique não tenho receio. Tenho somente vergonha. Adeus, Bron.

Enlacei-lhe o corpo macio e quente com o meu braço e por sobre as suas lágrimas, sentindo a macieza da pele e o cheiro de alfazema, beijei-lhe a face, num beijo de irmão e deixei-a.

Nem prestei atenção ao tribunal. Durante muito tempo estivemos sentados em bancos compridos entre gente conhecida. Cumprimentei-a e foi tudo.

Depois Evan John aproximou-se de mim, com o seu irmão mais novo para servir de intérprete porque o seu queixo estava envolto por uma larga ligadura e os seus olhos ainda estavam fechados.

— Huw — disse Dafydd John —, Evan quer dizer-te que a queixa não partiu dele. Veio ao tribunal apenas porque foi intimado. Mas nada dirá contra ti.

— Obrigado, Evan — aceitei.

— Sente pesar por ter havido aquela briga e gostaria de apertar-te a mão.

— Eu também lamento o que aconteceu, Evan — disse eu. — Fomos sempre bons amigos; mas a verdade é que eu não podia deixar de proceder assim.

Evan apertou-me a mão e acenou ligeiramente com a cabeça porque qualquer movimento lhe causava dores. Fez uma careta e sorriu pelos olhos.

— Então não haverá processo — disse o Sr. Gruffydd.

— Se a mina mantiver a acusação o nosso argumento será a legítima defesa — informou o nosso advogado. — A única complicação serão as suas testemunhas.

— Morgan — chamaram-me.

Estavam quatro velhos no banco lá de cima, atrás, e um deles era Abishal Elias. «Suba para a tribuna», alguém me disse, e subi para um pequeno espaço.

Nunca sube como o homem que me pediu que levantasse a Bíblia pronunciou o juramento. Disse-o num longo palavriado e eu repeti os sons. Se pronunciei o juramento não foi na minha linguagem.

Jurei pelo Todo-Poderoso. Depois recaí na minha sonolência. Somente quando vi as mãos de meu pai nas costas da cadeira que ficara à sua frente e a palidez do rosto do Sr. Gruffydd é que prestei atenção.

O outro advogado falava aos juizes com uma graciosidade estudada, um lápis entre os dedos:

— Peço desculpa de trazer este caso ao tribunal, mas nas actuais circunstâncias o meu cliente agiu porque julgou necessário fazê-lo no interesse da justiça. O facto de as nossas testemunhas terem resolvido não deporem baseia-se, creio, no receio que elas têm do réu. É sabido que ele é íntimo de profissionais de soco e de quejandos.

O nosso advogado levantou-se calmamente e curvou-se diante do juiz com um sorriso doce.

— Excelência — disse ele —, é absolutamente necessário esse preâmbulo?

— O meu caro colega deve permitir-me que informe o tribunal — continuou o outro advogado — das circunstâncias que nos forçam a retirar a queixa.

— Continue, Sr. Pritchard — disse um dos velhos, e quatro cabeças concordaram.

— Há pouco mais a ser dito — prosseguiu o advogado. — Este infeliz caso foi motivado por uma referência à irmã do réu, mulher casada, e um conhecido pregador. Sem dúvida de que o réu se sentiu obrigado a defender o nome da irmã, e assim o fez, mas de uma maneira selvática em vez de invocar a lei. E hoje, por causa da intratabilidade das testemunhas sou obrigado a invocar a bevolência do tribunal para retirar a queixa.

— Alego — disse o nosso advogado — que o meu cliente foi vítima de excessivas indignidades.

— Está encerrada a audiência — disse o juiz —, nada de indignidades, apenas vergonha. Vergonha, de facto. Está encerrada a audiência. O caso seguinte.

Sai e dirigi-me ao *cabriolet*, onde encontrei já meu pai e o Sr. Gruffydd sentados.

— Obrigado, meu caro Thomas — disse meu pai quando chegámos a casa.

— De nada, homem, de nada — respondeu Thomas. — Adeus.

Nem uma palavra ou um olhar dirigiu ao Sr. Gruffydd.

O Sr. Gruffydd pôs a mão no ombro de meu pai, voltou-se e afastou-se de nós.

Naquela noite, quando voltei para casa, depois de uma reunião com Ianto, Bron esperava-me com o jantar.

— O Sr. Gruffydd foi expulso da capela — informou-me. Os diáconos foram de opinião de que ele não poderia continuar lá. Sete votos contra três. Vai partir para a Patagónia no fim do mês. Pediu-lhes que consentissem que ele se conservasse até lá. Mas responderam-lhe que o consideravam impuro. Foi o Sr. Isaac Wynn.

— Que disse o pai? — perguntei.

— O Sr. Isaac Wynn está de cama com emplastos de vinagre e o teu pai tem um olho negro.

— Bem. E o Sr. Gruffydd, onde está?

— Está em casa a engradar a mobília. Tem ordem de se retirar amanhã.

— Vou ter com ele — concluí.

36

NA manhã seguinte, muito cedo, bati à porta do Sr. Gruffydd e já o encontrei levantado e preparado. Por todo o lado se viam fardos e engradados.

— Muito obrigado, Huw — disse-me ele —, sinto muito prazer com a tua visita.

— Obrigado sou eu, Sr. Gruffydd. — Já tem tudo arrumado e eu já lhe não posso prestar qualquer auxílio. Sinto.

— Podes, sim, meu caro. Podes prestar-me um grande serviço — disse ele sorrindo. — Queres? Esta mobília, que ambos fizemos, preciso que a leves para Tyn-y-Coed. Eu prometi-a.

O céu, lá fora, começava a tornar-se azul.

— O que me entristece é partir com a consciência de nada ter feito. As línguas más, as infâmias, a miséria de pensamento são tanta culpa dos outros como minha. Talvez que eu seja mais feliz para onde vou. Parto esta manhã — continuou. — Este relógio foi-me dado por meu pai. Gostaria que conservasses alguma recordação minha, Huw. Fica com ele. Marcou horas que amei.

Senti na minha mão o calor do seu bolso e a macieza do ouro e do vidro.

— Não precisamos de nos apertar as mãos — continuou ele. — Viveremos no pensamento um do outro, Huw, meu querido amigo. Adeus, com toda a minha amizade.

Saí dali e subi para o topo da montanha e lá fiquei, com a cara escondida na relva, até que o sol começou a aquecer-me as costas.

Quando desci já não encontrei o Sr. Gruffydd.

*

*

*

Durante alguns dias a aldeia apresentou o aspecto de uma necrópole. As pessoas andavam como se o céu pudesse vomitar fogo. As crianças não apareciam. Uma sonolência pairava sobre tudo.

Embora meu pai andasse com ar apático, tomou a iniciativa de alugar um estábulo e comprar cal e tinta para o tornar apresentável. Até o domingo seguinte não fizemos outra coisa que não fosse raspar e pintar.

Nesse dia seguimos, como sempre, o caminho da capela. Cumprimentámos as pessoas e passámos à frente. Na extremidade da colina, voltámos à direita e dirigimo-nos ao estábulo, que era a nossa capela. Foi meu pai quem leu as instruções.

Éramos dez pessoas e representávamos o cisma.

Durante três quartos de hora estivemos sentados em silêncio e a lembrança da voz do Sr. Gruffydd, onde quer que ele estivesse, encheu-nos de coragem e de esperança num mundo melhor, depois cantámos. Pareceu-me ouvir a voz de baixo do Sr. Gruffydd.

Durante os meses de Inverno o cisma chegou a contar cem pessoas. Comprámos o estábulo e trabalhámos nele para o tornar um local digno de nele ser lido o Evangelho. Noites e noites ali passámos fazendo cadeiras, o púlpito, armando portas e forrando o chão para que nos proporcionasse prazer e conforto quando ali permanecêssemos.

37

A CEDENDO a instâncias de Cyfartha e de Dai, fui umas vezes por outras a um barracão armado em palácio dos desportos de que era proprietário Eliel John.

Informei Bron dessa circunstância, pois gostava de estar em casa cedo para contar histórias aos pequenos antes de irem deitar-se, e indo não o poderia fazer.

— Bem — concordou ela —, contanto que nada te aconteça, vai.

— Nada acontecerá, Bron — respondi. — Sinto não poder contar as histórias aos pequenos mas na segunda-feira contarei histórias a dobrar.

Éramos felizes naquela casinha, muito felizes.

É estranho sair-se de uma casa tranquila, onde a paz reina, para um local onde homens se vão divertir com desportos violentos.

Nunca anteriormente assistira a um combate público. A atmosfera tinha um feodor depressivo, carregado do cheiro de cerveja turva que se acumulava nas tábuas, que nunca tinham sido lavadas, manchadas de cuspo e de fumo.

De todas as cores, acotovelavam-se os amadores de «box» sobre bancos com os rostos enfileirados regularmente como cabeças de fósforos, uma atrás da outra, com as bocas abertas e os olhares selvagens.

Eram feitos à imagem de Deus todos eles; mulheres tinham sofrido dores para os dar à luz a fim de que ali estivessem agora, de boca aberta, como carneiros no mercado.

— Dai — disse eu —, gostaria de me ir embora!

— Que se passa, rapaz? — perguntou Dai inclinando-se para mim porque a gritaria era tremenda.

— Não está certo trazer bons pulmões para aqui — continuei eu — e é vergonhoso combater para divertir esta malta. O lugar deles seria andarem a pastar nos campos.

— Isto é desporto — disse Dai, surpreendido —, combate de «box». — Preferirias que se organizasse os combates numa capela?

— Estes homens ensanguentam-se por dinheiro — disse eu. — Para o Inferno com isto.

— Para o Inferno também contigo — respondeu Dai. — Que dizes a isto, Cyfartha?

— Combaterias de graça, Huw? — perguntou-me Cyfartha.

— Durante anos, todas as manhãs, com vocês — disse eu. — Nada de dinheiro. Eu

dar a cabo de um homem por uma questão que surgisse entre nós, mas não por dinheiro. E muito menos para divertir as cavalgadas que estão aqui.

— Se eles te ouvissem... — volveu Dai.

Dois homens achavam-se na liça, de cabeças nuas e cinturões à volta da cintura. Usavam pequenas luvas, piores do que o punho a descoberto, porque o couro estava rasgado e cortava a pele.

Senti-me doente por estar ali presente, com aquela algazarra à minha volta.

Cyfartha tocou então a sineta para o combate de Dai com Shoni Manor.

Depois de mutuamente se socarem, murros sem história, Shoni vergou-se com as mãos na cara e o sangue a correr-lhe por entre os dedos. Dai dirigiu-se para ele com o braço esquerdo estendido, não com a mão fechada, mas com os dedos estendidos como se tacteasse. Tocou o ombro de Shoni, os dedos tocaram-lhe o rosto e outra vez bateu com o punho direito em cheio no queixo de Shoni, que foi atirado para cima das cordas.

Pulei para a liça e aproximei-me de Dai antes que ele baixasse as mãos; os seus olhos mostravam-se sem expressão e os dedos tremiam, tacteando, à procura de Shoni com o braço direito sempre pronto como um aríete.

— Dai — gritei-lhe. — Dai. Sou o Huw. Baixa as mãos. Já acabou tudo.

— Acabou? — disse, procurando olhar para mim. — Fui derrotado?

— Não, não — respondi eu. — Cospe, Dai.

Ele cuspiu, e entre uma espuma de sangue vinha o seu último dente. Depois saiu a coxear.

Cyfartha veio a correr, agarrou Dai pelos ombros e apertou-o de encontro a si.

— Dai — gritava ele, e chorava. — Dai, sou eu, Cyfartha, meu querido amigo.

As mãos de Dai apalpavam Cyfartha com as pontas dos dedos.

— Foi um belo combate, não foi? — perguntou Dai com os olhos na direcção do tecto.

— Shoni foi completamente derrotado. Ainda está sem sentidos.

— Ainda bem — concluiu Dai, quieto, mas com o ardor da vida oculto na sua quietude. — Alguma coisa aconteceu aos meus olhos, Cyfartha.

Mas Cyfartha nesse momento estava encostado a um poste a chorar, de maneira que fui eu e Willie que levou Dai até o nosso banco para lançar dois baldes de água por cima dele.

Nunca esqueci aquele dia. Dai, apoiado no meu ombro, cego agora pelo álcool, que o libertava da dor, enquanto Cyfartha, numa bebedeira sinistra, odiava todo o mundo.

Willie e eu afastámo-nos enquanto Cyfartha seguia com Dai estreitado de encontro a si, falando-lhe como uma mãe.

*
* *
*

Havia quem dissesse que a cegueira de Dai era a consequência dos seus maus hábitos, e como eu estivera também lá na sessão de «box» também seria atingido por Deus, na Sua misericórdia, para ensinar aos pecadores uma lição da vontade Divina.

O cisma também foi atingido, e perdemos cerca de vinte adeptos, receosos de que alguma coisa lhes pudesse acontecer por se afastarem de uma casa de oração decente para irem rezar numa velha estrebaria.

Cyfartha levou Dai a Cardiff para consultar um médico, mas qualquer órgão delicado no interior dos seus olhos fora arruinado pelo soco, e o especialista foi de opi-

nião de que, embora com o decorrer do tempo, viesse a recuperar alguma visão, nunca mais recuperaria totalmente a vista.

Reuniram as suas economias e compraram os Três Sinos, onde passaram a viver. Dai estava ao balcão todo o dia, Cyfartha continuava a trabalhar na mina e à noite também ajudava.

Sòmente uma vez Dai abandonou o seu lugar no «bar» para descer à mina com o seu fato de trabalho.

Uma vez apenas para recordar, uma vez para viver novamente.

NAQUELES anos em que trabalhei como carpinteiro revelei-me um óptimo profissional. De todos os outros vales recebia encomendas de portas, caixilhos de janelas e de outros trabalhos de madeira. O quintal de Bron e este aqui atrás pareceram, em muitas ocasiões, verdadeiros depósitos de madeira. Cheguei a ter quatro operários e dois aprendizes.

Éramos felizes então. Creio que a felicidade é uma essência de bem viver que se saboreia uma ou duas vezes durante a vida; depois o gosto fixa-se e já não damos por ele, tão habituados estamos.

Matthew Harris e Gomer James andavam então sequestrando Bron procurando captivá-la com flores e doces. Eram duas boas pessoas e Bron poderia sentir-se ufana por ser o objecto das atenções de qualquer deles.

Quão estranha era a nossa maneira de viver!

Eu e Bron tínhamos vivido naquela casa durante anos a ponto de os pequenos passarem a usar calças compridas. Mesmo depois de ter comparecido perante o tribunal a nossa íntima amizade tinha continuado; quando as nossas conversas nos faziam aproximar de qualquer situação de perigo eu saía da sala ou mudávamos de conversa.

Eu tomara a firme decisão de nunca ser o motivo de perturbações para Bron e mantinha a minha decisão.

Bron acompanhava-me na firmeza de ânimo, e ou porque eu estava a trabalhar continuamente ou porque os pequenos lhe tomassem todo o tempo o certo é que pouco tempo nos restava para ficarmos a sós e tranquilos para podermos pensar.

Enquanto trabalhava pensava muitas vezes em Ceinwen. Ela porém fora-se e ninguém sabia o seu paradeiro. Fui visitar algumas vezes Mervyn, mas ele ingorava tudo a respeito da irmã e não parecia interessado em falar nela. Depois abriram uma outra carvoaria em qualquer parte e perdi o contacto com a família; assim tudo quanto restava de Ceinwen estava apenas no meu pensamento.

Depois uma noite chegou em que Matt Harris pediu Bron em casamento.

Após a ceia em casa de minha mãe voltei para casa de Bron e encontrei-a a costurar distraidamente na cadeira de balanço; devia ter os olhos fitos na porta, pois assim que a abri dei logo com os olhos dela.

Depois de nos cumprimentarmos perguntei-lhe se ela não ceava, ao ver flores sobre a mesa.

— Ceia em quantidade — respondeu-me sorrindo discretamente. — Que tal te pareceria se eu me chamasse a Sr.^a Bronwen Harries?

— Se gostas mais dele do que de Gomer, onde está a dúvida? — respondi.

— Ficarias satisfeito por ver-me ir embora, Huw? — perguntou-me com uma voz quase extinta.

— Não — disse eu, ocupado em alisar a toalha da mesa —, porque sentir-me-ei triste quando te vir ao lado de qualquer homem.

— Porquê?

— Não gostarei que outro homem viva ao teu lado ou que ocupe o teu pensamento.

— Porquê — perguntou novamente mas num tom mais vivo.

Mas estava fora das minhas possibilidades dizer porquê.

Da mesma maneira que os homens têm punhos para se defenderem têm também as mulheres à sua volta uma delicadeza de silêncio, uma barreira espiritual, feita de coisas de dor, de quietude, de desamparo, de graça, de tudo quanto é feminino e belo em igual proporção, e que lhes foi concedido, porque são mulheres, para defesa da sua feminilidade. É essa barreira que o homem encontrará sempre à sua frente para elas se defenderem do seu ataque másculo, para conservar os seus braços presos, a sua boca silenciosa, os seus olhos frios, reduzir o seu ardor e conter os seus devaneios ociosos. Essa barreira é a que as mulheres que são mulheres conservam sempre saindo da sua protecção somente quando, com conhecimento, têm confiança. Poderemos observar que é assim nos olhos delas.

Eu sabia que Bron confiava na minha palavra, mas em Harries confiava como num homem. Éramos diferentes e a diferença chocava-me, e contudo tal circunstância significava encanto, pois há honra numa confiança que repousa apenas na palavra e um deleite estranho ao pensamento de que somente uma palavra confesse manter em respeito tanta coisa.

— Porque és Bronwen — acabei por dizer. — Não há outros motivos.

— A lei é contra o nosso casamento — disse Bron calmamente.

Olhei para ela e observei-lhe os olhos cheios de lágrimas, a cabeça pendida para o lado, como se quisesse abençoar-me, a sua boca a tremer e as mãos apertadas no colo.

— Muito tempo nos conservámos juntos, Bron — disse eu — e Deus abençoe esses dias. Mas o caso não é de lei. É que nem tu és mulher para mim nem eu sou homem para ti.

— Eu já sabia isso! — exclamou ela a chorar. — Mas ter-te a meu lado já é um consolo. Tu és como o Ivor e em ti eu revejo-o. Na tua voz eu ouço-o. Os teus olhos são iguais aos dele. Calças-te como ele se calçava. Ele penteava-se como tu!

Eu tinha pensado que os nossos sentimentos, o nosso silêncio fossem os mesmos, nascidos do mesmo receio, um receio de contacto que poderia conduzir à união, mas agora sentia-me arrefecer ao compreender que Bron conservara a barreira o mais que pudera apenas para me desviar, pois descobrira o que eu pensara e suportara essa situação somente porque via em mim o meu irmão. Era-lhe querida a semelhança e ansiava por tudo aquilo, e fora destemida, pronta para resistir àquilo que era realmente meu somente para ter aquelas pequenas coisas que em mim eram semelhantes às de Ivor.

Oh, que coisa gloriosa e estranha, nas suas diversas maneiras, é o amor de uma mulher!

— Bron — pronunciei sem a olhar —, sabias a razão por que eu estava envergonhado?

— Sim — respondeu com aquele sorriso que não era sorriso —, mas não faz mal.

— Porquê? Suponhamos que eu tivesse sido um louco.

Olhou para o fogo. Tudo estava calmo, excepto a chaleira, que assobiava como para dizer-nos que estava já muito quente e que a tirassem dali, de contrário transbordaria e a chapa do fogão enferrujar-se-ia. Tirei-a do fogo e ajoelhei-me ao lado de Bron sentindo ardor por ela e ao mesmo tempo frio dentro de mim; coisa estranha, estava calmo a ponto de poder pegar-lhe na mão e sentir por ela apenas amor do coração.

— Bom — desabafou ela, em voz baixa e pesarosa, mas com um sorriso que era também uma careta de choro —, suponho que também teria sido capaz de cometer uma loucura!

— Por causa de Ivor? — perguntei.

— Quem sabe? Por causa de Ivor, sim, para ter a ilusão da sua volta. Mas também por tua causa. Eu sentia-me triste por causa de ti também. Tão só e sempre tão bom para mim!

— Então porque sabias que não estava certo casares comigo? — perguntei-lhe, admirado.

— Ch — respondeu Bron movendo a cabeça. — Ivor era forte, e eu tinha medo. Sou onze anos mais velha que tu. Tu és jovem e o teu pensamento está longe de mim.

— Mas medo porquê?

Olhou para mim calmamente e vi minha mãe, uma outra minha mãe.

— Já estiveste alguma vez com uma rapariga, Huw?

— Já, sim.

— Quem? — perguntou, olhando novamente para o fogo.

Fiquei calado porque não estava disposto a desvendar o que se tinha passado no alto da montanha.

— Ceinwen Phillips — disse ela como se eu tivesse respondido.

Não disse palavra.

— Oh, Huw — disse ela, pondo um braço à minha volta. — Como me sinto triste.

— Porquê?

— Porquê, porquê, porquê — continuou ela com uma risada. — Toda a vida a dizer porquê. Desta vez porque é pena pensar na ruína da inocência.

— Mas achei que essa ruína era bela, muito mais que a vida.

— Sim — disse ela a sorrir. — Belo, realmente! Ivor disse-me a mesma coisa.

— É por isso que não nos podemos casar — declarei eu levantando-me. — Ivor encontrou em ti o seu universo. Serei eu quem deverá trazer-te algo de diferente e p.sar onde ele ainda vive? Respeitemos a sábia lei.

— Mas, Huw — observou ela, alguma coisa chocada —, qual era então esse universo de Ivor?

— Aquele que descobrimos com uma mulher — disse eu, mas envergonhado de falar nisso, porque traduzido em palavras soa a falso.

— Que universo é esse, Huw? — perguntou e dispôs-se a escutar as minhas palavras.

— Oh, Bron, só sei como ele foi para mim. Sômente por um momento vivemos e nos sentimos verdadeiramente vivos. É beleza e é música. Sou um louco.

— Não, realmente — disse ela com suavidade. — Mas eu também tenho um universo. E tê-lo-ei com todo aquele com quem consentir partilhá-lo. Ivor foi o primeiro porque aceitei Ivor e ninguém mais. Tu serias o segundo se eu tivesse dito sim, mas nenhum de vocês se eu tivesse dito não.

Assim, Bron mostrou-me outro aspecto da energia de uma mulher, que é mais forte do que os punhos, os músculos e os gritos dos homens. Porque, em vez de pensar nela como o guarda de um mundo a mim negado e estranho a mim por pertencer a outrém, fui levado a encará-la como proprietária e possuidora, com direito de recusa e de sanção sobre tudo como participe e com direito de dizer quem e quando, de acordo com a vontade dela e de ninguém mais.

O mundo que eu partilhara com Ceinwen era tanto dela como meu, e o mundo que Ivor tinha conhecido era tanto dele como de Bronwen. Era uma morte para mim pensar em Ceinwen como possuidora e com direito a permitir que outro homem participasse dele. Mas se eu tinha direito a pensar no mundo com Bron não havia razão para negar a Ceinwen o direito de o partilhar com outro homem.

— Huw, pensaste nas crianças?

— Quais crianças? — perguntei-lhe como se uma luz brilhante me ofuscasse.

— As crianças — voltou Bron suavemente, olhando-me com ar de dó. — Ivor tinha dois filhos.

Eu continuava abstracto, pois vezes há em que o pensamento não está presente e as palavras são apenas sons sem sentido.

— Gareth e Taliesin, lindas crianças na realidade. Eles ririam se me tivessem como pai ou até como padrasto.

— Mas supondo que fosses o pai, Huw, então?

Tão surpreso me mostrei que Bron começou a rir.

— Esperas descobrir esse mundo sem te tornares pai?

— Oh, Bron, por Deus — disse eu, e um frio tomou posse de mim fazendo-me tremer e gelando-me o cérebro. Chegava a sentir a palidez no meu rosto e a voz do Sr. Gruffydd nos ouvidos.

Ela olhou para mim fixamente e as rugas da sua testa desmancharam-se como se qualquer coisa lhe tivesse passado por cima.

— Ouviste falar dela? — perguntou.

— Procurei-a muitas vezes — disse eu com uma dor na garganta — mas ela foi-se. Nem mais uma vez pensei nisso durante estes anos. Eu sou um animal.

— Quer dizer: primeiro um mundo de beleza e de música; depois um animal.

— Uma responsabilidade — disse eu ouvindo uma voz profunda — em beleza e majestade inexprimíveis.

— O Sr. Gruffydd — disse Bron com simplicidade. — A beleza e a música. É um apelo, Huw. E muitos não são fortes.

— Sentes esse apelo, Bron?

Ela sorriu para o fogo e ficou calada brincando com a sua aliança de casamento.

— Sinto, sim — respondeu ela. — É estranho falar desta forma. Há pouco eu teria corado se falasse assim. Sinto-me contente por a mãe não estar aqui. Ela por certo me desprezaria.

— Pois eu prezar-te-ei ainda mais — disse-lhe beijando-lhe a face — e tu irás casar-te com Matt Harries.

— Vou pensar nisso — voltou ela levantando-se para ir buscar a lata do chá.

— As crianças serão acarinhadas por ele porque ele é bom.

— Eles terão ciúmes — disse-lhe.

Ela olhou de lado para mim e sorriu-se. Senti-me corar novamente, capaz de rebentar a cabeça de encontro à parede por sentir-me tão estúpido.

— Estás com ciúmes, Huw?

— Não, não estou.

— Com certeza?

— Com certeza — asseverei, porque senti no ambiente o calor de Ivor, e o pensar que ele estivesse junto de nós encheu-me de piedade.

— Como sabes? — perguntou, talvez um pouco despeitada como se eu a estivesse a menosprezar como mulher. — Sou assim tão feia?

— Oh, Bron — acudi. Mas ela voltou-me as costas. — Não és feia, mas sagrada. E agora mais que nunca. Como poderia eu ter ciúmes? Se cometesemos qualquer loucura cortaria a minha garganta de vergonha.

— Onde estará a loucura e porque seria a vergonha? — perguntou, fria, as mãos apoiadas na lata do chá e olhando para longe. — Serei alguma das da rua?

— Olha, Bron, tu e Ivor. Ele foi-se, mas tu estás aqui. No entanto para mim ele ainda está presente. Tu e ele formam um todo. Ver-te é vê-lo. Tocar em ti é tocar nele. Pensar em ti é pensar nele. Ele impregna-te como a alfazema. As mãos dele te tocaram, a boca dele te beijou. Ele esteve contigo e serviu-se da tua carne para que tiveses os seus filhos. Onde haverá lugar para mim?

— Mas, Deus do Céu! — exclamou Bron, mais branca do que a cal e de olhar fixo de meter medo. — Então eu sou uma propriedade? Sou Bronwen Morgan, mas Morgan porque quis. Ivor é ainda Ivor para mim. Mas que direito tens tu de me considerar uma propriedade? Deixa-te de pensar tolices e toma uma xícara de chá.

Calei-me, bebi a minha xícara de chá, silencioso, pensativo, observando Bron mas sem vontade de falar. Pensei sentir um pouco de despeito também pelo facto de os meus nobres sentimentos terem sido colocados no caixote do lixo, onde, sem dúvida, era o lugar próprio.

— Não me casarei — rematou Bron calmamente. — Fica assim decidido. Mas acabaram-se as tolices. Está bem?

— Está bem — disse eu acendendo uma vela. — Boa-noite.

— Boa-noite.

Sentei-me. Ela, ligeira, subiu as escadas e atravessou a patamar para o quarto da frente.

Pela primeira vez ouvi a chave girar na fechadura firme e decisivamente.

Durante muito tempo depois o amor voltou a viver entre nós, desta vez porém sem aquele encanto de outrora, mas com um travo de ressentimento até que compreendi que o melhor seria abandonar aquela casa para que nela houvesse tranquilidade.

Que horrível sensação a de chegarmos à conclusão de que representamos um empecilho para alguém que nos é querido.

Mas Matt Harries resolveu o problema.

Era um homem dotado de cabelos louros e espessos e um belo bigode da cor dos cabelos, sempre correcto, mas nunca engordurado. Tinha também belos olhos cinzentos que nos encaravam com firmeza.

— Huw — disse-me ele um dia, aqui, no nosso quintal. — Posso fazer-lhe uma pergunta?

— De que se trata? — perguntei por minha vez, admirado.

Ele conservava na mão uma ripa de mogno de que arrancava lascas que atirava ao ar.

— O Huw terá de conservar-se calmo — continuou, muito sério, com os olhos cinzentos fitos em mim.

— Então explique-se — disse-lhe, e encarei-o também.

— Bronwen — pronunciou ele, calmo, como se tivesse vergonha de pronunciar-lhe o nome.

— E então? — inquiri, já impaciente.

— Fala-se por aí — respondeu ele, como se lhe custasse a pronunciar as palavras.

— Mas fala-se o quê?

— O Huw e Bron — disse ele em tom baixo. — Sei que é tudo mentira. Mas há quem diga que quer eu quer Gomer não somos aceites porque há você de permeio.

— Quem diz isso?

— Foi minha mãe que ouviu falar nisso, já há semanas, no mercado.

Como estamos cegos por vezes! Como pudera eu ter imaginado que viveria com Bron na mesma casa dia a dia, anos a fio, com duas crianças apenas em casa a nosso lado, sem que as línguas do mundo se manifestassem? Devo ter estado cego durante todo esse tempo! Devia compreender que as pessoas que têm latrinas no espírito estão sempre à espera que um homem viva na mesma casa com uma mulher para começarem a exalar os maus cheiros da sua perversidade a ponto de nos admirarmos que essa gente não se desfaça em podridão.

Fui então directamente falar com Bron. A princípio ela sorriu a medo e depois abertamente com aquele sorriso que era só dela.

— Há muito tempo que estou a par disso.

— Quê? Já sabias, e nem uma palavra me disseste?

— Para quê? Para tu cometeres qualquer violência? — expressou-se ela rindo. — Não. Deixa-os falar. Não são dignos que se lhes cuspa em cima. Que mal é que nos podem fazer? Estou como sempre fui. E tu estás nos mesmos casos. Como nada têm em que pensar, intrigam.

— Pois deixa-me encontrar algum intriguista. Arrancar-lhe-ei a língua.

— Deixa-te disso! — disse ela com uma das suas mãos apoiada no meu braço.

Beijei-a e saí. Subi ao alto da montanha para tranquilizar o espírito porque sentia um ódio selvagem contra todos e somente lá em cima havia um lugar onde pudesse repousar, onde poderia esquecer a maldade do homem contra o seu semelhante.

Foi naquele dia que me bateram os dentes com terror. Regressava mais calmo, pronto a admitir a maledicência do próximo quando notei uns homens que montavam uns pilares para o transporte de escórias do alto da montanha directamente para a parte traseira da nossa casa e de todas as outras.

— Bom dia, Lewis — dirigi-me ao capataz. — Para que é isso?

— As escórias vão ser conduzidas para esse alto — respondeu.

— Mas isso acabará por submergir-nos — continuei.

— Talvez, sim, mais tarde — admitiu ele —, mas levará anos.

— Mas eles não têm o direito de fazer isso — protestei. — São aqui as nossas casas.

— Ora essa?! — Onde queres que ponham a escória, homem? — exclamou. — Também és interessado nisso. Se queres continuar a trabalhar tens de admitir que a escória precisa de ser posta nalgum lado. Por isso é que a põem aqui.

Fui ter com meu pai, que se limitou a menear a cabeça e a limpar os óculos.

— Temos de fazer qualquer coisa, meu pai. Não temos tempo a perdêr.

— Mas que podemos fazer? — respondeu-me com calma. — A escória tem de ser posta nalgum lado. Se a conservarem no fundo da mina como costumavam fazer, isso implicará diminuição do salário do pessoal. Enquanto amontoam escória não extraem carvão. De modo que tem de se fazer assim.

— Quem vendeu a terra? — perguntei-lhe. — Jones, o guarda da capela?

— Não. Esse já a vendeu há muito tempo.

— Mas a quem? Se soubéssemos iríamos ter com o proprietário.

— O dono das terras era Abishai Elias. Era porque as vendeu à mina. É o destino de todas as terras da montanha.

— Uma luta covarde — comentei eu.

— Sim — concordou meu pai.

Depois surgiram novas complicações com Davy. Ele tinha regressado há semanas quando meu pai o convidou para trabalhar no seu poço e ele alegremente aceitou. Wyn estava cansada de andar de um lado para o outro e também ficou contente. Uma manhã, quando ele subia a colina, encontrei-o e mesmo sob a poeira que o revestia percebi que vinha furioso.

Contou-me que depois de ter estado a trabalhar a semana inteira com água pela cintura lhe tinham pago o salário reduzido, com desrespeito absoluto pelo salário mínimo.

Na segunda-feira seguinte não lhe permitiram que trabalhasse por ter escrito uma carta ao gerente.

Meu pai foi de opinião de que se entregasse o caso a um advogado, o que fizemos.

— Vocês têm razão — disse. — Eu trato do assunto.

Concordámos, mas o tempo foi passando sem o tribunal se manifestar e o di-nheiro escoava-se, mas meu pai animava Davy procurando convencê-lo de que iriam ganhar a causa.

Chegou afinal o dia da audiência e Davy foi convocado para comparecer perante o tribunal.

Quando lá chegámos o nosso advogado esperava-nos à porta para nos aconselhar um acordo com os proprietários da mina com o argumento de que eles eram poderosos.

Meu pai ficou indignado pelo conselho e ali mesmo ameaçou o advogado de que seria vítima das maiores violências se não envidasse os seus maiores esforços na defesa dos interesses de Davy.

Num plano elevado do tribunal, que era uma ampla e boa sala, estava o juiz.

O nosso caso foi um dos primeiros, e o advogado dos proprietários expôs o caso, revelando a vida passada de Davy, considerado um agitador das massas, a sua expulsão e a isenção dos proprietários aceitando-o em atenção ao pedido de meu pai.

— Que tem isso que ver com a reclamação? — perguntou, impaciente, o juiz.

— O meu constituinte sustenta não haver motivo para reclamação. O homem recebeu o salário, o qual, admitimos, era inferior ao salário mínimo porque, segundo a opinião do gerente, ele era um trabalhador medíocre. As testemunhas prová-lo-ão.

O nosso advogado sorria de vez em quando para o advogado da outra parte.

— Quero ouvir o reclamante — disse o juiz. Era de ver a cara pouco satisfeita do nosso advogado.

— Como conseguirá provar, para satisfazer o tribunal — dirigiu-se bondosamente o juiz a Davy —, que é de facto um trabalhador competente que merece o seu salário?

— Trabalho desde a idade dos doze anos, Excelência — respondeu Davy.

— O senhor pode trabalhar durante cinquenta anos sem por isso poder provar a sua competência — opôs o juiz.

— As ordens de pagamento — cochichou meu pai, com os olhos cintilantes. — As ordens, homem. Onde estão?

Graças a Deus, que nos valia agora uma vida inteira de arrumação, pois tínhamos arquivado todas as ordens de pagamento desde a primeira fêria que havíamos recebido.

Eu tinha-as trazido e estava de pé com os maços nos braços e os olhos de Davy dirigiam-se do juiz para mim.

— Quem é esse homem? — perguntou o juiz.

— É meu irmão, Excelência, com a prova da minha competência. São as ordens de pagamento de todas as fêrias que recebi desde que comecei a trabalhar.

O juiz passou pela vista, uma após outra, todas as ordens de pagamento e depois olhou para Davy e para o advogado.

— Pode alguém explicar-me — disse o juiz — como pode um homem, durante anos, ganhar mais de seis vezes a quantia em litígio e ser considerado um trabalhador incompetente?

Ninguém respondeu, mas o ar carregava-se cada vez mais à nossa volta.

— Parece que ninguém pode explicar — continuou o juiz. — Na minha opinião, pelas ordens de pagamento passadas pela mina, é a própria companhia que fornece a prova de que o queixoso é um trabalhador competente, e por consequência apto, segundo o estipulado no acordo, a receber o salário mínimo. Concedo, portanto, provimento à reclamação, com custas para a companhia.

Ceámos muito tarde naquela noite, pois tinha vindo gente de todos os vales para felicitar meu pai e Davy. Minha mãe observava toda aquela gente com uma mão no peito e a fazer pregas no avental com a outra, com um sorriso amarelo.

Sabia, e meu pai não o ignorava, que todas aquelas caras tinham quatro faces.

— Não temos ilusões — disse-nos meu pai quando ficámos sós. — Este é o nosso

último dia neste vale. Com mais dois anos de trabalho ficarei liquidado. Ianto trabalha de ferreiro e Huw de carpinteiro. E tu, Davy, que farás tu, meu filho?

— Irei para a Nova Zelândia, meu pai — respondeu Davy. — O pai de Wyn acompanhar-nos-á.

— Poderias ir ter com os teus irmãos aos Estados Unidos — continuou meu pai com a voz a tremer, pois já adivinhava a resposta dele.

— Nova Zelândia — repetiu Davy sem qualquer modificação na voz ou no rosto.

— Sentir-me-ia feliz, meu filho — continuou meu pai —, por saber que todos os meus filhos estariam juntos. Eles são teus irmãos.

— Nova Zelândia, meu pai — replicou Davy.

— Então está bem — anuiu meu pai.

— Meu pai — disse Ianto — Sinto muito ter de lhe dizer, mas eu também vou.

— Tu também, Ianto? — disse ele, rígido. — Também para a Nova Zelândia?

— Não, meu pai — disse Ianto erguendo a vista —, para a Alemanha. Está aí um montador alemão que me disse que tem possibilidade de me arranjar um trabalho melhor do que aqui.

— Não digam à mãe — pediu meu pai. — deixem passar o dia de hoje.

— Vamos ler um capítulo, meus filhos? — propôs meu pai.

— Que capítulo, meu pai? — perguntou Davy e levantou-se para ir buscar a Bíblia.

— Isaías, cinquenta e cinco — disse meu pai. — «Todos vós que tendes sede vinde às águas, e os que não tendes dinheiro apressai-vos, comprai e comei; vinde, comprai sem dinheiro e sem nenhuma troca vinho e leite».

Enquanto Davy lia minha mãe veio sentar-se ao lado de meu pai. Olwen sentou-se no chão com o lenço no joelho dele e o rosto pousado no braço. Ele colocou-lhe a mão na cabeça enquanto a sua outra mão repousava no colo de minha mãe. Minha mãe conservava as mãos apertadas ao peito.

40

IANTO e Davy partiram ao mesmo tempo porque Ianto sabia que duas despedidas seriam duplamente penosas para a mãe.

Engradei e encaixotei tudo quanto pertencia a Davy, mobílias e louças, mas foi uma tarefa muito penosa para mim. Cada martelada que dava parecia-me que afastava Davy para mais longe.

Uma manhã apareceram à minha mãe com os casacos nos braços e os chapéus nas mãos. Chegara a hora de abandonar a casa.

A despedida foi dolorosa para todos embora minha mãe se esforçasse por não chorar. Ianto saiu primeiro, depois Davy, seguidos por meu pai.

Minha mãe foi sentar-se junto do fogo com a cesta da costura aos pés. Ela só costumava coser meias durante o sossego da tarde, e se se sentou foi para pensar neles, mas nunca a vi tão curvada e tão lenta no enfiar da agulha.

No meu atlas tentei indicar a minha mãe os pontos para onde os seus filhos tinham ido ou iam. Através do Atlântico risquei traços para indicar o paradeiro de Owen e Gwilym, de Angharad, na Cidade do Cabo. de Davy, na Nova Zelândia, e de Ianto, na Alemanha.

Olhava para o atlas com a cabeça inclinada para trás, os olhos de lado, e pegava no livro com dedos distraídos, sem curiosidade de ver, indiferente, com a atenção longe do que lhe dizia. Nada queria ouvir, nada queria ver que lhe trouxesse mais gelo ao coração do que lhe produzira a partida dos seus filhos.

— Que traço é esse? — perguntou-me sem se interessar por pôr os óculos.

— Uma linha até Owen e Gwil — respondi eu apontando. — Aqui é a linha para Angharad. Ali para Ianto e mais abaixo para Davy e Wyn. A mãe é como uma estrela. Desta casa irradia luz até tão longe, através de mares e continentes.

Foi uma sorte que Ianto e Davy tivessem partido na altura em que o fizeram pois se tivessem esperado até o fim do ano ter-se-iam certamente metido em complicações.

— Estão a chegar os maus tempos — dizia meu pai como se estivesse a vaticinar o bom ou mau tempo que fazia. — Desta vez será pior que nunca. Já disse a tua mãe que se preparasse para um mau Inverno. Mas felizmente que os teus irmãos não estão cá. Roer-me-ia o coração se os visse na cadeia.

De facto a agitação intensificava-se. Os comícios sucediam-se sem ordem nem organização. Toda a gente arengava e todos tinham auditório.

Eu ocupava-me no meu trabalho, de manhã à noite, sem tempo nem ocasião para reparar no que se passava no exterior da minha oficina.

Num sábado em que Bron fazia anos pensei levá-la e a Olwen à cidade não só para lhes proporcionar um passeio mas também para lhes comprar umas coisas.

Foi um dia esplêndido, passado com alegria e boa disposição. Pessoas paravam na rua a olhar para elas e eu via que o faziam por as acharem encantadoras.

Entrei numa livraria, onde passei, encantado, uns momentos enquanto Bron e Olwen compravam as suas coisas nas lojas de artigos femininos.

Foi Bron, que entretanto chegara, que me puxou delicadamente para a porta.

— Novamente às voltas com os livros — disse-me. — E nós aqui, para baixo e para cima, enquanto tu metes o nariz em todos os livros.

— Vamos comprar livros para as crianças — volvi eu, pois o livreiro olhava para mim como se eu tivesse algum livro debaixo do casaco.

— Dois Evangelhos — pediu Bron.

— Ora, Bron, deixa-te disso. Eu queria dizer livro para ler. Se lhes oferecesse um Evangelho, eles agradecer-me-iam?

Depois de uma atenta conversa com o livreiro, um homem de aspecto bondoso, inteligente e de muita conversa, adquiri *Ivanhoé* e a *Ilha do Tesouro*. Eu mesmo li umas páginas de qualquer deles até que Bron começou a bater o pé, impaciente.

— Vamos embora; vamos ver se descobrimos outra livraria para eu morar dentro dela — sugeriu Bron. — Daqui a pouco as lojas fecham.

Depois de tomarmos uma xícara de chá a impaciência desapareceu-lhe, e o mundo era óptimo quando chegámos ao mercado. Olwen chegou mesmo a cantarolar.

O mercado era amplo e alto; por cima era envidraçado e o sol alagava de luz os lugares, muito asseados e cheios de coisas boas. Pairava um cheiro agradável, misto de muitos odores, de hortalã, aipo, couve, toucinho salgado, presuntos, caramelos, roupas, couro, queijo e flores.

Comprámos flores, queijo, presunto, dois rolos de flanela, dois pares de resistentes botas para as crianças, um avental feito à mão para minha mãe, e eu saí com os bolsos abarrotados de caramelos, que, deliciados, saboreávamos.

Depois ainda comprámos bonecas para as filhinhas de Ceridwen, um barco e uma máquina para os pequenos, caçarolas de cobre para minha mãe e uma colecção de formas de geleia para Bron. Fiquei à espera enquanto Bron vestia um vestido e Olwen comprava um casaco e quando saíram vinham carregadas de embrulhos e cansadas de tanta compra, mas se tivessem gasto um milhão de libras não poderiam mostrar mais alegria do que aquela que se lhes lia nos olhos.

famos carregados como ouriços quando nos pusemos a caminho da estação, e cantávamos quando Thomas nos encontrou.

Na curva da estrada antes da elevação que conduz ao vale Thomas, impaciente, deu um estalo com a língua.

— Conversa, sempre conversa — explicou-se. — Há uma porção de horas que não fazem senão falar. Muito me admiraria se alguém tivesse ficado no vale.

— Que se passa? — perguntei, surpreso.

— Estão em greve — respondeu.

— Vou até lá — continuei. — Interessa-me ouvir o que estão a dizer.

— Nada de complicações, Huw — disse Bron tentando reter-me. — Não vás lá!

— Pare o carro, Thomas — ordenei eu, desci do carro e dirigi-me para o lugar do comício.

Um estranho à região falava do capital e do trabalho e citava Marx e Hegel. Marx era mostrado como um Cristo e Hegel como um S. João Baptista e o ouro manava abundantemente entre ele como a água do Jordão, capaz de ser apanhado a baldes cheios.

Escutei-o durante alguns minutos, mas faziam demasiado barulho à minha volta para que eu pudesse perceber tudo quanto dizia; além disso os ouvintes discutiam entre si chegando por vezes a vias de facto. Revolução e anarquia era o que o orador preconizava com uma bandeira vermelha a drapejar sobre tudo e todos os homens iguais. Sentia-me doente, no mais íntimo de mim mesmo e sem coragem para qualquer esforço. Voltei então para casa, no escuro, deixando para trás de mim aquele barulho, até que o montão de escórias o abafou completamente. Foi essa a única vez que encontrei utilidade nele.

Doía-me que homens pudessem ser tão cegos mas ainda me custava mais saber que os meus irmãos, o Sr. Gruffydd e os bravos dos primeiros dias tinham sido todos esquecidos numa loucura de pensamento que dava mais importância a palavras de estrangeiros que aos princípios dos nossos pais.

Sentia-me aflito sem saber que fazer: se voltar para lá e falar-lhes, se deixá-los ir, na companhia de estrangeiros, para receberem uma lição.

Desci pelo caminho do rio morto com as escórias a erguerem-se por detrás de mim, sentindo sob os meus pés a rijeza da pedra onde anos antes as trutas esperavam moscas. Fiquei ali imerso numa abstracção olhando para a montanha negra somente com o vento do nordeste a passar o seu pente pelas ervas.

O firmamento tornou-se de súbito aurifulgente, a montanha de prata, o rio corria livre e largo como um mar com um cintilar de pedras preciosas. Tudo à volta da montanha brilhava, e eu vi, com temor, que uma massa de homens estava ali a contemplar o vale, armaduras brilhavam e as mãos estavam enclavinadas nos punhos das espadas apontadas para o chão.

Fiquei assombrado pela maravilha, e uma trombeta atroou os ares com notas másculas e ricas e milhares de bandoleiras se ergueram como se fossem uma só, espadas levantaram-se num coruscar de labaredas e calcanhares de aço entrechocaram-se.

Um rufar de tambores soou com singular vigor e as bandeiras começaram a mover-se, uma poeira dourada se levantou das fileiras em marcha e brilhava em torno dos seus capacetes chegando quase às fitas que pendiam dos topos das bandeiras.

Depois todos os ventos acorreram para espalhar o som de um nobre hino pesado do aroma do tempo que se foi.

As multidões cintilantes cantavam agora com mais vigor e o meu coração sangrava ao ouvir uma voz bem minha conhecida.

Os homens do vale marcham novamente.

Os meus pais estavam a cantar lá em cima.

Alto, triunfante, o cântico de alegria explodiu e verifiquei, nalgum ponto pro-

fundo do meu ser, que na música majestosa havia uma prece para elevar o meu espírito, para me encher de sã alegria, para me conservar a fé de que a morte é apenas um fim para as coisas que são feitas de barro e para lutar, sem receio de ferimentos, contra tudo quanto traz a morte ao espírito, com glória para o Pai Eterno para todo o sempre. Amen.

Trombetas soaram novamente e o rufar dos tambores dava ordens aos pés, que marchavam através do firmamento dourado. As bandeiras eram agitadas pelos ventos para mostrar os dragões carmesins, e à frente um tropel de aço brilhava em torno da cruz e da coroa.

Passaram junto de mim e eu voltei à escuridão. Os meus olhos estavam cansados da contemplação e pensei que poderia ainda escutar a voz além da voz do vento.

Subi lentamente a estrada que conduz à aldeia e levantei a cabeça ao passar pelo pórtico de conchas de mariscos e encaminhei-me para nossa casa.

— Demoraste-te tanto tempo, Huw! — disse minha mãe a sorrir como nunca fizera. — Aconteceu qualquer coisa desagradável?

— Alguma coisa te preocupa, meu filho? — insistiu com uma mão apoiada no meu braço.

— Únicamente o que acabo de ouvir no comício, minha mãe.

— Que foi? — perguntou meu pai.

— Não falaram senão em revolução — expliquei. — Imagino o que diriam os meus irmãos se ouvissem aquilo.

— Deixá-los — concluiu meu pai soltando baforadas de fumo do cachimbo. — Acabarão por se cansar.

— Oh! — exclamou minha mãe impacientemente. — Esta noite não perturbemos a nossa tranquilidade. Venham ver os presentes e depois cear.

Quando voltámos para casa dei a Bron a prenda que lhe tinha oferecido: um broche de ouro com uma pedra.

— Oh! — disse ela com os olhos brilhantes, e vi que a sua boca se adoçava para mim, mas nada havia em mim para lhe corresponder, porque a voz parecia ter-me tomado toda a minha energia.

— Pô-lo-ei no teu melhor vestido de seda — disse eu.

O seu rosto sofreu uma mutação com as rugas que se lhe formaram, e em pensamento amaldiçoei-me, pois o seu melhor vestido de seda fora sempre o preferido de Ivor; assim nunca devia ter proferido aquelas palavras.

— Obrigado — disse ela e saiu rápida para acender as velas.

Fiquei na cozinha enquanto ela subia a escada sem se despedir de mim, mas eu sabia que se ele não o tinha feito fora para não me mostrar as lágrimas.

Durante alguns minutos fiquei ali indeciso sobre se iria à sua procura e beijá-la e pedir-lhe perdão para o meu estouvamento, mas ainda tinha no ouvido as vozes que julgava ouvir na montanha e fiquei quieto, sentado, a escutar. E novamente a chave girou na fechadura.

Na manhã seguinte homens a correr pela colina acima davam a nova de que haviam declarado a greve no vale vizinho.

Minha mãe olhava o meu pai a furto durante o almoço mas o seu rosto mantinha-se inexpressivo.

Bronwen fora com Olwen cedo para Tyn-y-Coed para fazer uma limpeza à casa, mas antes de ela sair preparei-lhe uma xícara de chá e preguei o broche na parte interior do avental.

Naquela tarde Olwen veio, a correr, ter comigo com sinais de lágrimas nos olhos dizendo que os grevistas do outro vale estavam a rodear a montanha e que tinham trocado dela e de Bron por causa do parentesco com Iestyn.

— Então vocês terão de lá voltar amanhã — aconselhei eu, indignado. — Eu vou também e mostrar-lhes-ei...

— Eles disseram-nos coisas horríveis. Queriam despir-nos.

Meu pai tinha uma expressão vaga quando voltou naquela noite.

— Greve novamente — anunciou —, nada se pode fazer.

— Porque serão os homens tão parvos? — perguntei. — A vida dá-lhes lições constantemente de que não aproveitam.

— Poucas palavras razoáveis — continuou meu pai —, lisonja, algumas outras palavras para captar simpatias e são como carneiros para o matadouro. Aos que não vão em tais pessegadas chamam-lhes cobardes ou capachos dos patrões. Tu sabes bem quem são.

— Que há de novo — pretendeu saber minha mãe.

— Senta-te e espera — respondeu meu pai. — Não vale a pena vaticinar. Muitos meteram-se na alhada sem saber porquê. Não direi coisa alguma antes que mo peçam...

— Bem, meu pai — interrompi. — Talvez seja já a altura de sairmos e falar-lhes.

— Meu filho — disse-me —, os teus irmãos não estão aqui em casa sòmente porque falavam por eles e para eles. Bastante os aconselharam a que não fizessem greve. Compreenderam a inutilidade dos seus esforços como eu já a tinha compreendido. Estão loucos de tolices. Neste momento não vale a pena falar-lhes. Deixá-los.

41

NAQUELA noite desci à aldeia para colocar postigos nas janelas dos Três Sinos.

Dai estava aborrecido porque uma greve significava a paralização do negócio e um aumento considerável de fiados, e Cyfartha estivera a suportar-lhe as invectivas desde que entrara.

— Ai que se eu tivesse em ordem os meus pobres olhos — dizia Dai acaloradamente — mostraria a alguns sujeitos o caminho da razão.

— Oh, Dai — respondia o sócio, envergonhado —, mas eu poderia ficar na mina sòzinho arrancando carvão sem ninguém para o transportar?

— Já te disse que sim — afirmou Dai. — Preferia ver-te no Inferno a receber ordens dessa gente. Perdemos dinheiro com as greves. Que se ganha com uma situação destas, não me dizes. Nada, nada.

— Estou de acordo. Mas que ganhava eu se lá tivesse ficado em baixo apenas com o rapaz? — retorquiu Cyfartha.

— Pois ficasses lá até apodrecer — continuou Dai —, mas pensasses com a tua própria cabeça.

— Estou cansado de mais para falar, meu caro Dai — concluiu Cyfartha. — Vou emborcar um barril e embebedar-me para um par de dias. É o melhor que tenho a fazer.

— Se eles tivessem seguido os conselhos do seu bom pai — disse Dai voltando-se para mim — em vez de dar ouvidos aqueles que pensam com cabeças ocas... Que tristeza!

— São os desportistas — respondi eu —, o gado.

— Estou pronto a desancá-los — replicou Dai. — Os postigos ficaram bons?

— Resistentes como a casa — disse eu. — Estará com receio de qualquer coisa?

Dai aproximou a boca do meu ouvido, depois de deitar à sua volta um olhar suspeito.

— Eles juraram inundar os poços desta vez — murmurou ele. — Ninguém sabe donde vêm as ordens. Ouvi isso aqui, no bar, mas em conversa. Ouvidos abertos, boca fechada, meu caro Huw. Se souber alguma coisa venha contar-me.

— A propósito — comecei eu. — Tenciono ir até Tyn-y-Coed buscar minhas irmãs. Alguns dos tais sujeitos excederam-se na linguagem diante delas e elas ficaram atarrasadas porque eles queriam deitar-lhes as mãos por serem parentes de Iestyn.

Dai olhou para mim com a boca aberta lançando olhares ora para mim ora para Cyfartha.

— As suas irmãs? — exclamou. — E o que estamos nós aqui a fazer? Huw, eu e tu, vamos fazer uma esperazinha amanhã à noite, e Cyfartha e alguns camaradas fixos ficarão a uma distância de nós. Concordas, Cyfartha?

— Absolutamente de acordo, Dai — respondeu o companheiro. — Estou sempre de acordo contigo.

James Rowlands entrou com cara de quem traz más notícias.

— Winston Churchill mandou tropa para aqui — anunciou, quase sufocado.

— Quem diabo é esse senhor? — perguntou Dai.

— O ministro do Interior — esclareceu Rowlands, bebendo um copo que Cyfartha lhe pusera na frente. — De Londres.

— Soldados ingleses para combater galeses? Teriam coragem para tal, ou seriam suficientemente malucos para o fazer? — perguntou Rowlands.

— Os únicos malucos aqui somos nós — retorquiu Dai. — Mas soldados ingleses, hem, Cyfartha?

— Sarilhos — completou Cyfartha.

— Com olhos ou sem eles — disse Dai — lá estarei na brecha. Abomináveis soldados ingleses! Para o Inferno com eles.

Dois dias mais tarde apareci por lá no momento em que ambos serviam aos soldados do Regimento de Cavalaria Ocidental e alguns fuzileiros de Munster toda a cerveja que quisessem sem receber um centavo como pagamento e disse a Dai:

— Mas que feras que vocês são! Para o Inferno com os soldados ingleses, hem? E aqui a encherem-nos de cerveja!

— Oh! — exclamou fazendo-se corado. — Eles são bons rapazes. A ninguém fazem mal e estão danados porque os mandaram para cá.

— Educados são eles — acrescentou Cyfartha. — Nenhum sarilho com os grevistas. Estão a ganhar uns cobres por dia e nenhum extraordinário quando ficam com um olho negro.

Noutros vales tinha havido incidentes vários, como pancada em furadores da greve. Mas no nosso vale nada houvera além de gritos, até que a guerra surgiu estupidamente.

*

* *

Sami da Água do Esgoto era um pobre diabo que se empregava na venda, na boca dos poços, de uma cerveja de gengibre que sua mãe fazia. Era uma pobre gente que vivia decentemente sem dívidas.

Os trabalhadores regressavam de um comício. Eu estava na represa à espera de meu pai e assisti ao incidente: um polícia a cavalo que gritava aos mineiros que abrissem caminho.

Sami da Água do Esgoto corria de um lado para o outro, desorientado, berrando de medo, e batia palmas enquanto as garrafas que levava caíam do cesto, quebravam-se e espalhavam o seu conteúdo pela estrada. A cada garrafa que caía e se quebrava correspondia um berro que ele dava ao tentar apanhar os cacos. Nisto o cavalo veio sobre ele a toda a brida precisamente no momento em que ele caía e se agarrava ao cavalo. Então o polícia levantou o bastão e descarregou-o na cabeça de Sami.

Daquele dia em diante qualquer farda azul com botões prateados era considerada inimiga.

Naquela noite mais de mil mineiros atacaram a mina para correr com os polícias da casa das caldeiras. Mas nem todos eram operários galeses. Havia estranhos entre

eles a dar ordens, e ouvi alguém a gritar para que inutilizassem as bombas e inundassem a mina.

Sai a correr à procura de Dai e Cyfartha e acompanhado por eles e mais uns dezassete descemos até à entrada do poço da mina.

Os vidros das janelas dos escritórios estavam todos partidos. As pedras eram atiradas como saraiva contra as paredes da casa onde estava instalado o gerador de energia. Cyfartha e dois dos nossos começaram a gritar para Iorweth. A porta abriu-se um pouco mas ao verificar que éramos muitos fechou-a violentamente. Afinal conseguimos entrar. Subimos para as janelas com prudência para não sermos atingidos por qualquer pedrada e observámos a multidão, que se estendia pelo dique na direcção da aldeia; os rostos daqueles homens mostravam-se brancos. Gritavam. A frente estavam rapazes carregados de pedras apostando para ver quem poderia partir mais vidros.

— Ele ali está! — exclamou Cyfartha. — Estou a vê-lo.

Apontava para um grupo, que se mantinha à distância da multidão, no qual pontificava um homem de chapéu de coco, que falava muito.

Dizendo-nos que nos mantivéssemos tranquilos Dai e Cyfartha saíram e só apareceram em plena luz quando se achavam a poucos passos do grupo e então... um após outro os homens caíram estendidos no chão braços a voar, rostos brancos um instante desaparecendo logo depois. Depois os dois recuaram, com as mãos nos bolsos, deixando atrás de si uma pilha de gente estendida.

— Iorweth, vá para casa agora — disse Cyfartha.

— Olha, Dai — lembrou Iorweth —, vamos à casa das caldeiras avivar o fogo. De contrário as bombas pararão.

— Vamos — concordou Dai, e seguimos para a casa das caldeiras.

Quando a multidão nos viu atirou-nos pedras mas a distância que nos separava era suficientemente grande para não sermos atingidos.

O gerente estava na casa das caldeiras, bastante fatigado, com alguns polícias a jogar as cartas e dois empregados de escritório, mortos de cansaço, procurando avivar o fogo como se fosse um serviço de que eles percebessem.

— Saiam daqui — ordenou Cyfartha tomando a barra de ferro de fogueiro das mãos de um deles. — Vistam os casacos e retirem-se. Dois de nós ficarão aqui e vocês poderão ir descansar.

— Vocês são da União? — perguntou-nos o gerente.

— Sim — respondi.

— Meu Deus — disse ele, surpreendido, apesar da sua fadiga. — Morgan!

— Mas as caldeiras terão de estar em condições de fornecer vapor amanhã com Morgan ou não — respondi.

— Muito grato lhe fico — replicou.

As seis horas da manhã, com a geada a brilhar, vimos Bron, inteiramente só, vergada ao peso de um grande cesto contendo o almoço, atravessando a correr a entrada do poço e a chamar por mim.

Depois de me perguntar se eu voltava para casa e de lhe ter respondido que só quando fosse rendido, Bron saiu e nós acompanhámo-la pela rua para que lhe não sucedesse qualquer percalço.

Linda estava Bron naquela manhã com as faces avermelhadas pelo frio e os olhos de um doce e adorável azul.

— Se o velho Malachi Edwards for lá pedir as cadeiras diz-lhe que terá de esperar. Ficarei aqui até que isto acabe.

— Bem — aceitou ela. — Então naturalmente não vens para casa esta noite.

— Veremos.

— Bem — concluiu ela a sorrir. — Então adeus.

— Adeus — rematei.

Olhámos profundamente um para o outro. Onde está o mal em amar uma mulher que olha como Bron?

Afastou-se um pouco e voltou-se novamente para mim como se eu tivesse falado. Os seus olhos estavam nesse momento de um azul mais escuro e pareciam cheios de um feliz interesse por mim. A sua boca entreabriu-se para me fazer uma pergunta, mas depois usou o tal sorriso, fechou outra vez a boca num jeito de um beijo e mais uma vez lhe vi um sorriso, um grande sorriso, capaz de derreter a geada de todo o vale.

— Que há? — perguntei.

— Nada — respondeu. — Sòmente adeus.

E, esbelta, prosseguiu o seu caminho colina acima com as suas costas direitas e as suas passadas rápidas. A meio caminho voltou-se para mim, acenou, e o ar sorria à sua volta.

42

FICÁMOS muitos dias na casa das bombas. Meu pai trazia-nos comida de manhã e Dai chegava à noite com gente para nos render.

A todo o momento a multidão tornava-se mais perigosa porque os dirigentes nada podiam fazer e o governo nada fazia e entretanto os soldados e a polícia andavam aos magotes e encontravam oposição onde quer que se mostrassem, as janelas eram partidas, as lojas eram saqueadas.

Bandos de rapazes andavam todo o dia na rua a gritar e a atirar pedras e as pessoas sensatas eram obrigadas a viver no meio daquele Inferno.

Uma tarde ouvimos gritos lá fora e corremos para a porta a fim de a abrir.

Olwen procurava chegar até nós e mãos estranhas tentavam impedi-la puxando-lhe pelos cabelos e agarrando-a pela capa.

Corremos com barras de ferro e alavancas e vimos o gado pôr-se em fuga deixando dois no chão para escarmento.

Olwen vinha avisar-nos que os cavalos estavam nas estrebarias, lá em baixo, com fome e sede. Os dos outros poços estavam todos cá em cima, mas os daquele ainda lá estavam. Meu pai tinha chegado de um comício e tinha contado o que se passava. Ela então tinha vindo avisar-nos.

Dirigi-me à multidão e perguntei-lhe se havia ali alguns homens bem intencionados que me quisessem ajudar a trazer os cavalos para a superfície. Alguns adiantaram-se. Contei uns vinte. Vi que eram suficientes, seguimos para a entrada do poço e descemos na gaiola.

Quando os atingimos os animais pareciam loucos de contentamento. Subimos. Gaiola após gaiola, cheia deles, relinchando, na expectativa de poderem ir pastar.

Meu pai andava de poço para poço, arriscando a vida, pois os trabalhadores estavam dispostos a matar quem quer que trabalhasse para os proprietários.

Meu pai descera naquele dia ao poço que pertencera a Iestyn. As bombas estavam a manter a água no nível desejado mas ele quisera certificar-se.

Assim, enquanto a multidão rugia e atirava pedras, meu pai andava pelo subsolo, com ratos, água e escuridão por companhia, perscrutando qualquer perigo que ameaçasse a existência do pessoal.

Não tínhamos havia muitas horas notícia do seu paradeiro, o que nos preocupava.

Cyfartha, debruçado sobre os manómetros, observou que a linha negra que marcava a altura da água no poço estava a subir gradualmente e deliberou descer para ver o que havia. Dirigi-me outra vez à multidão comunicando-lhe que o poço estava inundado e se haveria ali voluntários que me quisessem acompanhar, mas desisti em face da oposição e dos insultos que se me depararam.

Voltei para a casa das caldeiras. Calculava que minha mãe estivesse aflita lá em

casa. Lembrei-me, com vergonha, de que em todos aqueles dias apenas por alguns recados levados por pessoas estranhas lhe dera notícias.

Quando os polícias chegaram para nos render corri aos Três Sinos, onde penetrei por uma porta lateral, e dei a noticia de que Cyfartha tinha descido ao poço para ver se havia inundação, comuniquei-lhe que ainda não havia novas de meu pai e que ia de seguida ver minha mãe.

Quando cheguei a casa dirigi-me a minha mãe da porta do quintal e ela perguntou-me se havia notícias do pai. Respondi-lhe negativamente e disse-lhe que só tinha ido ali para a ver e dar-lhe um beijo.

Disse-me então que estava a descascar batatas quando Ivor chegara. Quando tal ouvi contrai-me de medo, por ela e por mim, e pretendi atribuir o facto à aflição de que estava possuída por causa de meu pai. Não concordou e perguntou-me com segurança se eu achava que ela não conhecia o seu próprio filho, continuando a afirmar que tinha visto Ivor e se tinham sorrido um para o outro.

Minha mãe olhou para mim e tentou sorrir, mas o seu rosto estava lasso de fraqueza e na sua boca notavam-se contracções espasmódicas.

Disse-me que estava preocupada com a sorte do pai e eu, levantando-me, preparei-me para sair e ao mesmo tempo perguntei-lhe se Bron tinha saído.

Como lhe visse no rosto uma expressão amargurada pedi-lhe que não pensasse no pior, que acendesse a luz e tomasse uma xícara de chá.

Respondeu-me que a deixasse e que fosse procurar o pai o mais depressa possível mas de um modo tão ríspido como nunca lhe tinha ouvido.

Beijei-a, saí de casa e desci a colina a correr direito aos Três Sinos.

Dai estava com companheiros vestidos de fatos de trabalho, o dele mais limpo que qualquer outro, cheio de pregas por ter estado arrumado na prateleira do guarda-fato. Quando me viu propôs uma saúde pelos bons amigos que estavam no fundo da mina. Passámos por entre a multidão até à entrada do poço com Dai apoiado no meu braço. Os restantes levavam picaretas e pás para abrir caminho. Dirigimo-nos à gaiola enquanto a pólicia, que entretanto saíra da casa das caldeiras, dava uma carga de cacete à multidão para a afastar.

A gaiola desceu com lentidão, mas não até o fundo da galeria, porque a água já dava pela cintura. Mandámo-la parar onde ainda estava seco e saímos um a um, no silêncio daquela negra frialdade caminhando para as bombas como se tivéssemos correntes nos tornozelos. Uma das bombas estava danificada, mas a outra parecia em boas condições. Começámos a trabalhar com elas até que o pessoal da superfície nos deu a indicação de que já se notava lá em cima diferença no nível das águas.

Verificámos que alguém devia ter por ali andado, pelo menos mais de dois, a praticar actos de vandalismo e prosseguimos nas nossas pesquisas. Penetrámos na galeria principal, velas ao alto, com água pelo peito, até que nos achámos perante a catástrofe.

O tecto tinha desabado. A pressão da água tinha torcido os apoios das vigas como se fossem de papel.

— Meu Deus! — exclamou Dai tacteando o rochedo. — Cyfartha estará debaixo disto?

— Será meu pai quem estará aqui? — disse eu vendo minha mãe junto de mim.

— Vamos — prosseguiu Dai. — Entremos nisto.

Inteiramente dominado pelo terror, ataquei o montão acompanhado pelos restantes.

Tínhamos de romper caminho através daquela enorme massa de pedra e barro e carregá-la pouco a pouco para nos dar passagem sabendo que talvez nalgum sitio estivessem meu pai ou Cyfartha feridos, moribundos, mortos.

Trabalhávamos com cuidado porque o tecto estava mole e ouviam-se ruídos surdos como avisos de que mais caíria sobre as nossas cabeças se uma picareta penetrasse muito fundo e se uma pá fosse levantada mais alto.

As velas começaram a apagar-se. Um dos homens foi buscar mais e alguma bebida pois a sede que tínhamos era muita. Horas e horas nos conservámos lá em baixo com água até à cintura até que a vida era apenas um escavar, um puxar, um carregar, um andar de rastos para depois tornar a ser o mesmo escavar, puxar, carregar, andar de rastos.

Depois Dai gritou, num grito sibilante:

— Cyfartha! Vejam, o seu casaco está aqui.

— Vamos lá para cima, no caminho da estrebaria — exclamou, pois tínhamos estado a trabalhar junto da parede e o casaco estava na abertura que seguia para a direita.

Ficámos na dúvida se prosseguiríamos pela galeria principal ou se pesquisariámos no caminho da estrebaria.

Deus enviou-nos então um sinal. Ouvimos a picareta de Cyfartha a bater num rochedo.

Se tivéssemos continuado onde estávamos nunca o encontraríamos.

— Dêem essa picareta — disse Dai, animado de nova vida. — Afastem-se agora. E a picareta voava e acometia como se compreendesse a ânsia de quem a manejava.

— Cuidado com o tecto, Dai — recomendou Gomer, assustado, pois a pedra acima de nós começava a estalar.

— Para o Inferno com o tecto — clamou Dai —, Deus está connosco e também já não é sem tempo.

Por trás de nós surgiram homens com lanternas; era o gerente e os demais que o seguiam.

— Muito bem! — exclamou ele. — Podem ir lá para cima. Sinto-me orgulhoso por vocês.

Mas Dai continuava na sua labuta e nós também não diminuimos o nosso esforço.

— Deixem que estes homens os substituam — disse o gerente.

— Hei-de arrancar Cyfartha daqui — berrou Dai do buraco onde estava metido. — Vá para o diabo!

E o gerente compreendeu. Dai avançava cada vez mais, agora completamente estendido, passando pedras e terra a outro homem mais atrás, também estendido, que também ia passando o entulho a outro mais atrás.

E Dai gritou um berro de terror e triunfo, abafado pelo túnel, pelo calor e pelo entulho amontoado.

— Cyfartha! Cyfartha! Para trás, vocês.

— Para trás — disse Gomer, o qual estava na minha frente, com as solas das botas contra o meu rosto.

— Para trás — disse eu a Willie, que estava atrás de mim, e fui deslizando para trás arrastando uma pedra.

— Para trás — disse Willie ao homem que o seguia.

Rastejámos para fora da galeria. Gomer caiu, desmaiado, dentro de água, e depois Dai.

Negro e nu, com a cabeça e os ombros cheios de placas de lama, todo a tremer, com uma força que se tornava fraqueza, os olhos orlados de vermelho, cego pelas lágrimas, a boca aberta na ânsia de respirar, Dai parecia uma figura do Inferno. Nos seus braços estava Cyfartha, também negro e vivo.

— Meu pai está lá em cima? — perguntei-lhe ansiosamente.

— Está — respondeu Cyfartha. — Eu andava à procura dele.

— Vou levar Cyfartha até à entrada do poço e voltarei para ir à procura do teu pai — disse-me Dai.

— Eu mesmo vou — respondi-lhe.

— Quero-te como a um filho — disse Dai. — Então vai.

Subi e gritei:

— Meu pai, está por aqui?

Bati com a picareta na rocha e pus-me a escutar.

Sòmente ouvi estrondos por cima da minha cabeça e vozes que vinham de longe, do túnel.

Continuei, atacando e removendo pedras, escavando a lama e tentando tirá-la com a pá.

E então encontrei-o.

Estava encostado ao carvão, numa abertura que a rocha não tinha tapado.

Coloquei a minha vela numa pedra e rastejei direito a ele. Viu-me e sorriu.

Estava deitado, com a cabeça apoiada num travesseiro de pedra, numa cama de pedra, com roupas de pedra a cobri-lo até ao pescoço e compreendi que se se movesse um pouco o tecto desabaria. Ele também assim compreendeu e a sua cabeça moveu-se lentamente e os seus olhos fecharam-se.

Sabia que havia outros homens no túnel. Arrastei-me para junto dele, afastei a pedra em que ele apoiava a cabeça e descansei-a no meu colo.

— Willie — gritei. — Diga para trazerem escoras, mas depressa.

Ouvi a transmissão da mensagem e apercebi-me de Willie a afastar pedras para chegar junto de mim.

— Cuidado, Willie — bradei. — O tecto tende a desabar.

— Já o encontrou — perguntou-me Willie.

— Já — respondi, sem coragem para dizer mais qualquer coisa.

Meu pai moveu a cabeça. Baixei a vista para o seu rosto. Procurei lembrar-mé o que poderia fazer para o aliviar, para lhe permitir respirar mais desafogadamente.

Mas a terra pesava poderosamente, e sobre a terra pensei nas casas tranquilas, sob o sol, homens errando pelas ruas, a dizer tolices, hálito e sangue, crianças a brincar, mulheres na lida da casa e cheiros agradáveis na nossa cozinha, tudo aumentando mais a colcha da cama de meu pai. É paciente a terra permitindo que penetremos nela e cavemos e a magoemos com túneis e galerias, e se lhe restituímos a carne que dela lhe arrancamos mostra-se contente e deixa que lhe tiremos a seiva. Mas quando tiramos e deixamos oco o lugar ela sente-se magoada e irritada por nos ver tão cruéis e tão desinteressados do seu conforto. Espera então a sua hora e no momento azado esmaga-nos com o seu peso, e esmagando-nos torna-nos parte de si mesma, carne da sua carne, transforma-nos na argila que dela arrancámos.

Ergui a vista para o Alto a implorar auxílio, pedindo um pouco de ar para ele, mas enquanto orava sabia que era demasiado o que pedia, pois como poderiam ser num instante removidas todas aquelas toneladas e que males causariam a outros se se conseguisse essa tarefa sobre-humana!

Tinha receio de colocar as minhas mãos sobre o seu rosto, pois o meu contacto, embora nele fosse todo o amor do meu coração, poderia ser uma ferida a mais, um peso a mais, porque, sujas e disformes por todo aquele trabalho absurdo, não deveriam ser vistas por ele porque eram as mãos da Terra que o agarravam.

Os seus olhos avolumaram-se com a dor. Tinha a boca entreaberta e depois abriu-a mais, ficando com a língua estendida, dura como um cepo, parada, seca, espessa de poeira.

Quando o sangue correu da sua boca e a cor fugiu do seu rosto vi nele um sor-

riso, e então encheu-se-me o peito de um doloroso orgulho porque ele era meu pai e lutava ainda sem temor.

A sua cabeça tremeu e comprimiu-se contra mim quando o seu tronco se inteirou e a sua alma se despreendeu do corpo. Os seus olhos porém luziam ainda, ardendo no cume da montanha do seu espírito.

O ar irrompeu da sua garganta e soprou a poeira da sua língua, e ouvi a sua voz e pude ouvir, como vinda de muito longe, a voz dos homens do vale, cantando hosanas.

Fechei-lhe a boca e os olhos, tive-o bem apertado ao meu peito. Pesava-me no coração todo o amor que sentia por ele, por ter sido quem fora, e toda a dor que me causava saber que ele já não existia.

— Podemos mexer nas rochas, Willie — disse eu.

— Deus meu! — exclamou Willie. — Então seu pai morreu, Huw?

— Sim — respondi, sentindo-me arrefecer. — Meu pai morreu.

— Que pena, meu caro Huw! — lamentou Willie começando a chorar. — Era um excelente homem!

*
* *
*

— Deus poderia tê-lo levado para Si com mais glória — foi o comentário de minha mãe com as lágrimas a inundar-lhe os olhos —, mas preferiu levá-lo desse modo. Um besouro esmagado sob o pé.

— Ele teve uma morte suave, minha mãe — respondi.

Bem.

*
* *
*

É estranho que o pensamento esqueça tanta coisa e conserve a lembrança de flores que morreram há muitos anos. Lembro-me das flores que estavam no peitoril da nossa janela quando naquela manhã minha mãe falava.

Trinta anos passados, mas tudo tão fresco e tão recente como agora.

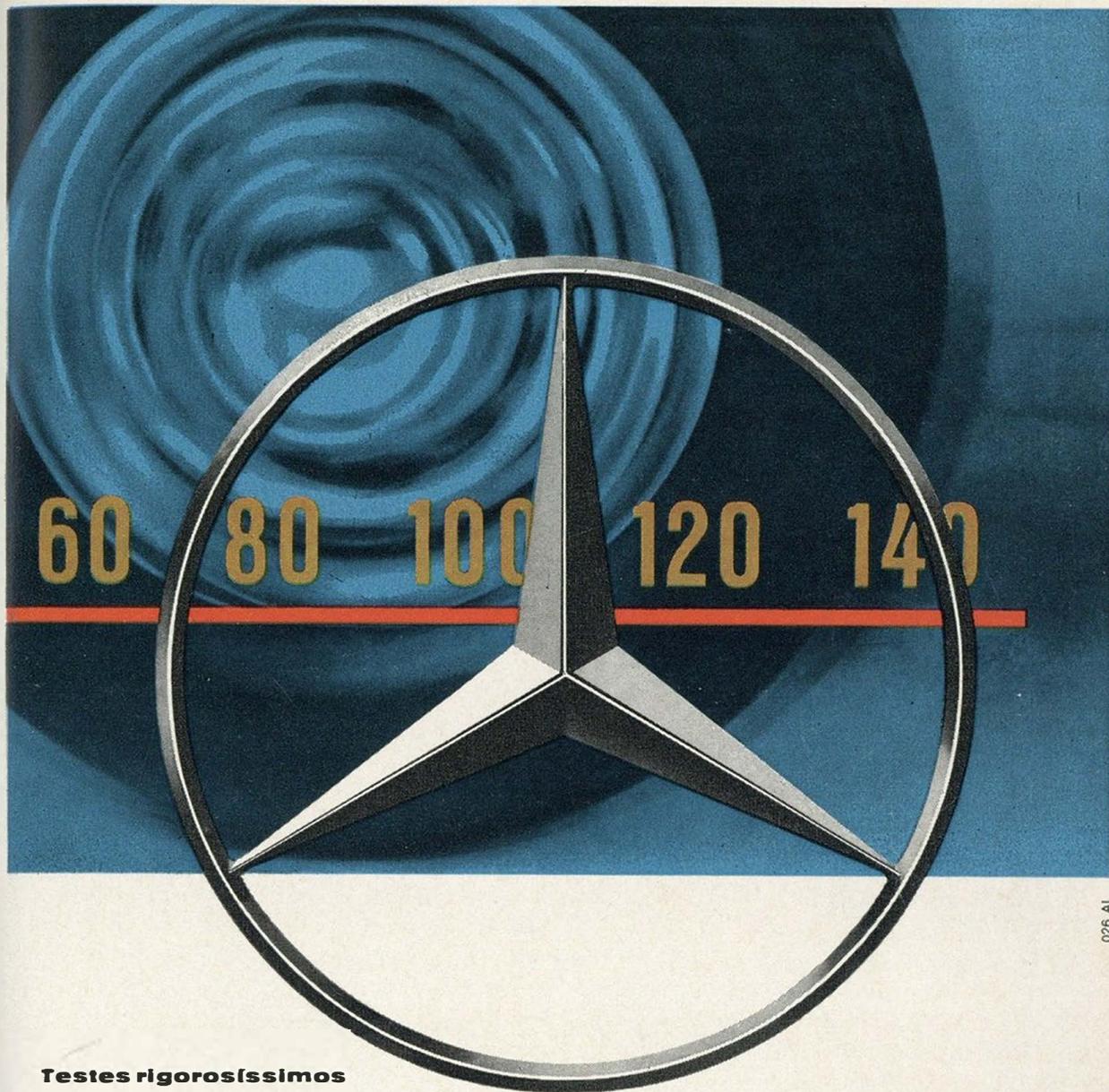
Não há em mim qualquer amargura ao pensar assim nos meus tempos. Sou Huw Morgan, feliz pelo que há em mim, mas triste pelo que há lá por fora, porque ali não consegui deixar a minha marca, embora na verdade não seja o único. Mas agora todos se foram, todos aqueles que eram tão belos, quando cheios de vida. Não, não se foram, porque são ainda uma vivida verdade dentro da minha mente. Como estariam mortos, meus irmãos e irmãs, e todos os outros, quando estão vivos dentro de mim tão seguramente como eu mesmo vivo? Morreram então todos os meus amigos, e ouço as suas vozes, dentro de mim as suas vozes? Morreu então Ceinwen, e morreu a sua beleza amada e os seus olhos como jóias a fitarem-me e os meus braços magoados com o aperto dos seus dedos? Morreu Bronwen, que me mostrou o verdadeiro amor de uma mulher? Morreu ela, que me provou que a energia da mulher é mais forte que a força dos punhos, dos músculos e dos gritos dos homens? Morreu meu pai? Morreu o Sr. Gruffydd, aquele homem de fogo, meu amigo e meu mentor, que me deu o seu relógio, porque gostava de mim? Morreu ele?

Porque se morreu, então eu também estou morto, todos nós estamos mortos, e tudo afinal não passa de uma comédia.

Como era verde o meu vale e o vale daqueles que não voltam mais!

F I M

Qualidade - e os factores que a determinam



026 A1

Testes rigorosíssimos

Tudo o que exigir de seu Mercedes-Benz: segurança e confiança absoluta durante anos, valor estável e grande duração - ficou já comprovado ao sair da linha de produção Automóveis como o de sua preferência já rodaram centenas de milhares de quilómetros e foram submetidos a provas muito rigorosas sob condições as mais duras imagináveis. Antes de um Mercedes-Benz ser oferecido ao público foi submetido a numerosos testes bem mais rigorosos que as exigências normais.



M E R C E D E S - B E N Z

